

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Jurandir Ferreira Dias Júnior

OS VERBOS NOS ESPAÇOS MENTAIS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Recife
2016

JURANDIR FERREIRA DIAS JÚNIOR

OS VERBOS NOS ESPAÇOS MENTAIS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras, tendo como Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Stella Virgínia Telles

Recife
2016

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

D541v Dias Júnior, Jurandir Ferreira
 Os verbos nos espaços mentais em Língua Brasileira de Sinais /
 Jurandir Ferreira Dias Júnior. – Recife, 2016.
 254 f.: il., fig.

 Orientadora: Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima.
 Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de
 Artes e Comunicação. Letras, 2017.

 Inclui referências e apêndices.

 1. Espaços mentais integrados em Libras. 2. Verbos. 3. Restrições
 morfossintáticas. I. Lima, Stella Virginia Telles de Araújo Pereira
 (Orientadora). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2017-266)

JURANDIR FERREIRA DIAS JUNIOR

**ANÁLISE LEXICAL DO USO DE VERBOS NO ESPAÇO MENTAL SUB-
ROGADO E NO ESPAÇO MENTAL TOKEN EM LÍNGUA BRASILEIRA
DE SINAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal de Pernambuco
como requisito para a obtenção do Grau de Doutor
em LINGUÍSTICA em 29/2/2016.

TESE APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima
Orientadora – LETRAS - UFPE

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula
LETRAS - UFAL

Prof. Dr. Emanuel Cordeiro da Silva
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA - UFRPE

Prof^a. Dr^a. Glaucia Renata Pereira do Nascimento
LETRAS - UFPE

Prof^a. Dr^a. Daniele Marcelle Granier
**LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA**

Recife - PE
2016

A meus pais,
Jurandir (*in memoriam*) e Eloiza

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte da vida e de todo bem.

À Maria Santíssima, medianeira de todas as graças e mãe da misericórdia.

À Minha Família, em especial, à minha mãe, Eloiza; aos meus irmãos Adriano e Mariana, e à pequena Maíra, minha sobrinha.

Ao meu pai, Jurandir Ferreira Dias, *in memoriam*. Obrigado, pai!

À Profa. Stella Telles, o sorriso amigo, o exemplo de professora engajada em prol de tantas coisas boas.

À Profa. Gláucia Nascimento, a constante disponibilidade e o apoio em tantos momentos.

À Profa. Danielle Grannier, o enamorado jeito de tratar da língua, inclusive quando esta se materializa de forma tão visualmente peculiar.

Ao Prof. Aldir Santos de Paula, o olhar acurado de um pesquisador no universo das tão apaixonantes línguas naturais

Ao Prof. Emanuel Cordeiro, a participação com detalhado olhar funcionalista nas páginas deste texto. Como também as idas e vindas de companheiros de mesma turma de doutoramento.

Às Profas. Nídia Máximo, Camila Silva e Patrícia Lobo, meu muito obrigado em parcerias de pesquisa, descobertas e crescimentos no mundo da Libras.

A Diva e Jozaiás, pelo carinho de acolher e resolver tantas solicitações ‘urgentes’.

Ao Prof. Carlos Mourão, companheiro de caminhada na universidade, nas lutas e resistências à moda ipueirense.

Aos surdos participantes desta pesquisa; aos professores de Libras do Depto. de Letras – CAC – UFPE, principalmente os surdos, com os quais temos aprendido muitas coisas muito boas.

À grande Equipe do Letras-Libras: Dayane, Jimmy, Adriano, Fernanda, Leonardo, que tanto tem feito em prol de um curso bonito e produtor.

Aos Amigos Seminaristas, a compreensão pela ausência/presença no Salão Nobre. É Luta!!!

À Paróquia de São Lourenço Mártir, onde pude viver tão bem esses dois últimos anos, na companhia de tanta gente boa, de modo especial a juventude.

À Paróquia de São Sebastião, onde ensaiei os primeiros sinais na Libras.

À Paróquia de N. Sra. de Lourdes, chegando agora para caminhar como irmãos entre todos.

Aos surdos e intérpretes católicos, a quem muito servirá este trabalho nas formações continuadas.

A todos, o meu muito obrigado!

*Trinta raios se unem na calota,
Mas a roda gira num buraco vazio.
O barro é moldado em uma xícara,
Mas o espaço dentro é o que fica preenchido.
Paredes e um teto fazem uma casa,
Mas o espaço interno vazio é onde moramos.
Assim, enquanto as coisas tangíveis têm seu propósito,
É o intangível que é usado*

Lao Tse

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa foi verificar as restrições lexicais com suas propriedades formais (tipo de sinais) que condicionam a ocorrência de predicados verbais no espaço mental sub-rogado e no espaço *token* na LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), a partir de um corpus constituído por 10 (dez) vídeos em Libras que têm duração desde 1:00 (um minuto) a 5:18 (cinco minutos e dezoito segundos), perfazendo um total de 24:25 (vinte e quatro minutos e vinte e cinco segundos). A base teórica do estudo fundamentou-se nos trabalhos de Givón (1973b, 1975d, 2001, 2012); Chafe (1970); Chomsky (1978); Greenberg (1966); Hockett (1966); Sandler & Lillo-Martin (2006); Stokoe (1965/2000); Battison (1974; 1978a; 1978b); Liddell (1984; 2003); Liddell & Johnson (1989/2000); Felipe (1988; 1998) Ferreira-Brito (1995/2010); Quadros (2004); Friedman (1977); Fauconnier (1997); e Fauconnier & Turner (2002). Ao categorizarmos os verbos utilizados em cada um dos espaços mentais estudados, pudemos identificar as restrições lexicais, que envolvem a semântica lexical e estrutura argumental do predicado verbal, e verificar a natureza dos sinais e as condições de naturalidade para expressão dos sinais nos espaços sob análise. Constatamos que os verbos ancorados no corpo são dificilmente realizados no espaço *Token*. Isso por que o ponto de articulação é menos dispensável em verbos dessa categoria. Já no espaço Sub-rogado, pudemos perceber que a retomada a este espaço, além da apontação, faz-se presente, frequentemente, a direção do olhar à entidade referenciada. Cremos que a modalidade gesto-visual das línguas sinalizadas é um elemento bastante determinante em seus traços morfossintáticos, pois apresenta não só largas possibilidades, mas também fronteiras que não podem ser ultrapassadas na adequada realização. Os verbos direcionais apresentam restrições semânticas quando realizados no espaço *Token*, pois necessitam de uma estrutura de apoio antecipada para que seu significado não fique comprometido.

Palavras-chave: Espaços mentais integrados em Libras. Verbos. Restrições morfossintáticas.

ABSTRACT

The general objective of this research is to check the lexical restrictions on their formal properties (type of signs) that determine the occurrence of verbal predicates in the mental space *Sub-begged* and *Token* space in BSL (Brazilian Sign Language), from a *corpus* consisting of 10 (ten) videos in BSL that have long since 1:00 (one minute) to 5:18 (five minutes and eighteen seconds), for a total of 24:25 (twenty-four minutes and twenty-five seconds) . The theoretical basis of the study was based on the work of Givón (1973b, 1975d, 2001, 2012); Chafe (1970); Chomsky (1978); Greenberg (1966); Hockett (1966); Sandler & Lillo-Martin (2006); Stokoe (1965/2000); Battison (1974; 1978a; 1978b); Liddell (1984; 2003); Liddell and Johnson (1989/2000); Felipe (1988; 1998) Ferreira-Brito (1995/2010); Paintings (2004); Friedman (1977); Fauconnier (1997); & Fauconnier and Turner (2002). When we have categorized the verbs used in each of the mental spaces study, we identified lexical constraints, involving the lexical and semantic argument structure of verbal predicate, and we verified the nature of the signs and the conditions of naturalness in order to express the signals in those space under analysis . Verbs anchored in the body are hardly made in *Token* space. This is because the location is less dispensable in verbs of this category. Already in *Sub-begged* space, we realized that the return to this space, beyond pointing with the finger, eye direction is often present to the referenced entity. We believe that the gesture-visual modality of sign languages is a very decisive factor in their morphosyntactic features, thus it presents not only wide possibilities but also boundaries that can not be overcome in their proper fulfillment. Directional verbs have semantic constraints when performed in *Token* space, since they require an early support structure so that its meaning is not compromised.

Key-words: Blended mental spaces in BSL. Verbs. Morphosyntactic constraints.

RÉSUMÉ

L'objectif central de cette étude est celui de vérifier les contraintes lexicales dans ses propriétés formelles, en particulier celles de signes, responsables par la réalisation d'énoncés verbaux soit dans l'espace mental '*Sub-rogado*', soit dans l'espace *Token* dans la Langue Brésilienne de Signes (LIBRAS), à partir d'un *corpus* composé par 10 (dix) vidéos, dont la durée démarre d'un exposé de 1 : 00 (une minute) jusqu'au maximum de 5 : 18 (cinq minutes et dix-huit secondes), ce qui fait au total 24 : 25 (vingt-quatre minutes et vingt-cinq secondes). Le cadre théorique fait appel aux travaux de Givón (1973b, 1975d, 2001, 2012); Chafe (1970); Chomsky (1978); Greenberg (1966); Hockett (1966); Sandler & Lillo-Martin (2006); Stokoe (1965/2000); Battison (1974; 1978a; 1978b); Liddell (1984; 2003); Liddell & Johnson (1989/2000); Felipe (1988; 1998) Ferreira-Brito (1995/2010); Quadros (2004); Friedman (1977); Fauconnier (1997); et Fauconnier & Turner (2002). L'encadrement des verbes employés dans chacun d'espaces mentaux étudiés nous a permis l'identification des restrictions lexicales entourées d'une sémantique lexicale et d'une structure de l'argumentation du prédicatif verbal. Nous avons également connu la nature des signes et les conditions idéales pour leur expression dans lesdits espaces analysés. De plus, nous avons vérifié que les verbes constituant le *corpus* avaient du mal à être exprimés dans l'espace *Token*, car le point d'articulation est moins fort dans les verbes de cette catégorie. Tandis que dans l'espace '*Sub-rogado*' nous avons appris que le retour à cet espace, au-delà d'une remarque, arrivait assez souvent conjoint à la direction du regard vers ce qui était repéré. Nous croyons que la modalité gestuelle et visuelle des langues de signes caractérise de façon non négligeable les traits morphologiques et syntaxiques, puisque sa représentation offre un éventail de possibilités, en permettant d'avancer vers des frontières qui ne seront pas autrement franchies de façon convenable. Finalement, nous pouvons affirmer que les verbes de 'direction' présentent des restrictions sémantiques au moment de sa réalisation dans l'espace *Token*, vu qu'ils engagent une structure d'appui anticipée afin de ne pas apporter des préjuges au sens et, par conséquent, à la communication.

Mots-clé: Espaces mentaux integres. LIBRAS. Verbes. Restrictions morphologiques et syntaxiques.

LISTA DE ESQUEMAS REPRESENTATIVOS E FIGURAS

ESQUEMA 01	Propriedades criteriosais.....	32
ESQUEMA 02	Aparato perceptual.....	36
ESQUEMA 03	Superconjuntos e subconjuntos.....	47
FIGURA 01	Os parâmetros da ASL.....	67
FIGURA 02	Sinais SUMMER e DRY.....	72
FIGURA 03	Sinais CHINESE e SOUR.....	72
FIGURA 04	Sinais APRENDER e SÁBADO.....	73
FIGURA 05	Sequencialidade nas línguas orais.....	74
FIGURA 06	Simultaneidade nas línguas orais.....	74
FIGURA 07	Sinal <i>BLACK</i>	75
FIGURA 08	Sinal <i>LOOK AT</i> (olhar para).....	76
FIGURA 09	Sinal <i>WHEN</i> (quando).....	76
FIGURA 10	Sinal <i>RESTRAIN-FEELINGS</i> (reprimir sentimentos).....	77
FIGURA 11	Sinal <i>INDIAN</i> (índio).....	78
FIGURA 12	Sinal <i>NOON</i> (meio-dia).....	78
FIGURA 13	Sinal <i>GIVEN-IN</i> (desistir).....	78
FIGURA 14	Os parâmetros básicos da Libras.....	80
FIGURA 15	As 46 configurações de mão da LIBRAS.....	81
FIGURA 16	Par mínimo: Configuração de mão PEDRA e QUEIJO.....	82
FIGURA 17	Par mínimo: movimento TRABALHAR e VÍDEO.....	84
FIGURA 18	Espaço de realização dos sinais (Ferreira-Brito & Langevin, 1995).....	85
FIGURA 19	Espaço de realização dos sinais (Quadros & Karnopp, 2004)..	87
FIGURA 20		
a/b/c/d/e/f	Orientação da mão.....	88
FIGURA 21	Classificador: PASSAR-UM-PELO-OUTRO.....	91
FIGURA 22	Sinal AZUL: soletração manual.....	92
FIGURA 23	Léxico não-nativo: soletração manual (C-E-R-T-O).....	92
FIGURA 24	Derivação: verbo x nome (TELEFONAR e TELEFONE).....	93
FIGURA 25	Derivação: verbo x nome (OUVIR e OUVINTE).....	93

FIGURA 26	Composição por regra do contato: ACREDITAR (saber+estudar).....	94
FIGURA 27	Composição por regra do contato: ESCOLA (casa+estudar)..	94
FIGURA 28	Composição por regra da sequência única: PAIS (pai+mãe)...	95
FIGURA 29	Composição por regra da sequência única: ACIDENTE (carro+bater).....	95
FIGURA 30	Incorporação de numeral: MÊS => MESES.....	96
FIGURA 31	Incorporação de numeral: DIA => DIAS.....	97
FIGURA 32	Incorporação de numeral: HORA => HORAS.....	97
FIGURA 33	Negação através do uso do item lexical NÃO - Posposição: ACHAR NÃO.....	98
FIGURA 34	Negação através do uso do item lexical NÃO.....	98
FIGURA 35	Negação supra-segmental: ACREDITAR e NÃO- ACREDITAR.....	99
FIGURA 36	Negação incorporada: TER e NÃO-TER.....	100
FIGURA 37	Negação incorporada: GOSTAR e NÃO-GOSTAR.....	100
FIGURA 38	Sinal do verbo APRENDER.....	110
FIGURA 39	EU ENTREGAR TU.....	111
FIGURA 40	TU ENTREGAR EU.....	111
FIGURA 41	JOÃO LIVROS COMPRAR (VÁRIOS).....	112
FIGURA 42	Sinal IR - Sinal CHEGAR.....	112
FIGURA 43	JOÃO PINTA A CASA COM ROLO.....	113
FIGURA 44	JOÃO PINTA O CADERNO COM O LÁPIS.....	113
FIGURA 45	Sinal de PEGAR/BUSCAR.....	113
FIGURA 46	Sinal EU.....	114
FIGURA 47	Sinal TU/VOCÊ.....	115
FIGURA 48	Sinal ELE/ELA.....	115
FIGURA 49	Sinal NÓS.....	115
FIGURA 50	ELES/ELAS.....	116
FIGURA 51	ELE ENTREGAR ELE.....	117
FIGURA 52	Recurso de apontação.....	117
FIGURA 53	Sinalização + Direção do olhar.....	117

FIGURA 54	Marcação do olhar associada aos sinais: QUADRO NA PAREDE.....	118
FIGURA 55	Marcação do olhar associada aos sinais: ENTREGAR PARA ALGUÉM.....	118
FIGURA 56	Marcação do olhar associada aos sinais: AQUELA CASA.....	118
FIGURA 57	Flexão de número: Repetição do sinal: ANO-ANTERIOR / ANOS-ANTERIORES.....	119
FIGURA 58	Flexão de Numeral em Libras.....	120
FIGURA 59	Flexão de número por movimento: ENTREGAR PARA a/b/c/d UM.....	121
FIGURA 60	Flexão de número por inclusão do sinal 'MUITO'	122
FIGURA 61	Flexão de reciprocidade: 'OLHAR RECIPROCAMENTE'	123
FIGURA 62	Flexão de reciprocidade: 'ENTREGAR UM PARA O OUTRO RECIPROCAMENTE'	123
FIGURA 63	Flexão de número: Repetição do sinal - ANO-ANTERIOR / ANOS-ANTERIORES.....	124
FIGURA 64	Fazer o sinal em um local particular: CASA (do João) / CASA (do Pedro).....	126
FIGURA 65	Direcionar a cabeça e os olhos: CASA / CASA.....	126
FIGURA 66	Usar a apontação ostensiva: CASA / CASA.....	126
FIGURA 67	Usar um pronome (a apontação ostensiva): CASA / A CASA NOVA.....	127
FIGURA 68	Usar um <i>classificador</i> : CARRO PASSAR UM PELO OUTRO..	127
FIGURA 69	Usar um <i>verbo direcional</i> : EU IR CASA.....	127
FIGURA 70	Localização no espaço na presença dos referentes.....	128
FIGURA 71	Localização no espaço na ausência dos referentes.....	128
FIGURA 72	Marcação de concordância gramatical através da direção dos olhos.....	128
FIGURA 73	Marcação associada com foco.....	129
FIGURA 74	Marcação de negativas.....	129
FIGURA 75	Marcação de tópico.....	129
FIGURA 76	Marcação de interrogativa.....	129

FIGURA 77	Espaço Mental Real: apontação.....	133
FIGURA 78	Espaço Mental Real: referência de pessoas ausentes	133
FIGURA 79	Espaço mental Sub-rogado integrado no momento da narração.....	135
FIGURA 80	Espaço mental <i>Token</i> numa frase interrogativa: “A partida de basquete tem o mesmo tempo previsto seja para o time do colegial ou o time profissional?”	137
FIGURA 81	VÍDEO 1: Verbo: ENSINAR no Espaço Real Tempo: 0:40.....	155
FIGURA 82	VÍDEO 1: Verbo: VEEM no Espaço Sub-rogado Tempo: 0:41.....	156
FIGURA 83	VÍDEO 1: Verbo: ENTENDEM no Espaço Sub-rogado Tempo: 0:43.....	157
FIGURA 84	VÍDEO 1: Verbo: ABSORVER no Espaço Sub-rogado Tempo: 0:53.....	157
FIGURA 85	VÍDEO 1: Verbo: ESCOLHAM no Espaço Sub-rogado Tempo: 1:02.....	158
FIGURA 86	VÍDEO 2: Verbo: ORALIZA no Espaço Sub-rogado Tempo: 1:07.....	164
FIGURA 87	VÍDEO 2: Verbo: ENTENDEM no Espaço Sub-rogado Tempo: 1:10.....	164
FIGURA 88	VÍDEO 2: Verbo: LUTAREM no Espaço Sub-rogado Tempo: 1:28.....	165

FIGURA 89	VÍDEO 2: Verbo: APRENDER no Espaço Sub-rogado Tempo: 1:28.....	165
FIGURA 90 a/b/c	VÍDEO 2: Verbo: (ESTÃO SENDO) FECHADAS no Espaço Token Tempo: 0:53.....	166
FIGURA 91 a/b	VÍDEO 2: Verbo: COLOCAR no Espaço <i>Token</i> Tempo: 1:12.....	167
FIGURA 92 a/b	VÍDEO 2: Verbo: SEPARAR no Espaço <i>Token</i> Tempo: 1:21.....	168
FIGURA 93	VÍDEO 2: APONTAÇÃO PARA INDICAR O LUGAR DO Verbo: INCLUIR no Espaço <i>Token</i> Tempo: 1:49.....	169
FIGURA 94	VÍDEO 2: Verbo: INCLUIR no Espaço <i>Token</i> Tempo: 1:49.....	170
FIGURA 95	VÍDEO 3: Verbo: TROCAR (intercambiar) no Espaço Sub-rogado Tempo: 0:31.....	175
FIGURA 96	VÍDEO 3: Verbo: ENSINA-PARA-O-SURDO no Espaço Sub-rogado Tempo: 0:33.....	176
FIGURA 97	VÍDEO 3: Verbo: ENSINAM-PARA-OS-OUVINTES no Espaço Sub-rogado Tempo: 0:36.....	176
FIGURA 98	VÍDEO 3: Verbo: INTERAGIR no Espaço Sub-rogado Tempo: 0:38.....	177

FIGURA 99	VÍDEO 3: Verbo: ENSINAR no Espaço Sub-rogado Tempo: 0:44 – 45.....	177
FIGURA 100 a/b	VÍDEO 3: Verbo: (SER) COLOCADO no Espaço <i>Token</i> Tempo: 1:00.....	178
FIGURA 101	VÍDEO 4: Sinal: ALUNO (aluno ouvinte) no Espaço Sub-rogado Tempo: 3:09.....	184
FIGURA 102	VÍDEO 4: Sinal: ALUNO (aluno surdo) no Espaço Sub-rogado Tempo: 3:11.....	184
FIGURA 103	VÍDEO 4: Verbo: INTERAGEM no Espaço Sub-rogado Tempo: 3:11.....	185
FIGURA 104 a/b	VÍDEO 5: Verbo: MANDOU no Espaço Sub-rogado Tempo: 1:24.....	191
FIGURA 105	VÍDEO 5: Verbo: ESTUDAR no Espaço Sub-rogado Tempo: 1:25.....	192
FIGURA 106	VÍDEO 5: Verbo: OBRIGOU no Espaço Sub-rogado Tempo: 1:26.....	192
FIGURA 107	VÍDEO 6: Verbo: ENSINAVA no Espaço Sub-rogado Tempo: 0:47.....	200
FIGURA 108	VÍDEO 6: Verbo: INCENTIVAVA no Espaço Sub-rogado Tempo: 0:47.....	201
FIGURA 109	VÍDEO 6: Verbo: CAPTA no Espaço Sub-rogado Tempo: 4:50.....	201

FIGURA 110	VÍDEO 6: Verbo: FOCAR no Espaço Sub-rogado Tempo: 5:05.....	202
FIGURA 111	VÍDEO 6: Verbo: VEJO partindo do Espaço Real para o Espaço <i>Token</i> Tempo: 0:18.....	202
FIGURA 112	VÍDEO 6: Verbo: ENTREI (na escola inclusiva) no Espaço <i>Token</i> Tempo: 0:53.....	203
FIGURA 113	VÍDEO 6: Verbo: ENTREI (na escola de surdos) no Espaço <i>Token</i> Tempo: 0:56.....	203
FIGURA 114	VÍDEO 6: Verbo: PERCEBERAM-EM-MIM no Espaço <i>Token</i> Tempo: 1:11.....	204
FIGURA 115	VÍDEO 6: Verbo: CANCELEI no Espaço <i>Token</i> Tempo: 1:15.....	204
FIGURA 116	VÍDEO 6: Verbo: DEIXAR no Espaço <i>Token</i> Tempo: 1:19.....	205
FIGURA 117 a/b	VÍDEO 6: Verbo: MUDAR (ponto inicial) no Espaço <i>Token</i> Tempo: 1:23.....	205
FIGURA 118	VÍDEO 7: Verbo: ESCOLHO do Espaço <i>Token</i> para o Espaço Real Tempo: 0:11.....	211
FIGURA 119 a/b	VÍDEO 7: Sinal: L2 (segunda língua) no Espaço Real Tempo: 0:33.....	211
FIGURA 120 a/b	VÍDEO 7: Verbo: UNEM-SE (ponto inicial) no Espaço <i>Token</i> Tempo: 0:36.....	212

FIGURA 121	VÍDEO 8: Verbo: ORALIZAVAM no Espaço Sub-rogado Tempo: 0:33.....	220
FIGURA 122	VÍDEO 8: Verbo: SENTAVA-ATRÁS no Espaço <i>Token</i> Tempo: 0:55.....	221
FIGURA 123	VÍDEO 8: Verbo: VEJO do Espaço Real para o Espaço <i>Token</i> Tempo: 2:12.....	221
FIGURA 124	VÍDEO 8: Verbo: DAVAM-A-MIM do Espaço <i>Token</i> para o Espaço Real Tempo: 2:14.....	222
FIGURA 125 a/b	VÍDEO 8: Verbo: MUDEI no Espaço <i>Token</i> Tempo: 2:19.....	222
FIGURA 126 a/b/c	VÍDEO 8: Verbo: DESCOBRI (que a escola inclusiva) no Espaço <i>Token</i> Tempo: 3:28.....	223
FIGURA 127	VÍDEO 8: Verbo: DÁ-PRA-MIM do Espaço <i>Token</i> para o Real Tempo: 3:48.....	225
FIGURA 128	VÍDEO 10: Verbo: SEPARAR no Espaço Real Tempo: 0:52.....	234
FIGURA 129 a/b	VÍDEO 10: Verbo: RESPEITAR do Espaço Real para o Espaço <i>Token</i> Tempo: 0:52.....	234

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Categorias de movimento.....	83
QUADRO 02	Regiões de locação.....	86
QUADRO 03	Expressões não-manuais.....	89
QUADRO 04	Vídeos analisados.....	147
QUADRO 05	Quadro-esquemático – vídeo 1.....	152
QUADRO 06	Uso dos verbos nos espaços mentais integrados – vídeo 1.....	154
QUADRO 07	Ordem sintática das orações – vídeo 1.....	159
QUADRO 08	Quadro-esquemático – vídeo 2.....	160
QUADRO 09	Uso dos verbos nos espaços mentais integrados – vídeo 2.....	163
QUADRO 10	Ordem sintática das orações – vídeo 2.....	171
QUADRO 11	Quadro-esquemático – vídeo 3.....	172
QUADRO 12	Uso dos verbos nos espaços mentais integrados – vídeo 3.....	174
QUADRO 13	Ordem sintática das orações – vídeo 3.....	179
QUADRO 14	Quadro-esquemático – vídeo 4.....	180
QUADRO 15	Uso dos verbos nos espaços mentais integrados – vídeo 4.....	183
QUADRO 16	Ordem sintática das orações – vídeo 4.....	186
QUADRO 17	Quadro-esquemático – vídeo 5.....	187
QUADRO 18	Uso dos verbos nos espaços mentais integrados – vídeo 5.....	190
QUADRO 19	Ordem sintática das orações – vídeo 5.....	194
QUADRO 20	Quadro-esquemático – vídeo 6.....	195
QUADRO 21	Uso dos verbos nos espaços mentais integrados – vídeo 6.....	199
QUADRO 22	Ordem sintática das orações – vídeo 6.....	207
QUADRO 23	Quadro-esquemático – vídeo 7.....	208
QUADRO 24	Uso dos verbos nos espaços mentais integrados – vídeo 7.....	210

QUADRO 25	Ordem sintática das orações – vídeo 7.....	214
QUADRO 26	Quadro-esquemático – vídeo 8.....	215
QUADRO 27	Uso dos verbos nos espaços mentais integrados – vídeo 8.....	219
QUADRO 28	Ordem sintática das orações – vídeo 8.....	226
QUADRO 29	Quadro-esquemático – vídeo 9.....	227
QUADRO 30	Uso dos verbos nos espaços mentais integrados – vídeo 9.....	229
QUADRO 31	Ordem sintática das orações – vídeo 9.....	230
QUADRO 32	Quadro-esquemático – vídeo 10.....	231
QUADRO 33	Uso dos verbos nos espaços mentais integrados – vídeo 10...	233
QUADRO 34	Ordem sintática das orações – vídeo 10.....	236
QUADRO 35	Quadro geral do uso dos verbos e espaços mentais.....	237
QUADRO 36	Quadro geral do uso dos verbos nos espaços mentais integrados.....	238
QUADRO 37	Quadro geral da ordem sintática dos argumentos na oração...	239

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01	Espaços Mentais – Vídeo 1.....	153
GRÁFICO 02	Espaços Mentais – Vídeo 2.....	162
GRÁFICO 03	Espaços Mentais – Vídeo 3.....	173
GRÁFICO 04	Espaços Mentais – Vídeo 4.....	182
GRÁFICO 05	Espaços Mentais – Vídeo 5.....	189
GRÁFICO 06	Espaços Mentais – Vídeo 6.....	198
GRÁFICO 07	Espaços Mentais – Vídeo 7.....	209
GRÁFICO 08	Espaços Mentais – Vídeo 8.....	218
GRÁFICO 09	Espaços Mentais – Vídeo 9.....	228
GRÁFICO 10	Espaços Mentais – Vídeo 10.....	232

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	25
1.1	O FENÔMENO LINGUÍSTICO: O HOMEM E O MUNDO.....	30
1.1.1	A língua e sua constituição no mundo.....	30
1.1.1.1	A primeira relação ordenada: Tempo.....	34
1.1.1.2	A segunda relação ordenada: Espaço.....	355
1.1.1.3	Ação, agentes, intenção e causalidade.....	38
1.1.1.4	Ontologia de causação e agentividade.....	444
1.1.1.4.1	<i>De sequência no tempo para condicionalidade.....</i>	<i>44</i>
1.1.1.4.2	<i>De condicionalidade para causalidade.....</i>	<i>45</i>
1.1.1.4.3	<i>De causalidade para agentividade.....</i>	<i>46</i>
1.1.1.5	Unidade ontológica do comportamento interpessoal.....	488
1.1.1.5.1	<i>Ação, comportamento, ambiente e comunicação.....</i>	<i>48</i>
1.1.1.5.2	<i>De comportamento para comunicação.....</i>	<i>49</i>
1.1.1.5.3	<i>Sobre a unidade dos modos comunicativos.....</i>	<i>49</i>
1.2	OS UNIVERSAIS LINGUÍSTICOS E AS LÍNGUAS NATURAIS.....	51
1.2.1	Os universais linguísticos nas línguas de sinais.....	61
2	A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UMA LÍNGUA NATURAL.....	66
2.1	AS LÍNGUAS DE SINAIS E SEU ESTATUTO LINGUÍSTICO.....	66
2.2	A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS.....	79
2.2.1	A fonologia da libras.....	80
2.2.2	A morfologia da libras.....	90
2.2.2.1	O léxico da Libras.....	91
2.2.2.2	O processo de formação dos sinais na Libras.....	93
2.2.2.3	Incorporação de numeral.....	96
2.2.2.4	Tipos de negação e a possibilidade de incorporação.....	97
2.2.2.5	O sistema verbal em Libras.....	100
2.2.2.5.1	<i>Proposta de Felipe, 1988.....</i>	<i>101</i>
2.2.2.5.1.1	Verbos de movimento.....	102
2.2.2.5.1.2	Verbos de localização.....	102
2.2.2.5.1.3	Verbos complexos.....	104

2.2.2.5.2	<i>Proposta de Felipe, 1998</i>	105
2.2.2.5.2.1	Verbos sem flexão	105
2.2.2.5.2.2	Verbos com flexão para pessoa do discurso	105
2.2.2.5.2.3	Verbos com flexão para gênero	105
2.2.2.5.2.4	Verbos com flexão para locativo	107
2.2.2.5.2.5	Sentenças Copulativas	107
2.2.2.5.3	<i>Proposta de Ferreira-Brito, 1995</i>	108
2.2.2.5.3.1	Verbos não-direcionais	108
2.2.2.5.3.2	Verbos direcionais (multidirecionais)	109
2.2.2.5.4	<i>Proposta de Quadros & Karnopp, 2004</i>	110
2.2.2.5.4.1	Verbos sem concordância	110
2.2.2.5.4.2	Verbos com concordância	111
2.2.2.6	A flexão na Libras	114
2.3.3	A sintaxe da libras.....	125
2.3.3.1	Espaços mentais integrados	130
2.3.3.1.1	<i>Espaço real</i>	132
2.3.3.1.2	<i>Espaço sub-rogado</i>	134
2.3.3.1.3	<i>Espaço token</i>	136
3	ASPECTOS METODOLÓGICOS	140
3.1	CONSTITUIÇÃO DO CORPUS.....	141
3.2	VOLUNTÁRIOS DA PESQUISA.....	142
3.3	INSTRUMENTOS DA PESQUISA.....	142
3.4	MATERIAIS E PROCESSOS PARA OBTENÇÃO DOS DADOS.....	143
3.5	CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	144
3.6	PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS.....	144
3.7	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	144
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	146
4.1	VÍDEO 1.....	152
4.2	VÍDEO 2.....	152
4.3	VÍDEO 3.....	152
4.4	VÍDEO 4.....	152
4.5	VÍDEO 5.....	152
4.6	VÍDEO 6.....	152

4.7	VÍDEO 7.....	208
4.8	VÍDEO 8.....	215
4.9	VÍDEO 9.....	227
4.10	VÍDEO 10.....	231
5	À GUIA DE CONCLUSÕES.....	240
	REFERÊNCIAS.....	240
	APÊNDICES.....	250
	APÊNDICE 1 SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO DA LIBRAS.....	250
	APÊNDICE 2 ALFABETO MANUAL AMERICANO.....	252
	APÊNDICE 3 ALFABETO MANUAL BRASILEIRO.....	253
	APÊNDICE 4 PARÂMETROS PROPOSTOS POR STOKOE (1965/2000).....	254

1 INTRODUÇÃO

*Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas e fácil fazer um castelo.
Com o lápis em torno da mão, eu te dou uma luva
E se faço chover com dois riscos tenho um guarda-chuvas
Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino uma linda gaivota voar no céu.
(Toquinho, Aquarela)*

O estudo da Língua Brasileira de Sinais, nesses últimos anos, tem sido objeto de análise não só na área da Educação, quando se fala de políticas públicas inclusivas, mas também na Linguística, visando ao esclarecimento e descrição sobre o funcionamento desta língua recentemente reconhecida como legal das comunidades surdas dela usuárias.

Ainda pode ser considerado bastante discreto o estudo linguístico da Libras no Brasil, mas aos poucos esse cenário ganha novas luzes e brilhos perceptíveis com a iniciativa de pesquisadores em algumas universidades no país, como é o caso da UFSC, UFPB, UNB e UFPE. A Libras, por seu caráter espacial, torna-se quase uma incógnita nas mãos de muitos pesquisadores, quando, muito do que é produzido teoricamente, torna-se fonte de consulta para outros estudos e análises. Por isso, parece imprescindível que mais estudos surjam nesse campo para tentar, paulatinamente, elucidar questões e sugerir caminhos a serem seguidos numa perspectiva didático-metodológica eficaz.

A nossa pesquisa, que adotará a perspectiva da gramática funcional, pretende trabalhar com as ocorrências lexicais em vídeos em Libras protagonizadas por surdos, na tentativa de mapear o uso de verbos no espaço mental sub-rogado e no espaço mental *token* em Libras.

A modalidade espacial da Libras confere-lhe características na sua realização bastante peculiares, uma vez que dedos, mãos, braços, busto e face se unem para que cada unidade lexical se concretize no ato linguístico. Para se entender o sistema dessa língua, é necessário que haja conhecimentos prévios de suas particularidades como em toda língua.

Diante duma língua que se concretiza de modo espacial, há muitas novidades sobre suas estratégias de ocorrência e estudos muito incipientes sobre tais fenômenos. Pelo fato de já trabalharmos com surdos há quase duas décadas e de termos feitos algumas pesquisas sobre o assunto, sentimo-nos impelidos a dar mais um passo nesse âmbito que, ainda muito tenro e quase desconhecido, convoca-nos a ir adiante. Por isso, julgamos necessária esta pesquisa a fim de que sirva de apoio e gênese para pesquisas posteriores.

O objetivo geral desta nossa tese foi mapear a ocorrência dos predicados verbais, no espaço mental sub-rogado e no espaço mental *token* em Libras. Os específicos são: 1 – categorizar os tipos de verbos que encabeçam as estruturas argumentais que ocorrem em cada um dos espaços mentais em tela; 2 – identificar as restrições formais e funcionais dos sinais lexicais (tipos de verbos) nos espaços sob análise.

O encaminhamento metodológico será apresentado num capítulo específico, mas daremos algumas informações nesta introdução. A escolha adequada de técnicas e instrumentos de pesquisa é o que possibilita a compreensão e interpretação do objeto em estudo. A pesquisa foi desenvolvida em três fases que se complementam:

- 1) Revisão bibliográfica — Essa fase nos permitiu o estudo sobre o funcionalismo, os universais linguísticos, o estatuto linguístico das línguas de sinais e da Libras, no que diz respeito aos seus elementos componentes, o espaço, as classes de palavras, mais precisamente os verbos.
- 2) Pesquisa de campo — Levantamento, seleção dos sinalizadores participantes da pesquisa e filmagens. Com esse levantamento, dispusemos de um material que nos permitiu verificar a ocorrência dos verbos nos dois espaços estudados, evidenciando suas características estruturais.
 - Analisamos um *corpus* constituído de 10 (dez) vídeos. Objetivamos selecionar textos sinalizados.
- 3) Análise de conteúdo – Mapeamento, categorização, análise e interpretação dos dados.
 - Categorizamos os verbos utilizados em cada um dos espaços mentais em tela;

- identificamos as restrições lexicais que envolvem a semântica lexical e estrutura argumental do predicado verbal.

A proposta teórico-metodológica ora descrita pareceu-nos a mais adequada para a pesquisa que desenvolvemos.

Por se tratar de línguas naturais, as línguas de sinais no mundo comungam dos mesmos princípios ontológicos pelos quais passa toda e qualquer língua constituída naturalmente. Entre essas línguas, encontra-se a Língua Brasileira de Sinais, doravante, Libras.

As noções e categorias, conceitos e definições a serem tratados nos capítulos teóricos servirão, portanto, de aporte teórico para sua posterior aplicação quando da análise e descrição de verbos da Libras, objeto desta investigação.

Organizamos este trabalho em 04 (quatro) capítulos, constituídos da seguinte forma:

- No primeiro capítulo, intitulado: o fenômeno linguístico: o homem e o mundo, versamos sobre a língua natural e sua constituição no mundo, por meio de pressupostos oriundos do Funcionalismo delineado por Givón (1973b, 1975d, 2001, 2012); com o auxílio de outros teóricos como Chafe (1970). Passamos pelas relações ordenadas de tempo e espaço; pelas noções de ação, agentividade, intenção, causalidade e ontologia do comportamento pessoal.

Tratamos também, neste primeiro capítulo, dos universais linguísticos propostos por Chomsky (1978); Greenberg (1966); Hockett (1966) aplicados às línguas naturais e especificamente às línguas de sinais.

- O segundo capítulo, intitulado: a língua brasileira de sinais: uma língua natural, apresenta aporte teórico sobre o estatuto linguístico das línguas de sinais, conferido pelos estudos da Fonologia da Língua Americana de Sinais (ASL) realizados por Stokoe (1960/1978; 1965/2000), e aprofundados por Sandler & Lillo-Martin (2006); Stokoe (1965/2000); Battison (1974; 1978a; 1978b); Liddell (1984; 2003); Liddell & Johnson (1989/2000).

Neste mesmo capítulo, fizemos um apanhado geral de todos os níveis de análise na Libras: Fonologia, Morfologia e Sintaxe nos trabalhos de Felipe (1988; 1998) Ferreira-Brito (1995/2010); Quadros & Karnopp (2004), nesta seção, fizemos

uma ampla apresentação sobre os verbos em Libras, cerne desta nossa pesquisa. Também aqui apresentamos os espaços mentais integrados por meio dos estudos de Friedman (1977); Fauconnier (1997); e Fauconnier & Turner (2002).

- No capítulo terceiro: aspectos metodológicos, fizemos uma exposição detalhada de todo processo metodológico percorrido para a elaboração e conclusão desta tese: desde a constituição do *corpus*, voluntários e instrumentos da pesquisa, obtenção de dados e os procedimentos de análises.

- O capítulo quarto é dedicado às análises e discussão dos dados. Quando elencamos as seguintes categorias para o tratamento dos dados nos 10 (dez) vídeos analisados:

- Nº - Número de ocorrências de verbos;
- VERBO – Verbos conforme a ordem de aparição nos textos sinalizados;
- TEMPO – Tempo (minuto e segundo) em que o verbo foi utilizado na oração;
- ESPAÇO – Espaço mental integrado empregado pelo sinalizador para a ocorrência do verbo anteriormente indicado. As abreviações indicam:
ER (Espaço Real);
ESR (Espaço Sub-rogado) e
ET (Espaço *Token*);
- TIPO DE VERBO – Categorização dos tipos de verbos, conforme proposta de Quadros & Karnopp (2004):
 - 1) Verbos sem Concordância – SC
 - 2) Verbos com Concordância – CC
 - Verbos Espaciais (locativos e direcionais)
 - Verbos Manuais (incorporam a morfologia do objeto)
 - Verbos Reversos (o início da trajetória desses verbos se dá no local convencionalizado para o objeto, concluindo no local para o sujeito);

- ORDEM SINTÁTICA – Posição assumida pelo predador e seus constituintes na oração. Quando
 - Sujeito => S;
 - Verbo => V;
 - Objeto => O.

Aplicamos todas essas categorias de análise para os 10 (dez) vídeos analisados. Para concluir o capítulo, fizemos um apanhado geral de todos os apontamentos realizados no decorrer das análises a fim de partirmos para as conclusões.

- a última seção reservada às conclusões, encaminhadas por meio do aporte teórico e das análises efetuadas nos textos sinalizados.

1.1 O FENÔMENO LINGUÍSTICO: O HOMEM E O MUNDO

*Embora fatos observados e
fatos deduzidos de fatos sejam
carne e osso da pesquisa científica,
seu coração e alma é
a especulação criativa dos fatos.
Givón, 2012*

1.1.1 A língua e sua constituição no mundo

A experiência do homem no mundo, ou seja, sua relação com o universo que o rodeia, de alguma forma, ao se materializar em linguagem, reflete a organização estrutural dos eventos e ações sensivelmente experimentados pelo indivíduo. Tal organização tange a sequencialidade de como as atividades se realizam: princípio, meio e fim são respeitados no processo de produção linguagem, visto que “a estrutura da descrição linguística de eventos reflete a estrutura dos próprios eventos” (GIVÓN, 2012, p.396).

Neste sentido, a experiência humana com o universo é condição imprescindível para a constituição linguística, pois

a língua é primariamente uma representação da experiência. Ela pode representar experiência como um relato de uma percepção originada de uma experiência direta, como contar como foi um jogo de futebol ou contar sobre outra cena ou evento. Ou pode ainda representar tendências para agir e pode ser uma representação de uma projeção (pré-visão) duma atividade ainda em potencial, como em um discurso para convencer outras pessoas a modificar seu comportamento de acordo com os desejos do falante (ZIPF, 1965, pp. 294-295)¹.

Sendo, portanto, a linguagem uma representação da experiência, esta não pode se concretizar senão no mundo. Conforme já dissemos, este mundo que rodeia o homem, aliás, no qual o homem se insere, vive, se relaciona, interage (cf. GIVÓN,

¹ “Language is primarily a representation of experience. It may represent experience as a report of direct perceptual experience, such as in an account of football game or in of some scene of event. Or it may represent tendencies to act and may be viewed as representative of potential activity, such as in an oration to persuade others to modify their behavior in accord with the wishes of the speaker... function of the linguistic representation is to preserve or restore equilibrium”. Este é o texto no original, do qual fizemos uma tradução livre.

2001, 7-8). Isso remete à utilização da língua, ao cumprimento de sua função frente ao mundo e rodeada por ele, ou seja, o contexto situacional de sua realização paralelamente ao contexto situacional dos eventos. Estes ocorrem independentemente da codificação cognitiva que fazemos deles (cf. WITTGENSTEIN, 2010).

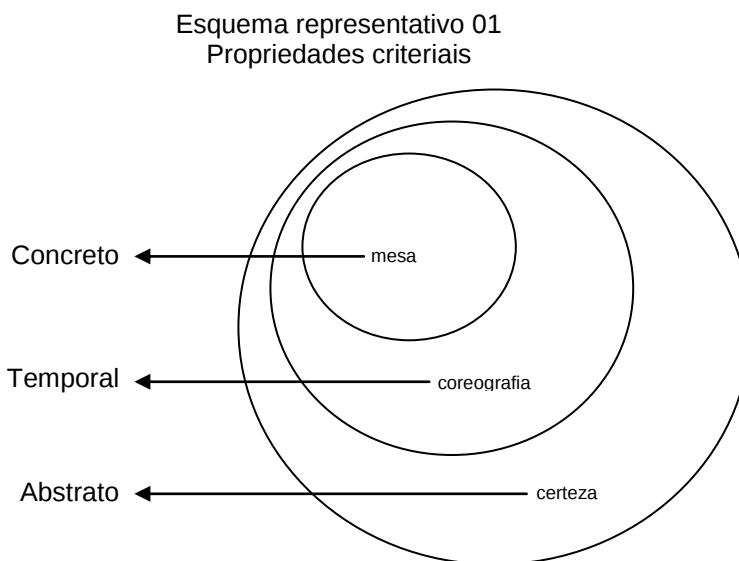
À medida que classificamos o universo, a partir de nossa experiência neste, constitui-se de maneira subjacente uma escala de implicações, na qual se ordenam as relações de “concretude”, “temporalidade” e “abstração”, que se traduzem da seguinte forma: existir no espaço, existir no tempo e existir (cf. GIVÓN, 2012, p. 398). Ou seja, hierarquicamente, aquilo que “existe no espaço deve forçosamente existir no tempo, mas não vice-versa. O que existe no tempo também deve forçosamente existir, mas não vice-versa (op. cit. 398-399)”. Isso nos levar a compreender, por exemplo, que um período de tempo não apresenta uma existência espacial. Por fim, não apresentam existência temporal, tampouco espacial, as noções de caráter mais abstrato como o vocabulário nominal, quais sejam ‘saúde’, ‘alegria’, ‘certeza’ entre outros².

As citadas relações são definidas como propriedades que estabelecem critérios (*propriedades criteriosas*). Linguisticamente, podemos ilustrar a exposição acima com os seguintes exemplos:

- (1) (a) Esta é a mesa sobre a qual falávamos na semana passada.
 (b) Esta é a coreografia sobre a qual falávamos na semana passada.
 (c) Esta é a certeza sobre a qual falávamos na semana passada.

Se observarmos as palavras em destaque, perceberemos que elas passeiam pelo *continuum* que vai da concretude > temporalidade > abstração, assim como ilustra o esquema representativo adiante:

² Segundo Givón (2012), essa reflexão pode ser ilustrada com a teoria dos conjuntos, em que a noção de ‘concreto’ está contido em ‘temporal’, que, por sua vez está contido em ‘abstrato’.



Fonte: Adaptado de Givón, 2012, p. 339.

Levando em consideração as *propriedades criteriosais*,

pode-se dizer que **temporal** possui todas as propriedades de **abstrato**, mas, além disso, tem algumas propriedades (aqui, *existência no espaço*) que **abstrato** não possui. De modo semelhante, **concreto** apresenta todas as propriedades de **temporal** (aqui, *existir no tempo*), mas, além disso, apresenta outras propriedades (aqui, *existir no espaço*) que temporal não possui”³.

Tais *propriedades criteriosais* definem o tipo da predicação que os nomes concretos/temporais/abstratos podem ou não assumir. Daí, podem surgir ‘restrições de seleção’, ou seja, nem todo evento e ação pode relacionar todo e qualquer nome, uma vez que a adequação ao sentido pretendido será um fator determinante para a criação das sentenças de uma língua.

Nesse sentido, poderíamos dizer que alguns predicados temporais podem se relacionar com nomes temporais, entretanto tais predicados jamais poderiam se relacionar a nomes concretos tampouco abstratos – como, por exemplo: *acontecer, ocorrer, ter lugar*⁴. Há ainda outros predicados que apresentam possibilidade de se referirem a nomes concretos e temporais, mas não o mesmo a nomes abstratos (cf. GIVÓN, 2012). Vejamos os exemplos:

(2) *A quadra de esportes começa aqui e termina ali.*

³ GIVÓN, 2012, p. 399. Adaptado.

⁴ Optamos por apresentar os mesmos exemplos elencados por Givón, 2012, p. 400.

Neste exemplo, percebe-se que a predicação de caráter concreto refere-se a um nome também concreto. Já no exemplo abaixo, o mesmo predicado atinge o caráter temporal:

(3) *A aula começará às 7h e terminará às 9h30.*

Os mesmos predicados não poderiam se referenciar a um nome de caráter abstrato⁵, a não ser que passassem por um processo denominado por Givón (2012) como *‘mudança figurativa’*, quando uma predicação abstrata, por exemplo, pode ser interpretada *espacial* ou *temporalmente*.

(4) *A alegria começa às 8h, quando as crianças caem na piscina.*

O predicado *‘começa’* designa valor temporal, mesmo sendo empregado com um nome abstrato. Haveria, no entanto, restrição se a construção fosse a seguinte:

(5) *Sua ideia de democracia começa lá e termina aqui.*

Neste caso, o valor conceitual (abstrato) presente no nome *‘ideia de democracia’* não permite a referenciação dos predicados *‘começa’* e *‘termina’*. Esse é um caso de *‘restrição de seleção’* imposto pela natureza nominal, que não pode ser qualificada por toda e qualquer predicação. Isso comprova que a *‘mudança figurativa’* não gera possibilidades quaisquer para uma predicação.

É sabido, conforme já apresentamos, que, por exemplo, conceitos temporais podem ser desenvolvidos em conceitos espaciais, mas o contrário não seria possível. Da mesma forma, um conceito temporal pode ser desenvolvido em conceito abstrato, mas o contrário também não seria possível. Essa possibilidade de estruturação de um conceito se desenvolver em outro (mudança figurativa) é o resultado de um processo denominado *desbotamento semântico*. Isso confirma a hierarquia implicacional na relação *espaço > tempo > existência*.

Aqui, chamamos a atenção para os dois primeiros conceitos: tempo e espaço, que constituem duas relações ordenadas no processo de interpretação do indivíduo

⁵ Como por exemplo: *“A minha dor na perna terminará impreterivelmente às 9h30”*.

sobre o universo que se denomina relação ordenadora, uma vez que é da própria natureza humana ordenar os elementos do mundo em relações para melhor interpretá-lo e entendê-lo. Sobre essas duas relações, trataremos nas seções seguintes, apresentando maior ênfase na relação ordenada de espaço, uma vez que trará maior contribuição para quando abordamos esse mesmo conceito em relação a seu desdobramento nos espaços mentais nas línguas de sinais e, consecutivamente, na Libras.

1.1.1.1 A primeira relação ordenada: Tempo

Esta relação ordenada apresenta dois critérios claros e distintos: **(i) precedência** e **(ii) estabilidade temporal para as entidades** (cf. GIVÓN, 2012). O primeiro evoca o caráter de unidade de cada indivíduo no que tange a sua posição no mundo. Trazemos aqui os exemplos apresentados pelo autor supracitado sobre as características da **precedência**:

*Transitividade: Se **a** precede de **b** e **b** precede de **c**, então **a** precede de **c***
*Não reflexividade: **a** não pode preceder de si próprio.*
*Não reciprocidade: Se **a** precede **b**, **b** não pode preceder **a**.*
*Singularidade: Se **a** diretamente precede **b** e **b** diretamente precede **c**, então não pode haver outro indivíduo tal que ele tanto preceda **c** quanto seja precedido por ele⁶.*

Desta forma, a **precedência** na relação ordenada de tempo quer mostrar a individuação, ou seja, cada indivíduo ocupa uma posição única dentro do universo. Por sua vez, o **critério de estabilidade temporal para as entidades** define o seguinte:

⁶ GIVÓN, 2012, p. 405.

*Uma entidade **x** é idêntica a si mesma se ela é idêntica **somente** a si mesma, mas não a qualquer outra entidade (**y**) em tempo **a**, e também em tempo **b**, que diretamente segue tempo **a**.⁷*

Segundo Givón (2012, p. 406), esse é um critério experiencial utilizado “para identificar o eu, os outros humanos e as entidades no universo fenomenológico”. Isso encontra aplicabilidade diretamente “nos fatos relativos às classes lexicais das línguas humanas”. Geralmente, apresentam todas elas duas classes maiores: nomes e verbos. Os nomes se relacionam a elementos mais concretos que apresentam uma relação espacial sensível situada entre o nome e o ouvinte ou falante. Por serem mais concretos, existem no espaço e no tempo, e apresentam a modalidade de *dêixis espacial*. Do outro lado, há os verbos, que nomeiam ações ou eventos, ou seja, mapeiam geralmente entidades menos concretas que os nomes, por isso assumem características tipicamente temporais, assumindo, desta forma, a modalidade da *dêixis temporal*.

Mais adiante, ao tratarmos das línguas de sinais, veremos o quanto seu estatuto linguístico é entendido como bastante produtor, uma vez que a *dêixis espacial* lhes confere essa característica. Na próxima seção, por sua vez, trataremos do espaço, a segunda relação ordenada, à qual destinaremos mais profundidade em sua exposição.

1.1.1.2 A segunda relação ordenada: Espaço

A experiência perceptivo-interpretativa de espaço é produto da concreta experiência do indivíduo com aquilo que o circunda. As entidades presentes no mundo sensível são captadas por meio das nossas ferramentas de percepção e interpretação, mais especializadamente por um dispositivo denominado *escaneador*

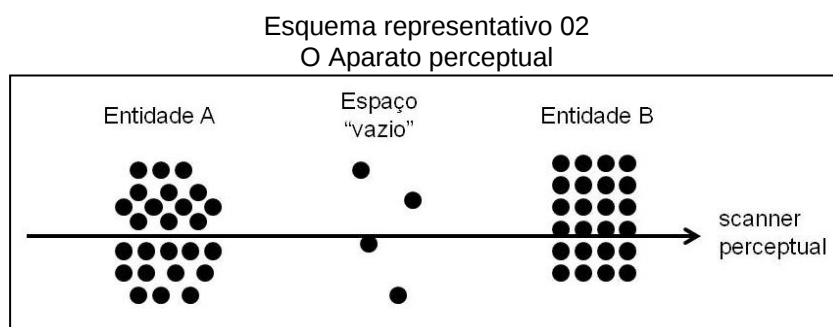
⁷ GIVÓN, 2012, p. 406.

perceptual. Tal faculdade apresenta uma *delicadeza de calibração* no que diz respeito à apreensão das entidades concretas que podem mostrar maior ou menor *densidade* em sua manifestação. Neste sentido, constitui-se um *continuum de densidade*, cuja percepção/interpretação dependerá da *delicadeza de calibração* (cf. GIVÓN, 2012, 411-412).

A “densidade perceptual é a frequência de encontros de nosso aparato perceptual com objetos de percepção atômicos” (*op.cit.*, p. 411), essa afirmação de Givón confirma a experiência/relação do indivíduo no espaço, que, por sua vez, deve ser baseada no *tempo*, uma vez que ambas são fruto do contato do homem em seu contexto de interação. O aparato perceptual do homem é um critério que o autoriza avaliar as entidades em seu ponto inicial e final no espaço, definindo o contraponto entre ponto/espaço vazio e entidade concreta, ou seja,

à medida que nosso aparato perceptual esquadrinha o espaço no tempo, áreas contíguas de estimulação perceptual rapidamente recorrentes serão julgadas como zonas contíguas dentro da *mesma entidade*, enquanto áreas com densidade perceptual relativamente baixa serão julgadas como espaço vazio entre entidades diferentes (GIVÓN, 2012, p. 411).

Este mesmo autor, aporte teórico para a presente seção, nos propõe o seguinte esquema representativo a fim e elucidar o exposto:



Fonte: transcrito e adaptado de Givón, 2012, p. 412.

No indivíduo perceptor de entidades/vazios, ativam-se os processos de comparação e relação entre aquilo que lhe é apreendido no universo concreto (entidade / maior grau de densidade), que, por sua vez, estabelece fronteiras com aquilo que é considerado ‘espaço vazio’ (ausência de densidade).

Uma vez que a experiência humana no mundo encontra alicerce no binômio tempo-espaço, chega-se à necessidade de interseccionar estas duas relações ordenadas. Desta forma, estes dois critérios denunciam a mescla existente nessas duas relações, mostrando que elas são bastante interligadas:

‘Exclusividade espacial de entidades em um tempo’: uma entidade **a** idêntica a si mesma e não a outra entidade **b** ocupa uma certa posição única no espaço que não pode ser ocupada por **b**;

‘Singularidade no espaço para entidades em um tempo fixo’: uma entidade **a** idêntica a si mesma pode somente ela ocupar um ponto unicamente coordenado e definido no espaço e não mais em outro ponto.

Algumas nuances da língua desautorizam o dogmatismo que poderia existir no critério da *‘Exclusividade espacial de entidades em um tempo’*, por isso o critério subsequente lhe complementa, salvaguardando o possível flanco aberto. Este critério da *Exclusividade* seria insuficiente se disséssemos, por exemplo:

(6) *A multidão ocupa toda a quadra.*

Subjacente ao termo ‘multidão’, faz-se presente o entendimento de certa quantidade de pessoas, ou seja, a existência/presença de vários indivíduos num mesmo espaço e num mesmo tempo. Para excluir toda e qualquer possibilidade de invalidação do critério de *Exclusividade espacial de entidades em um tempo*, evoca-se outro, o de *Singularidade no espaço para entidades em um tempo fixo*, que singulariza no espaço um ponto coordenado a ser ocupado por somente uma entidade **x**, que não pode ocupar um outro espaço no mesmo tempo. Para dirimir as possíveis dúvidas existentes, Givón (2012, p. 417) expõe:

O que se deve fazer aqui é reconhecer uma *hierarquia de inclusão* na qual a exclusividade espacial das entidades individuais é definida com respeito a entidades *do mesmo metanível*, isto é, no mesmo nível tipo-ocorrência. Logo, partes do todo serão de fato exclusivas no espaço entre si, mas não com relação ao todo.

Os ‘membros da multidão’ não podem ser confundidos com a ‘multidão’. Quando se refere à ‘multidão’ (totalidade), afirma-se que ela, enquanto entidade específica, ocupa um lugar ‘x’ e não ‘y’, isto é, com a entidade ‘multidão’, devem se relacionar entidades de mesmos nível e tipo. Por outro lado, quando se refere aos ‘membros’ (partônimos), evidencia-se outro nível, outro tipo, logo, outra(s) entidade(s).

Tais reflexões acerca do tempo-espço na perspectiva criterial de singularidade e exclusividade corroboram para a segura afirmação de que o homem é intrinsecamente um ser que necessita desta realidade tempo-espacial, uma vez que é nela em que ele se concretiza como *ser de interação-relação*. Por meio de sua atuação no tempo/espço, em que se insere intimamente, o homem pode construir sua percepção/cognição. Justifica-se toda essa reflexão, pois se torna o alicerce para que possam ser definidos no indivíduo os conceitos de *ação*, *volição*, *causalidade* e *agentividade*, temas sobre os quais trataremos na seção a ser iniciada.

1.1.1.3 Ação, agentes, intenção e causalidade

A codificação linguística de *Estado* ou *Evento* está intimamente ligada à classe dos verbos. Serão estes os primeiramente responsáveis pela distinção na denotação lexical (cf. GIVÓN, 2012; CHAFE, 1970; LANGAKER, 1975 e TALMY, 1976). “A natureza do verbo determina o que o resto da sentença será” (CHAFE, 1970, p. 97), ou seja, há uma supremacia da categoria verbal na constituição das sentenças. Os verbos de *estado* não podem indicar mudança no tempo, mesmo que ele indique uma curta ou longa porção de tempo, essa possibilidade está completamente descartada. Por sua vez, os verbos que indicam *evento* se diferem dos primeiros, justamente por viabilizar qualquer que seja uma mudança no tempo, por menor que seja a proporção desta mudança (cf. GIVÓN, 2001, p. 106). Desta forma, (7a) indica um estado, enquanto (7b) indica um evento:

- (7) a) *Estado*: A bola está sobre a mesa.
 b) *Evento*: A bola caiu da mesa.

O verbo que descreve o *evento* em (7b) mostra explicitamente que ‘cair’ expressa uma posição inicial em relação ao eixo temporal de iniciar o evento ‘cair’, da mesma forma, percebem-se um estado inicial e outro terminal em relação à posição da entidade ‘bola’. Neste caso, ainda em (7b), temos

(7) b) A bola **caiu** da mesa

Estado inicial: *sobre a mesa*

Estado final: *fora da mesa*

De forma diferente, há verbos que não deixam explicitamente clara a ideia presente na sentença do que seria um estado inicial e outro final. Quando se diz, por exemplo:

(8) A bola **rolou** pela sala.

Já neste caso (8), percebe-se que há uma ideia de mudança no eixo temporal, mas não se pode definir. Pode-se considerar o estado final um local subsequentemente afastado do estado inicial, mas isto só pode ser definido com precisão se estes estados forem prefixados no espaço (cf. GIVÓN, 1973b).

Aos *eventos*, cabe ainda somar a possibilidade de estes serem ‘causados’ ou ‘não causados’. Aqueles que são ‘*não causados*’, denominam-se ‘*não volicionais/involuntários*’. Os dois últimos números exemplares ilustram bem essa possibilidade, aqui os reescrevemos:

(7) a) Estado: A bola **está** sobre a mesa.

b) Evento: A bola **caiu** da mesa.

(8) A bola **rolou** pela sala.

São entendidos como ‘*não volicionais/involuntários*’, pois não apresentam “causa explicitamente mencionada”⁸. É bem verdade que pode ter havido uma entidade diferente de ‘*bola*’ responsável pelo evento, mas isto não é de interesse para a explicação especificamente do verbo ‘*rolou*’, já que ainda não se tocou no quesito ‘responsabilidade’ para a concretização de um evento. Sobre isto, trataremos em páginas mais adiante.

De outro lado, encontram-se os eventos que são ‘causados’, os quais se denominam ‘*volicionais/pre tendidos*’. Esses eventos são chamados ‘ações’, por sua vez, os verbos que nomeiam essas ações são denominados de ‘*verbos ativos*’. Uma característica desses verbos é de “descreverem uma mudança de estado no universo de um estado_i anterior a um eixo temporal para um estado_j algum tempo depois do eixo temporal” (GIVÓN, 2012, p. 424). Vale salientar que essa mudança pode ocorrer no sujeito causador da ação (9a, b) ou ainda no(s) objeto(s) (9c, d). Observe-se:

- (9) a) Mariana **andou** toda a rua da escola.
 b) Adriano **percorria** o caminho calmamente.
 c) João **quebrou** o vidro do ônibus em sua raiva.
 d) Eloiza **colocou** as toalhas na cômoda.

Chafe (1970, p. 98-99) afirma que a pergunta “*O que aconteceu?*” pode ser dirigida a esses *verbos ativos*, diferentemente dos verbos de *estado*. Portanto, teríamos:

– ***O que aconteceu?***

- *Mariana andou toda rua da escola.*
 – *João quebrou o vidro do ônibus.*

Mas não se poderia dizer:

- (7a) *A bola está sobre a mesa.*

Segundo Chafe (1970) ainda, o aspecto verbal de continuidade pode ser atribuído a verbos ativos, mas nunca a verbos de estado. Em (9d),

⁸ GIVÓN, 2012, p. 424. Para esse autor, isto apresenta íntima relação ao mapa cognitivo refletido na língua.

- (9) d) Eloiza **colocou** as toalhas na cômoda.

Poderia ser construída a seguinte forma:

Eloiza **está colocando** as toalhas na cômoda.

Mas não o mesmo em (7a):

(7a) A bola **está estando** sobre a mesa.

Os verbos ativos, ou seja, as ações, podem também atribuir **responsabilidade** pelos eventos, sendo, neste caso, o *sujeito* um *agente-causador*. É importante ressaltar que, sobretudo e primariamente, os *agentes humanos* desempenhariam um *comportamento intencional* na concretização do evento. Observemos os exemplos ilustrativos a seguir:

- (10) a) Francisco **rasgou** a toalha ao meio quando foi tirá-la do varal.
b) Francisco **rasgou** a toalha propositalmente.

Nos dois exemplos, vemos a responsabilidade do agente sobre o ocorrido, mas em (10a) o agente causou o evento sem intenção/responsabilidade. Neste caso, o verbo não pode ser considerado como uma ação, já que ‘a toalha foi rasgada quando Francisco foi **tirá-la** do varal’, diferentemente de (10b), quando, de fato, o agente pretendeu causar o resultado descrito no verbo ativo. Poderia ser apresentado, no entanto, um problema em (9c):

João **quebrou** o vidro do ônibus em sua raiva.

Poderíamos afirmar claramente que, ‘em sua raiva’, o sujeito-agente está realizando uma ação por sua vontade, mas ele, talvez, poderia querer fazer outra coisa, como ‘lançar uma pedra para o outro lado da rua, mas a pedra acertou o ônibus *acidentalmente*’, neste caso o desejo de ação do agente não era de quebrar o vidro do ônibus. A solução encontrada na maioria das línguas, talvez seja a ideia de *controle*, em que o agente causador do evento mostra ter além, de *volição-intenção*, o *controle* sobre suas ações (GIVÓN, 1975d), uma vez que “cada causação controlada envolve também uma intenção, mas algumas *intenções* podem não

envolver causação controlada” (GIVÓN, 2012, p. 425). A ilustração abaixo exemplifica a máxima apresenta:

(11) Mariana **desejava** muito sair da sala, mas estava presa com cordas à cadeira.

Como vemos, o possível sujeito-agente da ação de sair não pôde realizar sua intenção. No exemplo, é descrito um comportamento intencional, diferente de uma simples intenção.

Os eventos causados, portanto, podem ser assumidos, quase por exclusividade, por humanos, como se viu em *rasgar, sentar, andar, percorrer, quebrar, colocar, sair*, ou seja, os sujeitos desses eventos só podem ser do tipo agente. Entretanto, em alguns casos, raras entidades teriam concessão para assumir esse papel, como: “carro, computador, ventos e fogos, ocasionalmente água, e – como uma *categoria oscilante* – vertebrados superiores” (GIVÓN, 2012, p. 425). Os exemplos a seguir ilustram claramente que ações causais, isto é, eventos pretendidos, são restritos a humanos, que sejam, inclusive, conscientes da realização de um comportamento intencional, tendo, obviamente, controle sobre seu comportamento:

- (12) a) Guilherme **correu** no quintal.
 b) Guilherme **encenou** Romeu no teatro de sua escola.
 c) Guilherme **convidou** todos os amigos para uma festa.
 d) Guilherme **escreveu** no caderno todo o assunto da aula.

“A influência semântica dos verbos é determinante, sobrepondo-se aos nomes que os acompanham” (CHAFE, 1970, p. 97). Por isso, um humano não dotado de intenção e consciência não poderia assumir a responsabilidade dos eventos listados anteriormente em (12). Absolutamente, uma criança de poucos meses ou um adulto como aquele do exemplo (11) não poderiam ser os agentes das ações causadas supracitadas. Podemos ir mais longe ainda: para que esses eventos se realizem, é

necessário que haja uma entidade da classe *humano adulto*. Talvez um cavalo pudesse realizar a ação (12a)⁹.

Da mesma forma, somente humanos conscientes poderiam assumir a responsabilidade, mesmo estando na sentença em posição de objeto:

- (13) a) Fernando pediu **a João** que fizesse a tarefa.
 b) Suas felicitações **me** alegram profundamente.
 c) Gustavo perguntou **a Rodolfo** se a lista estava pronta.
 d) O reitor ordenou-**lhe** que deixasse a sala.
 e) A senhora **o** admitiu em sua empresa.
 f) Elvis ofereceu-**lhe** chocolates saborosos.

Segundo Givón (2012), a essa mesma classe de humanos adultos, é atribuída a permissão para os seguintes verbos:

- i) referentes à *cognição*: *suspeitar, supor, entender, acreditar, pensar, saber etc.*;
 ii) referentes à *emoção*: *zangar-se, entristecer-se, temer, apaixonar-se etc.*;
 iii) referentes à *intenção*: *recusar, planejar, pretender, querer, desejar etc.*

Para este autor, a *consciência* é um denominador comum de todos os verbos listados não só no parágrafo anterior, mas em todos os outros exemplos referentes a ações causadas, pois para ele toda *ação intencional* implica *consciência*, mas não obrigatoriamente o contrário, portanto:

- i) ação intencional é subcategoria de consciência;
 ii) todo agente, sendo ator sob *poder próprio*¹⁰, é essencialmente um participante consciente; e
 iii) todo agente voluntário é essencialmente um participante consciente.

Para Chafe (1970) o verbo tem uma função determinante na constituição da sentença, determinando quais nomes poderão ou não fazer parte dela. O mesmo não se pode dizer do contrário, pois os nomes não possuem essa característica

⁹ Ver Givón (2012, p. 426).

¹⁰ O 'poder próprio' para Givón (2012) pode ser entendido como 'intenção/volição própria'.

determinante. Aprofundando ainda mais as propriedades verbais, na seção que se segue, versaremos sobre algumas das particularidades funcionais do verbo na sentença no que tange a ontologia de causação e agentividade.

1.1.1.4 Ontologia de causação e agentividade

Nesta seção do trabalho, trataremos das noções de *condicionalidade*, *causalidade*, *agentividade*, *intencionalidade* e *potestade* no processo linguístico-ontológico, que tem como esteio todo sistema cognitivo-perceptual do indivíduo em sua experiência no mundo. Givón (1973b; 2012) propõe que as noções listadas são derivadas da primeira dimensão ordenada: tempo, apresentada na seção 1.2.1 deste capítulo.

1.1.1.4.1 De sequência no tempo para condicionalidade

A noção de condicionalidade¹¹ está intimamente ligada à repetição de mais de uma ocorrência, mas não apresenta ligação com a noção de sequência temporal. No tempo, essa noção pode ser explicada quando listados, pelo menos, dois eventos **a** e **b**, quando **b** ocorre sempre depois de **a**. Neste caso, pode-se afirmar que **b** implica **a**, mas não o contrário, já que **a** é condição para que **b** ocorra. Da mesma forma, ter ocorrido **a** não é fato necessário para que **b** ocorra, uma vez que **a** é certo e ocorrido, mas **b** é incerto e possível. Tal conclusão é fruto de uma *experiência intuitiva*, que tem por base a frequência de ocorrências, e não por pura sequencialidade temporal, conforme já foi afirmado anteriormente. Para Givón (2012), essa noção analisada na teoria dos conjuntos corresponderia a **b** está incluso em **a**, mas nunca o contrário, o que nos obriga dizer que **b** é subconjunto de **a**, que, por sua vez, é superconjunto de **b**.

Levando em consideração o quesito de certo-incerto e passado-futuro, **a** é certo e passado, enquanto **b** é incerto e futuro. Nas línguas naturais, esse fato é

¹¹ Givón, 2012.

traduzido estruturalmente quando o passado é o aspecto principal de verdade e certeza, já o futuro é aspecto de incerteza ou dúvida (cf. GIVÓN, 1973b).

1.1.1.4.2 De condicionalidade para causalidade

A noção de causalidade não se reduz a uma relação condicional de dois eventos sequenciados, mas exige uma explicação cognitiva, pois somente a ideia de certeza-incerteza ou passado-futuro não daria conta desta nova noção. Observe a explicação¹² para isto:

- | | |
|-----------------|---|
| a) Condição: | Se b ocorreu, a deve ter ocorrido antes. |
| b) Precondição: | Portanto, a ocorrência de a é uma precondição necessária para a ocorrência de b . |
| c) Causação: | Portanto, a é a causa de b . |

Surge aqui a percepção de *dependência* versus *existência independente*, na qual, deve-se levar em conta:

Se b não pode nunca aparecer sem que a apareça primeiro, então enquanto a parece ser independente da ocorrência de b, b é sempre dependente da ocorrência de a. (Essa observação é fortalecida se nunca se observa qualquer outro evento x que também ocorra sempre antes de b.) Logo, a deve ser a causa de b.
--

¹² Serão utilizados os mesmos exemplos apresentados por Givón (2012, p. 430).

Para o autor desse mesmo postulado, a noção de *cadeias causais* precisa ser observada, se, por exemplo, não ao evento **b**, mas ao evento **a** ocorre sempre um outro evento, que pode ser entendido como **y**. Neste caso, **y** implica **a**, que implica **b**. Teríamos, portanto, **y** como causa anterior de **a**, bem como causa final de **b**; para **a** resta ser causa mediadora de **b**. Isso, segundo Givón (2012), é sistematicamente estruturado nas línguas humanas, pois é fruto da experiência cognitiva do homem com o seu meio (GIVÓN, 1975d, 2001, 2012; WITTGENSTEIN, 2010; ZIPF, 1965). Enfim, a relação causal entre dois eventos emerge, podendo um ocorrer sem qualquer antecedência aparente e o outro sempre o seguindo.

1.1.1.4.3 De causalidade para agentividade

As expressões causativas, nas línguas naturais, compreendem sempre uma relação estabelecida entre evento causa e um evento resultado (VENDLER, 1967). Veja-se em

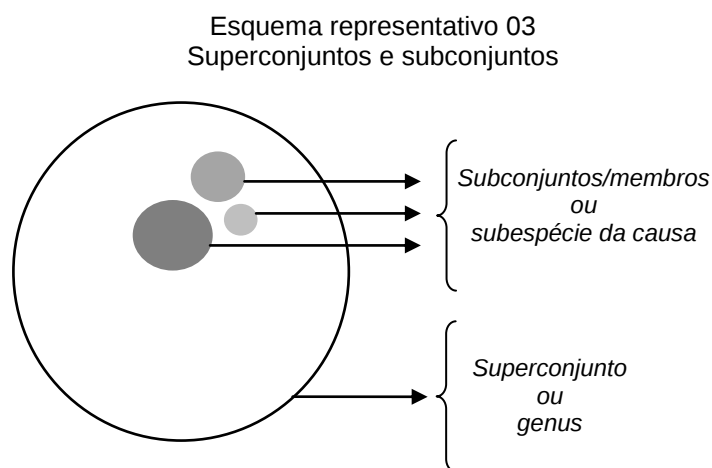
- (14) a) *Porque Adriano **viajou**, Mariana permaneceu em casa.*
 b) *A viagem de Adriano **causou-induziu** a permanência de Mariana em casa.*

É mais comum que estruturas como em (14a) aconteçam nas línguas naturais, diferentemente da compactação ocorrida em (14b). Se analisado este último exemplo, observa-se que o *sujeito agente* do evento descrito pelo único da sentença é desempenhado por um argumento nominal 'A viagem de Adriano'. Esse sujeito é entendido como *agente da cadeia causal*, uma vez que ele apresentava *controle*, *agentividade volicional*, e *responsabilidade* em causar mudança no estado no universo, portanto o elemento *causa* assume o caráter de *agente*, algo perfeitamente factível e recorrente em línguas naturais. Isso apenas corrobora com tudo o que fora mencionado sobre o *agente* anteriormente sobre as características de *consciência* e *ação sob volição própria* (cf. GIVÓN, 1975d).

Retomando agora a reflexão de condicionalidade para causalidade, em que haja dois eventos **a** e **b**, sendo **a** causa de **b**, levando em consideração sequencial temporal que **a** vem antes de **b**. Conjecturamos agora que o evento **a** tem por sujeito

agente um participante humano consciente. Podemos, então, dizer que **a** é a explicação externa da causa de **b**, mas não podemos indicar uma mesma causa externa para **a**, por isso, conclui Givón (cf. 2012, p. 433) que “onde não se pode observar causa externa, mesmo assim ocorra uma mudança no estado do universo, então, uma causa interna deve estar em funcionamento. Isto é, pelo menos algum participante na mudança deve ser um agente, capaz de ação volicional” (adaptado). Retomando a hipótese, concluímos que o sujeito agente em **a** concretizou o evento propositalmente, já que é capaz de ação volicional por iniciativa própria, sem qualquer estímulo externo, possuindo motivação interna própria.

Lembrando os critérios experienciais para agentes, podemos dizer que estes apresentam certo *poder para agir e modificar um estado no universo*. Pode-se ainda salientar o caráter causativo dos agentes, quando a/o causa/evento é capaz de alterar alguma característica do resultado/evento. Observando essa relação em associação à teoria dos conjuntos, a/o causa/evento, por ser precedente, ocuparia lugar de superconjunto (*genus*), dentro do qual estaria alocado o resultado/evento, que seria um subconjunto (*membros*). O esquema representativo a seguir elucida o exposto.



Fonte: Adaptado de Givón, 2012, p. 434-435.

O superconjunto não pode ser menor que os seus membros, isso leva a entender que as entidades que apresentam maior tamanho detêm também maior poder. Nossa experiência cognitivo-perceptual é conduzida pelo critério da generalização, que, por conseguinte, determina que todos os membros (subconjuntos) devem conformar-se com esta regra. Em suma, tamanho, generalidade e poder caminham juntos (cf. GIVÓN, 2012, p. 435).

1.1.1.5 Unidade ontológica do comportamento interpessoal

A representação do universo para o homem encontra seu alicerce na linguagem e cognição, que, empiricamente, se constituem por meio da interação com o mundo que circula o homem. Sobre isso, tratamos no início deste capítulo, bem como em outras linhas subsequentes. Ao analisarmos as noções de *ação*, *intenção* e *agente*, percebemos a relação entre *eventos* e *causação*, junto com os quais emerge a necessidade de tratar do ambiente, já que na citada relação ocorrem as mudanças no estado do universo. Para tanto, nesta seção, trataremos de noções de ação, comportamento, ambiente, comunicação e seus modos comunicativos, aprofundando as conexões estabelecidas entre todas elas.

1.1.1.5.1 Ação, comportamento, ambiente e comunicação

A noção de ‘ação’ nos remete imediatamente à ideia de interação. Isso é corroborado quando da definição proposta: “ações são mudanças no estado do universo em que o *comportamento intencional* de agentes esteve envolvido” (GIVÓN, 2012, p. 436). Ao interagir com uma entidade externa a si, o agente transcende seus limites pessoais, alterando nela algo. A atividade do agente se refere ao estado final da entidade externa, já que em nada alterou o estado inicial. Esse comportamento revela que um estado inicial indica um fato passado ao estado final, isto é, um estado subsequente. Já foi mencionado que um fato passado demonstra certeza de algo, ou seja, um fato indiscutível. Já um fato novo aponta para uma possibilidade, ou ainda, algo incerto. No entanto, a percepção humana se volta com maior atenção aos fatos novos, ou seja, a experiências novas ou inéditas, em detrimento daquelas experiências mais recorrentes. Esse é o fundamento da ideia de frequência e base conceitual da noção de figura-fundo, subjacente à percepção, bem como à cognição humana e à comunicação.

Para Antilla (1977, p. 15), o processo de julgamento perceptual e habilidade para distinção de informação velha da nova, ou seja, um *input* sensorio-informacional, categoriza elementos/entidades de mesmo tipo e outros de tipo

diferente, distinguindo o ‘mesmo’ do ‘diferente’, gerando/possibilitando, assim, comunicação no que parece ser uma simples interação unidirecional entre *agente* (causa/interna) e *ambiente* (entidades externas).

1.1.1.5.2 *De comportamento para comunicação*

Na seção anterior, citamos o *comportamento unidirecional* do sujeito *agente* no *ambiente*, modificando o *estado* deste no universo. Um passo qualitativo galgado pelos agentes foi a transcendência do *unidirecional* para o *bidirecional*, consumando-se a interação social e, por consequência, a comunicação interpessoal. A este respeito, Lamendella (1976) afirma ser “uma ofensa à credulidade simular que a linguagem, como a conhecemos, despontou como uma invenção cultural na ausência de pré-adaptação cognitiva e comunicativa”.

Consecutivamente, a ação de organismos que agem intencionalmente exigiu maior esforço cognitivo na interpretação semântica de seus *eventos* do que para interpretar o ambiente não agentivo. Com isso, podemos afirmar, segundo Givón (2012, p. 439), que o “*comportamento* torna-se chave para *informação*”. Por isso, o aparecimento de um sistema de comunicação com especificidades e convenções seria apenas uma lapidação dos esquemas inferenciais subjacentes a este sistema, de modo que, quanto mais especializadas as manifestações de comportamentos, mais repletos de significação, logo, de conteúdo informacional e comunicacional. Assim é a linguagem e suas epifanias por meio das línguas naturais.

1.1.1.5.3 *Sobre a unidade dos modos comunicativos*

A dicotomia estabelecida entre informação velha (fundo) e informação nova (figura) forma uma unidade para a concretização do evento comunicativo. Se a informação velha é entendida como algo frequente, previsível e passado, e, por sua vez, a informação nova é uma raridade e surpresa, por isso ganha saliência no

aparato cognitivo-perceptual, é bem verdade também que ambas são interdependentes para a realização do evento comunicativo de modo bem-sucedido.

Tal modo é produto, portanto, da manutenção da coerência, isto é, um comprometimento e meio-termo firmados entre informações velha e nova. Neste sentido, as informações velhas não podem ser tão previsíveis a ponto de o ouvinte desinteressar-se, tampouco as informações não podem ser surpreendentemente imprevisíveis a ponto de estabelecer uma completa cisão com o conhecimento compartilhado.

A ontogênese linguística confunde-se com a ontogênese do indivíduo, um ser de relação entre seus pares (agentes) e seu ambiente (objeto). Essa relação é condição necessária para que o indivíduo possa modificar o universo ao mesmo tempo em que reciprocamente se modifica numa dialética constante, por meio da linguagem.

O homem possui um privilégio em relação aos demais animais, por possuir a faculdade de poder aprender uma língua e utilizá-la para cumprir seu papel no mundo em que se insere: isso envolve uma atividade mais complexa e detalhada no universo da linguagem. Os demais animais possuem apenas uma capacidade de linguagem, que gera uma possibilidade de comunicação – isto é inegável. O homem, contudo, possui uma língua, que encerra um sistema sógnico articulado num conjunto de regras fonológicas, morfossintáticas e semântico-pragmáticas, que se encontram em constante emergência.

Os sistemas linguísticos utilizados pelos homens constituem línguas distintas e independentes, entretanto, elementos existem em convergência, tornando-se universais presentes em toda língua. Esses universais dividem fenômenos iguais e semelhantes, cada qual com sua roupagem diversa, mas preservando um mesmo espírito linguístico. A cerca deste fenômeno, trataremos na sessão que se segue em nosso trabalho.

1.2 OS UNIVERSAIS LINGUÍSTICOS E AS LÍNGUAS NATURAIS

Por cultura, entende-se um universo de crenças, costumes, conhecimentos, convenções morais e legais etc. Todos esses elementos culturais estão inseridos numa comunidade de falantes, os quais detêm um sistema linguístico, que interage concomitantemente com os demais sistemas citados. Portanto, cultura e língua são interdependentes (FREEDMAN, 1977).

Quando um novo membro chega a uma comunidade, especificamente por nascimento, ele é automaticamente iniciado na coletânea de saberes do seu povo e recebe uma língua, na qual será competente se for exposto e praticá-la com seus pares. Sua competência linguística estará intimamente ligada ao nível e tempo de uso desta língua. Isso será essencial para que ele possa se comunicar, aprender, enfim, interagir em sociedade.

Para Freedman (op.cit.), mesmo que, diretamente, não corresponda o pensamento, uma língua representa simbolicamente o mundo, podendo passar uma ideologia presente ao momento sócio-político-histórico-econômico da cultura em que se insere. Desta forma, a língua pode ser considerada um modelizante primário, pois torna-se um instrumento de decodificação dos diversos sistemas coexistentes na comunidade em que se insere o indivíduo: a partir do uso da língua, o utente poderá acessar os valores culturais da sua comunidade de maneira ativa e passiva, já que terá condições de agir sobre tais valores.

Por mais distintas que possam ser entre si as línguas e também as culturas, pensamento e fala caminham juntos (VYGOTSKY, 2009), de maneira interdependente. Desta forma, buscar universais linguísticos significa aproximar os elementos convergentes nas mais variadas línguas naturais, sejam elas oro-auditivas ou gesto-visuais.

Segundo Greenberg (1966, p. XVI),

Os universais linguísticos são por sua natureza constatações acerca das características ou tendências compartilhadas por todos os falantes humanos. Assim sendo, tais universais constituem as leis mais gerais da ciência das línguas (em contraste com um método e com um conjunto de resultados descritivos específicos). Além disso, a língua é, ao mesmo tempo, um aspecto do comportamento do indivíduo e um aspecto da cultura humana, cujos universais fornecem tanto o principal ponto de contato com os princípios psicológicos subjacentes (psicolinguísticos) quanto com a principal

fonte de implicações para a cultura humana em geral (etnolinguísticos).

Neste sentido, há uma gama considerável de fenômenos linguísticos que se manifestam comumente nas mais distintas línguas do mundo que as aproximam enquanto elementos constitutivos da capacidade humana de linguagem. Isso leva a entender que há no homem uma capacidade inata para o aprendizado de uma língua e, por isso, os universais facilitariam esse processo por parte, por exemplo, de uma criança (COMRIE, 1981, p. 03). Para este autor, só se pode chegar aos universais das línguas naturais quando feita uma análise profunda na estrutura e nos fenômenos nelas presentes. Desta forma, poderia se estabelecer uma relação entre os níveis concreto e abstrato da mesma língua analisada.

Chomsky, em sua proposta racionalista, afirma a existência de universais linguísticos inatos que viabilizam o aprendizado por parte de uma criança da língua de sua comunidade:

Vários universais formais e substantivos são propriedades intrínsecas do sistema de aquisição de linguagem, fornecendo estas um esquema que é aplicado sobre dados e que determinam de um modo altamente restritivo e forma geral e, em parte, até os traços substantivos da gramática que pode aparecer a partir da apresentação dos dados apropriados (CHOMSKY, 1978, p. 16).

Chomsky define universais formais como as regras que possibilitam às crianças a utilização de uma gramática gerativa mesmo com a posse de poucos dados assimilados, que distinguem do que é adequado ou não nas combinações linguísticas. Já os universais substantivos são definidos como as categorias diferenciadoras daquilo que é necessário ou não nas línguas naturais.

Ao tratar da aquisição de linguagem, Chomsky afirma que uma criança nasce com predisposição para adquirir a língua que lhe for transmitida culturalmente, levando, entretanto, em consideração que alguns fatores externos podem potencializar ou dificultar essa aquisição: é o que Krashen (1984; 1995) chama de filtro afetivo. No caso de pessoas surdas¹³, uma língua de modalidade gestual pode ser adquirida naturalmente como qualquer outra língua oro-auditiva.

Como se vê, Chomsky tratou de aspectos universais ligados à capacidade cognitiva humana, sobre as faculdades presentes no indivíduo desde o seu

¹³ Uma língua de modalidade gestual, no Brasil, a Libras, em muitos casos, é a primeira língua de pessoas ouvintes quando estas possuem pais surdos. É bem verdade que também possam adquirir o português falado, quando da interação com membros falantes da família ou até na escola.

nascimento, quando exposto à língua de sua comunidade de falantes. Greenberg (1966), por sua vez, ao analisar e comparar 30 línguas, propõe um conjunto de 45 (quarenta e cinco) universais linguísticos relacionados à estrutura sistêmica das línguas. Este grande estudo o fez ser considerado o pioneiro nos estudos de tipologia sintática, evidenciando a existência de universais implicacionais, já que alguns envolvem a correlação que se estabelece entre vários parâmetros, fomentando análises de universais de forma lógica.

Numa proposta de agrupamento dos universais linguísticos, segundo Greenberg (1966, p. 77-96), podemos organizá-los em 03 (três) grupos, conforme sua abordagem temática. Vejamos:

a) Primeiro grupo: relaciona os universais que tratam da tipologia das línguas em relação à ordem básica dos elementos na oração, ou seja, o nível sintático de análise foi levado em consideração, observando o fenômeno da anteposição ou posposição dos elementos:

1. Em sentenças declarativas, com sujeito e objetos nominais, quase sempre, o sujeito precede o objeto.
2. Em línguas com anteposições, o nome quase sempre precede o genitivo, enquanto que em línguas com posposições, o genitivo precede o nome.
3. Línguas com a ordem dominante VSO são sempre anteposicionais.
4. Línguas com ordem dominante SOV provavelmente são posposicionais.
5. Se uma língua com ordem dominante SOV e o nome antecede o genitivo, então o nome também antecede o adjetivo.
6. Todas as línguas com a ordem dominante VSO têm SVO como uma ordem alternativa ou como uma única ordem alternativa.
7. Se numa língua com a ordem dominante SOV, não há uma ordem alternativa ou há apenas a ordem OSV como alternativa, então todos os modificadores adverbiais do verbo igualmente precedem o verbo.

Neste primeiro grupo, há dois universais implicacionais (5 e 7). Neste caso, quando ocorre o primeiro fenômeno, então o segundo está implicado em ocorrer também. Nos grupos subsequentes, também encontraremos alguns universais implicacionais.

b) Segundo grupo: relaciona os universais sintáticos, evidenciando a presença de partículas interrogativas; a posição da oração principal em relação à subordinada; a posição do verbo principal e do auxiliar, a posição do pronome demonstrativo, do advérbio, do adjetivo, do numeral, e do caso do genitivo. Chamamos apenas à atenção o universal 8 (oito), que trata de elementos entonacionais relacionados à interrogação, por isso foi alocado neste grupo:

8. Traços entonacionais em perguntas afirmativas ou negativas são calculados mais a partir do fim da frase do que do início.
9. Quando as partículas interrogativas ou afixos são especificados em posição de referência para toda a frase, se for em posição inicial, provavelmente a língua é preposicional, se for em posição final, é posposicional.
10. Partículas interrogativas ou afixos quando especificados em posição de referência a uma palavra na sentença, quase sempre, precedem a palavra. Estas partículas não ocorrem em línguas com ordem dominante VSO.
11. A anteposição do V em relação ao S ocorre somente em línguas em que a palavra interrogativa QU ocupa posição inicial na frase. Essa inversão ocorre em questões afirmativas ou negativas somente se ocorre em interrogativas.
12. Línguas VSO em frases declarativas sempre têm palavras interrogativas no início da frase. Línguas SOV não têm posição fixa para as palavras interrogativas.
13. Se o objeto nominal precede o verbo, então o verbo da oração subordinada precede o verbo da oração principal.
14. As orações condicionais precedem orações conclusivas.
15. Em expressões de desejo e propósito, o verbo principal está sempre anteposto ao verbo subordinado, exceto em línguas com ordem dominante OV.
16. Em línguas com ordem dominante VSO, o auxiliar precede o verbo. Em línguas com ordem dominante SOV, o verbo precede o auxiliar.
17. Línguas com ordem dominante VSO, provavelmente têm o adjetivo após o nome.
18. Quando o adjetivo descritivo precede o nome, provavelmente, numeral o demonstrativo provavelmente também o precedem.
19. Se a regra geral da língua for do nome anteceder o adjetivo, pode haver exceções, numa minoria ocorrer do adjetivo preceder

o nome. Se a regra geral for do adjetivo anteceder o nome, não haverá exceções.

20. Se o demonstrativo, o numeral e o adjetivo estão antepostos ao nome, ocorrem nessa ordem. Se o demonstrativo, o numeral e o adjetivo estão pospostos ao nome, a ordem é então inversa: adjetivo, numeral, demonstrativo.
21. Se algum ou todos os advérbios estão pospostos aos adjetivos, este está posposto ao nome e o objeto nominal posposto ao verbo, na ordem dominante.
22. Em comparações de superioridade, a sequência “padrão-marcador- adjetivo” implica língua posposicional. A sequência “adjetivo-marcador-padrão” implica, provavelmente, língua anteposicional.
23. Se o nome próprio antecede o nome comum, provavelmente, o nome antecede o genitivo. Se o nome comum antecede o nome próprio, provavelmente, o genitivo antecede o nome.
24. Se a expressão relativa precede o nome, a língua é posposicional, ou o adjetivo precede o nome, ou ocorrem ambas as implicações.
25. Se o verbo precede o objeto pronominal, o verbo precede o objeto nominal.

c) Terceiro grupo: relaciona os universais morfológicos, mas não sem se afastar de alguns fenômenos também sintáticos. São evidenciados o fenômeno da afixação; flexão, derivação; gênero, número e suas concordâncias:

26. Se uma língua tem afixos descontínuos, sempre terá prefixação, ou sufixação, ou ambos.
27. Se uma língua tem exclusivamente sufixo, ela é posposicional. Se uma língua tem exclusivamente prefixos, ela é preposicional.
28. Se a raiz está anteposta ou posposta à derivação e à flexão, a derivação sempre ocorre entre a raiz e a flexão.
29. Se uma língua tem flexão, ela terá também derivação.
30. Se o verbo tem categoria número-pessoa ou tem categoria de gênero, ele terá também categoria modo-temporal.
31. Se o sujeito ou o objeto concordam com o verbo em gênero, então o adjetivo também concorda com o nome em gênero.

32. Se o verbo concorda com o sujeito ou o objeto em gênero, o verbo também concorda com o sujeito ou objeto em número.
33. Quando a concordância de número entre verbo e nome é suspensa e a regra é baseada em ordem, verbo, no singular, precede nome.
34. Nenhuma língua tem número trial sem número dual, ou número dual sem plural.
35. Não há língua em que o plural não tem alguns alomorfes diferentes de zero, considerando que existem línguas em que o singular é expresso somente por zero. Número dual e trial raramente são expressos apenas por zero.
36. Se uma língua tem categoria de gênero, também tem categoria de número.
37. Uma língua não tem mais categorias de gênero no plural do que no singular.
38. O único caso que sempre tem apenas alomorfes zero é o do sujeito de verbo intransitivo.
39. Quando morfemas de número e caso estão presentes e ambos seguem ou precedem a base nominal, a expressão de número vem, quase sempre, entre a base nominal e a expressão de caso.
40. Quando o adjetivo está posposto ao nome, o adjetivo exprime todas as categorias de flexão do nome. Em tais casos, podem faltar evidências de uma ou todas essas categorias no nome.
41. Uma língua que tem o verbo posposto ao sujeito e ao objeto como ordem dominante, quase sempre tem sistema de casos.
42. Todas as línguas têm categorias pronominais envolvendo, pelo menos, três pessoas e dois números.
43. Se uma língua tem categorias de gênero no nome, tem categorias de gênero também no pronome.
44. Se uma língua tem distinção de gênero na 1ª pessoa, também tem distinção de gênero na 2ª pessoa e/ou na 3ª pessoa.
45. Se uma língua tem distinções de gênero no plural do pronome, também tem algumas distinções de gênero no singular.

A aplicação dos universais supracitados se destina mais especificamente a línguas de modalidade oral. Certamente, aquilo que trata da ordem dos lexemas na oração poderia ser parcialmente observado nas construções em línguas de sinais, mas não o que se diz sobre afixos de gênero ou número, uma vez que esse

fenômeno, como veremos ainda no próximo capítulo, apresenta característica bastante peculiar.

Ao tratar dos universais linguísticos, Hockett (1966, pp. 7-11) os entende como propriedades ou características partilhadas por todas as línguas orais, objeto de seu estudo. Desta forma, sistematiza 13 (treze) universais¹⁴, que podem ser adequadamente aplicados às línguas de sinais, observando, certamente, as especificidades decorrentes da modalidade gestual de realização. São eles:

1. “Canal oral-auditivo: o canal para toda comunicação linguística é oral-auditivo”.

Por tratar de línguas oral-auditivas, esse universal, certamente, se aplicaria a todas elas, mas a modalidade gesto-visual das línguas de sinais lhe garante outro tipo de canal, que, segundo Felipe (1988, p. 16), poderíamos definir como multicanal, utilizando-se simultaneamente da face, olhos, cabeça, corpo e mãos. Isso mostra que os universais propostos por Hockett não dão conta de todas as possibilidades de línguas naturais, mas apenas as orais-auditivas, como mencionamos acima.

2. “Difusão, transmissão e recebimento direcionado: todo artefato linguístico pode ser transmitido, difundido e recebido direcionadamente”.

Segundo Hockett, esse universal é decorrente do primeiro e não se aplicaria às línguas de sinais, em virtude da modalidade oral presente no primeiro universal. Todavia, a difusão, transmissão e recebimento nas línguas de sinais acontece de modo direcionado também.

3. “Desaparecimento rápido: uma palavra depois de proferida não existe mais fisicamente: é fugaz”.

Para ouvir aquilo que um indivíduo fala é preciso estar no momento exato da produção. As palavras depois de pronunciadas se esvaem. Esse universal é decorrente do primeiro. No caso das línguas de sinais, o mesmo pode ser observado, levando em consideração os meios de produção e captação gesto-visual.

¹⁴ A tradução dos universais é uma proposta nossa.

4. “Permutabilidade: membros adultos de qualquer comunidade de falantes são alternadamente transmissores e receptores de fala”.

Essa característica é compartilhada indistintamente por línguas de qualquer modalidade.

5. “Feedback completo: um transmissor de fala é também receptor na mesma língua”.

Esse universal se aplica a toda modalidade linguística, pois não há distinção na função dos seus usuários.

6. “Especialização: a energia direcional para a produção de fala é algo biologicamente simples. Apenas o efeito produzido (o enunciado) pela transmissão deve ser levando em consideração”.

Diferentemente dos animais não racionais, cuja produção de linguagem é puramente instintiva, a produção de linguagem humana gera uma interação consciente e possível de construção de sentido racional. Neste caso, tudo se aplica a toda existência de língua natural.

7. “Semanticidade: os elementos linguísticos exercem função de organizar e correlacionar a vida da comunidade falante de uma língua, pois existem vínculos associativos entre os elementos sígnicos e as características do mundo”.

Aquilo que tratamos sobre a experiência do homem no mundo a ontologia linguística, já que a língua, qualquer que seja, reflete um ponto de vista do homem com o mundo em que se insere. Em suma, trata-se do fenômeno da motivação ou iconicidade.

8. “Arbitrariedade: A relação entre um elemento significativo numa língua e seu significado independe de qualquer semelhança física ou geométrica entre os dois”.

Assim como existem certa motivação/iconicidade linguística, ocorre também a arbitrariedade. Essas duas características existem em todas as línguas naturais e não poderiam deixar de existir nas línguas de sinais. É

verdade, porém, que, em se tratando das línguas gestuais, haja uma maior presença da iconicidade que da arbitrariedade. Esse fenômeno não desautoriza em nada o estatuto linguístico das línguas sinalizadas.

9. “Caráter discreto: os enunciados possíveis em qualquer língua constituem um repertório discreto e não um contínuo”.

A diferenciação entre enunciados é garantida pela dupla articulação, que está presente nas línguas humanas. O binômio fonema x morfema está presente também nas línguas de sinais: gerando um repertório discreto e facilmente possível como nas línguas orais-auditivas. Optamos por aplicar o mesmo termo ‘fonema’ para as línguas de sinais, mesmo que ocorram em modalidade gesto-visual. A respeito disto, trataremos mais detalhadamente no próximo capítulo.

10. “Deslocamento: os enunciados podem se referir a coisas remotas no tempo e/ou no espaço a partir do local de comunicação”.

A referenciação é uma característica muito relevante e produtiva nas línguas naturais. O mesmo seja dito das línguas de sinais, sobretudo no quesito do uso dos espaços mentais integrados, a ser tratado mais ainda em nosso trabalho.

11. “Produtividade: novos enunciados linguísticos podem ser fácil e livremente produzidos pelos falantes”.

Esse universal é bastante exequível em qualquer língua natural. Todos os falantes podem utilizar o conhecimento sistêmico da língua que fala e produzir outros enunciados gramaticais sejam por analogia, combinação ou transformação das estruturas já conhecidas. Desta forma, novos constructos semânticos são elaborados a depender do contexto de enunciados em que ocorrem.

12. “Tradição: as convenções de uma língua são transmitidas por ensino e aprendizagem e não por condução genética”.

Esse universal trata da transmissão que mantém e continua a existência duma língua entre seus usuários. Por meio dos seus próprios falantes, uma língua pode se manter viva como *locus* de interação entre os seus.

No caso dos surdos, isso é bastante diverso. Em muitos casos, as crianças surdas nascem em família de pais ouvintes e não recebem por primeira língua na modalidade gestual, pois seria sua língua natural, mas na modalidade falada, devendo fazer leitura labial. Muitos pais aprendem a língua de sinais, mas isso dificilmente acontecem em momento similar ao desenvolvimento de uma criança ouvinte, filha de pais ouvintes.

Quando pais surdos têm um filho surdo, a aquisição por parte da criança é regular como uma criança ouvinte, filha de pais ouvintes.

13. “Dualidade de padronização: toda língua possui um subsistema fonológico e subsistema morfológico”.

Também denominada dupla articulação, a dualidade de padronização compreende o subsistema fonológico com função distintiva, enquanto o morfológico com função significativa.

Nas línguas de sinais, os limites entre o nível fonológico e os demais níveis de análise é mais tênue que nas línguas orais. Sobre esse aspecto trataremos detalhadamente no capítulo segundo de nossa tese.

14. “Prevaricação: numa língua, podem existir enunciados falsos ou sem sentido lógico”.

Uma língua apresenta possibilidade de produção de enunciados falsos, entretanto os universais 7 (Semanticidade) e 10 (Deslocamento) podem conferir ao suposto enunciado falso a veracidade, pois uma informação pode ser referenciada a uma entidade remota, por exemplo.

15. “Reflexividade: numa língua, um falante pode usar a língua para falar a respeito de qualquer assunto e até a respeito da mesma língua”.

A língua pode se reportar a todo que qualquer assunto ou tema. Não existe restrição para isso. Esse universal se aplica a toda língua natural existente no mundo.

16. “Aprendizagem: um falante de uma língua pode aprender outra”.

Esse universal retoma o universal 12 (Tradição). A aprendizagem de uma nova língua se realizará pela exposição de um indivíduo a língua alvo de sua aprendizagem. A língua não é transmitida geneticamente, tampouco por osmose, seu aprendizado está ligado a um esforço pessoal.

Conforme comentamos anteriormente, Hockett (1966) sistematizou tais universais um ano após Willian Stokoe (1965) ter publicado seu trabalho que confere às línguas de sinais seu estatuto linguístico. Fazendo as devidas adaptações quanto à modalidade das línguas gestuais, os universais podem ser aplicados a elas.

1.2.1 Os universais linguísticos nas línguas de sinais

A manifestação de Universais Linguísticos em línguas sinalizadas, observada a modalidade gesto-visual, apresenta muitos dos mesmos fenômenos presentes nas línguas orais. Sandler & Lillo-Martin (2006), analisando algumas línguas de sinais, propuseram alguns universais linguísticos, a nosso ver numa perspectiva indutiva, partindo, pois de casos particulares a constructos mais generalizados.

Todos os fenômenos apresentados nos níveis fonológico, morfológico e sintático serão apresentados de modo mais detalhado e espaçado quando tratarmos sobre a Libras no capítulo subsequente, uma vez que as autoras utilizaram das investigações em Libras desenvolvidas por Quadros & Karnopp (2004) para compor o conjunto de línguas de sinais para indicar os universais linguísticos nas línguas sinalizadas. Elencaremos apenas os fenômenos sistematizados por Sandler & Lillo-Martin (2006).

No nível fonológico, as autoras afirmam que

em alguns aspectos muito significativos, as línguas de sinais são surpreendentemente como as línguas orais no nível fonológico da estrutura, apoiando a visão de que existem universais fonológicos, independentemente da modalidade da língua. Ao mesmo tempo, existem diferenças significativas (SANDLER & LILLO-MARTIN 2006, p. 272).

Muitos estudos sobre a Fonologia das línguas de sinais utilizam o radical ‘Fono’, mesmo que se trate de uma língua sem sons, pois as investigações aproximam

muito mais que distanciam quando expostos os fenômenos de línguas de modalidades tão distintas. Neste caso, optamos por usar Fonologia. Mais adiante votaremos a essa mesma reflexão.

Alguns universais (op. cit., 272-274):

1. Existe um nível sublexical da estrutura que é não-significativa, discreta, finita e sistematicamente organizada.
2. Os traços fonológicos são organizados em categorias correspondentes aos seus articuladores, e essas categorias são organizadas hierarquicamente.
3. Assim como as línguas orais apresentam seus processos ou restrições por meio de consoantes ou vogais, as línguas de sinais apresentam os mesmos fenômenos através das configurações de mão e dos movimentos.
4. A estrutura fonológica não-linear existe em todas as línguas, entretanto há uma especificidade nas línguas de sinais em função da sua modalidade. O ponto de articulação é proeminente em relação aos demais parâmetros, em virtude da sua visualização. As possibilidades de segmentação das configurações de mão são o mais complexo e produtor elemento em todo sistema sublexical nas línguas de sinais, consistindo numa classe hierarquicamente organizada de várias características.
5. Há uma maior recorrência da simultaneidade que da sequencialidade.
6. Existe uma estrutura prosódica presente nas línguas de sinais.
7. Existe uma possibilidade bastante rica, porém finita na variedade de movimentos para a constituição de sinais.
8. A modalidade gesto-espacial exercerá efeitos na fonologia da língua.

Há ainda uma tentativa de se estudar, fonologicamente, a estruturação silábica na organização sublexical do sinal em línguas de sinais. Não nos cabe no momento adentrar nesta seara, uma vez que não nos parece ainda consistente essa investida em busca de correspondências tão exatas entre línguas de sinais com línguas orais – esta aproximação/correspondência não garante maior ou menor estatuto linguística às línguas, que, por sinal, já são naturais. Passemos, então à exposição do nível Morfológico no que tange aos universais linguísticos.

Sandler & Lillo-Martin (2006, p. 21) afirmam que

as línguas de sinais têm uma larga variedade de processos morfológicos, alguns amplamente produtivos, alguns idiossincráticos,

todos influenciados pelos princípios gerais de organização linguística, bem como bastante moldados por seus fatores de modalidade específica.

Não poderia ser diferente para uma língua que envolve tamanha plasticidade em sua estruturação morfológica. Neste sentido, alguns universais são definidos:

1. Todas as línguas de sinais naturais têm uma base icônica.
2. Existem restrições morfológicas independentemente da iconicidade.
3. Existem propriedades morfológicas clássicas, tais como afixação sequencial, derivação, flexão, composição, alomorfia.
4. As línguas de sinais são classificadoras e possuem um sistema bastante rico e de grande variabilidade, que é produzido pelas mãos, face e corpo, sendo captado pela visão.
5. Os classificadores verbais incorporam facilmente a semântica dos objetos.

Os diversos níveis de análise linguística apresentam características que transcendem seus limites chegando a outros domínios. O universal morfológico (5) já alcança espaço sintático. Isso se deve ao fato de que muitas orações podem ser compostas por um único sinal, no qual se encontram, sintaticamente, Sujeito+Verbo+Objeto. Essa característica em línguas de sinais não dificulta o sentido a ser extraído do constructo linguístico, apenas evidencia a capacidade de elaboração e sintetização que a língua possui. Tendo chagado às fronteiras da sintaxe, avancemos neste nível de análise.

Num primeiro momento, ao falar de sintaxe, vem logo à tona a estrutura básica da oração, mas, antes, é preciso destacar a especificidade da sintaxe nas línguas de sinais: a espacialidade. Esse recurso confere às línguas gestuais um tratamento bastante específico em virtude de sua modalidade. Sobre os espaços, trataremos com afinco no capítulo a seguir.

Alguns universais sintáticos podem ser apontados:

1. A ordem básica da oração é SVO, mas possibilita outras combinações hierarquicamente requeridas por essa ordem.

2. A sintaxe das línguas de sinais permite construções classificadoras, podendo haver concordância do verbo com o sujeito ou com o objeto (incorporação semântica).
3. As línguas de sinais permitem a elisão dos argumentos na oração.
4. As línguas de sinais fazem uso de marcadores não manuais para acompanhar estruturas sintáticas específicas.
5. Existe distinção entre as orações coordenadas e as recursivamente adicionadas de maneira assindética.

Da mesma forma como visto nos níveis fonológico e no morfológico, a sintaxe das línguas de sinais apresenta várias similaridades com as línguas faladas. Entretanto, Sandler & Lillo-Martin (cf. 2006, p. 478ss) fazem um apanhado específico das línguas de sinais: a modalidade e seus efeitos. Esse traço característico das línguas naturais gestuais requer não um olhar diferenciado, mas adequado às suas especificidades, pois o elemento espacial viabiliza e restringe, a seu modo, estruturas fonológicas morfológicas e sintáticas, já que está diretamente ligado a questões de ordem física.

Para as autoras, os efeitos da modalidade gesto-espacial apresentam alguns universais que podem ser definidos como:

1. O uso do espaço: a sintaxe das línguas de sinais é bastante chamada de sintaxe espacial, tendo em vista o importante componente para a sinalização. Dele provêm:
 - a referência pronominal (dêiticos);
 - a realização dos verbos de concordância e seus aspectos linguísticos e extralinguísticos;
 - os tipos de espaços mentais integrados: real, sub-rogado e *token*.
 - as construções classificadoras
2. A simultaneidade: mais recorrente forma de estruturação fonológica e morfossintática. A simultaneidade decorre basicamente:
 - da iconicidade (motivação);
 - da natureza do sistema de produção e recepção; e
 - dos processos de restrição.

3. A motivação morfossintática: a base da língua está intimamente ligada à epifania das entidades do mundo real, sejam os objetos, os eventos, as qualidades e as relações representadas numa relação empírica da percepção do homem com o mundo que o rodeia. Tudo isso motiva as línguas de sinais em maior escala que as línguas faladas.
4. A jovialidade das línguas de sinais seu desenvolvimento: consiste na situação sociolinguística em que as línguas de sinais se encontram e no caminho no qual elas se desenvolvem ao longo do tempo. As línguas de sinais são relativamente novas, entre 250-300 anos. Com isso, pode-se afirmar que os fenômenos nelas existentes são/estão, na verdade, processos de emergência.

Não é a modalidade distinta de línguas faladas ou gestuais que as afasta, tampouco não é o estatuto de línguas naturais que as aproxima: apenas há características peculiares que as especificam e especializam individualmente. A semântica será, portanto, como para todas as línguas, um elemento importantíssimo para a morfossintaxe das línguas de sinais, já que figura como determinante para as escolhas lexicais e seu emprego nas estruturas oracionais, enfim, para a forma e função da língua em análise.

Descrever as línguas é uma tarefa tão complexa quanto fascinante. Debrucemo-nos agora na apresentação da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Iniciemos pelo estatuto linguístico conquistado pela Língua Americana de Sinais e, por meio desta conquista, as demais línguas sinalizadas. Para depois adentrarmos nos diversos níveis de análise da Libras

2 A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UMA LÍNGUA NATURAL

*"The language [ASL] I finally discovered when I was 14 years old
Made me understand what's happening around me.
For the first time, I understood what was happening and
finally started to learn. Now my education brain is blossoming."*

Gallaudet undergraduate
November 1990

2.1 AS LÍNGUAS DE SINAIS E SEU ESTATUTO LINGUÍSTICO

O pai da Linguística das línguas de sinais, William Stokoe (1960), recebeu esse título por ser o pioneiro a desenvolver estudos nesta seara, contestando concepções equivocadas e superficiais acerca das línguas sinalizadas, que eram consideradas produto de "figuras desenhadas no ar com as mãos". Desta feita, Stokoe garantiu às línguas sinalizadas o estatuto de língua natural, devendo, pois, ser também estudadas pela Linguística, distinguindo apenas seu modo de realização e percepção: enquanto as línguas oro-auditivas se realizam por meio do aparelho fonador e são captadas pelo órgão da audição, as línguas de sinais se concretizam por meio de, precipuamente, gestos manuais, que são captados pela visão, por isso são denominadas línguas de modalidade gesto-visual ou visuo-espacial, ou ainda visuo-motora.

Stokoe (1965/2000) analisou a estrutura interna dos sinais na Língua Americana de Sinais - ASL (*American Sign Language*) -, sendo, posteriormente, este estudo utilizado por diversos pesquisadores na aplicação a outras línguas sinalizadas. A partir de suas observações, Stokoe (1965/2000) afirma que os sinais são formados por três elementos distintivos entre si, denominados por ele de 'aspectos', contudo são mais conhecidos como parâmetros:

1. *Tabula (tab)* – locação: "o lugar onde o sinal é feito".¹⁵

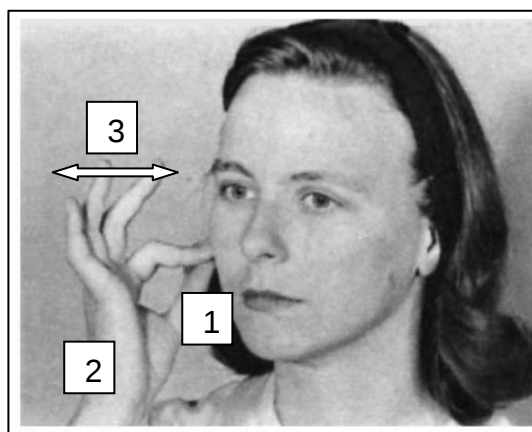
¹⁵ STOKOE, 1965 in: VALLI & LUCAS, 2000, p. 243.

2. *Designator (dez)* – configuração da mão: “a configuração distintiva da mão ou das mãos fazendo o sinal”.¹⁶

3. *Signation (sig)* – movimento: “a ação da mão ou das mãos”.¹⁷

Abaixo, ilustramos a realização desses parâmetros através do sinal *FRUIT* (fruta), em Língua Americana de Sinais¹⁸:

Figura 01
Os parâmetros na ASL



1 – *Tabula*: Locação

2 – *Designator*: Configuração de mão

3 – *Signation*: Movimento

Fonte: Stokoe (1965/2000), p. 247.

Na figura ilustrativa, podemos identificar:

1. *Tabula (tab)* – locação: bochecha ipsilateral, no mesmo lado da mão sinalizadora.
2. *Designator (dez)* – configuração da mão: mão em ‘F’ – polegar sobre o indicador, tocando-lhe a ponta.
3. *Signation (sig)* – movimento: contato com o ponto de articulação, movimentando no mesmo lugar para esquerda e direita.

As semelhanças na realização dos sinais, no que tange a sua composição estrutural, abriram caminhos para que as línguas de sinais pudessem ser estudadas pela Linguística. A produção e realização de um sinal dizem respeito aos estudos fonológicos das línguas de sinais, aos quais Stokoe (1960/1978) preferiu chamar de QUIROLOGIA, haja vista que em grego o radical ‘*quiros-*’ significa mão. Isso se deve à forma do meio articulatório para a concretização de um sinal, que ocorre,

¹⁶ Idem, ibidem.

¹⁷ Idem, ibidem.

¹⁸ Utilizaremos a proposta de Felipe (2001) no quesito transcrição da Libras, que pode ser encontrado nos apêndices.

basicamente, por meio das mãos. Alguns autores posteriores a Stokoe (1960/1978; 1965/2000) preferiram o termo Fonologia: Battison, 1978b; Klima & Bellugi, 1979; Lidell, 1984; Lidell & Johnson, 1989. Os autores citados acreditam que o termo Fonologia aproxima mais as análises linguísticas de línguas de modalidades de realização diferentes: oro-auditivas x gesto-visuais.

Acreditamos que a terminologia apresentada por Stokoe (1960/1978) é condizente com a modalidade por meio da qual as línguas de sinais se materializam, como mencionamos ainda há pouco: gesto-visual ou visuo-espacial, ou ainda visuo-motor. Isso em nada desabona o estatuto destas línguas, tampouco dificulta a possibilidade de análise por meio de teorias linguísticas; ao contrário, especifica e explicita características peculiares das línguas de sinais. No entanto, utilizaremos o termo Fonologia para nos referirmos ao estudo da estrutura interna dos sinais. Como já aconteceu com teóricos posteriores a Stokoe e como vem acontecendo com outros expoentes já aqui no Brasil: Ferreira-Brito, 1995 e Quadros & Karnopp, 2004. Sabemos que etimologicamente esse termo – Fonologia – remete ao aspecto sonoro na produção de fonemas das línguas orais, mas pela equivalência dos fenômenos, faremos uso do referido termo.

Numa analogia às línguas orais, os parâmetros analisados por Stokoe nas línguas de sinais apresentam uma quantidade finita de realização e de combinação entre si. A seguir, serão arroladas as possibilidades de articulação de cada parâmetro, segundo o estudo do referido autor.

Iniciemos pela locação ou ponto de articulação, nomeado por Stokoe como *Tabula (tab)*¹⁹, que apresentam 12 possibilidades.

Possibilidades de Locação (STOKOE, 1965/2000):

- 1 – espaço neutro onde as mãos se movem à frente do sinalizador
- 2 – rosto ou cabeça
- 3 – testa, sobrancelha ou região superior da face
- 4 – face mediana, região dos olhos e nariz

¹⁹ Mais uma vez lembramos que as análises de Stokoe (1960 e 1965) se refiram a ASL (Língua Americana de Sinais). Mas foram o pontapé para que análises semelhantes fossem concretizadas em outras línguas de sinais pelo mundo. Assim como nas línguas orais, a produção de fonemas é diversa de uma língua para outra, nas línguas de sinais, o mesmo pode acontecer. Certamente, uma língua de sinais pode utilizar determinada configuração de mão que outra não faça uso.

- 5 – queixo, região inferior da face
- 6 – bochecha, têmporas, orelha ou face lateral
- 7 – pescoço
- 8 – tronco, dos ombros até o quadril
- 9 – braço (região superior)
- 10 – cotovelo e antebraço
- 11 – pulso (região interna)
- 12 – pulso (região externa)

Mas adiante, quando tratarmos especificamente da Libras, apresentaremos um maior número de possibilidades de locação, a partir de pesquisas aplicadas a ela.

Passaremos agora às possibilidades de Configuração de mão, para Stokoe, *Designator (Dez)*, que somam um total de 19 configurações.

Possibilidades de Configuração de mão (STOKOE, 1965/2000):

- 1 – punho cerrado (como as letras A, S ou T²⁰)
- 2 – mão lisa e aberta com dedos unidos
- 3 – mão aberta com dedos separados
- 4 – mão curvada, formando a letra C
- 5 – mão em forma de garra (como letra E)
- 6 – mão em F (polegar sobre o indicador, tocando-lhe a ponta)
- 7 – mão apontando com o indicador (como as letras D e G²¹)
- 8 – mão apontando com dedos indicador e médio juntos (como as letras H²² e U)
- 9 – dedo mínimo estendido (como a letra I)
- 10 – dedo polegar toca a base do dedo médio, estando o anular e mínimo completamente rebaixados (como as letras K ou P)

²⁰ Os alfabetos manuais utilizados pela Língua Americana de Sinais (ASL) e pela Língua Brasileira de Sinais (Libras) são bastante semelhantes. Tais alfabetos formam as configurações primitivas para derivação de outras configurações. Divergem eles dois apenas as letras G, H, Q, T. Apresentamos os dois alfabetos nos apêndices. Nas configurações apresentadas por Stokoe (1965/1978), é utilizado o alfabeto manual americano.

²¹ Vide nota acima.

²² Vide nota acima.

- 11 – mão formando ângulo com os dedos polegar e indicador (como a letra L)
- 12 – mão com três dedos estendidos: polegar, indicador e médio (como numeral 3)
- 13 – mão arredondada (como a letra O)
- 14 – dedos indicador e médio cruzados (como a letra R)
- 15 – dedos indicador e médio estendidos (como a letra V)
- 16 – dedos polegar e mínimo tocam-se, os demais estendidos (como letra W)
- 17 – mão em gancho (como a letra X)
- 18 – mão em chifres (como a letra Y)
- 19 – apenas dedo mínimo estendido, polegar tocando a ponta dos dedos (esta é uma variação da letra Y)

Na Libras, apesar de estudos mais recentes, optamos por utilizar a pesquisa de Lucinda Ferreira-Brito (1995/2010), por ser considerada um marco no estudo linguístico dessa língua, que trataremos numa seção posterior a esta.

O mesmo se diga sobre o parâmetro Movimento ou *Signation (Sig)*, quando Stokoe (1965/2000) contabilizou 24 (dezesesseis) possibilidades. Na Libras, a respeito da qual trataremos mais a frente, existem 50 (cinquenta) possibilidades de movimentos, subdivididos em quatro categorias²³.

Possibilidades de Movimento (STOKOE, 1965/2000):

- 1 – movimento ascendente (direção vertical)
- 2 – movimento descendente (direção vertical)
- 3 – movimento ascendente e descendente (direção vertical)
- 4 – movimento para a direita (lateralidade)
- 5 – movimento para a esquerda (lateralidade)
- 6 – movimento de um lado para o outro (lateralidade)
- 7 – movimento em direção ao sinalizador (direção horizontal)
- 8 – movimento partindo do sinalizador para frente (direção horizontal)

²³ Um maior número de possibilidades de realização de Configuração de mão, Locação e Movimento que informamos na Libras deve-se ao fato de citarmos pesquisas mais recentes em relação a esta língua. Na ASL, os estudos atuais são bastante próximos à nossa língua sinalizada.

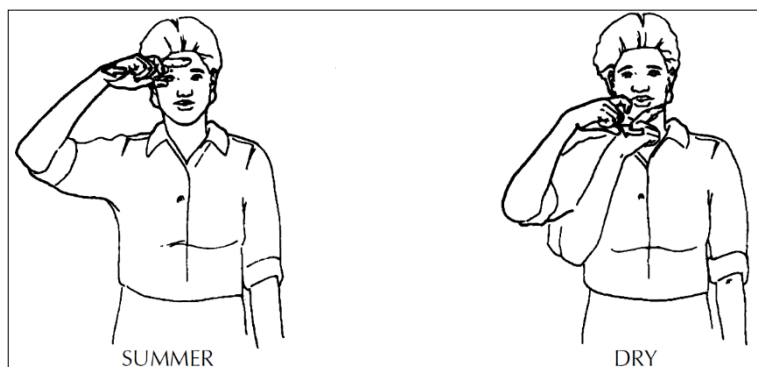
- 9 – movimento indo e voltado em relação ao sinalizador (direção horizontal)
- 10 – rotação supinada de impulso (afastamento)
- 11 – rotação pronada de impulso (aproximação)
- 12 – movimento de torção (ação de rotação)
- 13 – movimento de aceno
- 14 – ação de abertura (a configuração final deve vir entre parênteses)
- 15 – ação de fechamento (a configuração final deve vir entre parênteses)
- 16 – ação de balanço dos dedos
- 17 – ação circular
- 18 – ação de convergência, aproximação (interação)
- 19 – ação de contato, toque (interação)
- 20 – ação de ligação (interação)
- 21 – ação de ultrapassar (interação)
- 22 – ação de entrada (interação)
- 23 – ação contrária, separação (interação)
- 24 – ação de troca

Os três aspectos, ou seja, parâmetros, propostos por Stokoe (1965/2000) apresentam também uma forma de notação de como o sinal seria realizado no momento de sinalização. No apêndice, disponibilizamos todo o sistema proposto por este autor no original.

Tais parâmetros revelam que eles podem assumir um valor contrastivo, quando analisados na realização de um sinal. O mesmo ocorre nas línguas orais, isso reforça a semelhança estrutural entre essas línguas de modalidades diversas.

Por conseguinte, além da possibilidade e finitude de manifestação dos parâmetros, sua combinação pode criar o fenômeno dos pares mínimos, que são pares de sinais que se diferenciam em um único traço dos parâmetros propostos, ou seja, há uma diferença que, mesmo sendo mínima, cria significado distinto (STOKOE, 1965; BATTISON, 1978b). Na Língua Americana de Sinais (ASL), Valli&Lucas (2000, p. 20) ilustram esse fenômeno com os sinais *SUMMER* e *DRY* (verão e seco, respectivamente), que se opõem à locação (*Tab*):

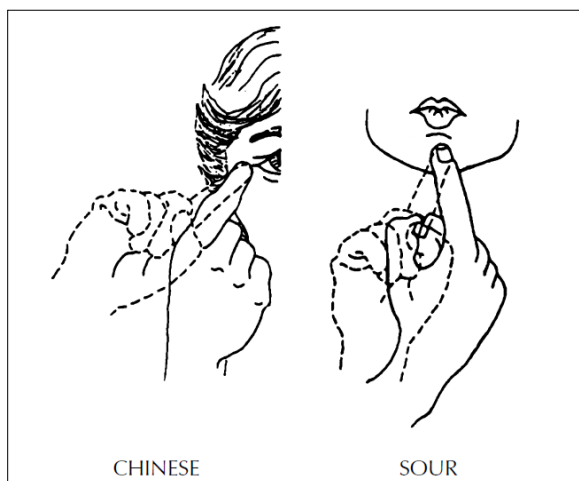
Figura 02
Sinais SUMMER e DRY



Fonte: Valli&Lucas (2000, p. 20)

Em outro exemplo ilustrativo, os sinais *CHINESE* e *SOUR* ('chinês' e 'amargo') também apresentam elemento contrastivo apenas na Locação (Tab), Battison (1978b/2000):

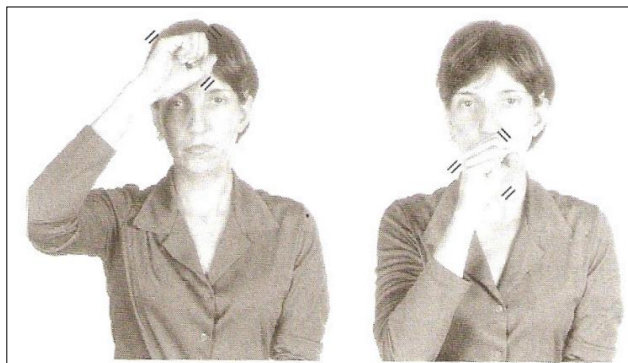
Figura 03
Sinais CHINESE e SOUR



Fonte: Battison 1978b/2000, p. 237.

Na Libras, podemos citar, como exemplo, os sinais *APRENDER* e *SÁBADO*, que também apresentam similitude na Configuração de mão (Dez) e Movimento (Sig), distinguindo-se na Locação (Tab), como ilustra a imagem abaixo:

Figura 04
Sinais APRENDER e SÁBADO



Fonte: Quadros & Karnopp, 2004, p. 52

Ampliando os estudos precursores de Stokoe (1960;1965), Battison (1974; 1978a; 1978b) acrescentou dois outros parâmetros aos já anteriormente existentes:

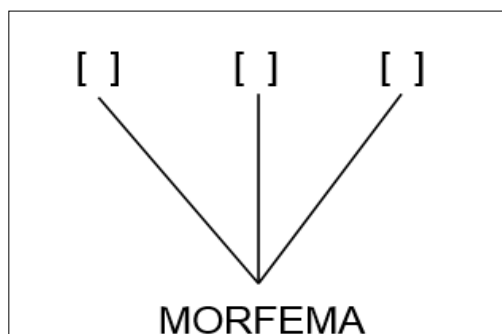
(i) Orientação da mão: “Por definição, orientação é a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal” (QUADROS, 2004, p.59). Esse parâmetro exerce valor contrastivo, podendo ser fator determinante para a realização de um significado distinto, criando um novo sinal.

(ii) Expressões não-manuais ou Expressões faciais: são “movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco” (QUADROS, 2004, p.60). Servem para marcar as construções sintáticas (frases afirmativas, interrogativas, negativas ou exclamativas), como também explicitam características semânticas dos itens lexicais.

Stokoe (1960), ainda no nível estrutural, analisando a composição dos sinais, confere aos parâmetros o valor de unidades mínimas, que corresponderiam ao que chamamos de fonema nas línguas orais.

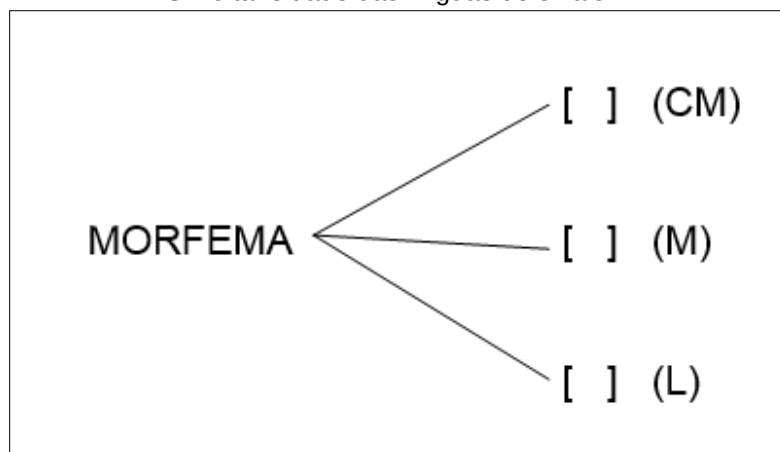
Nas línguas orais, a produção de um fonema segue uma ordem linear, observando uma sequência horizontal no tempo. Já as línguas de sinais apresentam a produção de maneira simultânea, cuja combinação fonêmica gera uma unidade lexical ou um morfema. Hulst (1993, p.210) propõe um esquema diferenciando a produção fonêmica sequencial e visêmica simultânea nas línguas orais e visuais, respectivamente:

Figura 05
Sequencialidade nas línguas orais



Fonte: adaptado de Hulst, 1993, p. 210.

Figura 06
Simultaneidade das línguas de sinais:

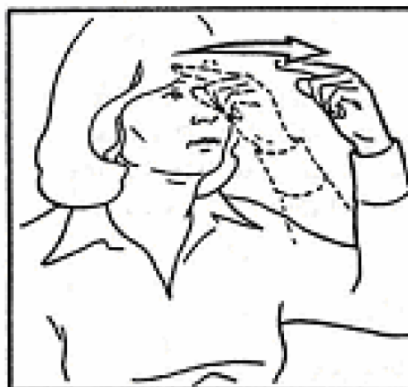


Fonte: adaptado de Hulst, 1993, p. 210.

A conclusão de que línguas de sinais e as línguas orais apresentam forma de articulação diferenciada distinguiu as peculiaridades entre as línguas de modalidades diversas, não criando, contudo, um abismo entre uma e outra no cenário da análise linguística. Pelo contrário, há mais semelhanças nos fenômenos nelas existentes, unindo-as, que diferenças que as possam afastar.

Stokoe (1965/2000) propõe uma observação para a existência da sequencialidade nas línguas de sinais, ao perceber, na ASL, movimentos antecedentes à realização de um sinal, como vemos a seguir:

Figura 07
Sinal *BLACK*



Fonte: Klima & Bellugi, 1979, p. 218.

No sinal *BLACK*, sua realização se dá no movimento linear da testa para frente com a mão configurada em [G]²⁴. O movimento se constitui da partida do movimento da mão configurada em [G] para frente, não incluindo o movimento que a mão executa para chegar à testa. Para Liddell (1984), descarta toda essa relevância atribuída por Stokoe (1965/2000) a esses movimentos antecedentes.

Para Liddell (1984), existem dois tipos de sinais quanto à caracterização dos movimentos:

- (i) Sinais unitários: apresentam estabilidade na realização do sinal, quando a Configuração de mão (CM)²⁵, a Locação (L) e a Orientação da mão (Or) são preservadas durante toda produção do sinal. Há uma subdivisão neste tipo de sinais:
 - (i.i) – sinais dinâmicos: com movimento, como vimos em *BLACK*.
 - (i.ii) – sinais modulados: são mantidos estáticos para indicar o aspecto durativo de uma ação, como em *LOOK AT* (olhar para), apresentado logo adiante:

²⁴ Para a indicação das Configurações de Mãos, utilizamos o quadro proposto por Ferreira-Brito (1995), conforme citamos anteriormente.

²⁵ Para facilitar a indicação dos Parâmetros, utilizaremos as seguintes abreviações:

CM – Configuração de mãos;

L – Locação;

M – Movimento;

Or – Orientação da mão;

ENM – Expressões não-manuais/Expressões faciais.

Figura 08
Sinal *LOOK AT* (olhar para)



Fonte: Klima & Bellugi, 1979, p. 293.

O segundo tipo de sinais descritos por Liddell (1984):

- (ii) Sinais sequenciais: os parâmetros constitutivos desses sinais são realizados observando a sequencialidade de maneira nítida. Este grupo de sinais forma a maioria das línguas sinalizadas. Em ASL, um exemplo ilustrativo apresentado por Liddell (1984) é em *WHEN* (quando). Vejamos:

Figura 09
Sinal *WHEN* (quando)



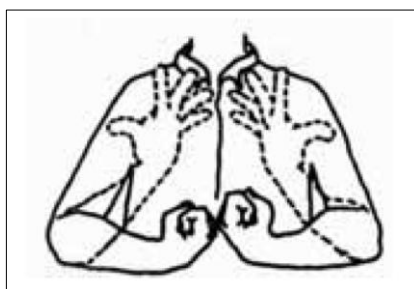
Fonte: Liddell & Johnson (1989/2000), p. 270.

O sinal apresentado é composto por um movimento circular entre os dedos indicadores, concluindo com um toque com a extremidade de cada dedo, exatamente na sequência indicada. Este é apenas um exemplo de vários tantos existentes na ASL, bem como na Libras.

Liddell (1984) e Liddell & Johnson (1989/2000) observaram com certa relevância a presença da sequencialidade de movimentos em alguns sinais. Não com a mesma ênfase, Stokoe (1965/2000) observou tal fenômeno como (i) uma

existência de Configurações de Mão distintas no início e no final da realização de um sinal e como (ii) Ponto de articulação inicial e Ponto de articulação final. Para o primeiro caso, temos como exemplo o sinal *RESTRAIN-FEELINGS* (reprimir sentimentos), em ASL:

Figura 10
Sinal *RESTRAIN-FEELINGS* (reprimir sentimentos)



Fonte: Battison (1978b/2000), p. 214.

Num momento inicial, o sinal apresenta a mão configurada completamente aberta com dedos espalhados e palmas para o plano teto, estando na altura do peito. Já num momento final, as mãos se encontram um pouco mais abaixo, na altura do abdômen, estado, porém, cerradas como na letras 'S'.

Não poderíamos entender a realização desse sinal se houvesse a inversão da sequência apresentada, como também numa língua oral não pronunciamos uma palavra de trás para frente. A sequencialidade é também, portanto, uma característica das línguas de sinais, visto que o movimento contido num sinal apresenta espacialmente um ponto locativo inicial e final ortodoxamente determinados.

O segundo caso poderia ser ainda interpretado como a existência de uma única configuração de mão, que parte de um Ponto de Articulação Inicial (PAI) para um Ponto de Articulação Final (PAF). Um exemplo disso seria o sinal de *INDIAN* (índio) em ASL, como vemos na figura subsequente:

Figura 11
Sinal INDIAN (índio)



Fonte: Klima & Bellugi (1979, p. 214)

Com a configuração de mão em letra 'F', a mão parte da lateral direita do nariz até a parte lateral direita da testa, nos dois momentos, há um contato de toque entre a mão e o ponto de articulação.

Liddell (1984) e Liddell & Johnson (1991) ampliam ainda essa análise, quando observam a sequencialidade também presente em Expressões não-manuais (ENM), como nos sinais (i) *NOON* (meio-dia) em que os lábios ficam cerrados durante toda a realização do sinal, e em (ii) *GIVEN-IN* (desistir), que apresenta duas ENM, sendo uma no momento inicial do sinal (lábios cerrados) e outra no momento final (lábios abertos).

Figura 12
Sinal *NOON* (meio-dia)



Fonte: Liddell (2003, p. 41)

Figura 13
Sinal *GIVEN-IN* (desistir)



Fonte: Liddell (2003, p. 41)

As Expressões não-manuais nos dois exemplos somam-se aos demais parâmetros, especializando-lhes o sentido. No primeiro, os lábios cerrados mostram a exatidão do horário: meio-dia. Já o segundo parece evidenciar o caráter de ‘lamentação’, presente no entedimento de ‘desistir’.

É, portanto, real e válido reafirmar que não só a simultaneidade, mas também a a sequencialidade são características presentes na estrutura interna das línguas de sinais, ampliando ainda mais o caráter linguístico que as línguas de modalidade visuo-espacial compreendem.

Tais estudos no nível da Fonologia iniciados por Stokoe, em ASL, e prosseguidos por demais autores como Battison, Liddell, Johnson foram importantíssimos para que outros estudiosos o fizessem nas demais línguas no mundo, como foi o caso aqui no Brasil com Ferreira-Brito e Quadros & Karnopp, que envidaram esforços para as análises em Libras, assunto sobre o qual trataremos na seção subsequente.

2.2 A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

Da mesma forma como outras línguas de sinais existentes no mundo, a Libras se concretiza na modalidade espaço-visual, uma vez que utiliza, como via de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais captadas pela visão. Por isso, diferencia-se das línguas oro-auditivas, que usam como via de comunicação sons apreendidos pelos ouvidos e transmitidos por um sistema articulatorio-perceptual de ordem oral, que também possuem estruturas gramaticais diferentes (FELIPE, 1998). No entanto, para Ferreira-Brito (1995, p. 36),

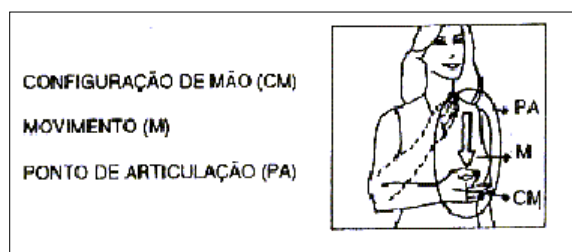
A diferença básica entre essas duas modalidades de língua não está, porém, no uso do aparelho fonador ou no uso das mãos no espaço, e sim em certas características de organização fonológica das duas modalidades: a linearidade, mais explorada nas línguas orais, e a simultaneidade, que é a característica básica das línguas de sinais.

Com isto, tal autora não exclui a existência da sequencialidade nas línguas de sinais, mas não apresenta esta característica como básica nestas línguas, conforme tratamos em seções anteriores.

2.2.1 A fonologia da libras

A Libras é um sistema linguístico que, por isso, se constrói a partir de regras claramente definidas pelo uso e se concretiza basicamente por movimentos das mãos, mas também a face e o corpo exercem funções semelhantes para a produção de sinais. Assim, como outras línguas de sinais, a estruturação sublexical da Libras apresenta os parâmetros primários: Configuração de mão (CM), Movimento (M) e Ponto de articulação (PA), como vemos no exemplo a seguir:

Figura 14
Os parâmetros básicos da Libras



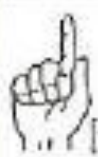
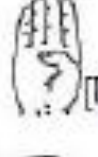
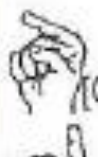
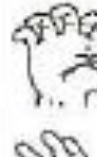
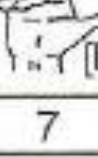
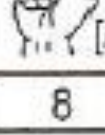
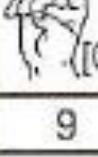
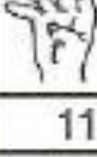
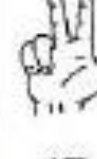
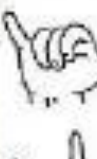
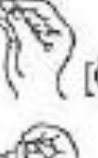
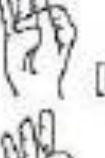
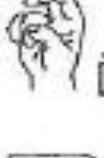
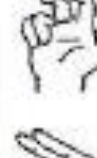
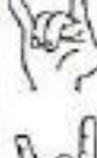
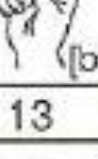
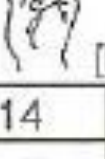
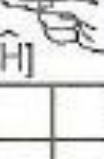
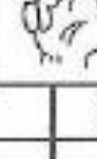
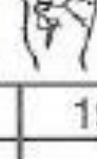
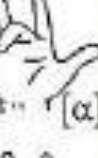
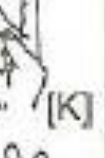
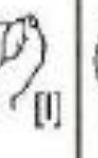
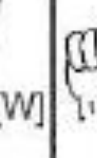
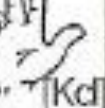
Fonte: Ferreira-Brito, 1995, p. 24.

Ferreira-Brito (1995, p. 36) ainda lista como parâmetros secundários a região de contato, a Orientação da(s) mão(s) e a Disposição das mãos. Baseando-se nos estudos iniciais de Stokoe (1960;1965) e, posteriormente, de Battison (1974); Bellugi, Klima e Siple (1975); e Baker (1983), bem como e, principalmente, nas análises de Ferreira-Brito e Langevin (1995), Quadros & Karnopp (2004) propõem a existência de cinco parâmetros na Libras, sobre os quais trataremos agora.

I – CONFIGURAÇÃO DE MÃO (CM)

Somando um total de 46 configurações de mãos, Ferreira-Brito (1995) agrupou por semelhança as possibilidades de realização em dezenove subgrupos, indicando-lhe ainda uma notação seguindo a proximidade com as letras do alfabeto manual.

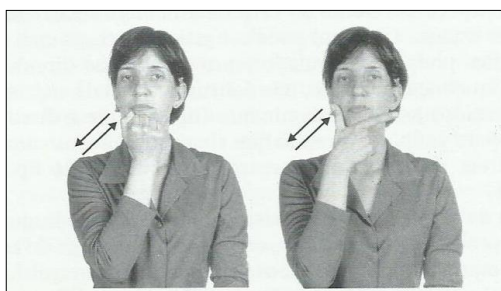
Figura 15
As 46 configurações de mão da LIBRAS

1	2	3	4	5	6	
 [B]	 [A]	 [G]	 [C]	 [5]	 [V]	
 [B̃]	 [Ā]	 [G ₁]	 [Ĉ]	 [5 ₄]	 [Ṽ]	
 [B _b]	 [A ₆]	 [G ₂]		 [5̃]		
 [B̂]	 [Ā ₁]	 [G ₄]		 [5̂]		
7	8	9	10	11	12	
 [O]	 [F]	 [X]	 [H]	 [3]	 [Y]	
 [Ô]	 [F̃]		 [Ĥ]	 [3̃]	 [Ỹ]	
 [bO]	 [F̂]		 [Ĥ̂]	 [3̂]	 [Ŷ]	
13	14	15	16	17	18	19
 [α]	 [K]	 [I]	 [R]	 [W]	 [L]	 [E]
 [α ₁]	 [K _d]				 [L̃]	

Fonte: Ferreira-Brito & Langevin, 1995, p. 220.

De uma língua sinalizada para outra, pode haver distinções no sistema de configuração de mãos, que não se reduz ao alfabeto manual. Ambas as autoras tocam no quesito da existência de pares mínimos, sendo, também, a Configuração de mão um traço distintivo na composição sublexical dos sinais. Como podemos ver no exemplo abaixo:

Figura 16
Par mínimo: Configuração de mão
PEDRA QUEIJO



Fonte: Quadros & Karnopp, 2004, p. 52.

II – MOVIMENTO (M)

O movimento desempenha uma função importantíssima na Libras. Este parâmetro é bastante complexo, podendo acontecer desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e antebraço; podem ser direcionais ou não; podem ainda variar quanto à maneira e à frequência, conforme está categoricamente sistematizado no quadro adiante:

QUADRO 01

CATEGORIAS DE MOVIMENTO

Categorias do parâmetro movimento na língua de sinais brasileira (Ferreira-Brito, 1990)	
TIPO	<u>Contorno ou forma geométrica</u>: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual <u>Interação</u>: alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado <u>Contato</u>: de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar <u>Torcedura do pulso</u>: rotação, com refreamento <u>Dobramento do pulso</u>: para cima, para baixo <u>Interno das mãos</u>: abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo)
DIRECIONALIDADE	<u>Direcional</u>: - <i>Unidirecional</i>: para cima, para baixo, para direita, para esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para a lateral inferior esquerda, para a lateral inferior direita, para a lateral superior esquerda, para a lateral superior direita, para específico ponto referencial²⁶ - <i>Bidirecional</i>: para cima e para baixo, para a esquerda e para direita, para dentro e para fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda <u>Não-direcional</u>
MANEIRA	<u>Qualidade, tensão e velocidade</u> - contínuo - de retenção - refreado
FREQUÊNCIA	<u>Repetição</u> - simples - repetido

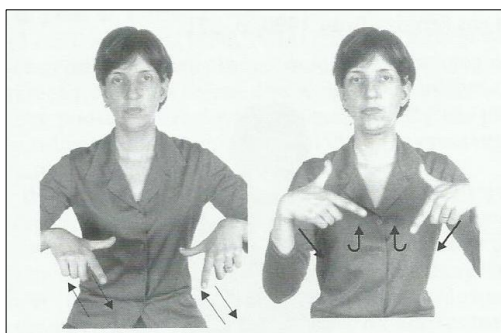
Fonte: Quadros & Karnopp, 2004, p. 56.

²⁶ O termo 'referencial' aqui deve ser concebido na acepção matemática, em que um corpo em movimento sempre está relacionado a um ponto no espaço, no caso da sinalização na Libras, a mão do sinalizador apresentará um ponto referencial a ela no espaço.

A complexidade descrita por Ferreira-Brito & Langevin (1995) toca em elementos como a assimetria da mão; o percurso desenvolvido pela mão, pulso, antebraço; e a velocidade.

Da mesma forma quanto à Configuração de mão pode-se indicar a existência de par mínimo, os Movimentos podem ser traço distintivo na composição de sinais diferentes. Um exemplo disto são os sinais TRABALHAR e VÍDEO, conforme apresentamos a seguir.

Figura 17
Par mínimo: movimento
TRABALHAR VÍDEO

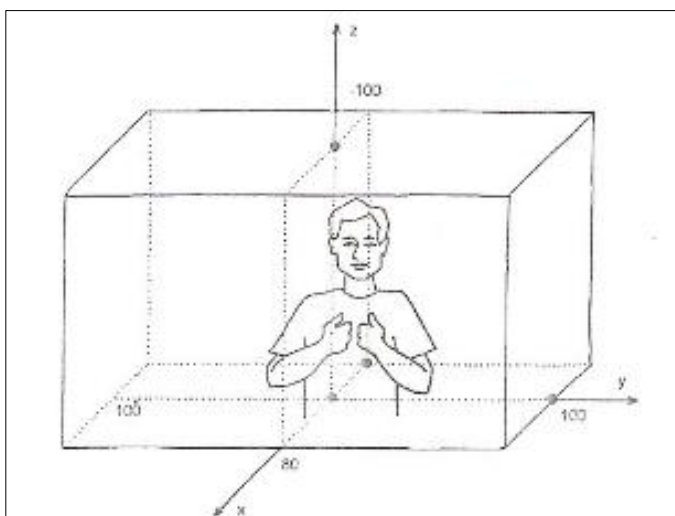


Fonte: Quadros & Karnopp, 2004, p. 52.

III – LOCAÇÃO (L)

Denominado por Ferreira-Brito (1995, p. 214) como Ponto de articulação (PA), Quadros & Karnopp (2004, p. 57) classifica este parâmetro como Locação (L), que é o espaço de enunciação no qual estão contidos todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados, observando a liberdade de três eixos: frente-atrás; esquerda-direita; e para cima-para baixo, como visualizamos no esquema a seguir:

Figura 18
Espaço de realização dos sinais



Fonte: Ferreira-Brito & Langevin, 1995, p. 215.

O quadro subsequente elenca as locações reunidas por Friedman (1977), passando por uma adaptação à Libras por Ferreira-Brito & Langevin (1995, p.216), que propôs uma subdivisão em quatro regiões principais: cabeça, tronco, braços e mão. Há ainda indicação para Perna e Espaço Neutro.

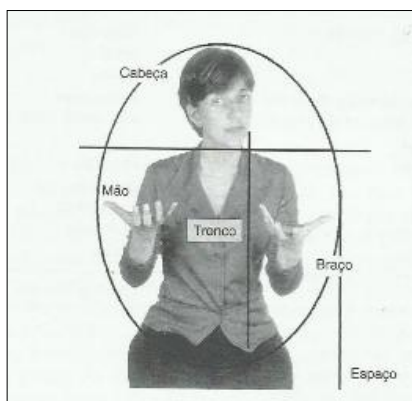
QUADRO 02
REGIÕES DE LOCAÇÃO

CABEÇA	MÃO
topo da cabeça testa rosto parte superior do rosto parte inferior do rosto orelha olhos nariz boca bochechas queixo zona abaixo do queixo	Palma Costa da mão Lado indicador Lado do dedo mínimo Dedos Ponta dos dedos Nós dos dedos (junção entre os dedos e a mão) Nós dos dedos (primeira junta dos dedos) Dedo mínimo Anular Dedo médio Indicador Polegar Interstício entre os dedos Interstício entre polegar e indicador Interstício entre indicador e médio Interstício entre médio e anular Interstício entre anular e mínimo
TRONCO	BRAÇOS
Pescoço ombro busto estômago cintura	braço antebraço cotovelo pulso
PERNA	ESPAÇO NEUTRO

Fonte: Ferreira-Brito & Langevin (1995, pp. 216-218).

A seguir, Quadros & Karnopp, inspiradas em Battison (1978, p.49), ilustram o espaço de realização dos sinais e as quatro áreas principais de articulação dos sinais. Neste espaço, algumas áreas podem ser pontualmente marcadas como a ponta do nariz ou ainda a extremidade do dedo indicador, por outro lado, há também a indicação de algumas áreas mais abrangentes, como a região à frente do tórax, também conhecida como espaço neutro, local onde se realiza uma grande quantidade de sinais não só na Libras, mas também em outras línguas de sinais. Vejamos a figura:

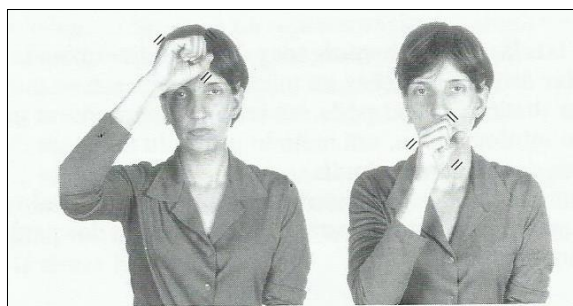
Figura 19
Espaço de realização dos sinais



Fonte: Quadros & Karnopp, 2004, p. 57.

A existência de par mínimo quanto ao espaço, já foi ilustrado em momento anterior, por isso rerepresentamos a imagem 02 para ilustrar o fenômeno em tela. São, respectivamente, os sinais: APRENDER e SÁBADO:

Repetição da Figura 04
Par mínimo: locação
APRENDER SÁBADO

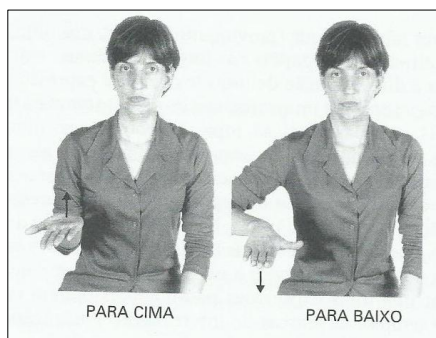


Fonte: Quadros & Karnopp, 2004, p. 52.

IV – ORIENTAÇÃO DA MÃO (Or)

Inicialmente, esse parâmetro não foi assim considerado nos estudos de Stokoe. Somente com Battison (1974), recebeu maior relevo, como já mencionamos anteriormente. Compreende a direção assumida pela palma da mão na produção de um sinal. Para Ferreira-Brito (1995, p.41), pode estar “voltada para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a esquerda ou para direita”. Quadros & Karnopp (2004, pp. 59-60) sistematizou em imagens, como se vê abaixo:

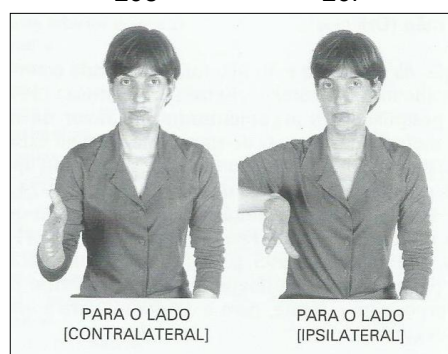
Figura 20
Orientação da mão
20a 20b



20c 20d



20e 20f



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, pp. 59-60).

Quadros & Karnopp (2004) fazem uma pequena distinção no quesito lateralidade em relação a Ferreira-Brito (1995). Nas imagens apresentadas, atentemos para o fato de a sinalizadora utilizar a mão direita para ilustrar. Por isso, a colateralidade e ipsilateralidade podem variar, caso a mão seja a esquerda.

V – EXPRESSÕES NÃO-MANUAIS (ENM)

A marcação de formas sintáticas e a atuação como componente lexical são os papéis que podem ser assumidos pelas Expressões Não-Manuais (cf. BAKER, 1983). Segundo Ferreira-Brito (1995, p.242), podem ocorrer ao mesmo tempo duas expressões não-manuais, que foram por ela sistematizadas como se segue:

QUADRO 03 EXPRESSOES NÃO-MANUAIS

Expressões não manuais da língua de sinais brasileira
ROSTO <u>Parte Superior:</u> sobrançelas franzidas olhos arregalados lance de olhos sobrançelas levantadas <u>Parte Inferior:</u> bochechas infladas bochechas contraídas lábios contraídos e projetados e sobrançelas franzidas correr da língua contra parte inferior interna da bochecha apenas bochecha direita inflada contração do lábio superior franzir do nariz
CABEÇA balanceamento para frente e para trás (sim) balanceamento para os lados (não) inclinação para frente inclinação para o lado inclinação para trás
ROSTO E CABEÇA cabeça projetada para frente, olhos levemente cerrados, sobrançelas franzidas (ex.: o quê? quando? como? por quê?) cabeça projetada para trás e olhos arregalados (ex.: quem?)
TRONCO para frente para trás balanceamento alternado dos ombros balanceamento simultâneo dos ombros balanceamento de um único ombro

Fonte: Ferreira-Brito & Langevin (1995, pp.241-242)

As análises nas línguas de sinais no nível fonológico foram, como vimos, o pontapé inicial para que essas línguas pudessem ser entendidas como língua natural. Aqui, tratamos, com maior detalhe e espaçamento, da estrutura sublexical na composição dos sinais na Libras.

Passaremos agora a uma breve exposição da Morfologia, quando trataremos do léxico, do processo de formação, de negação e flexão na Libras, incluindo o sistema verbal. Logo em seguida, na exposição acerca da Sintaxe, daremos um maior destaque à espacialidade na Libras, algo bastante rico, dada sua modalidade de realização.

2.2.2 A morfologia da libras

Os domínios e fronteiras do objeto de estudo da Fonologia e da Morfologia em línguas de sinais são bastante tênues, ou seja, há uma intersecção na investigação, sendo, portanto, delicado definir até onde vai cada nível de análise.

Os estudos de cunho fonológico empreendidos nas línguas orais serviram de apoio para que o mesmo fosse feito nas línguas sinalizadas, resguardando a natureza de modalidade de cada uma, evidentemente. Como vimos em seções anteriores deste nosso trabalho, foram encontradas mais semelhanças que divergências nos fenômenos existentes em línguas orais e sinalizadas.

A simultaneidade de parâmetros na composição de sinais requer um olhar que leve em conta as especificidades desse processo nas línguas de sinais, pois, nas línguas orais, na maioria das vezes, ao entendermos os morfemas como unidades mínimas sequenciais e aditivas de significação, não podemos aplicar exatamente a mesma forma de análise em línguas de modalidades distintas. Nas línguas orais, somam-se morfemas do tipo: radical, desinência, vogal temática etc., mas a estruturação dos sinais segue outros esquemas tão peculiares quanto esses das línguas orais, quais sejam: repetição de sinal, alteração no movimento, ênfase nas expressões não-manuais etc.

Desta forma, cremos que a modalidade de realização das línguas sinalizadas, aqui direcionamos à Libras, não admite algumas análises efetuadas em línguas orais

e vice-versa. A nossa percepção é de que a Fonologia das línguas de sinais já contempla a análise de forma/estruturação dos sinais, sem tocar, porém, no quesito significado, já que isto ultrapassaria a investigação fonológica.

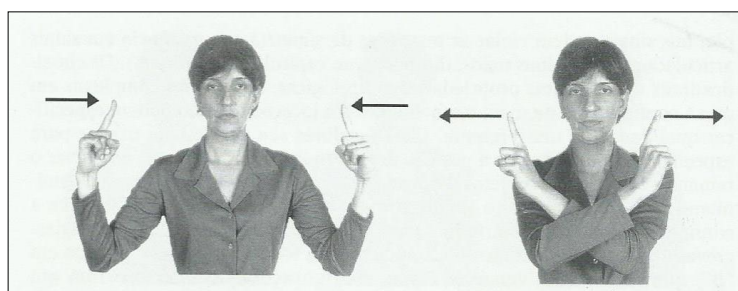
Passemos agora a algumas pontuações na Morfologia da Libras, iniciando pela formação do léxico desta língua.

2.2.2.1 O léxico da Libras

O léxico da língua brasileira de sinais é composto pela junção de três partes que se complementam, acerca das quais trataremos rapidamente a seguir:

i) Léxico nativo: é formado pelos classificadores, que “são formas complexas em que a configuração de mão, a locação e o movimento podem especificar qualidades de um referente” (QUADROS & KARNOPP, 2004, 93). O uso dos classificadores acontece quando se quer “especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma de objetos” (*idem, ibidem*). Exemplo:

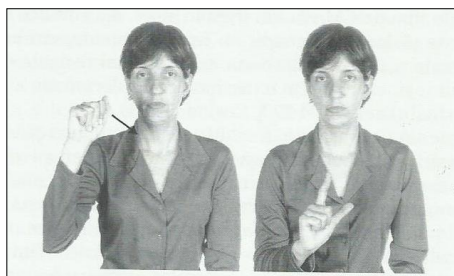
Figura 21
Classificador: PASSAR-UM-PELO-OUTRO



Fonte: Quadros & Karnopp, 2004, p. 94.

ii) Soleturação manual (alfabeto): é a constituição de um sinal advindo da soletração da palavra correspondente em português. Geralmente, ocorre uma redução de letras, como vemos no exemplo a seguir. Neste caso, o sinal AZUL é realizado pela soletração das letras A-L, ou seja a primeira e última letras da palavra ‘azul’ em português. Exemplo:

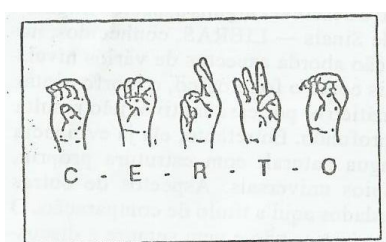
Figura 22
Sinal AZUL: soletração manual



Fonte: Quadros & Karnopp, 2004, p. 89.

iii) Léxico não-nativo: é a soletração manual de palavras do português que não apresentam sinal correspondente em Libras. Geralmente, são nomes próprios de pessoas e lugares, palavras específicas de áreas distintas, etc. O léxico não-nativo é considerado por Ferreira-Brito como um empréstimo linguístico, por ela denominado soletração digital (1995, p.22). Exemplo:

Figura 23
Léxico não-nativo: soletração manual (C-E-R-T-O)



Fonte: Ferreira-Brito, 1995, p.22.

Há ainda os sinais nucleares, ou seja, as unidades lexicais formadas pelos parâmetros descritos na seção sobre Fonologia. Estes sinais apresentam restrições na sua composição, pois devem obedecer aos critérios estruturais existentes na Libras. Da mesma forma, os classificadores seguem as regras, uma vez que se utilizam de todas as estruturas sublexicais para sua realização. Passaremos agora à seção seguinte, que tratará do processo de formação dos sinais na Libras.

2.2.2.2 O processo de formação dos sinais na Libras

A Libras apresenta morfologia derivacional e flexional na composição de novos sinais. Por ser uma língua de modalidade visual, envolve tanto combinação de aglutinação como de incorporação em seu processo formativo (FERREIRA-BRITO, 1995; QUADROS & KARNOPP, 2004). Os parâmetros primários e secundários contemplam toda necessidade da língua em resolver suas estratégias morfológicas.

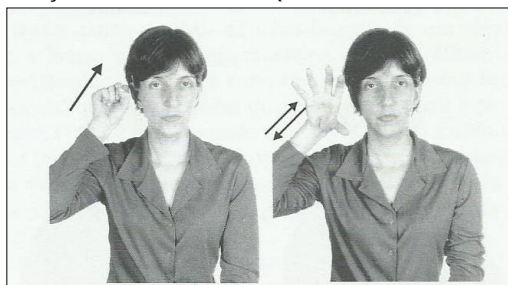
No que tange a derivação, no quesito mudança de categoria gramatical, por exemplo, o movimento será um traço distintivo para que haja alteração das categorias, sendo verbo ou nome. Neste caso, os nomes são derivados dos verbos: enquanto estes não apresentam necessidade de repetição de movimento, os nomes necessitam (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 96-97). Vejamos dois exemplos:

Figura 24
Derivação: verbo x nome (TELEFONAR e TELEFONE)



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 97.

Figura 25
Derivação: verbo x nome (OUVIR e OUVINTE)



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 98.

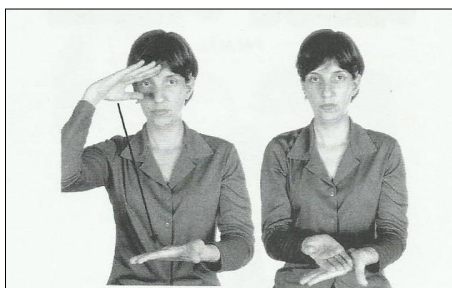
Essas conclusões foram observadas inicialmente na ASL por Supalla e Newport (1978), quando perceberam que a Configuração de mão e a Locação se preservaram iguais, havendo apenas alteração no Movimento, no caso, uma

repetição, ocorrendo, assim, a derivação de um verbo em nome, ou seja, uma nominalização. Essa repetição é denominada *reduplicação*, quando o morfema base do verbo é repetido, gerando um produto do tipo nome: TELEFONAR => TELEFONE; e OUVIR => OUVINTE.

Já no processo de formação por composição, em que duas bases lexicais se juntam para criar uma nova unidade lexical, à Libras aplicaram-se os estudos de Liddel (1984) na ASL, quando percebeu os seguintes fenômenos:

i) Regra do contato: quando há uma soma de dois sinais para formar um novo significado, como é o caso em ACREDITAR, em que se somam SABER+ESTUDAR; e ESCOLA, quando se somam CASA+ESTUDAR, tais exemplos estão arrolados a seguir:

Figura 26
Composição por regra do contato:
ACREDITAR (saber+estudar)



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 103.

Figura 27
Composição por regra do contato:
ESCOLA (casa+estudar)

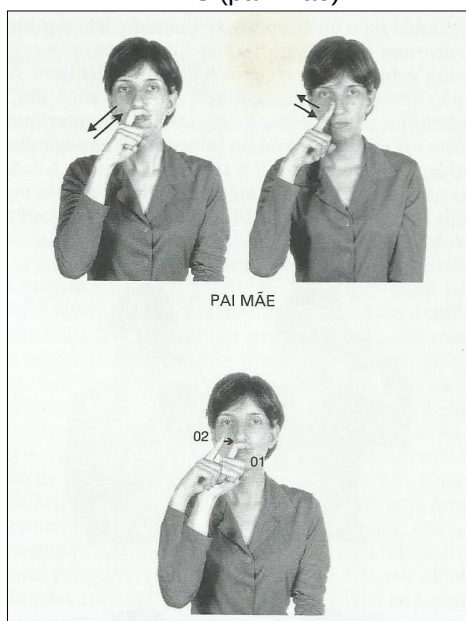


Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 103.

ii) Regra da sequência única: ocorre quando o movimento de sinais que compoem um novo sinais são excluídos. Por exemplo, para realizar o sinal PAIS, é preciso

fazer imediatamente um após outro os sinais de PAI e MÃE. Originalmente, estas dois sinais apresentam uma repetição no movimento (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 104), vejamos o exemplo:

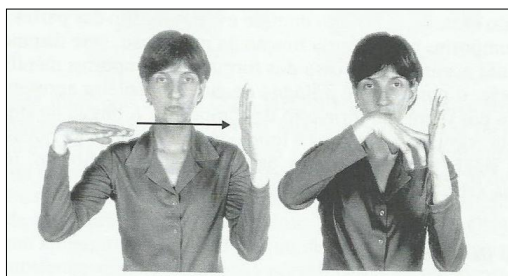
Figura 28
Composição por regra da sequência única:
PAIS (pai+mãe)



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 104.

iii) Regra da antecipação da mão não-dominante: acontece quando a mão passiva, ou seja, a não-dominante já se encontra posicionada num espaço neutro, antes de a mão dominante tocá-la, encerrando a realização do sinal (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 104). Um exemplo para isto seria o sinal ACIDENTE, formado por CARRO+BATER. Vejamos:

Figura 29
Composição por regra da sequência única:
ACIDENTE (carro+bater)



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 105.

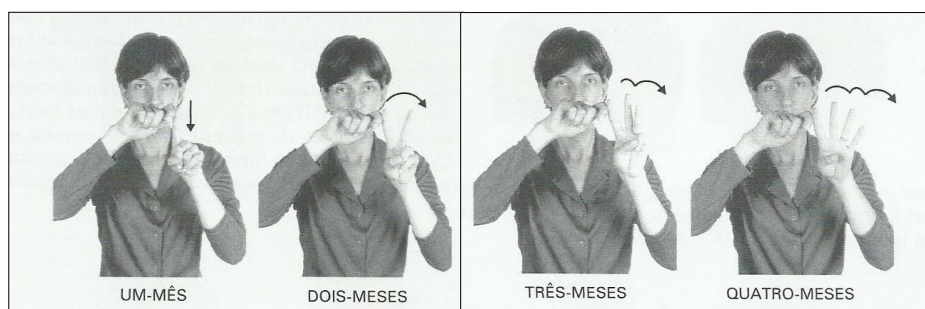
A derivação composicional na Libras, assim como no português, apresenta características semelhantes, uma vez que ocorre, em ambas as línguas, um distanciamento no significado do novo sinal criado, a partir da composição, pois um novo sentido emerge neste processo.

Ainda nesta seção, antes de passarmos para a flexão na Libras, trataremos de dois fenômenos nesta língua: a incorporação de numeral e os tipos de negação, que, de maneira bastante peculiar, constituem particularidades interessantes de análises.

2.2.2.3 Incorporação de numeral

O fenômeno da incorporação de numeral é bastante comum na língua brasileira de sinais, e se concretiza a partir de um morfema preso, que não pode ser realizado isoladamente. Existe uma restrição na quantidade indicada na incorporação, pois nem toda ideia de valor/quantidade pode se fazer presente. Na maioria dos casos, limita-se até o numeral 04 (quatro), a partir disso, a indicação de quantidade é feita separadamente do sinal principal. Isso pode ser percebido no indicativo de mês=>meses, dia=>dias, e hora=>horas, conforme podemos visualizar nas imagens a seguir:

Figura 30
Incorporação de numeral: MÊS => MESES



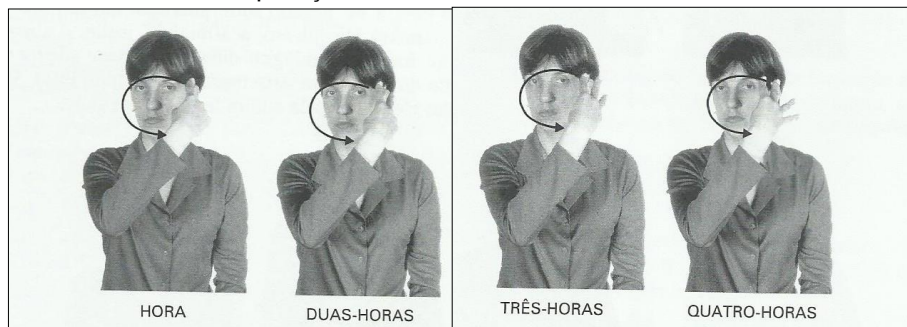
Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 107.

Figura 31
Incorporação de numeral: DIA => DIAS



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 108-109.

Figura 32
Incorporação de numeral: HORA => HORAS



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 109.

É necessário observar que em todos os sinais, a indicação de numeral a partir de 02 (dois) constitui um novo morfema, ou seja, a composição do sinal de DOIS-MESES, DOIS-DIAS e DUAS-HORAS apresentam dois morfemas distintos e presos, que não teriam sentido na indicação de numeral em outros sinais que não seguem essa regra de incorporação de numeral.

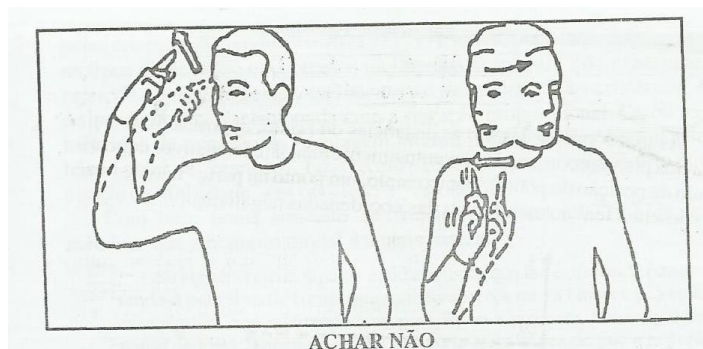
2.2.2.4 Tipos de negação e a possibilidade de incorporação

A modalidade visuo-espacial confere à Libras possibilidades bastante peculiares quando comparadas às línguas orais, entre elas, estão as estratégias que a Libras possui para indicar a negação. Segundo Ferreira-Brito (1995, pp.74-84), há três tipos

de negação: i) Negação através do uso do item lexical NÃO; ii) Negação supra-segmental; iii) Negação incorporada. Trataremos sobre cada uma delas a seguir.

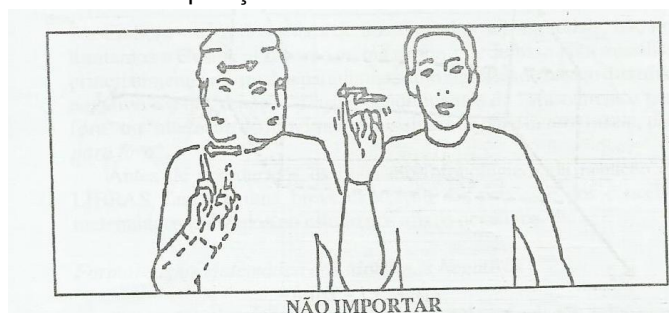
i) Negação através do uso do item lexical NÃO: neste tipo, a mão indica o sinal de NÃO, oscilando para a direita e para a esquerda. Não há regra quanto a anteposição ou posposição do sinal NÃO nas frases, isso varia conforme o uso. Abaixo, ilustramos com dois exemplos:

Figura 33
Negação através do uso do item lexical NÃO
Posposição: ACHAR NÃO



Fonte: Ferreira-Brito, 1995, p. 75.

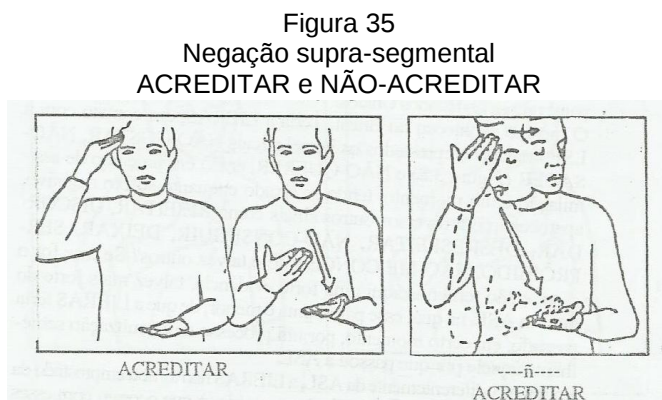
Figura 34
Negação através do uso do item lexical NÃO
Anteposição: NÃO IMPORTAR



Fonte: Ferreira-Brito, 1995, p. 75.

Esta mesma autora afirma ainda que pode haver uma dupla negação, quando ocorre anteposição e posposição da negação. Notemos, no entanto, que toda negação se realiza separadamente, diferentemente da negação supra-segmental, que veremos a seguir.

ii) Negação supra-segmental: ocorre com o balanceamento da cabeça da direita para a esquerda, indicando a negação de um item. Neste caso, a negação se realiza simultaneamente à realização de outro sinal. Ilustramos esse fenômeno com o exemplo abaixo:



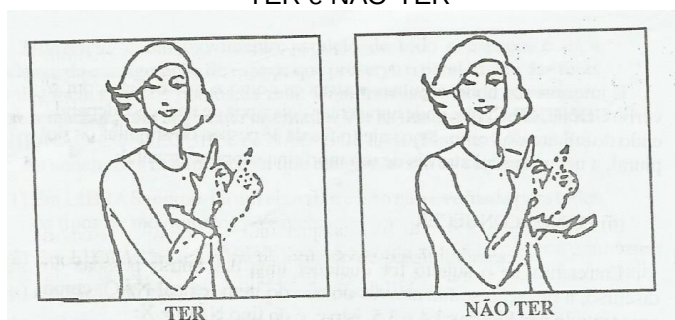
Fonte: Ferreira-Brito, 1995, p. 76.

Esse tipo de negação ocorre simultaneamente, diferenciando-se do tipo anterior. Alguns sinais, porém, podem apresentar três negações. Sendo uma ateposta, outra posposta e uma terceira simultânea. Todas para negar um mesmo item lexical. A negação através do uso do item lexical NÃO e a negação supra-segmental são as mais comuns na Libras.

Como dissemos, há ainda um terceiro tipo de negação, sobre a qual versaremos a seguir.

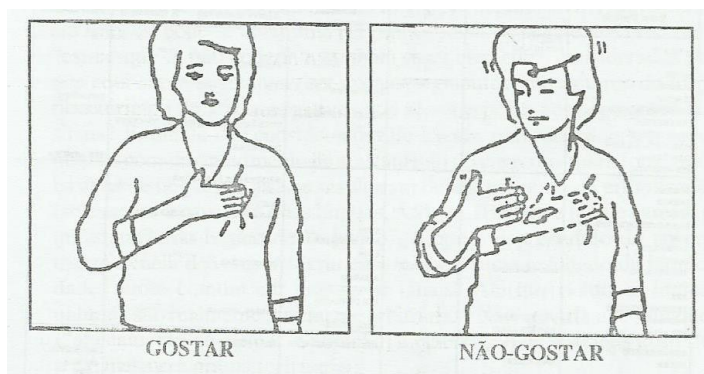
iii) Negação incorporada: neste tipo, alguns sinais sofrem alguma alteração em algum parâmetro, geralmente no movimento. O morfema base é preservado, somando-se uma nova direção, sentido ou forma no movimento. Há um número reduzido de sinais que acolhem esse tipo de incorporação da negação. Apresentaremos dois exemplos:

Figura 36
Negação incorporada
TER e NÃO-TER



Fonte: Ferreira-Brito, 1995, p. 78.

Figura 37
Negação incorporada
GOSTAR e NÃO-GOSTAR



Fonte: Ferreira-Brito, 1995, p. 80.

A negação na Libras constitui um campo bastante fértil. Segundo as autoras consultadas, muito ainda há de ser analisado ampliando os conhecimentos da negação na Libras, são ainda da mesma opinião que o fenômeno apresentado é bastante peculiar a outras línguas de sinais pelo mundo como, por exemplo, a língua de sinais francesa (LSF) e a língua de sinais americana (ASL).

Ainda nas análises morfológicas da Libras, passemos agora a descrição do seu sistema verbal. Um campo de interessantes características e especificidades evidenciáveis no campo das línguas de modalidade espacial, o que não poderia ser diferente na Libras.

2.2.2.5 O sistema verbal na Libras

As pesquisas a respeito do sistema verbal em Libras estão em consonância com demais trabalhos desenvolvidos ou em desenvolvimento aplicados a outras línguas de sinais no mundo, pois seguem a proposta desenvolvida por Friedman (1976) e Padden (1980/1983/1990) em Língua Americana de Sinais (ASL).

No Brasil, as primeiras análises surgiram com Ferreira-Brito (1986a), mas foram publicadas com mais detalhes e exemplos em 1995; e com Felipe (1988) em sua dissertação de mestrado, sendo mais aprofundado em 1998 com sua tese de doutoramento; por fim, outra referência foi o trabalho de Quadros (2004).

2.2.2.5.1 *Proposta de Felipe, 1988*

Felipe (1988, p.46) afirma que os “muitos verbos trazem informações que condicionam o uso ou não de determinado caso”. Essas informações podem ser:

- o enunciator do ato de fala (origem locutória);
- o receptor de ato de fala (meta locutória);
- as coordenadas espaciais e temporais do ato de fala (tempo do ato locutório e lugar da origem locutória).

Todas essas informações podem estar, em muitos casos, imbricadas num mesmo verbo sinalizado, levando em consideração desde o momento inicial até o final da sua realização. Deste modo, a ele pode se somar um argumento ou uma gama deles. Felipe (1988) ainda afirma que “enquanto predicator, o verbo pode ser descrito de acordo com o número de argumentos a partir do seu conteúdo semântico” (idem, ibidem).

As análises verbais em Libras de Felipe (1988, p. 47) se atêm aos verbos em relação à informação presente no morfema base raiz “...de” / raiz “para...”. Neste caso, a autora classificou em três grupos:

1. verbos de movimento;
2. verbos de localização;
3. verbos complexos.

Tais verbos (idem, ibidem) podem apresentar complementos, a nosso ver – argumentos –, que indicam os limites e a extensão no tempo e no espaço no momentos de produção do sinal. Esses argumentos têm uma relação muito estreita

com os verbos, pois um mesmo e único sinal de uma forma verbal pode assumir a morfologia do(s) argumento(s) com o(s) qual(is) se relaciona.

Os argumentos podem ser classificados em (FELIPE, 1988, p. 47):

- **agente** (Ag) – o instigador, realizador do evento;
- **objeto** (Ob) – o ente que move ou muda ou cuja posição ou existência está sendo considerada;
- **resultante** (Re) – o ente que toma existência enquanto resultado da ação;
- **origem** (Or) – o lugar do qual algo se move;
- **meta** (Me) – o lugar para o qual algo se move;
- **experienciador** (Ex) – o ente que recebe, aceita, experimenta ou suporta o efeito da ação.

Vejamos agora cada grupo de verbos, conforme categorização da autora.

2.2.2.5.1.1 **Verbos de movimento**

“São verbos cuja realização sígnica possui um movimento, embora sua informação semântica possa trazer a ideia de verbo de movimento. Esses verbos se realizam num espaço neutro (plano horizontal em frente ao enunciador do ato da fala), possuem raiz ‘... de’ ou raiz ‘para...’”(FELIPE, 1988, p. 47).

Alguns exemplos destes verbos com raiz “...de” seriam: ir, sair, fechar, subir, viajar e andar. Já para a raiz “para...” poderíamos citar: vir, voltar, abrir, descer, pegar e querer (cf. FELIPE, 1988, p. 48).

2.2.2.5.1.2 **Verbos de localização**

“São verbos cuja realização sígnica se dá ou em um único ponto no espaço neutro ou são articulados ancorados ao corpo. Sua raiz “...de” ou “para...” é

neutralizada, ficando reduzidos ao Terminal²⁷, Marcador de Localização²⁸ e Tema²⁹, mas trazendo também um marcador de caso” (FELIPE, 1988, p.51).

Ainda sobre estes verbos de localização, quer neutra ou ancorada no corpo, a autora afirma que o Tema será o diferenciador entres eles, pois os verbos ancorados no corpo dispõem de um classificador articulado em uma das partes do corpo daquele que enuncia no momento do ato de fala. A depender da parte do corpo onde o sinal for aticulado, os verbos poderão ser listados em campos semânticos distintos (cf. FELIPE, 1988, p. 51), conforme podemos explicitar nos exemplos³⁰ listados a seguir:

- Testa (cognição): *pensar, duvidar, esquecer, aprender, entender, lembrar, saber*;
- Ouvido (audição): *ouvir, escutar*;
- Rosto (face): *envergonhar, maquiar*;
- Ouvido e boca: *telefonar*;
- Boca (locução e degustação): *comer, beber, falar, rir, fumar*;
- Queixo: *admirar, demorar, desculpar*;
- Pescoço: *morrer (faca + cortar pescoço), sujar, ter sede*;
- Peito (emoção): *amar, gostar, ter saudade, odiar, assustar, sentir, sofrer*.

No caso dos verbos com localização neutra, ou seja, num espaço em frente ao peito ou abdômen do enunciador no momento de fala, não existe necessariamente referência com parte alguma do corpo do mesmo enunciador. Podemos inserir nesta categoria os seguintes verbos: *ajudar, procurar, brincar, mostrar, marcar, beijar, brigar, casar, sentar, guardar, preparar (comida)* etc (cf. FELIPE, 1988, p.52).

²⁷ **Terminal**, segundo Felipe (1988, p. 34), “são morfemas que indicam a relação que uma raiz-movimento tem com referência ao ponto inicial ou final desse movimento. Cada raiz co-ocorre com um único terminal.”.

²⁸ **Marcador de Localização** tem função de situar a raiz (...de / para...); serve ainda de ponto para o movimento se ancorar (cf. FELIPE, 1988, p. 35).

²⁹ **Tema** “é um classificador (ou item lexical), que se co-articula com o movimento e o terminal.”. Para Felipe (1988, p. 36), existem dois tipos de classificadores: 1. Quanto à forma do objeto, e 2. Quanto ao modo de segurar o objeto.

³⁰ Todos os exemplos listados foram coletados na própria autora: Felipe, 1988, p. 51.

2.2.2.5.1.3 **Verbos complexos**

Estes verbos possuem uma única raiz com dois movimentos (...de – para...); um ou dois marcadores de localização, dois terminais, porém um só tema (cf. FELIPE, 1988, p.52. Adaptado).

A subdivisão desses verbos pode ser apresentada em:

i. **verbos complexos com 02 (dois) Marcadores de Localização**

São verbos flexionais, pois apresentam claramente concordância de pessoa: 1^a., 2^a. ou 3^a., neste caso, a origem indicará o argumento de Sujeito e a meta indicará o argumento Objeto, ou seja, dois marcadores de localização. Os verbos ‘*perguntar*’ e ‘*avisar*’ são exemplos deste tipo de verbo. Em categorizações mais usuais, esses verbos são classificados como direcionais.

ii. **verbos complexos com 01 (um) Marcador de Localização**

A autora propõe nesta subcategorização os verbos que incorporam a negação. Morfologicamente, o verbo assume “uma raiz oposta à raiz já existente no verbo na forma afirmativa” (FELIPE, 1988, p.55). Neste caso, uma raiz “...de” passa a ser “para...” e vice-versa. Ocorre, portanto, uma inversão do movimento. Alguns exemplos seriam: “NÃO-GOSTAR”, “NÃO-QUERER”, “NÃO-TER”.

Não foram apresentadas imagens ilustrativas dos verbos desta questão, porque no próprio texto base não há qualquer exemplo, apenas a menção aos verbos. Passemos agora à revisão de literatura da mesma autora, mas já em sua tese doutoral, de 1998. Preferimos apresentar imediatamente as duas categorizações da mesma autora, mesmo que não sigamos cronologicamente esta revisão bibliográfica.

São agora propostas 05 (cinco) subdivisões, pela mesma autora, na classe dos verbos, ampliando, desta forma, o que fora dito anteriormente, bem como reagrupando a proposta anterior, evidenciando-lhe novas características.

2.2.2.5.2 *Proposta de Felipe, 1998*

2.2.2.5.2.1 **Verbos sem flexão**

Estes verbos apresentam grande característica mimética (*acordar, chorar, babar, sorrir, tossir, etc*), mas há também alguns mais arbitrários ligados ao campo semântico da aprendizagem e da permanência (*aprender, estudar, esconder, ficar, morar, etc.*).

Felipe (1998, pp 116-117) propõe uma subdivisão nestes verbos sem flexão como:

i. **verbos sem sujeito**: indicam fenômenos atmosféricos criam sentenças do tipo: HOJE **ESTÁ** MUITO QUENTE ou ONTEM **CHOVEU**.

ii. **verbos sem objeto**: indicam um evento e não uma ação. Seu sujeito é experienciador ou paciente: MEU AMIGO DE MUITO TEMPO JÁ **MORREU**.

2.2.2.5.2.2 **Verbos com flexão para pessoa do discurso**

Estes verbos são frequentemente chamados de verbos direcionais, possuem “um movimento direcionado com um ponto inicial para a origem e o final para a meta, possuindo flexão para as pessoas do discurso” (FELIPE, 1998, p. 118). Formam sentenças do tipo: ELA DÁ PRESENTE PARA VOCÊ ou ONTEM ELA TE ENVIOU UMA CARTA.

Três são os campos semânticos que abrigam esse tipo de verbo:

i. **mudança de posse**: *dar, emprestar, trocar, vender, etc.*

ii. **comunicação**: *aconselhar, avisar, informar, perguntar, responder, etc.*

iii. **interação social**: *ajudar, apresentar, convidar, zombar, etc.*

2.2.2.5.2.3 **Verbos com flexão para gênero**

São assim denominados como verbos com flexão para gênero, pois assumem a morfologia da pessoa, do animal ou coisa em sua realização, por isso são também chamados de verbos classificadores. Estes verbos têm sua raiz modificada para evidenciar uma característica do gênero sinalizado.

Podem ser agrupados em três tipos:

- i. **colocação:** *colocar/pôr, empilhar, enrolar, girar, inclinar, etc.*
- ii. **movimento:** *andar, cair, descer, deslizar, pular, etc.*
- iii. **mudança de posse:** *dar e oferecer.*

Felipe (1998, p. 121-124) afirma que esses verbos num contexto de transitividade, incorporam ao evento expresso em si uma direcionalidade que designa os papéis semânticos dos argumentos envolvidos (agente / experienciador / benefativo), pois apresentam movimentos do tipo ‘*movendo de*’ (origem) ou ‘*movendo para*’ (meta). A autora ainda atribui a esses verbos uma direcionalidade implícita, categorizando-os em três grupos:

i. **verbos com raiz “__de”:** apresentam movimento linear iniciado no espaço neutro próximo ao sinalizador, ou seja, a 1ª pessoa (emissor), e finalizando também no espaço neutro próximo ao convencionado para a 3ª pessoa.

Alguns exemplos desses verbos são: *ir, sair subir, viajar.*

ii. **verbos com raiz “para__”:** apresentam o contrário dos verbos de raiz “de__”, pois iniciam no local convencionado para 3ª pessoa, finalizando próximo ao sinalizador, ou seja, 1ª pessoa, que, neste caso, exerce a função de emissor.

Alguns exemplos são: *chegar, descer, vir, voltar.*

iii. **verbos multidirecionais:** seu movimento não toma por referência a localização do emissor, mas do sujeito em si, que pode ser um agente de 3ª pessoa, ou mesmo um objeto. Nestes verbos, os pontos inicial ou final não referendam a flexão para o gênero, uma vez que o próprio contexto determinará a ideia para localização.

Os verbos *andar, carregar, mover, pegar e puxar* ilustram esse tipo de classificação. Vale ainda mencionar que esses verbos podem trazer no mesmo momento de sua sinalização o quesito modo subjacentemente, quando se depreendem informações, por exemplo, com o verbo *andar*, do tipo: andar apressadamente; andar de cadeira de rodas; com bengala; saltitando; etc.

2.2.2.5.2.4 **Verbos com flexão para locativo**

Os verbos deste grupo apresentam uma raiz mimética e uma grande maioria se configura pelo processo de derivação zero, pois incorporam o papel temático de paciente ou de instrumento. Indicam sempre que o objeto é afetado pela ação, quer de maneira total, quer de maneira parcial.

Alguns exemplos seriam:

- i. **contato por impacto:** *bater, chicotear, chutar, martelar, pisar, etc.*
- ii. **criação e transformação:** *cortar, costurar, desenhar, escrever, pintar, etc.*
- iii. **criação de imagem:** *assinar, copiar, desenhar, filmar, gravar, etc.*
- iv. **cuidados corporais:** *barbear, cortar cabelo/unha, escovar cabelo/dente, etc.*
- v. **remoção:** *arrancar, lavar, limpar, polir, raspar etc.*

A parcialidade ou totalidade presentes na afetação do verbo no objeto podem ser rapidamente ilustradas nos seguintes exemplos: ‘*O homem está pintando a porta do supermercado com pincel*’ ou ainda ‘*A professora está escrevendo na parte de cima do quadro*’, o movimento realizado pelo braço do sinalizador indicará se é ‘toda ou parte da porta do supermercado está sendo pintada’, ou ainda, no outro exemplo, se ‘é apenas na parte de cima ou todo quadro em que a professora está escrevendo’.

A autora ainda ressalta que “como os verbos de colocação também possuem marca para o locativo além da de gênero animado/inanimado, esses verbos também foram incluídos neste grupo” (FELIPE, 1998, p. 127).

Lamentamos não haver imagens ilustrativas no próprio trabalho da autora para elucidar os exemplos apresentados.

2.2.2.5.2.5 **Sentenças Copulativas**

Nas sentenças copulativas em Libras, os verbos ser e estar, denominados na gramática tradicional como verbos de ligação, geralmente não são realizados, ficando omissos na frase. Neste caso, a estrutura se organiza por meio de um

sujeito e predicado nominal, do tipo: 'Paulo inteligente', que, em língua portuguesa, acrescentaríamos o 'é'. Isso não é característica exclusiva da Libras. Em outras línguas, como o Russo, a frase se estruturaria da mesma forma, sem a presença do verbo copulativo.

Muitos dos pressupostos utilizados por Felipe (1998) foram pautados nas pesquisas de Ferreira-Brito (1995). Mas, é comum que ambas tenham encontrado alicerces em teóricos americanos como veremos a seguir.

2.2.2.5.3 *Proposta de Ferreira-Brito, 1995*

Ferreira-Brito (1995), utilizando Friedman (1976) e Padden (1980), apresenta apenas dois tipos de verbos em Libras, conforme encontrou na Língua Americana de Sinais (ASL): os não-direcionais e os os verbos direcionais (ou mutidirecionais) (p. 61-63).

2.2.2.5.3.1 **Verbos não-direcionais**

i. **verbos ancorados no corpo**: esses verbos são realizados próximo ou em contato com o corpo. Podem ser agrupados da seguinte forma:

- verbos de estado (cognitivos, emotivos ou experienciais): *duvidar, entender, gostar, odiar, pensar e saber*.
- verbos de ação: *comer, conversar, falar e pagar*.

ii. **verbos que incorporam objeto**: esses verbos, quando não incorporam a morfologia do objeto, apresentam forma fixa. Quando não, ocorre alteração em um ou mais parâmetros do sinal do objeto a ser incorporado. Por exemplo, para 'comer' temos um sinal que é considerado ancorado ao corpo, mas quando o sinal é 'comer-maçã', o parâmetros Configuração de Mão e Movimento são automaticamente alterados. O mesmo podemos dizer de 'beber' x 'beber-café' ou 'beber-cachaça'.

iii. **verbos que apresentam flexão**: não apresentam movimento linear; o objeto pode ser flexionado em número e pessoa; são realizados num espaço neutro. Os exemplos apresentados pela autora não clarificam satisfatoriamente o tema em tela. Vejamos: AVIÃO VOAR EXPLODE (O avião estava voando e explodiu); outro exemplo seria: CARRO IR BATER (O carro estava indo e bateu em alguma coisa), cremos que os verbos em análise seriam as perífrases ‘estava voando’ e ‘estava indo’, já que ela menciona o aspecto da não-linearidade do movimento presente nos verbos destacados.

2.2.2.5.3.2 *Verbos direcionais (multidirecionais)*

Os verbos direcionais são realizados em espaço neutro, ou seja, logo à frente do sinalizador. A direção assumida pelo verbo indica a ‘fonte’ e o ‘objetivo’, ou seja, o ponto inicial e o final no momento da realização. Esses verbos, portanto, apresentam flexão para pessoas e número, oriunda de um movimento linear pontualmente definido.

Há, segundo Felipe (1998), duas subclasses dentre os verbos direcionais:

i. **verbos direcionais para indicar SUJEITO => OBJETO**: O ponto inicial na realização do sinal marca 1ª, 2ª ou 3ª pessoa na qualidade de Sujeito.

Ex.: EU PERGUNTO A VOCÊ.

Neste caso, o ponto inicial partirá do sinalizador para as pessoas com que se fala.

ii. **verbos reversíveis**: O ponto inicial não indica o Sujeito, mas o Objeto direto/indireto, quando se leva em conta a voz ativa do verbo.

Ex.: VOCÊ ME CONVIDOU PARA A FESTA.

Neste caso, o ponto inicial parte da 1ª pessoa. Aqui poderíamos afirmar também a existência da voz passiva, quando a interpretação da frase poderia ser feita da seguinte forma: ‘Eu fui convidado por você’, o que, a nosso ver, colocaria em questão a necessidade dessa classificação verbal em libras.

Passemos agora à proposta de Quadros & Karnopp (2004), que em seu livro apresenta duas propostas de categorização para os verbos. A primeira apresenta três classes: a) verbos simples; b) verbos com concordância; e c) verbos espaciais; que, segundo a autora, é uma proposta mais geral. A sua proposta organiza duas classes: a) verbos sem concordância; e os b) verbos com concordância. Esta será nossa escolha a ser exposta nesta seção a ser iniciada.

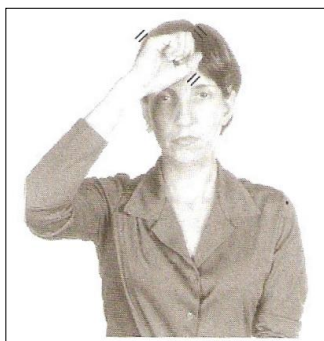
2.2.2.5.4 *Proposta de Quadros & Karnopp, 2004*

Ampliando os estudos precursores, Quadros e Karnopp (2004) apresentam em seu livro duas categorizações para os verbos em Libras, uma mais próxima das apresentadas por outros autores, que dividem esta categoria gramatical em 03 (três) classes: verbos simples, verbos com concordância, e verbos espaciais. Sua proposta, no entanto, une essas duas últimas numa classe só, havendo, portanto 02 (duas) classes de verbos: os sem concordância e outros com concordância, acerca das quais trataremos a seguir.

2.2.2.5.4.1 **Verbos sem concordância**

Os verbos sem concordância “são aqueles que não se flexionam em pessoa e número e não tomam afixos locativos” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 201). Alguns exemplos seriam: *amar, aprender, conhecer, gostar, inventar, saber* etc.

Figura 38
Sinal do verbo APRENDER



Fonte: Quadros & Karnopp, 2004, p. 52

Este verbo, segundo Ferreira-Brito (1995), é classificado como verbo ancorado no corpo. Quadros e Karnopp (2004) levam em consideração o quesito da concordância para a categorização dos verbos, ou seja, o parâmetro movimento é para elas mais evidenciado em detrimento do parâmetro Localização, considerado por Ferreira-Brito (1995), cremos que isso ocorra pela característica espacial da Libras.

2.2.2.5.4.2 **Verbos com concordância**

Os verbos com concordância apresentam flexão de pessoa, número e aspecto. Como os demais teóricos consultados, Quadros & Karnopp (2004), levaram em consideração o comportamento sintático assumido pelos verbos em sua realização, a fim de que pudessem definir sua morfologia.

Nos exemplos abaixo, podemos perceber as flexões para pessoa e número, quando na primeira figura vemos: 'Eu te entrego', ou seja, de 1ª para 2ª pessoa; já na segunda figura, vemos: 'Tu entregas a mim', neste caso ocorre concordância de 2ª para 1ª pessoa.

Figura 39
EU ENTREGAR TU



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 113

Figura 40
TU ENTREGAR EU



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 113

Outros verbos que ilustram esse fenômeno seriam: *dar*, *dizer*, *enviar*, *perguntar*, *provocar*, *responder* (cf. idem, p. 201).

Sobre Aspecto, em Libras, segundo a mesma autora, para desempenharem esse fenômeno, os verbos ocupam a última posição na frase:

Figura 41

JOÃO LIVROS COMPRAR (VÁRIOS)



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 113

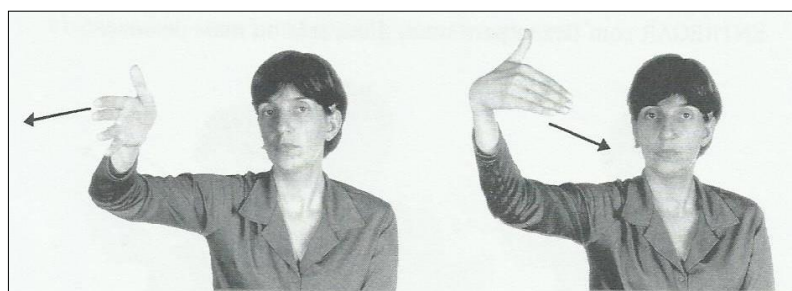
Na frase, a repetição do movimento do verbo *comprar* indica o aspecto verbal de pluralização do termo anterior '*livros*'.

Ainda no escopo dos verbos com concordância, as autoras incluem três tipos de verbos, sobre os quais trataremos logo a seguir.

i. **verbos espaciais**: esses verbos apresentam afixos locativos, mas a direcionalidade presente não indica concordância com pessoa tampouco com número. A autora preferiu incluí-los nesta classificação, mesmo que outros autores não o façam, como, por exemplo, Padden (1988). Cremos que o comportamento tenha sido levando em consideração para esta inclusão dos verbos espaciais entre os de concordância. Abaixo, vemos os verbos '*ir*' e '*chegar*'.

Figura 42

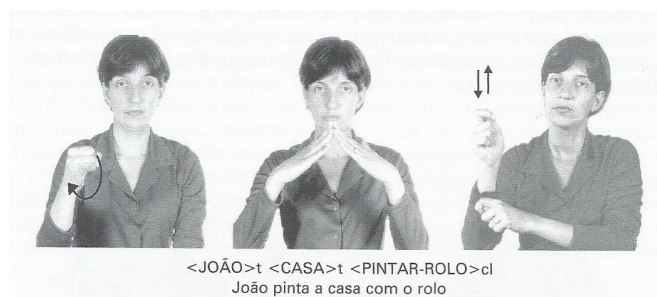
Sinal IR - Sinal CHEGAR



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 119

ii. **verbos manuais** (*handling verbs*): “envolvem uma configuração de mão que se representa estar segurando um objeto na mão” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.204). Esses verbos têm a possibilidade de incorporar a morfologia do objeto, bem como informações de número e grau. A iconicidade torna-se um recurso bastante rico e eficiente neste tipo verbal. Vejamos os exemplos ilustrativos a seguir:

Figura 43
JOÃO PINTA A CASA COM ROLO



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 204

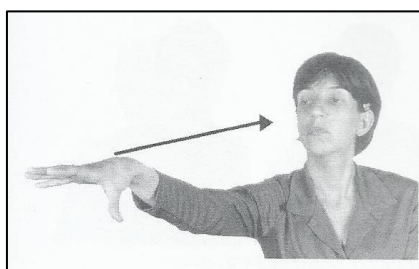
Figura 44
JOÃO PINTA O CADERNO COM O LÁPIS



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 204

iii. **verbos reversos** (*backward verbs*): o início da trajetória desses verbos se dá no local convencionado para o objeto, concluindo no local para o sujeito. Gerando estruturas do tipo 'eu pego a bola' ou 'a bola foi pega por mim'. A morfologia do verbo se configuraria como vemos no exemplo abaixo:

Figura 45
Sinal de PEGAR/BUSCAR



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 203

Essa categorização inclui também verbos como 'convidar' e *chamar*, conforme já apresentou Ferreira-Brito (1995).

Para este nosso trabalho, conforme veremos no capítulo de análises, alguns verbos apresentarão restrições fonológicas impostas pelo aspecto da espacialidade

bastante rico nas línguas de sinais. Ainda no que tange à morfologia da Libras, passemos aos apontamentos referentes à flexão nesta língua para concluirmos este capítulo tratando da Sintaxe também na Libras.

2.2.2.6 A flexão na Libras

Os estudos da flexão na Libras têm seguido as análises realizadas em outras línguas de sinais, neste caso, Ferreira-Brito (1995) e Quadros & Karnopp (2004) se apoiaram nas pesquisas de Klima e Bellugi (1979), onde encontraram 08 (oito) processos diferentes³¹. Pode haver flexão na Libras no que diz respeito a: dêixis, número, aspecto distributivo, grau, reciprocidade, aspecto temporal, foco temporal, e modo.

DÊIXIS:

Flexão que indica a mudança de referência de pessoa nos verbos por meio da apontação ou indicação no espaço próximo ao sinalizador para se referir a entidades presentes ou não no momento da sinalização. A seguir, apresentamos as pessoas verbais:

Figura 46
Sinal EU³²

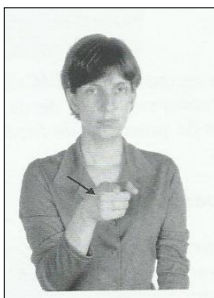


Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 112.

³¹ QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 111-112. Os oito processos foram transcritos, conforme apresentam as autoras.

³² Os exemplos apresentam algumas possibilidades de como os referentes podem ser estabelecidos em Libras, ao mesmo tempo em que expõem a flexão de pessoa e número.

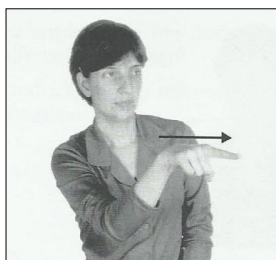
Figura 47
Sinal TU/VOCÊ



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 112.

Para o 'VÓS/VOCÊS', plural de 'TU/VOCÊ', soma-se um movimento semicircular horizontal esquerda-direita (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 47).

Figura 48
Sinal ELE/ELA



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 112.

Figura 49
Sinal NÓS



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 112.

Figura 50
ELES/ELAS



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 112.

Com o verbo flexionado, no caso de verbos espaciais, a indicação de pessoa será assumida morfologicamente por este, quando da realização do sinal, a ser observado o local inicial e o final de sinalização, pois também aí serão encontradas as pessoas verbais. Vejamos os exemplos³³:

Repetição da Figura 39
EU ENTREGAR TU



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 113

Repetição da Figura 40
TU ENTREGAR EU

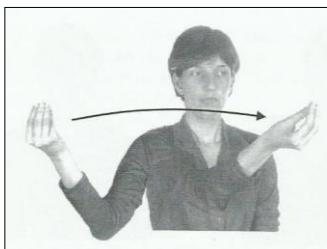


Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 113

O exemplo a seguir contempla os momentos inicial e final da realização do sinal, incorporando sujeito+verbo+objeto. Vejamos:

³³ Esses dois exemplos apresentam apenas o momento inicial da execução do sinal.

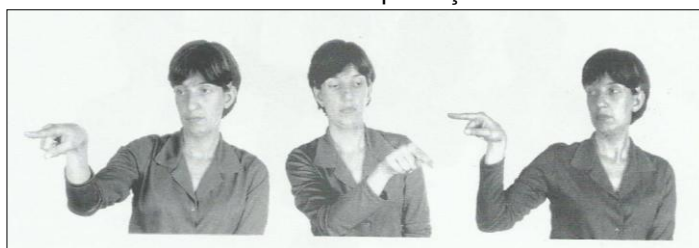
Figura 51
ELE ENTREGAR ELE



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 114.

Como já mencionamos, um eficiente recurso para a indicação dos referentes é a apontação propriamente dita. No exemplo abaixo, vemos a determinação referencial no espaço para entidades distintas com o uso não só da apontação, mas chamamos atenção para o olhar presente, tópico a ser tratado mais adiante. Vejamos:

Figura 52
Recurso de apontação



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 115.

Realizar um sinal ou classificador em determinado local, bem como direcionar o olhar para um local específico de sinalização constituem dois outros recursos para a determinação ou explicitação da dêixis no espaço de sinalização. Vejamos:

Figura 53
Sinalização + Direção do olhar

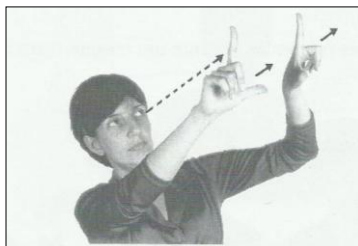


Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 115.

No exemplo acima, o sinalização realiza o sinal PAGAR no mesmo local em que anteriormente realizara CASA, produzindo algo como 'Eu pago a casa', que

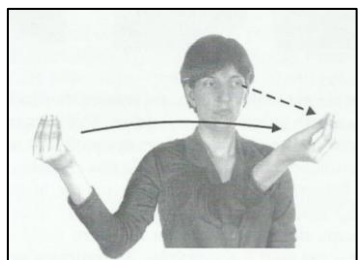
dentro de um contexto apresentaria melhor interpretação³⁴. No próximo exemplo, apresentamos importância da direção do olhar, ferramenta relevante para as línguas sinalizadas:

Figura 54
Marcação do olhar associada aos sinais
QUADRO NA PAREDE



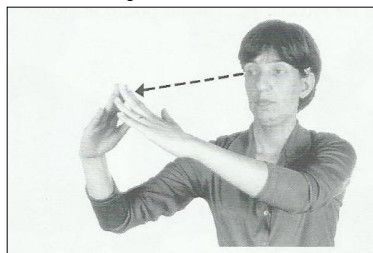
Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 116.

Figura 55
Marcação do olhar associada aos sinais
ENTREGAR PARA ALGUÉM



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 116.

Figura 56
Marcação do olhar associada aos sinais
AQUELA CASA



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 116.

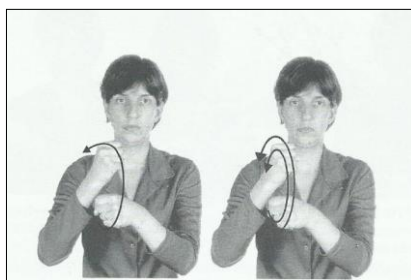
O recurso da direção do olhar para um ponto específico é elemento de relevante importância na realização do sinal. O fato de as línguas de sinais apresentarem uma sintaxe espacial, como trataremos mais adiante, torna este recurso bastante produtivo.

³⁴ Neste exemplo, pretendemos apenas evidenciar o uso dos recursos analisados, não chegando ao sintático, mas tocando o morfológico.

NÚMERO³⁵:

Flexão que indica o singular e o plural (dual, trial e múltiplo). Em Libras, há algumas possibilidades de flexionar número, a principal delas “é marcada através da repetição do sinal” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.119). Há ainda outros mecanismos para indicação de plural na Libras além da repetição do sinal: “anteposição ou posposição de sinais indicativos dos números, ou através do movimento semicircular que deverá abranger as pessoas ou objetos em questão. Muitas vezes, a ideia de plural é expressa pospondo-se o sinal MUITO” (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 42). Vejamos:

Figura 57
Flexão de número: Repetição do sinal
ANO-ANTERIOR / ANOS-ANTERIORES



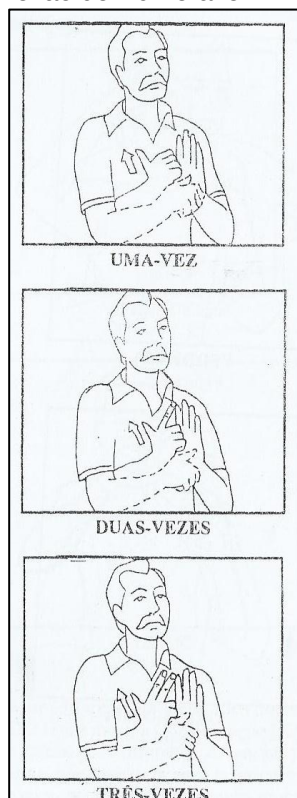
Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 119.

O sinal para ANO é realizado com a translação da mão dominante para frente, no caso de ANO-ANTERIOR, a mão dominante rotaciona para trás uma vez apenas. Para ANOS-ANTERIORES, a mão dominante circula mais de uma vez, como vimos acima figura do lado direito.

Abaixo, podemos observar o fenômeno da indicação numérica antes do sinal. Ferreira-Brito (1995) aponta para a anteposição ou posposição da referida indicação. No sinal em exemplo, vemos a variação de UMA-VEZ, DUAS-VEZES e TRÊS-VEZES. Vejamos:

³⁵ Ferreira-Brito (1995) apresenta o fenômeno da inclusão do sinal 'MUITO' posposto ao sinal a ser intensificado, no entanto os três exemplos que disponibilizou o sinal intensificador 'MUITO' foi sempre anteposto àquele que modificava. Quadros & Karnopp (2004) não cita este fenômeno. Optamos, por isso, utilizar o exemplo apresentado por Ferreira-Brito (1995) para indicar intensificação dentro do quesito flexão.

Figura 58
Flexão de Numeral em Libras



Fonte: Ferreira-Brito, 1995, p. 43.

Outro recurso apresentado por Ferreira-Brito (1995, p. 42) para a flexão de número realiza-se através do movimento semicircular que deverá abranger a(s) pessoa(s) ou objeto(s) em questão. Quadros & Karnopp (2004, p.119) fazem a distinção desta flexão, observando que “o verbo que apresenta concordância direciona-se para um, dois, três pontos estabelecidos no espaço ou para uma referência generalizada incluindo todos os referentes integrantes do discurso”. Neste caso, num mesmo sinal, encontra-se a referência ao enunciador/sujeito (sinalizador), ao receptor/objeto indireto (referente), e ao item/coisa/objeto direto.

Antes, porém, de apresentarmos exemplos, preferimos introduzir a exposição sobre o aspecto distributivo, já que ele será contemplado nesta seção:

ASPECTO DISTRIBUTIVO:

Flexão que indica distinções, tais como ‘cada’, ‘alguns especificados’, ‘alguns não-especificados’, ‘para todos’, etc.

Passemos, inicialmente, para os exemplos ilustrativos e posterior comentário:

Figura 59a
Flexão de número por movimento: ENTREGAR PARA UM



Fonte: Quadros & Karnopp, 2004, p. 120.

Numa proposta contextualizada, poderíamos formar a seguinte sentença: 'João entregou o livro para alguém'. No próximo exemplo, seria: 'João entregou um livro para cada um dos dois'. Vejamos:

Figura 59b
Flexão de número por movimento: ENTREGAR PARA DOIS



Fonte: Quadros & Karnopp, 2004, p. 120.

A mão se direciona para dois pontos distintos, fazendo uma breve parada em cada um deles para indicar a dualidade de referentes. Nos próximos dois exemplos, veremos respectivamente 'João entregou um livro para cada um dos três' e 'João entregou os livros para todos'. Observemos:

Figura 59c
Flexão de número por movimento: ENTREGAR PARA TRÊS



Fonte: Quadros & Karnopp, 2004, p. 120.

Figura 59d
Flexão de número por movimento: ENTREGAR PARA TODOS

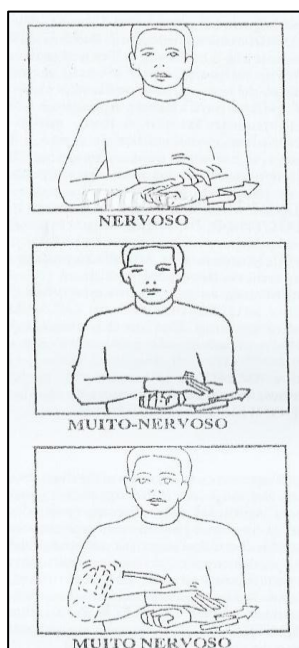


Fonte: Quadros & Karnopp, 2004, p. 120.

Em ‘João entregou um livro para cada um dos três’, reiteramos o que foi dito anteriormente, quando o referente foi dual, acrescentando-se mais uma parada na realização do sinal, com isto, podemos perceber que repete-se o movimento do verbo para cada referente a ser incluído. Aqui vimos para um, dois e três referentes. Já no último exemplo, um único movimento é realizado para incluir todos os possíveis referentes. Como pode ser percebido na figura 59d, o movimento forma um semi-círculo, dando ideia de que haja vários referentes à frente do sinalizador.

Voltemos agora à flexão de número para tratarmos do último recurso que ocorre por meio da inclusão do sinal ‘MUITO’, gerando-se a ideia de ‘muitas vezes’. A inserção deste sinal apresenta ideia também de intensificação, que ilustramos na figura a seguir, quando o sinal do adjetivo nervoso receberá modificação:

Figura 60
Flexão de número por inclusão do sinal ‘MUITO’



Fonte: Ferreira-Brito, 1995, p. 44.

Nas três figuras, podemos observar o seguinte: na primeira, o sinal ‘NERVOSO’ é realizado apenas com o dedo indicador. No segundo momento, é acrescentado o dedo mínimo, ficando assim dois dedos, o que indica uma intensificação do sinal. No terceiro momento, gera-se também a ideia de ‘MUITO NERVOSO’ com a inclusão do sinal ‘MUITO’. Ultimamente, isto tem acontecido pouco, uma vez que a expressão facial tem sido muito mais utilizada para indicar a ideia de intensificação.

O próximo processo a ser apresentado é o de Grau, que já foi introduzido nesta seção em que tratamos da flexão de número.

GRAU:

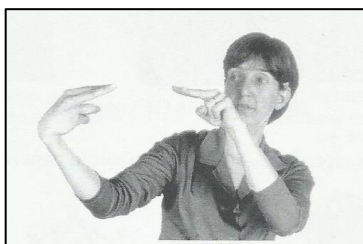
Segundo Quadros & Karnopp (2004, p. 111), esse processo “apresenta distinções para ‘menor’, ‘mais próximo’, ‘muito’, etc”. Ferreira-Brito (1995) cita algumas alterações na realização do sinal para indicar esse processo, quais sejam: intensificar na velocidade do sinal; somar o sinal indicativo de menor, maior, grande ou pequeno; e, por fim, acrescentar algo na expressão facial, que já contemplado no item anterior.

O próximo processo de flexão é bastante rico no quesito da espacialidade nas línguas de sinais, o que não seria diferente na Libras.

RECIPROCIDADE:

Flexão que indica relação ou ação mútua, sendo realizada por meio da duplicação simultânea do sinal. Nos exemplos a seguir, veremos o sinal de ‘OLHAR RECIPROCAMENTE’ e ‘ENTREGAR UM PARA O OUTRO RECIPROCAMENTE’. Vejamos nas figuras:

Figura 61
Flexão de reciprocidade
‘OLHAR RECIPROCAMENTE’



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 122.

Figura 62
Flexão de reciprocidade
‘ENTREGAR UM PARA O OUTRO RECIPROCAMENTE’



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 122.

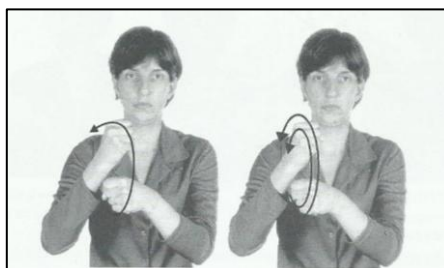
Essa duplicação simultânea do sinal explora bem, como já dissemos, a espacialidade em Libras. Os pontos referenciais a serem utilizados deverão ser marcados anteriormente à realização do verbo, a fim de que haja clareza e objetividade na referenciação das entidades presentes no discurso.

Os próximos dois processos de flexão em Libras são Foco e Aspecto temporal. Ambos se referem à distribuição temporal

ASPECTO TEMPORAL

Esta flexão “está relacionada com as formas e a duração dos movimentos” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 122). Ainda podemos dizer que indica distinções de tempo, tais como ‘há muito tempo’, ‘por muito tempo’, ‘regularmente’, ‘continuamente’, ‘incessantemente’, ‘repetidamente’, ‘caracteristicamente’, etc., mas não faz menção à flexão temporal. Vejamos o exemplo ilustrativo a seguir:

Figura 63
Flexão de número: Repetição do sinal
ANO-ANTERIOR / ANOS-ANTERIORES



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 119.

Quadros & Karnopp (2004, p. 111) listam oito formas de flexão e desenvolve sobre elas, mas apenas cita sem mais esclarecimento estes dois últimos casos:

FOCO TEMPORAL

Flexão que indica aspectos temporais, tais como ‘início’, ‘aumento’, ‘graduação’, ‘progresso’, ‘consequência’, etc.

MODOS:

Flexão que apresenta distinções, tais como os graus de facilidade.

Ainda recorremos a outros autores: Felipe (1988;1998) e Ferreira-Brito (1995), entretanto não houve nem menção às duas formas de flexão. Por isso, apenas informamos o que Quadros & Karnopp (2004) apresentaram.

Passemos agora Sintaxe da Libras, seção na qual trataremos sobre a espacialidade, uma peculiar característica nas línguas de sinais, para adentrarmos nos espaços mentais integrados, tendo como aporte teórico Fauconnier (1997); Fauconnier e Turner (2002); Liddell (2000 e 2003).

2.3.3 A sintaxe da libras

As línguas naturais são ricas, complexas e produtivas nos seus recursos e estratégias sintáticos para sua realização. Não existe qualquer que seja o enunciado que não possa ser produzido numa língua qualquer: pois cada uma delas encontrará uma maneira para realizar um enunciado.

Nas línguas oro-auditivas, a sintaxe geralmente apresenta características ligadas à sequencialidade e à linearidade, uma vez que as unidades lexicais se encadeiam formando os enunciados gramaticais, quando são produzidos, observado as possibilidades de relação sintática da língua. A Libras não foge a essa característica linguística, apresentando de maneira bastante peculiar a propriedade da espacialidade em sua sintaxe, onde o estabelecimento de relações gramaticais ocorre no espaço amplamente utilizado e referenciado ao longo da sinalização.

Segundo Quadros & Karnopp (2004, p. 127), “no espaço em que são realizados os sinais, o estabelecimento nominal e o uso do sistema pronominal são fundamentais para essas relações sintáticas”. Por isso, toda referenciação ocorrida no atos de enunciação precisa da determinação de um local no espaço de sinalização, que está logo à frente do sinalizador, conforme convenção na própria língua de sinais, podendo haver algumas restrições, conforme veremos mais adiante.

Para a referenciação, a Libras pode alçar mão de alguns mecanismos³⁶ do tipo:

³⁶ Os mecanismos apresentados encontram-se em Quadros & Karnopp (2004, pp. 127-129).

a) fazer o sinal em um local particular (se a forma do sinal permitir; por exemplo, o sinal de CASA pode acompanhar o local estabelecido para o referente)

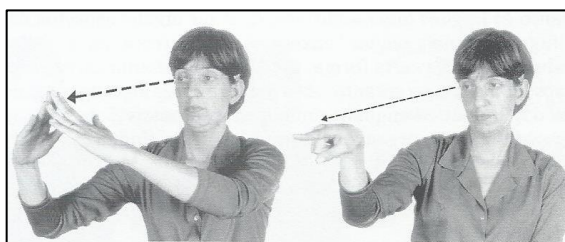
Figura 64
Fazer o sinal em um local particular
CASA (do João) / CASA (do Pedro)



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 128.

b) direcionar a cabeça e os olhos (e talvez o corpo) em direção a uma localização particular simultaneamente com o sinal de um substantivo ou com a apontação para o substantivo;

Figura 65
Direcionar a cabeça e os olhos
CASA / CASA



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 128.

c) usar a apontação ostensiva antes do sinal de um referente específico (por exemplo, apontar para o ponto 'a' associando esta apontação com o sinal CASA; assim o ponto 'a' passa a referir CASA);

Figura 66
Usar a apontação ostensiva
CASA / CASA



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 128.

d) usar um pronome (a apontação ostensiva) numa localização particular quando a referência for óbvia;

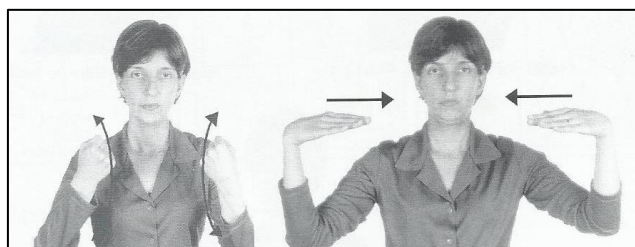
Figura 67
Usar um pronome (a apontação ostensiva)
CASA / A CASA NOVA



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 129.

e) usar um *classificador* (que representa aquele referente) em uma localização particular;

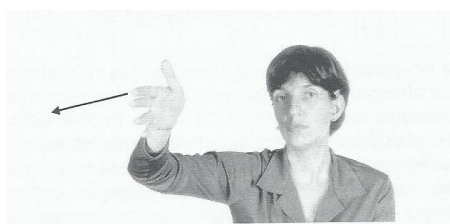
Figura 68
Usar um *classificador*
CARRO PASSAR UM PELO OUTRO



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 129.

f) usar um *verbo direcional* (com concordância) incorporando os referentes previamente introduzidos no espaço.

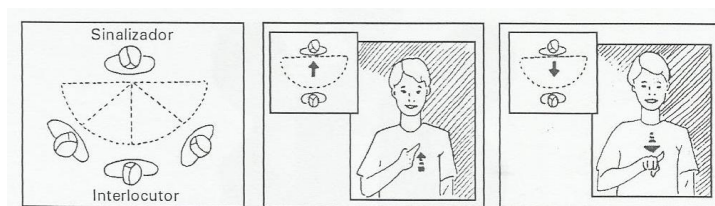
Figura 69
Usar um *verbo direcional*
EU IR CASA



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 129.

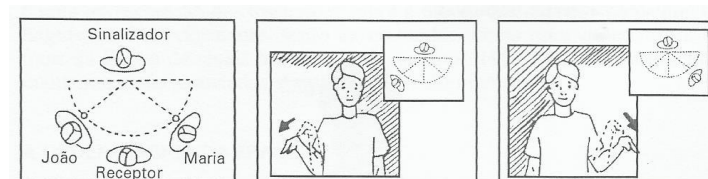
Toda essa possibilidade de estabelecimento dos referentes ligados à localização no espaço, realiza-se com os referentes presentes ou não no momento da enunciação. Uma vez mencionados, os referentes podem ser retomados por meio dos recursos anteriormente expostos. A presença dos referentes indica uma apontação para um espaço físico e real, mas, quando estão ausentes, serão retomados por pontos abstratos também no espaço. Vejamos os exemplos:

Figura 70
Localização no espaço na presença dos referentes



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 131.

Figura 71
Localização no espaço na ausência dos referentes



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 131.

Geralmente, as expressões faciais acompanham os sinais manuais, complementando-lhes o sentido, conforme vimos na seção sobre os parâmetros fonológicos das línguas de sinais. Segundo Liddell (1980, p. 13), “a face do sinalizador raramente é neutra ou descontraída; a sinalização é acompanhada pela posição da cabeça ‘não-neutra’, por movimentos da cabeça e movimentos do corpo”. Sobre isto, Quadros & Karnopp (2004, p. 132) sistematizam exemplos ilustrados que apresentamos na íntegra:

i. marcação de concordância gramatical através da direção dos olhos

Figura 72
Marcação de concordância gramatical
através da direção dos olhos



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 132.

ii. marcação associada com foco

Figura 73
Marcação associada com foco



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 132.

iii. marcação de negativas

Figura 74
Marcação de negativas



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 132.

iv. marcação de tópico

Figura 75
Marcação de tópico



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 132.

v. marcação de interrogativas

Figura 76
Marcação de interrogativa



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 132.

As expressões faciais são um recurso integrante na realização sígnica, que transcende os limites da Fonologia, passando pela Morfologia, chegando até a Sintaxe. Como vimos, tais expressões exercem papel fundamental na Libras e nas demais línguas sinalizadas, bem como os espaços mentais integrados, acerca dos quais trataremos na seção subsequente deste nosso trabalho.

2.3.3.1 Espaços mentais integrados

Fauconnier (1997) define os espaços como sendo mentais, pois são construções cognitivas que são desenvolvidas na medida em que pensamos e falamos, com o objetivo de representar um evento e chegar à compreensão e à ação. Isso prova que as línguas naturais transcendem os limites da atividade verbal, alcançando a cognição, pois perpassa todo ato de linguagem.

Mais adiante, Fauconnier & Turner (2002) acrescentam a integração e a interconexão aos espaços mentais, ampliando os horizontes apresentados anteriormente: “espaços mentais são constituídos por elementos conceituais; podem ser estruturados por *frames* organizacionais ou outros modelos cognitivos, como o modelo cognitivo idealizado; são interconectados; e podem ser modificados à medida que pensamos ou produzimos um discurso” (FAUCONNIER & TURNER, 2002). Segundo McCleary & Viotti, “a teoria dos espaços mentais originalmente surgiu para como uma alternativa para explicar fenômenos semânticos, especialmente aqueles relacionados a questões de referência” (2014, p. 126). Pascual (s/d, p. 1) diz que “a teoria também emergiu para resolver os casos de opacidade referencial, nos quais o referente de um sintagma é linguisticamente ambíguo e deve, portanto, ser elucidado pelo contexto”. A autora apresenta um exemplo para ilustrar: ‘O rei da França é calvo’, que pode ser reestruturado da seguinte forma: ‘O atual rei da França é calvo’, pois a calvície não é condição *sine qua non* para esta função exercida pelo rei.

Para Fauconnier (1997, p.1), a proposta dos mapeamentos entre os espaços mentais passou a ser percebida como uma faculdade cognitiva humana, que se relaciona à produção, transferência e processamento de significado do que se aplica amplamente quando nos colocamos a pensar, agir ou nos comunicar. Por

isso, essa teoria se destaca por sua aplicação dos estudos dos significados à função que exercem nos discursos reais, sua produção, raciocínio, enfim, a comunicação (op. cit., p. 5). Isso evidencia o caráter criativo da capacidade de imaginação humana desenvolvida por meio da atividade comunicativa, em que se constroem novos espaços mentais através da interconexão de espaços mentais (FAUCONNIER & TURNER, 2002).

Os significados não podem, portanto, ser concebidos como elementos estáticos, tampouco ilhados, entretanto são entendidos como um constructo que se realiza de maneira *online*, ligado a um contexto pontual, na medida em que se encadeiam os discursos, pensamentos e ações (McCLEARY & VIOTTI, 2014, p. 127).

Tais estudos focaram a existência dos espaços nas línguas orais, entretanto, Liddell (2003) aplica a mesma teoria à Língua Americana de Sinais (ASL), que é uma língua natural e, a partir dela, outras línguas sinalizadas receberam as mesmas investigações no âmbito espacial. Liddell tornou-se um marco nos estudos dos espaços mentais integrados para as línguas sinalizadas, desde de gêneros mais institucionalizados aos literários, passando pelo humorístico e pelo publicitário (PASCUAL, s/d, p.2)

Os espaços mentais assentam-se no espaço real, aquele no qual fisicamente o sinalizador se encontra. Mesmo assim, até o espaço real pode ser representado no mental, quando o sinalizador, por exemplo, minimiza algo do espaço real ao sinalizá-lo num espaço mental à sua frente ou lados. Por exemplo: uma cadeira pode ser apontada, em seguida sinalizada com as mãos. Isso confirma que “os espaços mentais podem ser entendidos como estratégias cognitivas de estruturar o polo semântico de nossas unidades simbólicas” (MOREIRA, 2007).

É bastante significativo o que afirma Pascual (s/d, p.4): “a peculiaridade dos espaços mentais reside no feito de que representam realidades possíveis em vez de ser reflexos exatos e objetivos de uma realidade concreta. São, portanto, configurações cognitivas seletivas de domínios de existência”. E conclui: “os espaços mentais são locais e não globais, por isso não podem ser definidos em termos de verdade absoluta” (*idem, ibidem*).

Os espaços são, portanto, uma maneira de expressar a realidade pontual através da aquisição sensorial de cada indivíduo, por isso os espaços e suas

configurações tomam formas distintas de pessoa para pessoa, já que a captação do mundo é individual e única.

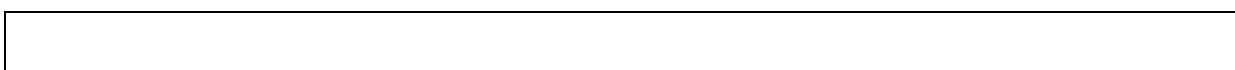
Com efeito, existem três tipos de espaços mentais integrados nas línguas de sinais: Espaço Real, Espaço *Token*, e Espaço Sub-rogado, sobre os quais trataremos separadamente nas seções a seguir.

2.3.3.1.1 *Espaço real*

O Espaço Real pode ser compreendido como um mapeamento cognitivo do espaço físico que rodeia o sinalizador (LIDDEL, 2000; 2003). Esse espaço é oriundo da nossa experiência sensório-perceptual do contexto situacional que nos abarca como falantes, levando em consideração nosso conhecimento de mundo. Inclui tudo aquilo que está à nossa volta: pessoas, objetos e espaços, da forma como os percebemos pela cor, forma, tamanho, textura, largura etc., ou seja, o termo espaço real define a concepção pessoal do ambiente imediato baseada na aquisição por meio dos sentidos (LIDDELL, 2003, p. 82)

O indivíduo concebe o espaço a partir do que está fisicamente presente ao seu redor, por isso, as entidades habitam espacialmente, e também temporariamente³⁷. Esses espaços podem ser considerados “reais”, daí decorre a apontação, que será um recurso bastante utilizado neste tipo de espaço, já que o enunciador pode recorrer imediatamente às entidades que fisicamente o circulam, por isso, o espaço real é considerado um espaço amplo.

Por ser uma representação mental do *locus* físico imediato, o espaço real é entendido por Liddell como um espaço *grounded*, pois os elementos são concebidos como existentes em seu espaço físico (cf. 2003, p. 82). No entanto, o autor afirma que esta relação é estabelecida, sobretudo, entre o enunciador e o espaço físico, não levando em consideração o espaço de enunciação. Para a Linguística Cognitiva, a graduação de existência segue o trajeto:



³⁷ Isso retoma a ideia de Tempo e Espaço apresentadas no primeiro capítulo. A ontogênese linguística reflete as coisas como são no mundo e como são apreendidas pelos falantes. Isso se reflete no momento de produção de fala em qualquer que seja a língua.

existência do mundo => representação cognitiva do mundo => ação linguística³⁸
(cf. LIDDELL, 2000).

Por exemplo, depois que um sinalizador faz menção a uma 3ª pessoa e o localiza no espaço à sua frente ou ao seu redor, ele pode apontar ou usar algum outro sinal para referenciar essa mesma pessoa sem que ela esteja necessariamente presente, por isso o espaço mental real alcança outros espaços mentais, integrando-os automaticamente. Observemos os exemplos ilustrativos a seguir:

Figura 77

Espaço Mental Real: apontação



Fonte: Liddell, 2003, p. 110.

Figura 78

Espaço Mental Real: referência de pessoas ausentes



Fonte: Liddell, 2003, p. 119.

Na figura 77, o espaço real se concretiza por meio do sinalizador fazendo uso da apontação para o interlocutor presente no contexto de enunciação. Observemos que olhos e mãos dirigem-se num mesmo ângulo para a pessoa com quem se fala, localizada imediatamente à frente do falante. Já na figura 78, o verbo indica reciprocidade entre pessoas referenciadas, mas ausentes no contexto de enunciação. Estas pessoas às quais o sinalizador faz referência estão localizadas à frente, um pouco à esquerda e direita.

O espaço real não pode, contudo, ser entendido como espaço de enunciação, já que o sinalizador pode fazer referência a entidades presentes ou ausentes, podendo interagir com elas, ou seja, devemos entender o espaço real como um espaço de representação sensorial (LIDDELL, 2003, p. 83). Neste caso, o espaço

³⁸ A ontogênese linguística da qual tratamos no primeiro capítulo encontra caminho aberto nesta seção de nosso trabalho: língua é, também, o produto da nossa experiência de/no/com o mundo.

mental real extrapola o espaço real, integrando-se aos outros espaços *token* e sub-rogado, sobre os quais trataremos respectivamente a seguir.

2.3.3.1.2 Espaço sub-rogado

O Espaço mental sub-rogado é também um espaço integrado, pois se soma ao espaço real para se concretizar. O sinalizador, querendo referenciar as diversas personagens, assume o papel de representá-las em seu próprio corpo. Esse espaço é geralmente utilizado para narrar algo do espaço real, por isso é uma espécie de discurso direto (cf. LIDDELL, 2003, pp. 151-164).

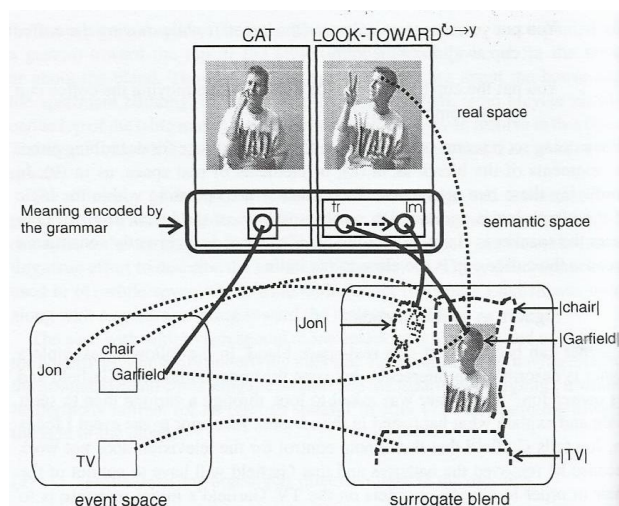
O sinalizador, ao assumir o papel das entidades referenciadas, deve evidenciar todas as características que melhor possam indicar de quem se está falando naquele momento, uma vez que, ao mencionar, por exemplo, dois personagens, o sinalizador pode simplesmente mover-se da direita para a esquerda (ou vice-versa) para assumir personagens distintos.

Segundo Liddell (2003, p.159), as representações mentais neste espaço ocorrem em tamanho natural, uma vez que são assumidas pelo corpo do sinalizador, pode este, inclusive, referenciar a mais de uma entidade, localizando-se à esquerda, por exemplo, para indicar uma entidade |A|³⁹ e, à direita, para indicar uma entidade |B|. Este recurso de mover-se de um lado para o outro para assumir personagens distintos é conhecido como *role-play*, bastante reiterado nas línguas de sinais. Digamos que essas entidades |A| e |B| sejam, respectivamente, o pai e o filho de seis anos de idade, por exemplo.

Ao se posicionar à esquerda para referenciar o pai |A|, o sinalizador precisa caracterizar-se como tal. Ao olhar, por exemplo para o filho |B|, o pai direcionará seu olhar partindo de cima para baixo, da esquerda para a direita, expressando em sua face um semblante de autoridade. O filho, por sua vez, ao ser assumido pelo sinalizador, olhará de baixo para cima, da direita para a esquerda, com um semblante mais pueril em sua face. É o que podemos observar num exemplo ilustrativo apresentado por Liddell (2003, p. 152):

³⁹ As barras [menino] que encerram, neste caso, a palavra menino indicam que esta entidade se realiza no espaço sub-rogado. Esse sinal é proposto por Liddell, 2003, p 141ss.

Figura 79
Espaço mental Sub-rogado integrado no momento da narração



Fonte: Liddell, 2003, p. 152.

A sinalização indica o momento em que Garfield, deitado na cadeira, ergue a cabeça para olhar em direção a John quando este se aproxima do animal. Observemos o movimento da cabeça, a direção do olhar, o uso do espaço à frente e ao lado, são estes alguns recursos desempenhados pelo sinalizador na realização do espaço sub-rogado.

Segundo o mesmo autor (2000; 2003), este espaço mental integrado restringe-se ao espaço de sinalização frente ao corpo do sinalizador e ao posicionamento que este pode tomar para assumir papéis diferentes, ou seja, o espaço sub-rogado sempre faz referência à terceira pessoa. Além disso, o espaço mental sub-rogado necessita de recursos⁴⁰ como:

- i. movimento do tronco e da cabeça;
- ii. direção do olhar;
- iii. caracterização do personagem;

⁴⁰ Esses recursos foram listados por Moreira, 2007, pp.52-53.

- iv. mudanças na expressão facial; e
- v. expressões nominais que indicam a personagem representada.

O sinalizador, portanto, fará parte da integração espacial, uma vez que ele torna-se o substituto das entidades por meio do seu próprio corpo, como pudemos perceber no exemplo apresentado do [gato Garfield] (LIDDELL, 2003, pp. 151-153). A simples expressão não-manual indica a troca de papéis, sem que seja sempre necessária a presença de um narrador para informar que, por exemplo: [Garfield] olhou para cima e fitou John, pois o próprio sinalizador indica a troca de turnos de fala, bem como a sequencialidade diegética de uma narrativa.

O terceiro e último espaço mental integrado é o *token*, bastante interessante e rico nas línguas de sinais, bem como na Libras. Passemos a exposição sobre este espaço.

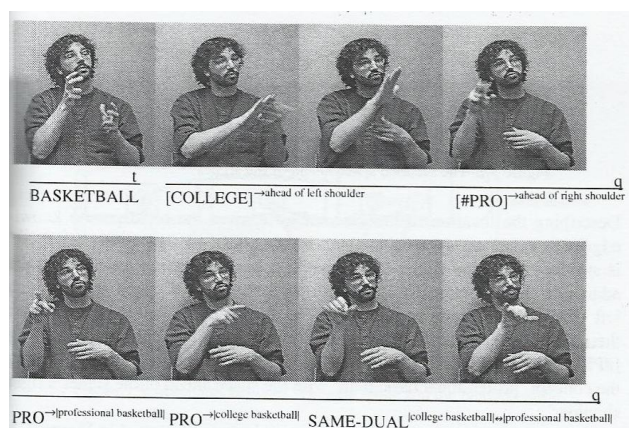
2.3.3.1.3 Espaço *token*

O Espaço mental *token* representa gestualmente as entidades ou as coisas das quais quer falar sob a forma de um ponto fixo no espaço físico, por isso, assim como o sub-rogado, refere-se sempre à terceira pessoa, seja mencionando indivíduos ou assuntos. Neste espaço, a sinalização ocorre como se houvesse um tabuleiro logo à frente do enunciador (LIDDELL, 2003, p. 190), devendo este utilizar-se de miniaturas à sua frente para tornar presentes outras entidades no momento da enunciação.

Ao contrário do espaço sub-rogado, em que o sinalizador faz parte na sinalização, sendo projetado neste espaço e substituindo as entidades que referencia, no espaço *token*, o sinalizador não se torna parte da integração espacial (*idem, ibidem*), já que o espaço *token* se restringe ao *locus* à frente do sinalizador. O sinal realizado no espaço *token* é concebido, portanto, como uma entidade isolada, a respeito da qual não são relevantes informações como proximidade, distância, como também posição acima ou abaixo de algo (*idem, ibidem*).

Abaixo, uma figura ilustrativa apresenta este fenômeno. O sinalizador deseja saber se a partida de basquete tem o mesmo tempo previsto tanto para o time do colegial como para o time profissional. Neste caso, duas entidades são localizadas no espaço: 1. [o time do colegial] e 2. [o time profissional]. Observemos:

Figura 80⁴¹
 Espaço mental *Token* numa frase interrogativa:
 “A partida de basquete tem o mesmo tempo previsto
 seja para o time do colegial ou o time profissional?”



Fonte: Liddell, 2003, p. 191.

Na primeira linha, os referentes são localizados: [o time do colegial] é alocado à esquerda e [o time profissional], à direita. Já na segunda linha, por sua vez, eles são retomados por meio da apontação. As duas primeiras imagens da segunda linha mostram a indicação à direita e à esquerda. Não houve, portanto, repetição dos termos ‘time do colegial’ e ‘time profissional’, mas uma associação entre o conceito ‘time colegial’ e o espaço à direita logo à frente do sinalizador; o mesmo se diga sobre o termo ‘time profissional’ no espaço oposto. As entidades ‘time do colegial’ e ‘time profissional’ integradas ao espaço real por meio de uma retomada através da apontação constituem uma entidade *token*.

Liddell (2003) ainda esclarece que, sequencialmente, deve ser criada a conceituação da entidade no espaço, somente depois, ela pode ser retomada por

⁴¹ Esse exemplo é um fragmento de um trecho maior de sinalização, conforme indica Liddell (2003) às páginas 190-191. Os sinais são oriundos da ASL, mas a apontação é bastante nítida ao indicar diferentemente ‘direito’ e ‘esquerdo’. O mesmo ocorre na Libras.

meio da apontação em direção ao local exato e já conhecido pelos falantes envolvidos, onde foi estabelecida a conceituação espacial. Caso isso não seja respeitado, gera-se um problema de referenciação e de quebra na cadeia coesiva do texto produzido.

Há algumas formas⁴² de identificar e localizar as entidades referenciadas no espaço mental *token*:

- i. um olhar focalizado para um determinado ponto no espaço de sinalização, seguido de apontação;
- ii. o uso direto de um sinal de apontação, seguido de uma expressão referencial;
- iii. uma expressão referencial, seguida de uma apontação ou olhar direcionado para um ponto fixo;
- iv. o sinal próprio de uma entidade, seguido de uma apontação/olhar direcionado no espaço (cf. MOREIRA, 2007, p 48).

Diante do sinalizador, muitas entidades no *token* podem ser alocadas, pois todas conseguem ser retomadas sem que haja confusão ou ambiguidade no processo de referenciação. É necessário que sejam respeitados os espaços pontuais onde se criou uma conceituação de alguma entidade.

Quando o sinalizador toma parte da enunciação, substituindo um personagem, ou seja, uma entidade, emerge daí o espaço sub-rogado. Este personagem, por sua vez, pode fazer uso de entidades no *token*, integrando esses dois espaços, que estão apoiados no espaço real. Por isso, os três espaços mentais, ora em tela, possuem a característica de serem integrados entre si. Eis porque aspectos cognitivos precisam ser ativados para dar conta de toda essa complexidade emergida no trato com a linguagem.

⁴² Essas formas foram listadas por Moreira, 2007, p 48.

Concluimos com esta seção a apresentação da teoria e da revisão bibliográfica para a análise dos textos coletados em Libras. Antes, porém, será apresentado o método escolhido para coleta, análise e exposição dos resultados desta pesquisa.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

*Embora fatos observados e
fatos deduzidos de fatos sejam
carne e osso da pesquisa científica,
seu coração e alma é
a especulação criativa dos fatos.
Givón, 2012*

Para a concretização deste trabalho, optamos por utilizar da pesquisa qualitativa de caráter analítico descritivo, uma vez que pretendemos nos debruçar sobre o processo de realização e estruturação da Libras, no que diz respeito à concretização dos verbos nos espaços sub-rogado e *token*.

Segundo Severino (2007, p. 123), “quanto aos seus objetivos, uma pesquisa pode ser exploratória, descritiva ou explicativa”. Acreditamos que nosso objetivo se enquadra nestas modalidades de pesquisa, pois pretendemos, como objetivo geral, mapear a ocorrência dos predicados verbais, no espaço mental sub-rogado e no espaço mental *token* em Libras.

Já como objetivos específicos, visamos:

- (i) categorizar os tipos de verbos que encabeçam as estruturas argumentais que ocorrem em cada um dos espaços mentais em tela;
- (ii) identificar as restrições formais e funcionais dos sinais lexicais (tipos de verbos) entre os espaços sob análise.

Para tanto, a nossa investigação se desenvolveu em dois momentos:

1º – A pesquisa exploratória, por meio da qual fizemos um levantamento das informações sobre o nosso objeto de estudo: a libras. Desta forma, pudemos delimitar o campo de trabalho para análise das manifestações do fenômeno estudado. Essa etapa foi de fundamental importância para a posterior, servindo-lhe de preparação.

2º – A pesquisa descritivo-explicativa. Este momento da nossa investigação possibilitou-nos analisar a língua em tela, propondo-lhe uma descrição sobre sua realização. Aqui não quisemos, nem seria pertinente, apresentar juízo sobre o que foi descrito. Apenas, descrevemos o fenômeno linguístico da forma como ele ocorre.

3.1 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

O *corpus* coletado foi constituído a partir de outra pesquisa já existente, vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Libras (GEPEL), da Universidade Federal de Pernambuco, cujo título é: “Marcas da LIBRAS no discurso argumentativo escrito em português por surdos”, pesquisa financiada pelo CNPq (Edital CNPq/CAPES 07/2011, Processo nº 401834/2011-5, protocolo nº 3609647291897900), tendo relatório aprovado em julho de 2014. Utilizamos 10 (dez) vídeos dum total de 13 (treze) vídeos.

Para a constituição do *corpus*, considerou-se o seguinte percurso:

1º – Inicialmente, apresentava-se a pesquisa ao candidato voluntário, a fim de que tomasse conhecimento do processo. Após aceitação, ele concedia assinatura num termo de consentimento livre e esclarecido. Um simples e breve questionário era preenchido para fins de cadastramento dos voluntários, bem como para obter as informações do nível de surdez/perda auditiva e o tempo de imersão na Libras por parte do surdo colaborador.

2º – Logo em seguida, era solicitado que o surdo sinalizador apresentasse sua opinião sobre o binômio ‘escola bilíngue’ x ‘escola inclusiva’. Havia duas perguntas motivadoras: (i) *Você defende escola inclusiva, ou escola bilíngue para surdos?*; (ii) *Nas salas de aula, você defende a presença de intérpretes, ou professores que usem Libras?* Em duas fichas distintas, encontravam-se as perguntas, mas apenas uma era entregue para cada voluntário. As perguntas foram apresentadas aleatoriamente. Antes de os participantes serem filmados, havia um momento de conversa para estimular a produção de ideias e opinião. Para esta nossa pesquisa, recolhemos apenas os textos em Libras que respondiam à primeira pergunta.

3º – Depois da referida conversa, o participante era posicionado no campo de filmagem para que apresentasse sua opinião em Libras e fosse registrada em câmera filmadora apropriada. Não havia tempo mínimo ou máximo determinado para

a produção de texto gestual. Essa foi uma etapa de bastante espontaneidade dos participantes, uma vez que utilizavam sua língua natural.

4º – No último momento, o participante era colocado diante de um computador para retextualizar na modalidade escrita da língua portuguesa numa folha de papel aquilo que sinalizara em Libras. Essa folha continha a pergunta motivadora que lhe fora apresentada para que ele emitisse sua opinião. Segundo relatos dos pesquisadores, esse momento pareceu um pouco mais delicado e difícil para os colaboradores, inclusive, um participante recusou-se fazer a escrita em língua portuguesa.

Não fizemos uso do texto escrito para fins desta nossa pesquisa, uma vez que focalizamos o registro em Libras, objeto de nossa análise.

3.2 VOLUNTÁRIOS DA PESQUISA

Participaram desta pesquisa 10 (dez) surdos usuários fluentes em Libras com 12 a 26 anos de uso desta língua. Todos com perda auditiva entre profunda e moderada, sendo todos com formação no ensino médio. Todos os voluntários residem na cidade de Recife ou circunvizinhas da região metropolitana, tidas como Grande Recife.

3.3 INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Os instrumentos empregados para a coleta de informações da pesquisa compreendem um questionário para cadastramento dos participantes e uma gravação em vídeo da opinião emitida pelos participantes. Tais instrumentos tiveram as seguintes funções:

- 1) O questionário para cadastramento dos voluntários colaboradores serviu para que fosse delineado o perfil dos surdos participantes da pesquisa.

Neste questionário, além de informações pessoais, buscavam-se informações sobre o nível de surdez/perda auditiva tempo, bem como o tempo de uso da Libras. Não fizemos uso do questionário para tabular dados, pois todos os participantes apresentaram grau severo ou profundo de surdez, o que já era bastante para os nossos objetivos.

- 2) A gravação em vídeo é a forma de registro adequada à modalidade da língua de nossa análise, que ocorre na modalidade gesto-visual. Neste sentido, tivemos a assessoria de um técnico em filmagem sobre as melhores condições para um bom registro e documentação dos dados linguísticos da Libras.

Cada voluntário concedeu as informações individualmente. Um espaço de tempo de, mais ou menos, 30 (trinta) minutos era destinado para cada participante.

3.4 MATERIAIS E PROCESSOS PARA OBTENÇÃO DOS DADOS

A coleta de dados ocorreu entre os meses de março e novembro de 2013. Inicialmente, segundo os pesquisadores, foi feito um contato direto com vários surdos, entre aqueles que aceitaram participar da pesquisa, foi agendado num local previamente organizado, que foi na UFPE-CAC (Centro de Artes em Comunicação).

Já no primeiro contato individual com cada voluntário, foi explicado o teor da pesquisa, depois foram entregues duas cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e apresentou-se a ficha de cadastro com o pequeno questionário para resposta pessoal. Somente depois desta etapa, era iniciada a fase de conversa sobre o tema, gravação em vídeo da opinião de cada participante em Libras e, por fim, a retextualização em língua portuguesa, que para nós não servirá para fins de análise.

As filmagens foram feitas em câmera filmadora digital *Sony Action Cam HDR-AS15*, sendo autorizada sua visualização posterior, devendo ser preservada somente para fins de pesquisa em análise e descrição linguística.

3.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

No nosso trabalho, utilizamos o *corpus* de uma pesquisa anterior à nossa, que firmou o compromisso de manter sigilo sobre a identidade dos participantes, que assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aceitando e autorizando a realização da pesquisa. Entretanto, era do conhecimento de todos que as imagens seriam utilizadas para fins de análise linguística, de modo que todos apresentaram concordância para com a pesquisa.

3.6 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa contou com dois momentos de análise de dados:

- 1) A abordagem dos dados: que foi obtida pela aplicação de um cadastro e pequeno questionário, por meio do qual tivemos acesso ao perfil dos participantes da pesquisa. Mas, como já mencionamos, não utilizamos esses dados para a presente pesquisa.
- 2) A abordagem qualitativa dos dados: esses dados foram extraídos das filmagens, analisados, descritos e explicados, para depois serem apresentados em tabelas e discutidos posteriormente.

As filmagens foram analisadas por completo e em excertos, de modo que os sinais foram observados dentro do seu contexto de realização frasal, bem como separadamente.

3.7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise dos dados utilizou todo o material coletado, destacando alguns momentos de ocorrência dos sinais de verbos, uma vez que nosso objetivo visa ao

mapeamento dos predicados verbais: sua configuração e realização nos dois espaços distintos e inter-relacionados: o sub-rogado e o *token*.

Tendo como base o referencial teórico desta pesquisa, analisamos o material coletado, onde pudemos perceber: as restrições morfológicas quando da realização dos sinais verbais a partir do espaço em que aconteciam. Nesta fase da pesquisa, procuramos articular os fundamentos teóricos com aspectos ligados à ontologia linguística, linguística cognitiva, universais linguísticos e morfossintaxe dos verbos nos espaços integrados.

Os dados quantitativos foram inter-articulados com os dados qualitativos na análise a fim de que pudéssemos obter uma melhor e maior compreensão do objeto de estudo. É o que mostramos no capítulo a seguir.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

*O primeiro era de nunca aceitar coisa alguma
como verdadeira sem que a conhecesse
evidentemente como tal; ou seja, evitar
cuidadosamente a precipitação e
a prevenção, e não incluir em meus juízos
nada além daquilo que se apresentasse
tão clara e distintamente a meu espírito,
que eu não tivesse nenhuma ocasião
de pô-lo em dúvida.*

Descartes, 2001
O Discurso do Método

No segundo semestre de 2011, conforme início das reflexões e orientação do MEC para o fechamento das escolas bilíngues para surdos, iniciou-se um embate nacional nas diversas organizações de surdos em rejeição àquilo que era proposto (imposto) como opção metodológica para o ensino de surdos usuários de Libras. Houve grande mobilização em todo país, chegando a Brasília, onde os manifestantes foram recebidos pelo ministro da Educação para discussão e novas propostas.

Motivados pelo binômio Escola Bilíngue x Escola Inclusiva, como já apresentamos na metodologia desta pesquisa, sugerimos este tema para motivar de maneira positiva os participantes de nossa pesquisa e escolhemos aqueles textos que responderam à seguinte pergunta: “*Você defende escola inclusiva, ou escola bilíngue para surdos?*”, conforme já sinalizamos no capítulo da metodologia desta pesquisa. Analisamos, portanto, 10 (dez) vídeos, que perfazem um tempo total de 24:25 (vinte e quatro minutos e vinte e cinco segundos), havendo vídeos que têm duração desde 1:00 (um minuto) a 5:18 (cinco minutos e dezoito segundos). A seguir, sistematizamos num quadro o tempo de duração de cada vídeo.

QUADRO 04
VÍDEOS ANALISADOS

NÚMERO DO VÍDEO	TEMPO DE SINALIZAÇÃO (minutos e segundos)
VÍDEO 1	1:12
VÍDEO 2	2:07
VÍDEO 3	1:16
VÍDEO 4	3:27
VÍDEO 5	3:26
VÍDEO 6	5:18
VÍDEO 7	1:01
VÍDEO 8	3:59
VÍDEO 9	1:27
VÍDEO 10	1:00
Tempo total	24:25

Fonte: Pesquisa direta – 2014

Fizemos algumas escolhas metodológicas para a organização e apresentação dos dados a fim de deixar mais clara possível a tabulação, no que diz respeito aos seguintes critérios:

1) INCORPORAÇÃO DE NEGAÇÃO

Os sinais de verbos que incorporam a negação sem possibilidade de segmentação foram transcritos com hífen. Vejamos:

O sinal de 'NÃO-PODER' é apresentado com hífen, pois a incorporação da negação altera morfologicamente a realização deste sinal. O mesmo não acontece para sinais como 'NÃO ENSINAR' e 'NÃO FAZER', que tiveram somente os verbos transcritos sem a presença do advérbio de negação, já

que, nestes casos, a partícula de negação era composta por uma unidade lexical distinta do outro lexema a que negava.

Os verbos que incorporaram negação sem possibilidade de segmentação foram:

- NÃO-PODER;
- NÃO-SABER;
- NÃO-TER;
- NÃO-CONHECER.

2) POLISSEMIA

Por conta da polissemia, a transcrição de alguns sinais apresenta logo em seguida a acepção tomada pelo sinal. Por exemplo, o sinal de 'DAR' pode também significar 'TER POSSIBILIDADE'. Neste caso, transcrevemos:

DAR (ter possibilidade).

Facilmente, podemos perceber nos vídeos que muitos participantes sinalizavam algo, mas oralizavam outro lexema. Poderíamos até dizer que o mesmo sinal em Libras tenha equivalência a duas ou mais palavras em português. Neste caso, apresentamos a primeira acepção dicionarizada, em seguida, entre parênteses, apresentamos a acepção contextual. Isso ocorreu nos verbos:

- TER (haver) e (existir) – neste verbo é bastante significativo fazer a distinção, uma vez que tais acepções alteram o valor sintático da estrutura argumental. Em Libras, esse verbo apresenta a mesma forma para os quatro verbos em português: TEM => ter, haver, existir, possuir. Ou seja, os argumentos presentes na oração, a depender do valor semântico dos verbos, podem assumir a função ora de SUJEITO ora de OBJETO.

Chamamos ainda a atenção para o fato de o mesmo verbo TER apresentar a acepção de 'usar': em Libras, o participante disse:

O PROFESSOR NÃO-TINHA LIBRAS, no sentido de 'não usava/sabia'.

Os verbos com acepção apresentada entre parênteses foram:

- TER (ter, haver, existir, possuir, usar, saber);
- INCLUIR (fazer inclusão);
- TROCAR (intercambiar, relacionar);

- VER (perceber);
- ACHAR (considerar);
- DAR (ter possibilidade, entregar, passar assunto);
- CONTAR (narrar);
- COMBINAR (concordar);
- DESCOBRIR (encontrar);
- DEIXAR (desistir);
- MUDAR (transferir);
- PASSAR (ser aprovado);
- CAMINHAR (ir);
- FUI (ser ou ir).

Outros verbos ainda que apresentam algo entre parênteses:

- FALANDO (reciprocamente)
- VER (continuamente)
- LER (continuamente)

3) VERBOS OCULTOS

Escrevemos os verbos ocultos entre parênteses, mas em maiúsculo para diferenciar com os outros escritos em minúsculo, que se referem ao sentido, já tratados no item anterior.

Os verbos ocultos geralmente são auxiliares: 'ser' e 'estar'.

- (ESTOU) PREOCUPADO;
- (ESTÃO SENDO) FECHADAS;
- (SEJAM) INCLUÍDOS;
- (SER) COLOCADO;
- (ERA) FORÇADA;
- (ÉRAMOS) OBRIGADOS;
- (ÉRAMOS) DESPREZADOS;
- (SOFRÍAMOS) PRECONCEITO;
- (ÉRAMOS) REJEITADOS.

4) DIRECIONALIDADE

Alguns verbos, por conta da direcionalidade e concordância, configuram-se de maneira a apresentar esse fenômeno. Tais verbos foram transcritos como: ENSINAVA-A-MIM, pois já indicam sujeito+verbo+objeto ou ainda podem indicar a reflexividade. Os verbos normalmente classificados como direcionais, mas que no uso não apresentavam direcionalidade explícita com finalidade para indicação de sujeito ou objeto foram transcritos como os demais verbos.

Verbos direcionais encontrados:

- ENSINAVA-A-MIM;
- PERCEBERAM-EM-MIM;
- UNEM-SE;
- DAVAM-A-MIM;
- ME-MUDEI;
- DAVA-PARA-MIM;
- EXPLICAVA-PARA-MIM;
- ORALIZANDO-PARA-MIM;
- DÁ-PARA-MIM;
- SE-RELACIONAM

Para fins de uma melhor visualização e sistematização dos dados, apresentaremos tabelas, gráficos e imagens que auxiliarão as nossas investigações e considerações.

No decorrer de nossas análises, percebemos, claramente, a opinião dos participantes da pesquisa, o que atribuía aos textos sinalizados uma maior definição do caráter argumentativo-dissertativo como tipologia textual predominante em sua tessitura. Isso encontramos nos vídeos 1, 2, 3, 4, 7, 9 e 10, quando também pudemos perceber uma maior presença do Espaço Real.

Já nos vídeos 5, 6 e 8, a tipologia predominante foi a narrativa, mas o uso dos espaços foi bastante igualitário também, uma vez que os sinalizadores falaram em primeira pessoa, gerando maior necessidade do espaço real.

Para uma melhor visualização dos critérios analisados, apresentamos um quadro com os seguintes itens, que se repetirão nos demais textos investigados:

- N° - Número de ocorrências de verbos;
- VERBO – Verbos conforme a ordem de aparição nos textos flexionados ou não;
- TEMPO – Tempo (minuto e segundo) em que o verbo foi utilizado na oração;
- ESPAÇO – Espaço mental integrado empregado pelo sinalizador para a realização do verbo anteriormente indicado. As abreviações indicam:
ER (Espaço Real);
ESR (Espaço Sub-rogado) e
ET (Espaço *Token*);
- TIPO DE VERBO – Categorização dos tipos de verbos, conforme proposta de Quadros & Karnopp (2004):
 - 3) Verbos Sem Concordância – SC
 - 4) Verbos Com Concordância – CC
 - Verbos Espaciais (locativos e direcionais)
 - Verbos Manuais (incorporam a morfologia do objeto)
 - Verbos Reversos (o início da trajetória desses verbos se dá no local convencionalizado para o objeto, concluindo no local para o sujeito);
- ORDEM SINTÁTICA – Posição assumida pelos argumentos na oração. Quando
 - Sujeito => S;
 - Verbo => V;
 - Objeto => O.

4.1 VÍDEO 1

O vídeo 1 tem o tempo total de gravação de 01(um) minuto e 12 (doze) segundos. O sinalizador produziu um texto predominantemente dissertativo-argumentativo, apresentando a sua opinião sobre o tema que lhe foi exposto. Acreditamos que a predominância da tipologia indicada motivou um maior uso do espaço real, já que, por outro lado, predominantemente em textos narrativos, a existência de personagens distintos necessite de falas diretas ou indiretas por parte do narrador.

No texto 1 sinalizado do vídeo 1, a voluntária inseriu em seu discurso apenas as entidades |alunos|, |crianças| e |surdos| configuradas no espaço sub-rogado. Todas as demais foram realizadas em espaço real e nenhuma no espaço *token*. Para uma visão completa dos verbos presentes no texto do vídeo 1, sistematizamos num quadro esquemático abaixo, conforme mencionamos cada critério logo no início deste capítulo.

QUADRO 05

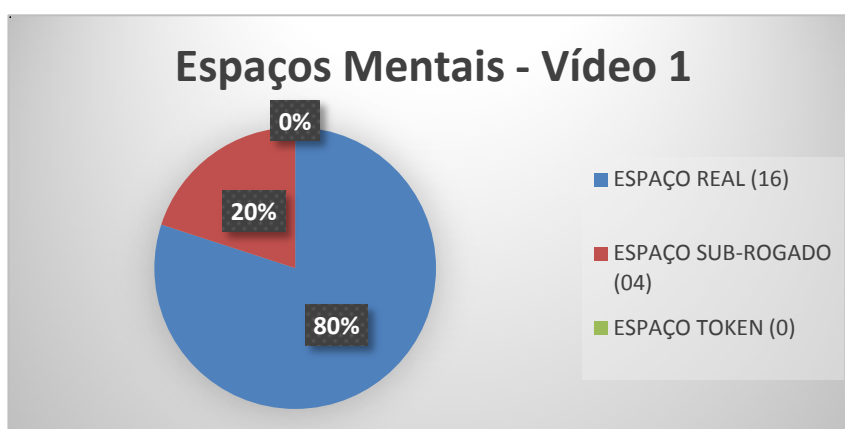
QUADRO-ESQUEMÁTICO VÍDEO 1					
Nº	VERBO	TEMPO	ESPAÇO	TIPO DE VERBO	ORDEM SINTÁTICA
1	É	0:06	ER	SC	SVO
2	TEM (haver)	0:11	ER	SC	VO
3	É	0:18	ER	SC	VO
4	PRECISA	0:24	ER	SC	VO
5	CONHECER	0:25	ER	SC	VO
6	É	0:30	ER	SC	VO
7	SAIBA	0:35	ER	SC	SVO
8	ENSINAR	0:40	ER	CC	VO
9	VEEM	0:41	ESR	CC	SVO
10	ENTENDEM	0:43	ESR	SC	VO
11	PODE	0:46	ER	SC	VO
12	ENSINAR	0:48	ER	CC	SV
13	PRECISA	0:49	ER	SC	VO
14	SABER	0:50	ER	SC	VO
15	PECISAM	0:52	ER	SC	SVO
16	ABSORVER	0:53	ESR	CC	SV

17	É	0:56	ER	SC	SVO
18	PRECISA	0:59	ER	SC	VSO
19	RESPEITAR	1:01	ER	CC	SVO
20	ESCOLHAM	1:02	ESR	SC	SVO

• O USO DOS ESPAÇOS

Observamos a ocorrência total de 20 (vinte) verbos, sendo 16 (dezesesseis) no espaço real (ER), perfazendo 80%; 04 (quatro) no espaço sub-rogado (ESR), perfazendo 20%; e nenhuma realização no espaço *token* (ET), perfazendo 0%. Vejamos as porcentagens no gráfico a seguir:

Gráfico 01



Fonte: Pesquisa direta – 2014

O grande percentual do espaço real mostra que a voluntária expôs seu texto em primeira pessoa, fazendo, em seu próprio nome, menção a outras entidades: professor, surdos, escola bilíngue ou inclusiva, etc. Neste caso, a sinalizadora incorporou em pequena escala a fala dessas outras entidades.

• O USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS

Apenas 04 (quatro) verbos foram identificados sendo realizados no espaço sub-rogado:

No espaço sub-rogado:

- 02 (dois) verbos sem concordância e
- 02 (dois) verbos com concordância, do tipo espaciais

No espaço *token*:

- não foi realizada nenhuma ocorrência verbal.

A seguir, sistematizamos esses verbos, distribuindo-os entre os tipos de verbos e de espaços. Observemos:

QUADRO 06

USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS MENTAIS INTEGRADOS – VÍDEO 1 –		
	ESPAÇO SUB-ROGADO	ESPAÇO <i>TOKEN</i>
VERBOS SEM CONCORDÂNCIA	02	-
VERBOS COM CONCORDÂNCIA		
ESPACIAIS	02	-
MANUAIS	-	-
REVERSOS	-	-
OCORRÊNCIAS NOS ESPAÇOS	04	-
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	04	

Cabe-nos apresentar alguns destes verbos para melhor entendimento do fenômeno no uso dos espaços. Aproveitamos para informar que os *corpora* da pesquisa em que coletamos os vídeos está subdividido em dois grupos de vídeos: sem legenda e com legenda. Pelo fato de o tratamento dispensado aos vídeos com legenda ter sido mais acurado, optamos por utilizá-los. Neste caso, aparecerão alguns trechos com este recurso que, às vezes, não correspondem à nossa tradução, que julgamos ser a mais próxima do que foi sinalizado. Vejamos:

Figura 81
Verbo: ENSINAR no Espaço Real
Tempo: 0:40



Fonte: Vídeo 1 (Arquivo Gepel/2014)

Iniciamos com o verbo ENSINAR, que, mesmo sendo realizado em espaço real, apresenta um posicionamento do corpo do sinalizador em direção a outra entidade que está à sua frente numa posição inferior. O enunciado diz: ‘É importante que o professor saiba Libras para ensinar aos alunos’. Entendamos o processo de sinalização:

1. A sinalizadora faz menção ao professor e, como já dissemos, se posiciona voltando-se para seu lado esquerdo;
2. Executa o verbo ENSINAR, que é um verbo com concordância (espacial), direcionando para os [alunos]⁴³, posteriormente referenciados e alocados numa posição na altura da cintura do professor, como se estivessem sentados nas carteiras em sala de aula.

Não pudemos definir o verbo ENSINAR como tendo sido realizado em espaço sub-rogado, pois a entidade referida ‘professor’ não toma o corpo emprestado da sinalizadora para construir sua fala. Todavia, nos exemplos abaixo, podemos afirmar a presença do espaço sub-rogado, pois a sinalizadora utilizou dos recursos pertencentes a esse tipo de espaço:

- 1) Movimento do troco e cabeça: cabeça pouco elevado como quem está sentado e olha para uma pessoa em pé;

⁴³ As barras em [alunos] indicam que a uma entidade foi sinalizada em espaço sub-rogado.

2) Direção do olhar: seu olhar voltava-se para cima, indicando alunos sentados nas carteiras escolares;

Podemos identificar isto nos três exemplos a seguir:

- OS ALUNOS **VEEM**.
- OS ALUNOS **ENTENDEM** CLARAMENTE.
- AS CRIANÇAS PRECISAM **ABSORVER** CLARAMENTE EM LIBRAS.
- QUE OS SURDOS **ESCOLHAM** A ESCOLA BILÍNGUE

Pelo fato de os espaços serem integrados, a passagem de um para outro pode ocorrer muito rapidamente. Inclusive, uma oração pode iniciar num espaço, continuar num diferente e terminar em outro ainda diferente. A espacialidade na Libras é, realmente, um recurso bastante rico e explorado. Observemos os exemplos:

Figura 82
Verbo: VEEM no Espaço Sub-rogado
Tempo: 0:41



Fonte: Vídeo 1 (Arquivo Gepel/2014)

Figura 83
Verbo: ENTENDEM no Espaço Sub-rogado
Tempo: 0:43



Fonte: Vídeo 1 (Arquivo Gepel/2014)

Figura 84
Verbo: ABSORVER no Espaço Sub-rogado
Tempo: 0:53



Fonte: Vídeo 1 (Arquivo Gepel/2014)

Nesses dois exemplos, vemos a sinalizadora assumindo a postura dos alunos surdos, que VEEM, ENTENDEM e ABSORVEM. A posição do corpo, a direcionalidade do olhar são características significantes na realização destes verbos, pois mostram a incorporação de entidades em status de crianças estudantes que olham para cima em contraposição a um professor 'de pé' em sala de aula. Mais abaixo, a atividade de escolha dos alunos em relação a escola bilíngue, objeto de sua preferência para a metodologia adequada para o ensino de surdos usuários de Libras.

Figura 85
Verbo: ESCOLHAM no Espaço Sub-rogado
Tempo: 1:02



Fonte: Vídeo 1 (Arquivo Gepel/2014)

Neste vídeo, pudemos constatar que verbos 'com' e 'sem concordância' podem ser realizados nos espaços real e sub-rogado sem restrições em qualquer nível. cremos que isso se deve ao fato de ambos os espaços apresentarem as mesmas características no uso do corpo inteiro do sinalizador, havendo distinção apenas para a pessoa do discurso se 1ª ou 3ª.

- **ORDEM DA ORAÇÃO**

No texto presente no vídeo 1, foram identificadas as seguintes possibilidades de disposição sintática dos argumentos constituintes nas orações:

QUADRO 7
ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES – VÍDEO 1

Nº	ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
1	SVO	7
2	SOV	-
3	VOS	-
4	VSO	1
5	OVS	-
6	OSV	-
7	SV	2
8	VO	10
9	VS	-
10	OV	-
11	V	-
TOTAL		20

A ordem básica da oração SVO ocorreu mais vezes no vídeo analisado. Um fato interessante é que a ordem VO, na verdade, em muitos casos, compartilha o mesmo sujeito com outras orações anteriores dum mesmo período composto. Mas, pelo fato de este mesmo sujeito não se manifestar lexicalmente em cada oração, não pudemos considerar a estrutura SVO. Com efeito, a ordem de aparição no período preservaria essa mesma sequência SVO.

4.2 VÍDEO 2

O vídeo 2 tem o tempo total de gravação de 02 (dois) minutos e 07 (sete) segundos. O sinalizador também produziu um texto predominantemente dissertativo-argumentativo, apresentando a sua opinião sobre o tema exposto. Assim como no vídeo anterior, acreditamos que a predominância da tipologia indicada motivou um maior uso do espaço real, uma vez que a presença de personagens distintos se dê, mais frequentemente, em textos mais narrativos.

No texto sinalizado do vídeo 2, o voluntário inseriu em seu discurso as entidades |professor| e |crianças surdas| configuradas no espaço sub-rogado. As entidades realizadas em espaço *token* foram: ‘escola bilíngue’, ‘escola inclusiva’, ‘cego’, ‘ouvinte’, ‘surdo’. Todas as demais ocorrências foram realizadas em espaço real. Para uma visão completa dos verbos presentes no texto do vídeo 1, sistematizamos num quadro esquemático abaixo, conforme mencionamos cada critério logo no início deste capítulo.

QUADRO 08

QUADRO-ESQUEMÁTICO VÍDEO 2					
Nº	VERBO	TEMPO	ESPAÇO	TIPO DE VERBO	ORDEM SINTÁTICA
1	TENHO PENSADO	0:15-16	ER	SC	SV
2	(ESTOU) PREOCUPADO	0:18	ER	SC	VO
3	TEM (existir)	0:19	ER	SC	VS
4	PRECISA	0:22	ER	SC	SVO
5	INCLUIR (fazer inclusão)	0:23	ER	SC	V
6	NÃO-PODE	0:24	ER	SC	V
7	QUER	0:25	ER	SC	VO
8	É	0:32	ER	SC	VO
9	TEM	0:34	ER	SC	VO
10	ENSINAR	0:36	ER	CC	SVO
11	DESENVOLVER	0:43	ER	SC	VO
12	APRENDER	0:44	ER	SC	VO
13	TENHO VISTO	0:51-2	ER	CC	SVO
14	(ESTOU) PREOCUPADO	0: 52	ER	SC	VO

15	(ESTÃO SENDO) FECHADAS	0:53-54	ET	CC	V
16	MANDA	0:56	ER	SC	SVO
17	INCLUIR	0:57	ER	SC	V
18	CONHECER	0:57	ER	SC	OVS
19	FALTA	0:58	ER	SC	OVS
20	INSISTIR	1:00	ER	SC	VO
21	TEM	1:04	ER	SC	SVO
22	ATRAPALHAR	1:05	ER	SC	VO
23	ORALIZA	1:07	ESR	SC	SVO
24	ENTENDEM	1:10	ESR	SC	SVO
25	TER	1:12	ER	SC	V
26	COLOCAR	1:12	ET	CC	VO
27	COLOCAR	1:14	ET	CC	VO
28	COLOCAR	1:15	ET	CC	VO
29	CONFUNDE	1:16	ER	SC	V
30	PREJUDICA	1:18	ER	SC	VO
31	PRECISA	1:20	ER	SC	VOS
32	SEPARAR	1:21	ET	CC	VOS
33	SEPARAR	1:22	ET	CC	VO
34	EVITAR	1:24	ER	SC	V
35	LUTAREM	1:28	ESR	SC	SV
36	PODE	1:29	ER	SC	VO
37	APRENDER	1:31	ESR	SC	V
38	CRESCENDO	1:32	ER	SC	VS
39	CRESCENDO	1:33	ER	SC	SV
40	APRENDEREM	1:34	ESR	SC	V
41	CONHECER	1:35	ER	SC	VO
42	CONHECER	1:39	ER	SC	OV
43	DESENVOLVER	1:40	ER	SC	V
44	PODE	1:44	ER	SC	VO
45	(SER) INCLUÍDO	1:44	ER	SC	VO
46	APRENDER	1:46	ER	SC	V
47	PODE	1:48	ER	SC	VO
48	INCLUIR	1:49	ET	SC	VO
49	CONHECER	1:51	ER	SC	VO
50	INTERAGIR	1:51	ER	CC	VO
51	DESENVOLVER	1:53	ER	SC	SV
52	(ESTOU) PREOCUPADO	1:57	ER	SC	SVO
53	FOCAR	1:58	ER	CC	SVO

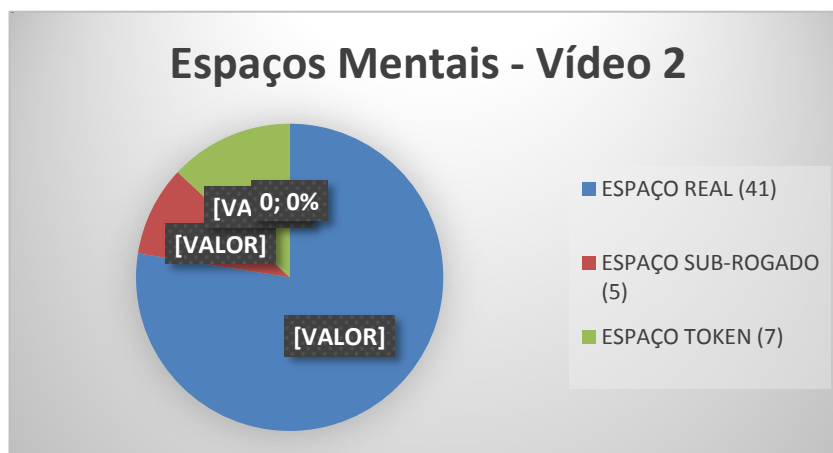
Fonte: Pesquisa direta - 2014

• O USO DOS ESPAÇOS

Observamos a ocorrência total de 53 (cinquenta e três) verbos, sendo 41 (quarenta e um) no espaço real (ER), perfazendo 77,5%; 5 (cinco) no espaço sub-

rogado (ESR), perfazendo 9,5%; e 7 (sete) no espaço *token* (ET), perfazendo 13%. Vejamos as porcentagens no gráfico a seguir:

Gráfico 02



Fonte: Pesquisa direta – 2014

O grande percentual do espaço real mostra que o participante também elaborou seu texto em primeira pessoa, fazendo, em seu próprio nome, menção a outras entidades: MEC, professor, surdos, crianças surdas, escola bilíngue ou inclusiva, intérpretes, cego, ouvinte, etc. Neste caso, o sinalizador do vídeo 2 incorporou a fala dessas outras entidades numa maior proporção que o primeiro vídeo.

• O USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS

12 (verbos) verbos foram identificados na realização dos dois espaços em análise:

No espaço sub-rogado:

- 05 (cinco) verbos sem concordância e
- nenhum verbo com concordância.

No espaço *token*:

- 01 (um) verbo sem concordância e
- 06 (seis) verbos com concordância.

Abaixo, alocamos os verbos identificados, distribuindo-os entre os tipos de verbos e de espaços. Vejamos:

QUADRO 09

USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS MENTAIS INTEGRADOS – VÍDEO 2 –		
	ESPAÇO SUB-ROGADO	ESPAÇO <i>TOKEN</i>
VERBOS SEM CONCORDÂNCIA	05	01
VERBOS COM CONCORDÂNCIA		
ESPACIAIS	-	03
MANUAIS	-	03
REVERSOS	-	-
OCORRÊNCIAS NOS ESPAÇOS	05	07
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	12	

Fonte: Pesquisa direta – 2014

Apresentaremos alguns destes verbos para melhor entendimento do fenômeno no uso dos espaços. Exporemos inicialmente os verbos ocorridos no espaço sub-rogado, para depois apresentarmos no *token*.

No espaço sub-rogado, encontramos as seguintes construções:

- O PROFESSOR **ORALIZA**;
- AS CRIANÇAS NÃO **ENTENDEM**;
- PARA AS CRIANÇAS SURDAS **LUTAREM** E DEPOIS **APRENDER**;

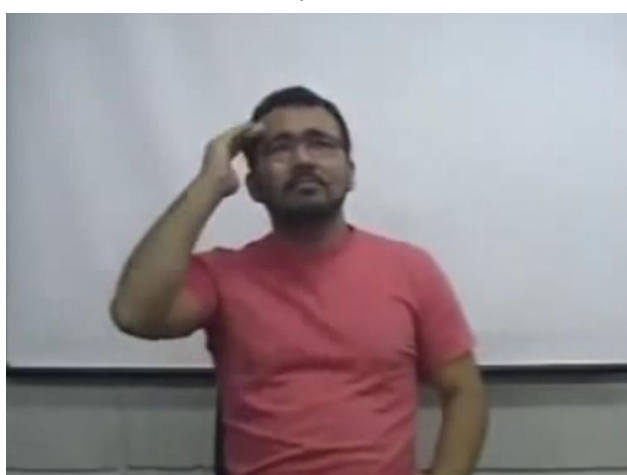
Figura 86
Verbo: ORALIZA no Espaço Sub-rogado
Tempo: 1:07



Fonte: Vídeo 2 (Arquivo Gepel/2014)

Neste primeiro verbo, o [professor] oraliza, olhando para baixo como se fitasse os alunos sentados em carteiras na sala de aula. Logo em seguida, o sinalizador assume a postura de alunos, olhando para cima. Chamamos a atenção para a expressão facial clarificando o advérbio de negação, que foi realizado com o movimento de cabeça para um lado e para o outro.

Figura 87
Verbo: ENTENDEM no Espaço Sub-rogado
Tempo: 1:10



Fonte: Vídeo 2 (Arquivo Gepel/2014)

No sinal abaixo, LUTAREM, sinalizador assume a identidade dos surdos, isso pode ser percebido pela postura, posição do corpo e expressão facial.

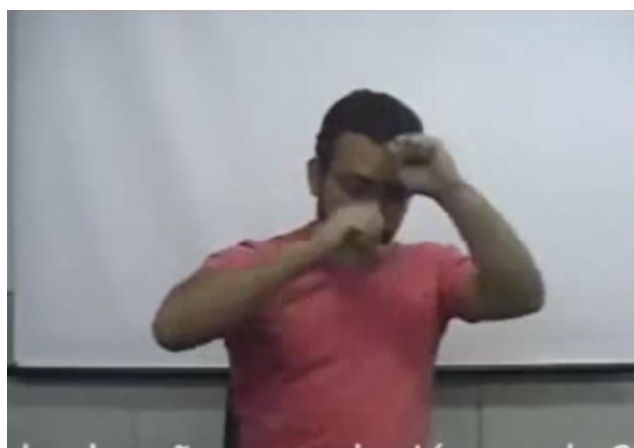
Figura 88
Verbo: LUTAREM no Espaço Sub-rogado
Tempo: 1:28



Fonte: Vídeo 2 (Arquivo Gepel/2014)

Esse período é concluído com a oração 'PARA APRENDER', quando o sinalizador expressa uma ideia de esforço envidado para atingir o objetivo de APRENDER:

Figura 89
Verbo: APRENDER no Espaço Sub-rogado
Tempo: 1:28

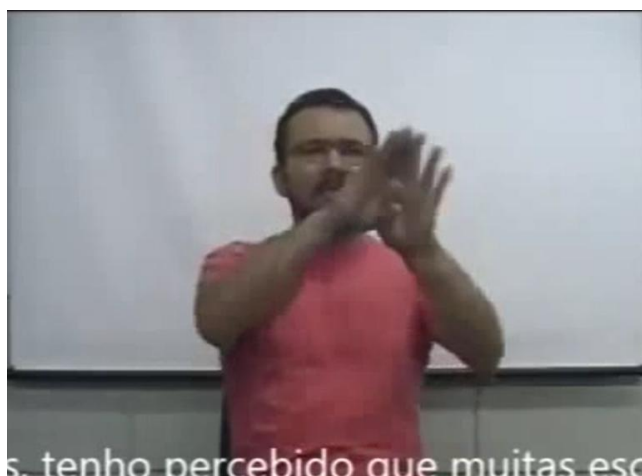


Fonte: Vídeo 2 (Arquivo Gepel/2014)

A semelhança entre os espaços os aproxima na forma de realização dos sinais. É bastante tênue a linha que os divide, bem como a integração entre todos os espaços é, na verdade, um *continuum* da sinalização.

O espaço *token* foi muito bem empregado no texto em análise. O sinalizador ao fazer menção às escolas que estão sendo fechadas por todo Brasil, quase que constrói um mapa e distribui várias unidades de escolas em pontos desse mapa. Com este sinal, ele pluraliza a entidade ‘escola’, situando-as no espaço à sua frente na oração: ‘AS ESCOLAS BILÍNGUES (ESTÃO SENDO) FECHADAS’. Notemos o espaço por ele percorrido indo da sua esquerda para a direita. Fotografamos três momentos dessa trajetória.

Figura 90a
Verbo: (ESTÃO SENDO) FECHADAS no Espaço *Token*
Tempo: 0:53



Fonte: Vídeo 2 (Arquivo Gepel/2014)

Figura 90b
Verbo: (ESTÃO SENDO) FECHADAS no Espaço *Token*
Tempo: 0:53



Fonte: Vídeo 2 (Arquivo Gepel/2014)

Figura 90c
Verbo: (ESTÃO SENDO) FECHADAS no Espaço *Token*
Tempo: 0:54

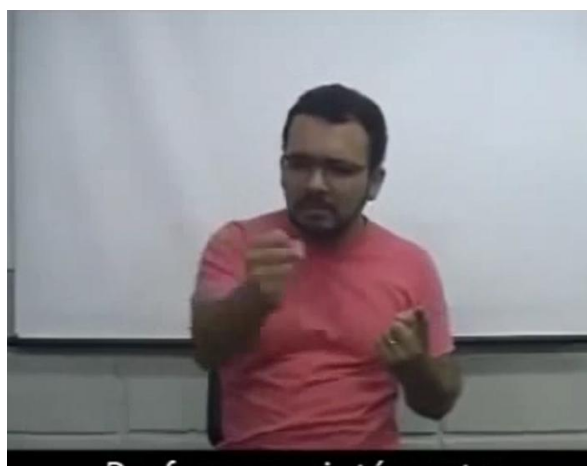


Fonte: Vídeo 2 (Arquivo Gepel/2014)

No exemplo de espaço *token* abaixo, o participante cria à sua frente o espaço referente à sala de aula, onde coloca o 'cego', o 'ouvinte' e o 'surdo'. É nítido o uso do olhar direcionado para o lugar onde são colocadas as entidades acima, como vemos nas orações:

- **COLOCAR** O 'CEGO'.
- **COLOCAR** O 'OUVINTE'
- **COLOCAR** O 'SURDO'.

Figura 91a
Verbo: COLOCAR no Espaço *Token*
Tempo: 1:12



Fonte: Vídeo 2 (Arquivo Gepel/2014)

Figura 91b
Verbo: COLOCAR no Espaço *Token*
Tempo: 1:14



Fonte: Vídeo 2 (Arquivo Gepel/2014)

O sinalizador alterna os braços direito->esquerdo->direito para indicar a colocação dos três elementos apresentados. A terceira realização deste mesmo verbo 'COLOCAR', ocorrida no segundo 1:15 repete o 1:13.

Adiante, é feito o sinal 'SEPARAR' para indicar a distinção entre a escola bilíngue da escola inclusiva.

- **SEPARAR** A ESCOLA INCLUSIVA, **SEPARAR** ESCOLA BILÍNGUE.

Figura 92a
Verbo: SEPARAR no Espaço *Token*
Tempo: 1:21



Fonte: Vídeo 2 (Arquivo Gepel/2014)

Neste segundo momento, logo depois de separar essas duas entidades, o sinalizador aponta para a escola bilíngue.

Figura 92b
Verbo: SEPARAR no Espaço *Token*
Tempo: 1:22



Fonte: Vídeo 2 (Arquivo Gepel/2014)

O próximo sinal não se trata de um verbo, mas uma apontação (dêixis) para se referir à escola inclusiva, ou seja, a oposição à escola bilíngue acima representada. O sinalizador indica a escola para depois adicionar a informação de que na escola inclusiva haverá a inclusão de alunos quando já estiverem no 6º ano do ensino fundamental. Em sequência, a apontação e o verbo INCLUIR no espaço *token*.

Figura 93
APONTAÇÃO PARA INDICAR O LUGAR DO Verbo: INCLUIR no Espaço *Token*
Tempo: 1:49



Fonte: Vídeo 2 (Arquivo Gepel/2014)

Figura 94
Verbo: INCLUIR no Espaço *Token*
Tempo: 1:49



Fonte: Vídeo 2 (Arquivo Gepel/2014)

Neste vídeo, pudemos constatar que verbos ‘com’ e ‘sem concordância’ podem ser realizados nos espaços real e sub-rogado sem restrições em qualquer nível, a única distinção é a pessoa do discurso: no real, é o próprio sinalizador; no sub-rogado, as 3^{as} pessoas a quem ele assume em seu corpo para sinalizar.

- **ORDEM DA FRASE**

No texto presente no vídeo 2, foram identificadas as seguintes possibilidades de disposição sintática dos argumentos constituintes nas orações:

QUADRO 10
ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES – VÍDEO 2

Nº	ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
1	SVO	9
2	SOV	-
3	VOS	2
4	VSO	-
5	OVS	2
6	OSV	-
7	SV	4
8	VO	22
9	VS	2
10	OV	1
11	V	11
TOTAL		53

Fonte: Pesquisa direta - 2014

A ordem básica da oração SVO ocorreu mais vezes no vídeo analisado. Vale também observar que a ordem VO, na verdade, em muitos casos, compartilha o mesmo sujeito com outras orações anteriores num mesmo período composto, como vimos no vídeo 1. Mas, por este mesmo sujeito não se manifestar lexicalmente em cada oração, não pudemos considerar a estrutura SVO. Com efeito, a ordem de aparição no período preservaria essa mesma sequência SVO.

4.3 VÍDEO 3

O vídeo 3 possui a duração total de gravação de 01 (um) minuto e 16 (dezesesseis) segundos. O participante produziu um texto predominantemente dissertativo-argumentativo, expondo seu ponto de vista sobre o tema que lhe foi exposto.

No texto 3 sinalizado do vídeo 3, o voluntário inseriu em seu discurso apenas as entidades |surdo|, |ouvinte| e |professor| configuradas no espaço sub-rogado. Apenas o 'intérprete' foi referenciado no espaço *token* e todas as demais foram realizadas em espaço real. Obedecendo à proposta de análise, apresentamos uma visão completa dos verbos presentes no texto do vídeo 3:

QUADRO 11

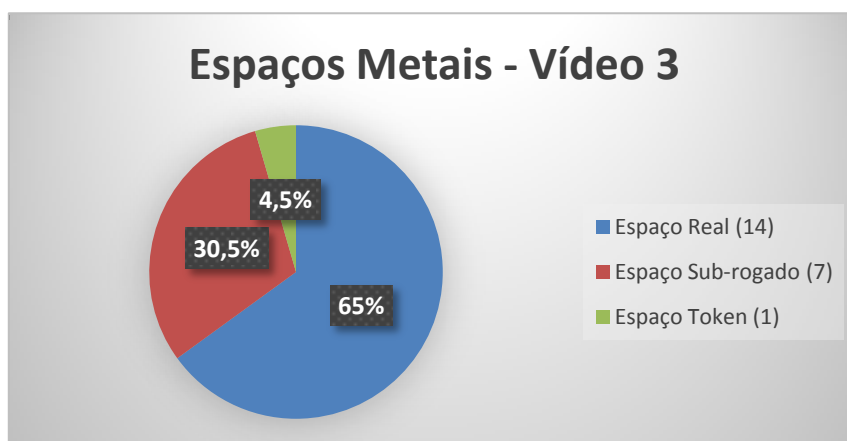
QUADRO-ESQUEMÁTICO VÍDEO 3					
Nº	VERBO	TEMPO	ESPAÇO	TIPO DE VERBO	ORDEM SINTÁTICA
1	DEFENDER	0:08	ER	SC	VO
2	COMBINAR	0:18	ER	SC	SV
3	COMBINAR	0:19	ER	SC	V
4	(SEJAM) INCLUÍDOS	0:26	ER	SC	SVO
5	PRECISA	0:28	ER	SC	SVO
6	APRENDER	0:29	ER	SC	SVO
7	TROCAR (intercambiar)	0:31	ESR	CC	SVO
8	ENSINA	0:33	ESR	CC	SVO
9	ENSINA	0:36	ESR	CC	SVO
10	INTERAGIR	0:38	ESR	CC	SVO
11	COMBINA	0:41	ER	SC	SVO
12	ENSINA	0:44-45	ESR	CC	SVO
13	PRECISA	0:49	ER	SC	VSO
14	INCLUIR	0:51	ER	SC	SVO
15	APRENDER	0:52	ER	SC	V
16	PRECISA	0:52	ER	SC	VO
17	INTERAGIR	0:54	ESR	CC	SV
18	ENSINAR	0:58	ESR	CC	SVO
19	PRECISA	0:59	ER	SC	VO
20	(SER) COLOCADO	1:00	ET	CC	SVO
21	PRECISA	1:04	ER	SC	VO
22	SAIR	1:05	ER	CC	SV
23	ENSINAR	1:06	ER	CC	VO

Fonte: Pesquisa direta - 2014

- **O USO DOS ESPAÇOS**

Observamos a ocorrência total de 23 (vinte e três) verbos, sendo 15 (quatorze) no espaço real (ER), perfazendo 65%; 07 (sete) no espaço sub-rogado (ESR), perfazendo 30,5%; e 01 (uma) realização no espaço *token* (ET), perfazendo 4,5%. Vejamos as porcentagens no gráfico a seguir:

Gráfico 03



Fonte: Pesquisa direta – 2014

Apesar de um texto curto e repetitivo, o voluntário apresentou sua opinião fazendo uso integralmente dos espaços em análise. Mais uma vez, detectamos o espaço mental real sendo mais empregado. Conforme já mencionamos em textos anteriores, o texto argumentativo parece se utilizar menos dos espaços sub-rogado e *token*. O sinalizador fala em primeira pessoa em todo o discurso, fazendo algumas referências a outras entidades como já dissemos no início da análise deste texto 3.

• O USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS

Foram um total de 08 (oito) verbos identificados sendo realizados nos dois espaços em análise:

No espaço sub-rogado, sete (07) ocorrências:

- nenhum verbo sem concordância e
- 07 (sete) verbos com concordância, do tipo espaciais.

No espaço *token*:

- 01 (um) um verbo com concordância, do tipo espacial.

A seguir, sistematizamos esses verbos, distribuindo-os entre os tipos de verbos e de espaços. Observemos:

QUADRO 12

USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS MENTAIS INTEGRADOS – VÍDEO 3 –		
	ESPAÇO SUB-ROGADO	ESPAÇO <i>TOKEN</i>
VERBOS SEM CONCORDÂNCIA	-	-
VERBOS COM CONCORDÂNCIA		
ESPACIAIS	07	01
MANUAIS	-	-
REVERSOS	-	-
OCORRÊNCIAS NOS ESPAÇOS	07	01
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	08	

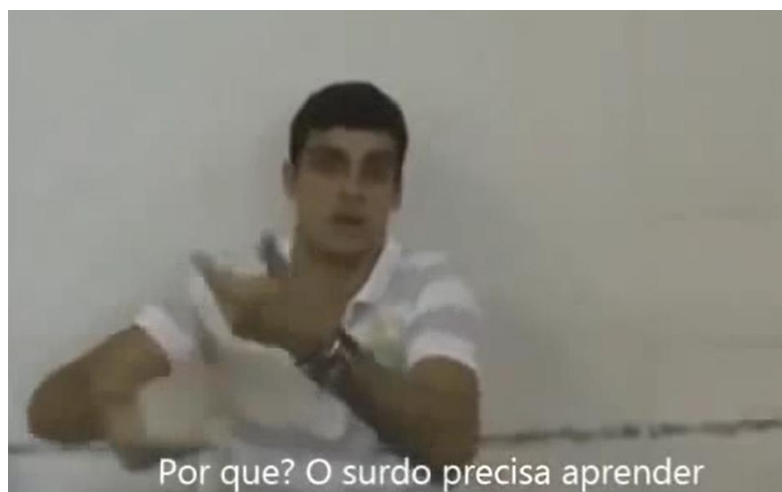
Fonte: Pesquisa direta – 2014

Para visualização e melhor entendimento do fenômeno no uso dos espaços, apresentaremos alguns dos exemplos mais significativos. Na sequência de orações dos verbos encontrados no espaço sub-rogado, temos:

- O SURDO PRECISA APRENDER A PALAVRA EM PORTUGUÊS PARA **TROCAR** COM O OUVINTE;
- O OUVINTE **ENSINA** AO SURDO AS PALAVRAS EM PORTUGUÊS;
- OS SURDOS **ENSINAM** LIBRAS AOS OUVINTES

As quatro ocorrências verbais que se sucedem a partir de então se inserem num mesmo e grande período. TROCAR/INTERCAMBIAR; ENSINA; ENSINAM; INTERAGIR e ENSINAR. O sinalizador faz referência aos |surdos|, aos |ouvintes| num único contexto de sala de aula. Aquilo que ele faz referência que não assume em seu corpo, fica posicionado à sua direita. Pelo fato de o verbo ‘ensinar’ ser com concordância do tipo espacial (direcional), ele precisa de 02 (dois) argumentos: quem ensina (sujeito) e quem é afetado pelo ensino (objeto). Por ser surdo, o sinalizador assume em seu corpo a entidade |surdos|. O mesmo não acontece quando ele se refere aos |ouvintes|.

Figura 95
Verbo: TROCAR (intercambiar) no Espaço Sub-rogado
Tempo: 0:31



Fonte: Vídeo 3 (Arquivo Gepel/2014)

Nesta ocorrência, o verbo é configurado tendo como um dos seres de interação o próprio sinalizador, referindo-se aos surdos, que trocam experiência com os ouvintes (espaço à sua direita).

Na imagem abaixo, verbo ENSINA-PARA-O-SURDO e ENSINAM-PARA-OS-OUVINTES, percebemos as mesmas características:

Figura 96
Verbo: ENSINA-PARA-O-SURDO no Espaço Sub-rogado
Tempo: 0:33



Fonte: Vídeo 3 (Arquivo Gepel/2014)

Figura 97
Verbo: ENSINAM-PARA-OS-OUVINTES no Espaço Sub-rogado
Tempo: 0:36



Fonte: Vídeo 3 (Arquivo Gepel/2014)

No verbo INTERAGIR, ainda é percebida a retomada à locação inicialmente pontuada para as entidades referidas no texto.

Figura 98
Verbo: INTERAGIR no Espaço Sub-rogado
Tempo: 0:38



Fonte: Vídeo 3 (Arquivo Gepel/2014)

No verbo a seguir (ENSINAR), O PROFESSOR ENSINA ÀS CRIANÇAS, a realização do verbo foi longa, quase dois segundos, o sinalizador percorre o espaço à sua frente, da esquerda para a direita, numa postura de [professor], que existem alunos supostamente sentados à sua frente em carteiras escolares.

Figura 99
Verbo: ENSINAR no Espaço Sub-rogado
Tempo: 0:44 - 45



Fonte: Vídeo 3 (Arquivo Gepel/2014)

Já no espaço *token*, identificamos somente uma ocorrência:

- O INTÉRPRETE PRECISA (SER) **COLOCADO** EM SALA DE AULA.

Figura 100a
Verbo: (SER) COLOCADO no Espaço *Token*
Tempo: 1:00



Fonte: Vídeo 3 (Arquivo Gepel/2014)

Figura 100b
Verbo: (SER) COLOCADO no Espaço *Token*
Tempo: 1:00



Fonte: Vídeo 3 (Arquivo Gepel/2014)

Como num tabuleiro, o intérprete é colocado na sala de aula. Vemos acima o ponto inicial e o final da realização do sinal, já que há um trajeto percorrido pela mão para a concretização do sinal. Essa configuração foi a mesma utilizada pelo sinalizador do vídeo anterior, ao fazer uso do mesmo verbo COLOCAR, no espaço *token*.

Neste vídeo, pudemos constatar que verbos ‘com’ e ‘sem concordância’ também puderam ser realizados nos espaços real e sub-rogado sem restrições em qualquer nível. Há características compartilhadas por esses espaços.

- **ORDEM DA FRASE**

No texto presente no vídeo 3, foram identificadas as seguintes possibilidades de disposição sintática dos argumentos nas orações:

QUADRO 13
ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES – VÍDEO 3

Nº	ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
1	SVO	12
2	SOV	-
3	VOS	-
4	VSO	1
5	OVS	-
6	OSV	-
7	SV	3
8	VO	5
9	VS	-
10	OV	-
11	V	2
TOTAL		23

Fonte: Pesquisa direta – 2014

Assim como nos vídeos anteriores, a ordem básica da oração SVO ocorreu mais vezes no vídeo 3, superando todas as demais ordens. A ordem VO fica em segundo lugar em ocorrências. Isso revela um uso mais assíduo da ordem básica com algumas elipses do sujeito.

4.4 VÍDEO 4

O tempo completo de gravação do vídeo 4 é de 03 (três) minutos e 27 (vinte e sete) segundos. O sinalizador produziu um texto predominantemente dissertativo-argumentativo, apresentando a sua opinião sobre o tema que lhe foi exposto. Acreditamos que a predominância da tipologia indicada motivou um maior uso do espaço real, já que a existência de personagens distintos se dê em textos mais narrativos.

Neste texto 4 sinalizado, a voluntária inseriu em seu discurso apenas as entidades |aluno ouvinte| e |aluno surdo| configurados no espaço sub-rogado. Todas as demais foram realizadas em espaço real e nenhuma no espaço *token*. Para uma visão completa dos verbos presentes no texto do vídeo 1, sistematizamos num quadro esquemático abaixo, conforme mencionamos cada critério logo no início deste capítulo.

QUADRO 14

QUADRO-ESQUEMÁTICO VÍDEO 4					
Nº	VERBO	TEMPO	ESPAÇO	TIPO DE VERBO	ORDEM SINTÁTICA
1	VEJO	0:22	ER	CC	SVO
2	TEM (haver)	0:23	ER	SC	VO
3	ESTUDAVA	0:28	ER	SC	V
4	NÃO-SABIA	0:34	ER	SC	SVO
5	ENSINAR	0:38	ER	CC	SVO
6	APRENDIA	0:41	ER	SC	SV
7	LENDO	0:42	ER	CC	SV
8	PERGUNTAVA	0:44	ER	CC	SVO
9	EXPLICAVA	0:47	ER	SC	SVO
10	FACILITAVA	0:52	ER	SC	SV
11	DEIXAVA-PASSAR	0:53	ER	SC	SV
12	IA-PASSANDO	0:54	ER	SC	V
13	APRENDIA (poderia aprender)	0:57	ER	SC	SVO
14	FACILITAVA	1:01	ER	SC	SV
15	DEIXAVA-PASSAR	1:02	ER	SC	V
16	VEJO (perceber)	1:03	ER	SC	VO
17	ACREDITO	1:06	ER	SC	VO
18	ENSINA	1:11	ER	SC	SVO

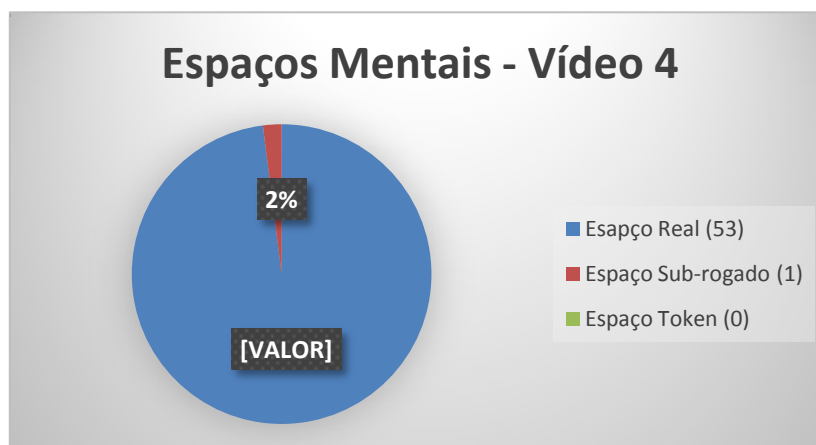
19	COMBINA	1:13	ER	SC	VO
20	APRENDER	1:16	ER	SC	VO
21	ENSINE	1:22	ER	CC	SVO
22	APRENDEREM	1:26	ER	SC	V
23	NÃO-TEM (existir)	1:30	ER	SC	SV
24	ACHO (considerar)	1:32	ER	SC	V
25	NÃO-TEM (haver)	1:36	ER	SC	VO
26	NÃO-TEM (haver)	1:43	ER	SC	VO
27	FALANDO (reciprocamente)	1:46	ER	CC	SOV
28	VAI-ENTENDER	1:49	ER	SC	SV
29	VAI-ENTENDER	2:03	ER	SC	SV
30	CONFUNDIR	2:06	ER	SC	V
31	ACHO	2:10	ER	SC	V
32	PERDEM	2:11	ER	SC	SV
33	ENTENDEM	2:12	ER	SC	V
34	SOFRI	2:14	ER	SC	VO
35	APRENDIA	2:22	ER	SC	VO
36	CONTINUE	2:25	ER	SC	V
37	MELHORAR	2:27	ER	SC	VO
38	PARAR	2:30	ER	SC	SV
39	ACHO	2:32	ER	SC	VO
40	AJUDOU	2:34	ER	CC	SVO
41	AMPLIA	2:36	ER	SC	V
42	NÃO-TINHA (haver)	2:40	ER	SC	VO
43	COMEÇARAM	2:45	ER	SC	VS
44	INSITEM	2:47	ER	SC	SVO
45	ACREDITO	2:58	ER	SC	VO
46	DESENVOLVEM	2:59	ER	SC	SV
47	TEM (haver)	3:04	ER	SC	VO
48	SABE	3:07	ER	SC	SVO
49	INTERAGEM	3:11	ESR	CC	SOV
50	DESENVOLVER	3:12	ER	SC	V
51	SABE	3:15	ER	SC	SVO
52	DESENVOLVER	3:18	ER	SC	SV
53	É	3:20	ER	SC	VO
54	ACABOU	3:22	ER	SC	V

Fonte: Pesquisa direta – 2014

• O USO DOS ESPAÇOS

Foram contabilizados 54 (vinte) verbos, sendo 53 (cinquenta e três) no espaço real (ER), perfazendo 98%; 01 (um) no espaço sub-rogado (ESR), perfazendo 2%; e nenhuma realização no espaço *token* (ET), perfazendo 0%. Vejamos as porcentagens no gráfico a seguir:

Gráfico 04



Fonte: Pesquisa direta – 2014

O texto produzido por este participante foi predominantemente dissertativo-argumentativo: sua opinião foi apresentada claramente. Por utilizar o discurso quase que completamente em 1ª pessoa, sem assumir a fala de outras entidades, construiu o texto com uso do espaço mental real. Fez menção a outras entidades, mas não em espaço sub-rogado tampouco em *token*: ‘professor’, ‘aluno’, ‘MEC’, ‘Brasília’ etc.

• O USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS

Apenas 01 (um) verbo foi identificado sendo realizado no espaço sub-rogado:

No espaço sub-rogado:

- nenhum verbo sem concordância e
- 01 (um) verbo com concordância, do tipo espaciais

No espaço *token*:

- não foi realizada nenhuma ocorrência verbal.

A seguir, indicamos a categorização do verbo ‘INTERAGEM’, situando-o entre os tipos de verbos e de espaços. Observemos:

QUADRO 15

USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS MENTAIS INTEGRADOS – VÍDEO 4 –		
	ESPAÇO SUB-ROGADO	ESPAÇO <i>TOKEN</i>
VERBOS SEM CONCORDÂNCIA	-	-
VERBOS COM CONCORDÂNCIA		
ESPACIAIS	01	-
MANUAIS	-	-
REVERSOS	-	-
OCORRÊNCIAS NOS ESPAÇOS	01	-
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	01	

Fonte: Pesquisa direta – 2014

Com a presença apenas de um verbo no espaço sub-rogado, não significa dizer que o sinalizador não tenha feito uso dos diversos espaços. Apenas não houve verbos ocorridos nos espaços em análise, mas em outros sinais referentes a substantivos, pudemos ver esse fenômeno, que apresentamos a título de reconhecimento dos espaços.

O único verbo ocorrido no espaço sub-rogado foi INTERAGEM, na seguinte oração:

- O ALUNO OUVINTE COM O ALUNO SURDO **INTERAGEM** PARA DESENVOLVEREM.

Figura 101
Sinal: ALUNO (aluno ouvinte) no Espaço Sub-rogado
Tempo: 3:09



Fonte: Vídeo 4 (Arquivo Gepel/2014)

Na figura anterior, o participante faz o sinal de ALUNO, referindo-se ao aluno ouvinte. Observemos que ele se posiciona levemente para sua esquerda. Já abaixo, ao se referir ao ALUNO surdo, o sinalizador se posiciona à sua direita para distinguir da entidade anteriormente apresentada. Este recurso, como tratamos no capítulo segundo chama-se *role-play*, bastante assumido pelos sinalizadores em produção de textos em línguas sinalizadas.

Figura 102
Sinal: ALUNO (aluno surdo) no Espaço Sub-rogado
Tempo: 3:11



Fonte: Vídeo 4 (Arquivo Gepel/2014)

Neste exemplo, vemos o posicionamento do corpo para indicar as duas entidades distintas e a direcionalidade das mãos para fazer referência a cada uma delas. A figura abaixo ilustra o exemplo do verbo no espaço sub-rogado.

Figura 103
Verbo: INTERAGEM no Espaço Sub-rogado
Tempo: 3:11



Fonte: Vídeo 4 (Arquivo Gepel/2014)

- **ORDEM DA FRASE**

No texto presente no vídeo 4, foram identificadas as seguintes possibilidades de disposição sintática dos argumentos nas orações:

QUADRO 16
ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES – VÍDEO 4

Nº	ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
1	SVO	12
2	SOB	2
3	VOS	-
4	VSO	-
5	OVS	-
6	OSV	-
7	SV	12
8	VO	15
9	VS	1
10	OV	-
11	V	12
TOTAL		54

Fonte: Pesquisa direta - 2014

A ordem básica da oração SVO ocorreu numa quantidade significativa 12 (doze) vezes, mas é também interessante perceber que as ordens SV com 12 (doze) vezes e VO com 15 (quinze) vezes são na verdade a mesma estrutura sequencial da ordem básica, com um dos argumentos em elisão. Isso indica uma forte tendência no uso da ordem básica como elemento universal e comum a tantas outras línguas naturais. A outra quantidade expressiva é a de 12 (doze) ocorrências da ordem V.

4.5 VÍDEO 5

O vídeo 5 apresenta duração de 03 (três) minutos e 26 (vinte e seis) segundos. O sinalizador produziu um texto predominantemente narrativo em primeira pessoa, contando sua história escolar nas séries iniciais em salas regulares para ouvintes, sem a presença de intérpretes e, posteriormente, em escolas inclusivas com a presença de intérpretes em sala de aula.

O texto predominantemente narrativo, num primeiro momento, nos fez pensar em encontrar um conjunto rico em personagens, cada uma com sua fala direta, mas não foi o que ocorreu: o texto, como dissemos, foi em primeira pessoa, com a presença significativa no espaço real. As regressões temporais remontaram o a infância da própria sinalizadora, isto é, primeira pessoa.

Neste texto 5 sinalizado do vídeo 5, a voluntária inseriu em seu discurso apenas a entidade [prefeitura] em espaço sub-rogado. Todas as demais foram realizadas em espaço real e nenhuma no espaço *token*. O quadro esquemático abaixo sistematiza todos os verbos identificados e os critérios a serem analisados.

QUADRO 17

QUADRO-ESQUEMÁTICO VÍDEO 5					
Nº	VERBO	TEMPO	ESPAÇO	TIPO DE VERBO	ORDEM SINTÁTICA
1	COMEÇAR	0:06	ER	SC	OV
2	SOFRIA	0:14	ER	SC	VS
3	(ERA) FORÇADA	0:21	ER	SC	VO
4	NÃO-TINHA (haver)	0:23	ER	SC	SVO
5	IA	0:27	ER	CC	VO
6	COMPARAVA	0:28	ER	CC	V
7	APRENDER	0:30	ER	SC	VO
8	ENSINAVA	0:31	ER	CC	SVO
9	MANDAVA	0:31	ER	SC	VO
10	APRENDER	0:32	ER	SC	V
11	AJUDAVA	0:33	ER	CC	V
12	AJUDAVA	0:38	ER	CC	VO
13	ENTENDIA	0:39	ER	SC	VO
14	LIA	0:40	ER	CC	SVO
15	ENTENDIA	0:40	ER	SC	VO

16	LIA	0:43	ER	CC	SVO
17	DESENVOLVIA	0:44	ER	SC	V
18	SOFRIA	0:46	ER	SC	V
19	PENSAVA	0:51	ER	SC	SV
20	IMAGINAVA	0:51	ER	SC	V
21	VIA	0:54	ER	SC	SVO
22	ENCONTREI	0:55	ER	SC	V
23	VI	0:56	ER	CC	SVO
24	NÃO-CONHEÇO	0:59	ER	SC	OSV
25	COMPAREI	1:04	ER	CC	SVO
26	CONVERSANDO	1:07-08	ER	CC	SV
27	(ÉRAMOS) OBRIGADOS	1:13	ER	SC	VO
28	(ÉRAMOS) DESPREZADOS	1:14	ER	CC	VO
29	(SOFRIÁMOS) PRECONCEITO	1:14	ER	SC	O
30	(ÉRAMOS) REJEITADOS	1:16	ER	SC	V
31	CAMINHAVA (ir)	1:20	ER	CC	SVO
32	MANDOU	1:24	ESR	CC	SVO
33	ESTUDAR	1:25	ESR	SC	V
34	OBRIGOU	126:	ESR	SC	V
35	CRESCI	1:29	ER	SC	SV
36	SOFRENDO	1:31	ER	SC	V
37	VIA	1:35	ER	CC	SVO
38	COMPARAVA	1:37	ER	CC	SVO
39	SENTIA	1:39	ER	SC	V
40	DAVA	1:42	ER	SC	V
41	APRENDER	1:44	ER	SC	V
42	AJUDAVA	1:45	ER	CC	VO
43	PERGUNTAR	1:55	ER	CC	SV
44	EXPLICAR	1:56	ER	SC	VO
45	ESTUDAR	2:00	ER	SC	SV
46	ENSINAVA-A-MIM	2:01	ER	CC	SVO
47	PESQUISAVA	2:02-03	ER	SC	SV
48	PRECISA	2:08	ER	SC	VO
49	QUERER	2:10	ER	SC	VO
50	ACEITEM	2:11	ER	SC	SVO
51	FORMEI	2:16	ER	SC	V
52	FORMEI	2:18	ER	SC	V
53	GOSTEI	2:20	ER	SC	VO
54	CONSEGUI	2:21	ER	SC	OV
55	VI	2:24	ER	CC	SOV
56	FALEI	2:28	ER	SC	SVO
57	QUERIA	2:29	ER	SC	V
58	DAVA	2:36	ER	SC	OV
59	PESQUISAR	2:39	ER	SC	SV

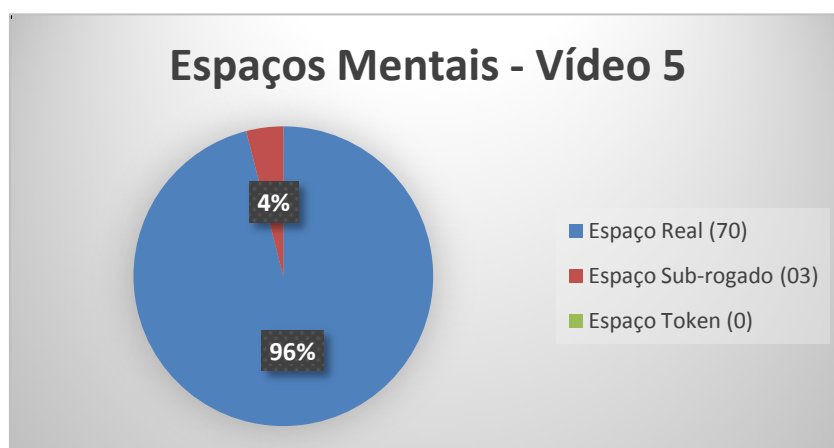
60	IA	2:41	ER	CC	V
61	GOSTAM	2:43	ER	SC	SVO
62	VEJO	2:44	ER	SC	VO
63	EXPLICAR	2:46	ER	SC	VO
64	DÁ (ter possibilidade)	2:51	ER	SC	V
65	GOSTAM	2:55	ER	SC	V
66	IA	3:04	ER	CC	SV
67	PRECISAVA	3:09	ER	SC	VOS
68	ACEITAR	3:10	ER	SC	VO
69	RESPEITAR	3:11	ER	CC	VO
70	ESTUDAR	3:14-15	ER	SC	V
71	DÁ (ter possibilidade)	3:19	ER	SC	V
72	DÁ (ter possibilidade)	3:19	ER	SC	V
73	GOSTO	3:20	ER	SC	V
74	ACEITO	3:24	ER	SC	V

Fonte: Pesquisa direta - 2014

• O USO DOS ESPAÇOS

Observamos a ocorrência total de 73 (setenta e três) verbos, sendo 70 (setenta) no espaço real (ER), perfazendo 96%; 03 (três) no espaço sub-rogado (ESR), perfazendo 4%; e nenhuma realização no espaço *token* (ET), perfazendo 0%. Vejamos as porcentagens no gráfico a seguir:

Gráfico 05



Fonte: Pesquisa direta – 2014

A participante expôs sua opinião de maneira indireta, pois seu texto foi predominantemente narrativo, sendo ela mesma a protagonista da narração. No vídeo, identificamos uma estrutura frasal com verbo elíptico, por isso não

contabilizamos. Quando a sinalizadora diz ‘(SOFRÍAMOS) PRECONCEITO’, apenas este último lexema fora dos parênteses foi realizado. Pelo contexto da frase, inserimos a palavra ‘sofríamos’.

- **O USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS**

Apenas 03 (três) verbos foram identificados sendo realizados no espaço sub-rogado:

No espaço sub-rogado:

- 02 (dois) verbos sem concordância e
- 01 (um) verbo com concordância, do tipo espacial.

No espaço *token*:

- não foi realizada nenhuma ocorrência verbal.

A seguir, sistematizamos esses verbos, distribuindo-os entre os tipos de verbos e de espaços. Observemos:

QUADRO 18

USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS MENTAIS INTEGRADOS – VÍDEO 5 –		
	ESPAÇO SUB-ROGADO	ESPAÇO <i>TOKEN</i>
VERBOS SEM CONCORDÂNCIA	02	-
VERBOS COM CONCORDÂNCIA		
ESPACIAIS	01	-
MANUAIS	-	-
REVERSOS	-	-
OCORRÊNCIAS NOS ESPAÇOS	03	-
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	03	

A única entidade referenciada em espaço sub-rogado foi 'PREFEITURA', que, mesmo não sendo uma pessoa (ser animado), foi sinalizada por ela com postura de alguém que dita normas, alguém que exerça uma autoridade, do tipo professor ou diretor de escola. Essa sugestão nos é possível em virtude da forma como esse trecho no vídeo foi sinalizado.

Resta-nos apresentar alguns destes verbos para melhor entendimento do fenômeno no uso dos espaços.

Infelizmente, a primeira imagem não está muito boa, mas a segunda explicita melhor a expressão da sinalizadora. As figuras correspondem respectivamente ao momento inicial e final do sinal 'MANDOU'. A expressão rígida e com um olhar altivo mostram que há uma preocupação por parte dela em mostrar-se numa atitude de superioridade aos alunos, pois para estes se dirige o olhar. Ela se posiciona olhando de cima para baixo como um professor em sala de aula.

Figura 104a
Verbo: MANDOU no Espaço Sub-rogado
Tempo: 1:24



Fonte: Vídeo 5 (Arquivo Gepel/2014)

Figura 104b
Verbo: MANDOU no Espaço Sub-rogado
Tempo: 1:25



Fonte: Vídeo 5 (Arquivo Gepel/2014)

No sinal abaixo, não há lexicalmente a presença de um verbo no modo imperativo, mas a expressão indica como algo do tipo: 'Tem que estudar!'.

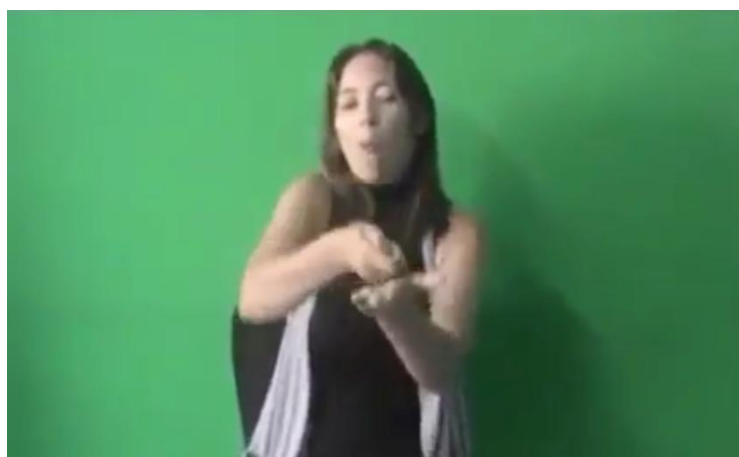
Figura 105
Verbo: ESTUDAR no Espaço Sub-rogado
Tempo: 1:25



Fonte: Vídeo 5 (Arquivo Gepel/2014)

O mesmo pode ser dito do sinal 'OBRIGOU', abaixo apresentado:

Figura 106
Verbo: OBRIGOU no Espaço Sub-rogado
Tempo: 1:26



Fonte: Vídeo 5 (Arquivo Gepel/2014)

Neste vídeo, mais uma vez, constatamos que verbos com e sem concordância podem ser realizados nos espaços real e sub-rogado sem restrições em qualquer nível. Certamente, isso se deve ao fato de ambos apresentarem características muito próximas no uso do corpo inteiro do sinalizador, havendo distinção apenas para as pessoas do discurso.

- **ORDEM DA FRASE**

No texto presente no vídeo 5, foram identificadas as seguintes possibilidades de disposição sintática dos argumentos nas orações:

QUADRO 19
ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES – VÍDEO 5

Nº	ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
1	SVO	15
2	SOV	1
3	VOS	1
4	VSO	-
5	OVS	-
6	OSV	1
7	SV	8
8	VO	18
9	VS	1
10	OV	3
11	V	25
TOTAL		73

Fonte: Pesquisa direta – 2014

A ordem básica da oração SVO ocorreu mais vezes no vídeo analisado do que as outras ordens com os três elementos SUJEITO-VERBO-OBJETO. Repetidamente, a ordem VO foi realizada numa quantidade expressiva como também vimos em análises passadas. Em muitos casos desta ordem VO, um mesmo sujeito é compartilhado com outras orações anteriores dum mesmo período composto. Mas, por este sujeito não se manifestar lexicamente em cada oração, não pudemos considerar a estrutura SVO. Mesmo assim, a ordem de aparição no período preservaria a mesma sequência SVO.

4.6 VÍDEO 6

O vídeo 6 apresenta o tempo total de gravação de 05 (cinco) minutos e 18 (dezoito) segundos. A sinalizadora produziu um texto em primeira pessoa, predominantemente narrativo, contando o desenrolar de sua história na educação básica. Acreditamos que a predominância da tipologia indicada motivou um maior uso do espaço real, por conta da pessoa da narrativa.

Neste texto sinalizado do vídeo 6, a voluntária inseriu em seu discurso apenas a entidade [professor], configurada no espaço sub-rogado, e ela mesma no espaço *token*. Todas as demais foram realizadas em espaço real. Para uma visão completa dos verbos presentes no texto deste vídeo, sistematizamos num quadro esquemático abaixo.

QUADRO 20

QUADRO-ESQUEMÁTICO VÍDEO 6					
Nº	VERBO	TEMPO	ESPAÇO	TIPO DE VERBO	ORDEM SINTÁTICA
1	CONTAR (narrar)	0:15	ER	CC	SVO
2	VEJO	0:18	ET	CC	SVO
3	EXPLICAR	0:22	ER	SC	SV
4	PRECISO	0:26	ER	SC	VO
5	COMBINA (concordar)	0:33	ER	SC	SVO
6	COMECEI	0:36	ER	SC	SVO
7	ERA	0:39	ER	SC	SVO
8	DESCOBRIU (encontrar)	0:42	ER	SC	SV
9	DAVA (entregar)	0:45	ER	CC	SVO
10	ENSINAVA	0:47	ESR	CC	SV
11	INCENTIVAVA	0:47	ESR	CC	VO
12	ENTREI	0:51	ER	CC	SVO
13	ENTREI	0:53	ET	CC	SVO
14	ENTREI	0:56	ET	CC	SVO
15	APRENDIA	0:59	ER	SC	SVO
16	APRENDIA	1:01	ER	SC	VO
17	PERCEBI	1:07	ER	CC	VO
18	PERCEBERAM-EM-MIM	1:11	ET	CC	SVO
19	ACHAM (considerar)	1:12	ER	SC	SVO
20	ESTUDAR	1:13	ER	SC	SVO
21	CANCELEI	1:15	ET	SC	VO
22	RESOLVI	1:18	ER	SC	VO

23	CANCELAR	1:19	ET	SC	VO
24	DEIXAR (desistir)	1:19	ET	SC	VO
25	DESISTI	1:21	ET	SC	SVO
26	MUDEI (transferi)	1:22	ET	CC	VO
27	COMECEI	1:27	ER	SC	SVO
28	ESTUDAR	1:27	ER	SC	V
29	PERCEBEU	1:29	ER	CC	SVO
30	APRENDIA	1:30	ER	SC	SVO
31	ACHAVA (considerar)	1:31	ER	SC	VO
32	ESTUDAVA	1:34	ER	SC	VO
33	APRENDIA	1:37	ER	SC	SVO
34	COMECEI	1:40	ER	SC	SVO
35	REPETI	1:42	ER	SC	V
36	COMECEI	1:44	ER	SC	V
37	SABE	1:49	ER	SC	SVO
38	TINHA (usar)	1:53	ER	SC	VO
39	TINHA (usar)	1:54	ER	SC	V
40	TINHA (usar)	1:58	ER	SC	V
41	APRENDI	2:01	ER	SC	VO
42	CHEGAVA	2:03	ER	CC	VO
43	OBRIGAVA	2:05	ER	SC	SVO
44	LER	2:06	ER	CC	VO
45	ERA	2:07	ER	SC	V
46	LER	2:09	ER	CC	VO
47	ACABAVA	2:10	ER	SC	V
48	ESCREVER	2:10	ER	SC	VO
49	LIA	2:14	ER	CC	VO
50	ESCREVIA	2:14	ER	SC	VO
51	COPIAVA	2:14	ER	CC	VO
52	VIA (continuamente)	2:16	ER	CC	VO
53	FIXAVA	2:17	ER	SC	VO
54	VIA	2:19	ER	CC	VO
55	LIA (continuamente)	2:20	ER	CC	VO
56	INSISTIA-MUITO	2:21-22	ER	SC	V
57	NÃO-TINHA	2:27	ER	SC	SVO
58	NÃO TINHA	2:28	ER	SC	V
59	ESTUDAREI	2:31	ER	SC	SVO
60	FALOU	2:34	ER	SC	SVO
61	TENTA	2:34	ER	SC	SVO
62	IR	2:34	ER	CC	VO
63	TINHA	2:38	ER	SC	V
64	PROCUREI	2:39	ER	CC	V
65	ENCONTREI	2:39	ER	SC	VO
66	TENTEI	2:42	ER	SC	SVO
67	IR	2:42	ER	CC	VO
68	TINHA (haver)	2:43	ER	SC	VO
69	TINHA (haver)	2:44	ER	SC	VO
70	TINHA (haver)	2:46	ER	SC	VO

71	ENSINAVA	2:47	ER	CC	VO
72	TINHA (havia)	2:47	ER	SC	VO
73	COMECEI	2:48	ER	SC	SVO
74	APRENDI	2:50	ER	SC	V
75	FORMEI	2:53	ER	SC	V
76	VEJO	2:56	ER	CC	SVO
77	DEFENDO	3:00	ER	SC	SV
78	ESCOLHO	3:02	ER	CC	SVO
79	ESTUDAVA	3:06	ER	SC	SVO
80	ESTUDAVA	3:08	ER	SC	VO
81	ESTUDAVA	3:09	ER	SC	VO
82	PERCEBI	3:11	ER	SC	V
83	SENTI	3:11	ER	SC	V
84	DAVA (ter possibilidade)	3:12	ER	SC	V
85	APRENDER	3:13	ER	SC	V
86	DESENVOLVER	3:13	ER	SC	V
87	É	3:15	ER	SC	SVO
88	PRECISA	3:26	ER	SC	VO
89	ESCREVER	3:29	ER	SC	V
90	LEEM	3:30	ER	CC	SVO
91	ENTENDEM	3:31	ER	SC	V
92	ESCREVER	3:32	ER	SC	V
93	LEEM	3:32	ER	CC	SVO
94	ENTENDEM	3:33	ER	SC	V
95	SENTIR	3:34	ER	SC	SVO
96	ENTRAR	3:36	ER	CC	SVO
97	ABRIR	3:37	ER	CC	SVO
98	QUERO	3:38	ER	SC	VO
99	FAZER	3:38	ER	SC	V
100	VER	3:39	ER	SC	V
101	DESCOBRIR	3:39	ER	SC	V
102	VER	3:40	ER	SC	V
103	PERCEBO	3:42	ER	SC	VO
104	SINTO	3:47	ER	SC	SVO
105	SEI	3:52	ER	SC	VO
106	LEIO	3:55	ER	CC	SVO
107	ENTENDO	3:56	ER	SC	SVO
108	ESCREVO	3:58	ER	SC	SVO
109	LEEM	3:59	ER	CC	SVO
110	SENTO	4:01	ER	SC	V
111	NÃO-TEM	4:11	ER	SC	SVO
112	TEM	4:14	ER	SC	V
113	NÃO-SEI	4:16	ER	SC	V
114	COMEÇOU	4:18	ER	SC	VS
115	VEJO	4:20	ER	SC	VO
116	É	4:22	ER	SC	VO
117	É PRECISO	4:25	ER	SC	VOS
118	ACEITA	4:30	ER	SC	SVO

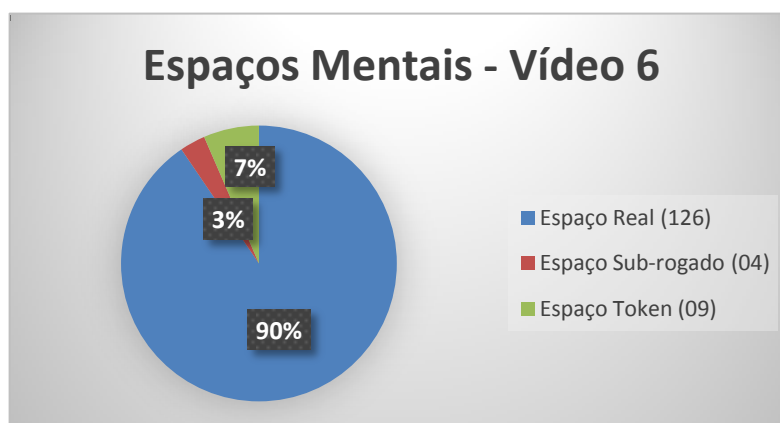
119	PRECISA	4:34	ER	SC	SVO
120	PRECISA	4:37	ER	SC	SVO
121	CONHECER	4:37	ER	SC	VO
122	VER	4:37	ER	CC	VO
123	COLOCOU	4:44	ER	CC	SVO
124	CONHECE	4:48	ER	SC	VO
125	FALOU	4:50	ER	SC	SV
126	ORALIZA	4:50	ER	SC	V
127	CAPTA	4:50	ESR	SC	V
128	VÊ	4:52	ER	CC	SVO
129	DOMINA	4:54	ER	SC	VO
130	ENTENDER	4:56	ER	SC	SVO
131	É	4:59	ER	SC	SVO
132	PRECISA	5:00	ER	SC	SVO
133	PRECISA	5:01	ER	SC	V
134	PRECISA	5:04	ER	SC	SVO
135	CONHECER	5:04	ER	SC	VO
136	FOCAR	5:05	ESR	CC	VO
137	PRECISA	5:08-09	ER	SC	V
138	DEFENDO	5:11	ER	SC	SVO
139	ESTUDA	5:13	ER	SC	VO

Fonte: Pesquisa direta - 2014

• O USO DOS ESPAÇOS

Observamos a ocorrência total de 139 (cento e trinta e nove) verbos, sendo 126 (cento e vinte e seis) no espaço real (ER), perfazendo 90%; 04 (quatro) no espaço sub-rogado (ESR), perfazendo 3%; 09 (nove) no espaço *token* (ET), perfazendo 7%. Vejamos as porcentagens no gráfico a seguir:

Gráfico 06



Fonte: Pesquisa direta – 2014

O grande percentual do espaço real mostra que a voluntária expôs seu texto em primeira pessoa, fazendo, em seu próprio nome, menção a outras entidades: professor, surdos, escola bilíngue ou inclusiva, etc. A sinalizadora, portanto, incorporou numa porcentagem pequena a fala dessas outras entidades.

• O USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS

Apenas 13 (treze) verbos foram identificados sendo realizados nos dois espaços em análise:

No espaço sub-rogado:

- 01 (um) verbo sem concordância e
- 03 (três) verbos com concordância, do tipo espacial.

No espaço *token*:

- 05 (cinco) verbos sem concordância e
- 04 (quatro) verbos com concordância, do tipo espacial.

A seguir, sistematizamos esses verbos, distribuindo-os entre os tipos de verbos e de espaços. Observemos:

QUADRO 21

USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS MENTAIS INTEGRADOS – VÍDEO 6 –		
	ESPAÇO SUB-ROGADO	ESPAÇO <i>TOKEN</i>
VERBOS SEM CONCORDÂNCIA	01	05
VERBOS COM CONCORDÂNCIA		
ESPACIAIS	03	04
MANUAIS	-	-
REVERSOS	-	-
OCORRÊNCIAS NOS ESPAÇOS	04	09
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	13	

Fonte: Pesquisa direta – 2014

Os verbos encontrados estão inseridos nas seguintes orações:

No espaço sub-rogado:

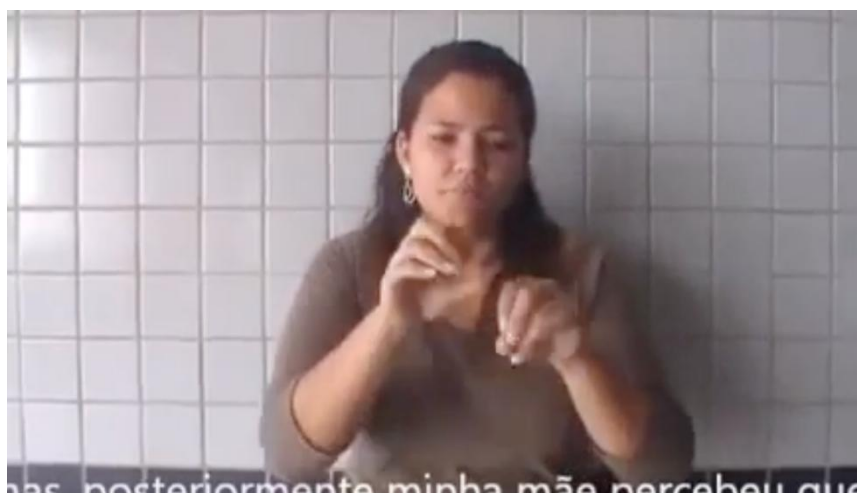
- O PROFESSOR NÃO **ENSINAVA** E NÃO **INCENTIVAVA**;
- O PROFESSOR ORALIZA E O INTÉRPRETE **CAPTA**;
- O PROFESSOR PRECISA CONHECER E **FOCAR** (NA SALA).

No espaço *token*:

- EU **VEJO** ESTA QUESTÃO;
- EU **ENTREI** NA ESCOLA (INCLUSIVA);
- EU **ENTREI** NA ESCOLA (BILÍNGUE);
- NA ESCOLA DE SURDOS, **PERCEBERAM-EM-MIM**;
- A ESCOLA INCLUSIVA, EU **CANCELEI**;
- DEPOIS EU RESOLVI **CANCELAR** E **DESISTI** (DELA);
- ME **MUDEI** PARA A ESCOLA DE SURDOS

Observemos esses verbos sendo sinalizados para melhor entendimento dos fenômenos espaciais. No espaço sub-rogado, identificamos apenas uma entidade como já acima mencionamos: [professor], que aparecerá nas três ocorrências subsequentes.

Figura 107
Verbo: ENSINAVA no Espaço Sub-rogado
Tempo: 0:47



Fonte: Vídeo 6 (Arquivo Gepel/2014)

Assim como todos os demais participantes, esta sinalizadora direcionou o sinal e o olhar para uma terceira pessoa, neste caso, os alunos, já que ela olha para baixo. O mesmo pode ser percebido no sinal de 'INCENTIVAVA', logo abaixo apresentado. A expressão facial é bastante acentuada e o olhar preserva-se direcionado para baixo.

Figura 108
Verbo: INCENTIVAVA no Espaço Sub-rogado
Tempo: 0:47



Fonte: Vídeo 6 (Arquivo Gepel/2014)

No sinal abaixo, ocorre algo bastante interessante: dois verbos são realizados ao mesmo tempo, sendo um lexicalizado: 'oralizar' no espaço real, desempenhado pelo professor, e um segundo verbo percebido pelo contexto e recursos pantomímicos da sinalizadora: 'captar', desempenhado pelo [intérprete].

Figura 109
Verbo: CAPTA no Espaço Sub-rogado
Tempo: 4:50



Fonte: Vídeo 6 (Arquivo Gepel/2014)

O sinal abaixo retoma as mesmas observações apresentadas anteriormente para ENSINAR e INCENTIVAR.

Figura 110
Verbo: FOCAR no Espaço Sub-rogado
Tempo: 5:05



Fonte: Vídeo 6 (Arquivo Gepel/2014)

A integração entre os espaços é tamanha, que um único sinal pode, em seu ponto inicial, se encontrar num determinado espaço e o seu ponto final ser alocado em outro espaço. O verbo ver, no sinal abaixo VEJO, apresenta essa característica.

Figura 111
Verbo: VEJO partindo do Espaço Real para o Espaço *Token*
Tempo: 0:18



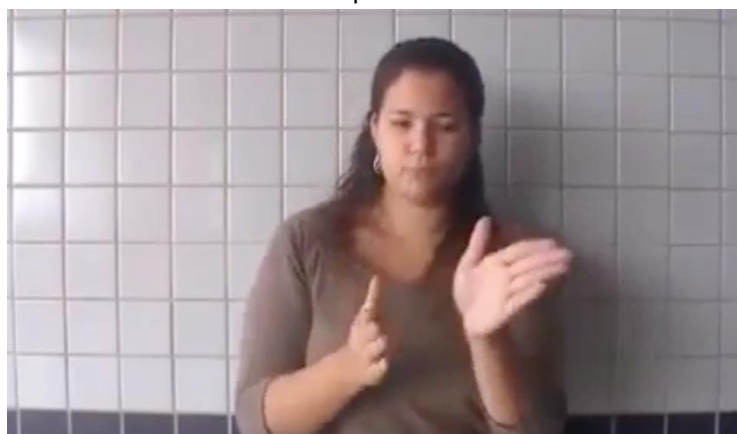
Fonte: Vídeo 6 (Arquivo Gepel/2014)

Os verbos ancorados no corpo, como vimos no segundo capítulo, se apoiam em algum ponto no corpo do sinalizador, conforme o campo semântico em que estiver inserido: cabeça, rosto, peito, abdômen. Neste sinal, a participante direciona o verbo para um ponto no espaço *token* que será por ela escolhido para indicar a escola inclusiva e a escola bilíngue, imediatamente ao concluir o sinal de VEJO.

Uma vez todas as entidades indicadas nos seus respectivos pontos do espaço à sua frente, a sinalizadora realiza os verbos no espaço *token*, ora iniciando no espaço real e finalizando no *token*, ora exatamente o contrário.

A sinalizadora do vídeo 6 localiza a escola inclusiva à sua esquerda e a bilíngue à sua direita. Nos dois sinais a seguir, apenas o verbo entrar é lexicalizado, devendo a direção da mão indicar o alvo da ação.

Figura 112
Verbo: ENTREI (na escola inclusiva) no Espaço *Token*
Tempo: 0:53



Fonte: Vídeo 6 (Arquivo Gepel/2014)

Figura 113
Verbo: ENTREI (na escola de surdos) no Espaço *Token*
Tempo: 0:56



Fonte: Vídeo 6 (Arquivo Gepel/2014)

O sinal abaixo é espacial do tipo direcional, revelando a concordância de pessoa. Vemos que a sinalizadora conduz o sinal para que ponto final deste se aproxime do espaço indicado para a escola bilíngue.

Figura 114
Verbo: PERCEBERAM-EM-MIM no Espaço *Token*
Tempo: 1:11



Fonte: Vídeo 6 (Arquivo Gepel/2014)

Nos sinais para os verbos CANCELEI e DEIXAR, a sinalizadora os realiza em seu lado esquerdo, mostrando que se refere à escola inclusiva.

Figura 115
Verbo: CANCELEI no Espaço *Token*
Tempo: 1:15



Fonte: Vídeo 6 (Arquivo Gepel/2014)

Figura 116

Verbo: DEIXAR no Espaço *Token*

Tempo: 1:19



Fonte: Vídeo 6 (Arquivo Gepel/2014)

No último sinal realizado no espaço *token*, a participante percorre o trajeto que tem ponto inicial no local para a escola inclusiva e ponto final no local para escola bilíngue, referindo-se às duas entidades sem lexicalizá-las. Aí vemos uma clara integração do espaço *token* com o real. A sinalizadora fala por si (espaço real) mas referencia duas entidades distintas escola inclusiva x escola bilíngue (espaço *token*).

Figura 117a

Verbo: MUDAR (ponto inicial) no Espaço *Token*

Tempo: 1:23



Fonte: Vídeo 6 (Arquivo Gepel/2014)

Figura 117b
Verbo: MUDAR (ponto final) no Espaço *Token*
Tempo: 1:23



Fonte: Vídeo 6 (Arquivo Gepel/2014)

Com a análise deste vídeo, pudemos constatar que verbos espaciais do tipo locativo ou direcionais podem ser realizados nos espaços real, sub-rogado ou *token* sem restrições em qualquer nível. Entretanto, os verbos ancorados no corpo demonstram uma especificidade: somente aqueles que apresentam um movimento de afastamento do ponto inicial podem ser realizados no espaço *token*, como percebemos no verbo 'ver'. Todos os demais tipos de verbos, conforme já encontramos em análises passadas, podem acontecer no espaço real e sub-rogado sem restrições.

- **ORDEM DA ORAÇÃO**

No texto presente no vídeo 6, foram identificadas as seguintes possibilidades de disposição sintática dos argumentos nas orações:

QUADRO 22
ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES – VÍDEO 6

Nº	ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
1	SVO	52
2	SOV	-
3	VOS	1
4	VSO	-
5	OVS	-
6	OSV	-
7	SV	5
8	VO	47
9	VS	1
10	OV	-
11	V	33
TOTAL		139

Fonte: Pesquisa direta – 2014

A ordem básica da oração SVO ocorreu mais vezes no vídeo analisado. Vale destacar que a ordem VO, na verdade, em muitos casos, compartilha o mesmo sujeito com outras orações anteriores num mesmo período composto. Mas, por este mesmo sujeito não se manifestar lexicalmente em cada oração, não pudemos considerar a estrutura SVO. Com efeito, a ordem de aparição no período preservaria essa mesma sequência SVO.

4.7 VÍDEO 7

O vídeo 7 tem o tempo total de gravação de 01 (um) minuto e 01 (um) segundo. O sinalizador produziu um texto predominantemente dissertativo-argumentativo, apresentando a sua opinião, em primeira pessoa, sobre o tema exposto. Assim como em outros vídeos com esta predominância tipológica, conjecturamos que a predominância desta tipologia textual tenha motivado um maior uso do espaço real.

No texto sinalizado do vídeo 7, não houve uso do espaço sub-rogado, mas apenas no espaço *token* e, em maior quantidade, no espaço real. As entidades realizadas em espaço *token* foram: 'primeira língua' e 'segunda língua'. Todas as demais ocorrências foram realizadas em espaço real. Para uma visão geral dos verbos presentes no texto do vídeo 7, sistematizamos um quadro esquemático abaixo, conforme mencionamos cada critério logo no início deste capítulo.

QUADRO 23

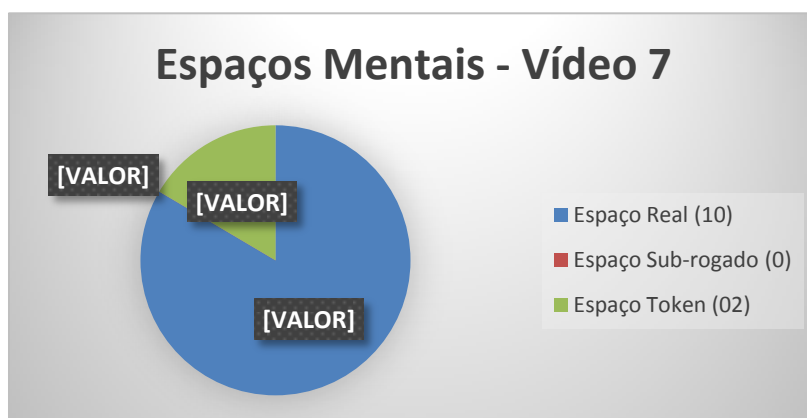
QUADRO-ESQUEMÁTICO VÍDEO 7					
Nº	VERBO	TEMPO	ESPAÇO	TIPO DE VERBO	ORDEM SINTÁTICA
1	DEFENDO	0:10	ER	SC	SVO
2	ESCOLHO	0:11	ET	CC	SVO
3	É	0:15	ER	SC	SVO
4	APRENDER	0:21	ER	SC	VO
5	APRENDER	0:28	ER	SC	VO
6	UNEM-SE	0:36	ET	CC	SV
7	ENSINAR	0:38	ER	CC	SVO
8	APRENDER	0:39	ER	SC	VO
9	CRESCI	0:43	ER	SC	SV
10	SENTI	0:51	ER	SC	VO
11	APRENDI	0:52	ER	SC	VO
12	DESENVOLVI	0:53	ER	SC	V

Fonte: Pesquisa direta - 2014

• O USO DOS ESPAÇOS

Contabilizamos a ocorrência total de 12 (doze) verbos, sendo 10 (dez) no espaço real (ER), perfazendo 83,5%; e 02 (dois) *token* (ET), perfazendo 16,5%. Não houve ocorrências espaço sub-rogado (ESR), perfazendo 0%. Vejamos as porcentagens no gráfico a seguir:

Gráfico 07



Fonte: Pesquisa direta – 2014

O grande percentual do espaço real mostra que a voluntária expôs seu texto em primeira pessoa, fazendo, em seu próprio nome, menção a outras entidades: escola bilíngue ou inclusiva, primeira e segunda línguas. Neste caso, a sinalizadora não incorporou a fala dessas outras entidades, já que se referiu a elas em espaço real ou *token*.

• O USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS

Apenas 02 (dois) verbos foram identificados sendo realizados no espaço *token*:

No espaço sub-rogado:

- Não houve ocorrências neste espaço.

No espaço *token*:

- 02 (dois) verbos com concordância do tipo espacial.

A seguir, sistematizamos esses verbos, distribuindo-os entre os tipos de verbos e de espaços. Observemos:

QUADRO 24

USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS MENTAIS INTEGRADOS – VÍDEO 7 –		
	ESPAÇO SUB- ROGADO	ESPAÇO <i>TOKEN</i>
VERBOS SEM CONCORDÂNCIA	-	-
VERBOS COM CONCORDÂNCIA		
ESPACIAIS	-	02
MANUAIS	-	-
REVERSOS	-	-
OCORRÊNCIAS NOS ESPAÇOS	-	02
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	02	

Fonte: Pesquisa direta – 2014

Neste vídeo, os verbos em evidência ocorreram apenas no espaço *token*, inseridos nas seguintes orações:

- EU **ESCOLHO** (A ESCOLA) BILÍNGUE;
- A SEGUNDA LÍNGUA E A PRIMEIRA LÍNGUA **UNEM-SE**.

Vejamos esses verbos fotografados no memento da sua realização para fins de visualização dos sinais. Iniciemos pelo verbo ESCOLHO: a sinalizadora já indica no espaço os locais pontuais para referenciar ‘escola inclusiva’ e ‘escola bilíngue’, esta última é colocada à sua esquerda, para onde dirige sua mão ao informar sua opção de escolha:

Figura 118
Verbo: ESCOLHO do Espaço *Token* para o Espaço Real
Tempo: 0:11



Fonte: Vídeo 7 (Arquivo Gepel/2014)

É significativo que a entidade referenciada precise ser apresentada e localizada no espaço, antecipadamente à ocorrência verbal, caso contrário empobreceria a espacialidade presente nas línguas de sinais. É justamente o que acontecerá no exemplo a seguir. A sinalizadora, previamente, indicará no espaço a 'primeira língua' (à sua esquerda) e a 'segunda língua' (à sua direita). Vejamos:

Figura 119a
Sinal: L2 (segunda língua) no Espaço Real
Tempo: 0:33



Fonte: Vídeo 7 (Arquivo Gepel/2014)

Figura 119b
 Sinal: L1 (primeira língua) no Espaço Real
 Tempo: 0:35



Fonte: Vídeo 7 (Arquivo Gepel/2014)

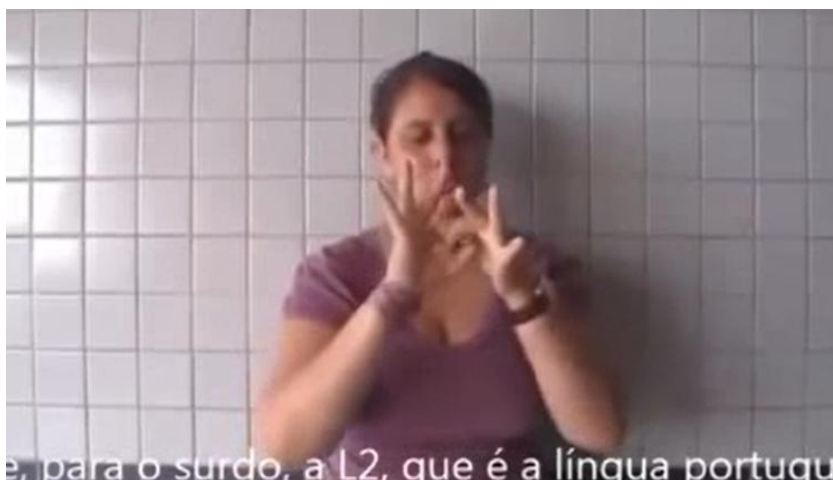
Agora, as mãos farão um mesmo sinal, com mesmo movimento, partindo cada uma do local determinado para as entidades mencionadas nas duas fotos anteriores. Exemplo de integração espacial, ao completar, com o verbo 'UNEM-SE', o sujeito composto anteriormente sinalizado.

Figura 120a
 Verbo: UNEM-SE (ponto inicial) no Espaço *Token*
 Tempo: 0:36



Fonte: Vídeo 7 (Arquivo Gepel/2014)

Figura 120b
Verbo: UNEM-SE (ponto final) no Espaço *Token*
Tempo: 0:36



Fonte: Vídeo 7 (Arquivo Gepel/2014)

Neste vídeo, pudemos constatar que verbos ‘com’ e ‘sem concordância’ podem ser realizados no espaço real, como já havíamos percebido em vídeos anteriores; mas, no espaço *token*, parece que a possibilidade de realização dos verbos torna-se um pouco mais reduzida.

- **ORDEM DA FRASE**

No texto presente no vídeo 7, foram identificadas as seguintes possibilidades de disposição sintática dos argumentos nas orações:

QUADRO 25
ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES – VÍDEO 7

Nº	ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
1	SVO	4
2	SOV	-
3	VOS	-
4	VSO	-
5	OVS	-
6	OSV	-
7	SV	2
8	VO	5
9	VS	-
10	OV	-
11	V	1
TOTAL		12

Fonte: Pesquisa direta – 2014

A ordem básica da oração SVO ocorreu mais vezes no vídeo analisado, do que outras ordens com os três elementos presentes. A ordem VO, reiteradamente, em muitos casos, compartilha o mesmo sujeito com outras orações anteriores num mesmo período composto. Mas, por este mesmo sujeito não se manifestar lexicalmente em cada oração, também aqui, não pudemos considerar a estrutura SVO. Desta forma, a ordem de aparição no período preservaria a sequência SVO.

4.8 VÍDEO 8

O vídeo 8 tem o tempo total de gravação de 03 (três) minutos e 59 (cinquenta e nove) segundos. A sinalizadora produziu um texto predominantemente narrativo, apresentando, de maneira subjacente, sua opinião sobre o tema exposto. Acreditávamos que, em virtude da tipologia em evidência, haveria uma maior presença dos três espaços, mas a narrativa ocorreu em primeira pessoa, sendo bastante privilegiado o espaço real em detrimento dos outros dois.

No texto 8 sinalizado, a voluntária inseriu em seu discurso apenas a entidade [todos] configurada no espaço sub-rogado. Já no espaço *token*, identificamos apenas 'eu', numa integração com o espaço real. Todas as demais foram realizadas em espaço real. Para uma visão completa dos verbos presentes no texto do vídeo 8, sistematizamos num quadro esquemático abaixo, conforme mencionamos cada critério logo no início deste capítulo.

QUADRO 26

QUADRO-ESQUEMÁTICO VÍDEO 8					
Nº	VERBO	TEMPO	ESPAÇO	TIPO DE VERBO	ORDEM SINTÁTICA
1	FUI (ir)	0:14	ER	CC	SVO
2	EXPLICAR	0:19	ER	SC	VO
3	IA	0:23	ER	CC	SVO
4	ESTUDAVA	0:27	ER	SC	SV
5	NÃO-TINHA (haver)	0:31	ER	SC	VO
6	NÃO-TINHA	0:32	ER	SC	V
7	ORALIZAVAM	0:33	ESR	SC	VSO
8	NÃO-TINHA (haver)	0:36	ER	SC	VO
9	ACHAVA (considerar)	0:37	ER	SC	SV
10	LEMBRO	0:39	ER	SC	SVO
11	LEMBRO	0:40	ER	SC	SVO
12	ACHO (considerar)	0:45	ER	SC	SVO
13	SENTIA	0:53	ER	SC	SVO
14	TINHA	0:54	ER	SC	OV
15	SENTAVA	0:54	ER	CC	VO
16	SENTAVA-ATRÁS	0:55	ET	CC	VO
17	APRENDIA	1:00	ER	SC	SVO
18	ORALIZAVA	1:01	ER	CC	SVO

19	SIGNIFICAVAM	1:03	ER	SC	V
20	ESCREVIA	1:03	ER	SC	V
21	APRENDIA	1:05	ER	SC	SVO
22	COPIAR	1:05	ER	SC	SV
23	SIGNIFICAVA	1:08	ER	SC	SVO
24	EXPLICAVA	1:08	ER	SC	VO
25	ENTENDIA	1:12	ER	SC	VO
26	USAVA	1:14	ER	SC	VO
27	USAVA	1:18	ER	SC	VO
28	NÃO-TINHA (usar/saber)	1:24	ER	SC	SOV
29	ORALIZAVA	1:25	ER	SC	SV
30	ORALIZAVA	1:27	ER	SC	V
31	PASSAVA (ser aprovada)	1:33	ER	SC	VO
32	APROPRIAVA	1:43	ER	SC	SVO
33	NÃO-TINHA (haver)	1:53	ER	SC	VO
34	EXPLICAVA	1:56	ER	CC	SVO
35	ORALIZAR	1:56	ER	SC	V
36	NÃO-ENTENDIA	1:57	ER	SC	V
37	ENSINAVA	1:59	ER	CC	SVO
38	ENTENDIA	2:00	ER	SC	V
39	PASSAVAM-A- RESPOSTA	2:01	ER	CC	VO
40	ESTUDAVA	2:03	ER	SC	SVO
41	APREENDIA	2:04	ER	SC	OV
42	LEMBRO	2:09	ER	SC	SVO
43	VEJO	2:09	ER	CC	SVO
44	VEJO	2:12	ER+ET	CC	SVO
45	SINTO	2:13	ER	SC	VO
46	DAVAM-A-MIM	2:14	ET+ER	CC	SVO
47	ACHO (considerar)	2:14	ER	SC	V
48	NÃO-TEM (existir)	2:17	ER	SC	OV
49	ME-MUDEI	2:19	ET	CC	SVO
50	FUI (ir)	2:25	ER	CC	SVO
51	TEM (haver)	2:26	ER	SC	VO
52	ESTUDAR	2:27	ER	SC	SV
53	VI	2:28	ER	CC	SVO
54	NÃO-TEM (haver)	2:29	ER	SC	OV
55	DAVA (passar assunto)	2:30	ER	CC	SVO
56	ENTENDIA	2:31	ER	SC	V
57	ENTENDIA	2:35	ER	SC	V
58	ENTENDIA	2:39	ER	SC	VO
59	ACABAVA	2:43	ER	SC	VO
60	ESCREVER	2:43	ER	SC	VO
61	MANDAVA	2:44	ER	CC	SVO
62	MARCAVA	2:46	ER	SC	SV
63	TINHA (haver)	2:50	ER	SC	VO

64	DAVA-PARA-MIM (passar assunto)	2:50	ER	CC	SVO
65	EXPLICAVA-PARA-MIM	2:51	ER	CC	SVO
66	EXPLICAVA-PARA-MIM	2:53	ER	CC	SVO
67	ESCREVIA	2:53	ER	SC	SV
68	COPIAVA	2:55	ER	CC	VO
69	DEPENDIA	2:56	ER	SC	SVO
70	DEPENDIA	2:57	ER	SC	SVO
71	ESCREVIA	2:59	ER	SC	SV
72	DAVA	3:00	ER	CC	SVO
73	ACHO (considerar)	3:01	ER	SC	VO
74	ACHO (considerar)	3:05	ER	SC	VO
75	APREENDENDO	3:11	ER	SC	OV
76	ENTREI	3:15	ER	CC	SVO
77	(ESTOU) INDO	3:19	ER	SC	SVO
78	DANDO-PARA-MIM (passar assunto)	3:20	ER	CC	SVO
79	DESENVOLVI	3:21	ER	SC	SVO
80	ENTENDI	3:22	ER	SC	VO
81	SINTO	3:27	ER	SC	SV
82	DESCOBRI	3:28	ET	CC	SVO
83	DESCOBRI	3:29	ET	CC	SVO
84	DESCOBRI	3:30	ET	CC	SVO
85	ENTENDO	3:31	ER	SC	SVO
86	NÃO-TEM (haver)	3:37	ER	SC	OV
87	NÃO-TEM (haver)	3:39	ER	SC	OV
88	NÃO-TEM (haver)	3:42	ER	SC	OV
89	ORALIZANDO-PARA-MIM	3:43	ER	CC	SVO
90	VISUALIZAVA	3:44	ER	CC	SVO
91	ACHO (considerar)	3:45	ER	SC	V
92	DIMINUIU	3:46	ER	SC	SV
93	DÁ-PARA-MIM (passar assunto)	3:48	ET	CC	SVO
94	DÁ-PARA-MIM (passar assunto)	3:51	ET	CC	SVO
95	DESPERTA	3:52	ER	SC	V
96	SINTO	3:53	ER	SC	SVO
97	DÁ-PARA-MIM (passar assunto)	3:54	ET	CC	SVO

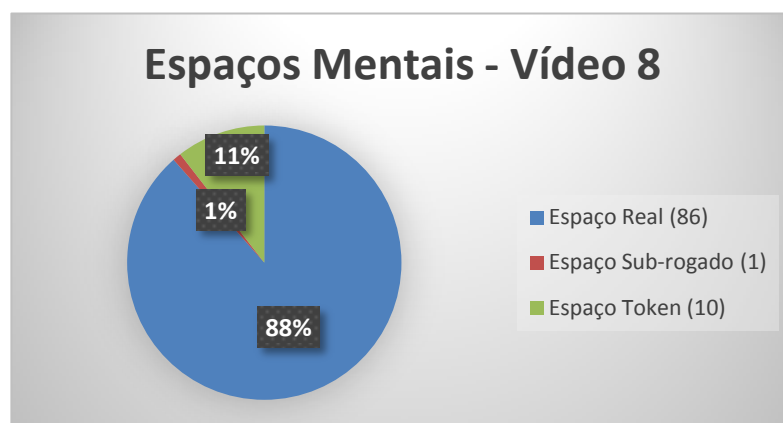
Fonte: Pesquisa direta – 2014

• O USO DOS ESPAÇOS

Observamos a ocorrência total de 97 (noventa e sete) verbos, sendo 86 (oitenta e seis) no espaço real (ER), perfazendo 88%; 01 (um) no espaço sub-rogado (ESR),

perfazendo 1%; e 10 (dez) no espaço *token* (ET), perfazendo 11%. Vejamos as porcentagens no gráfico a seguir:

Gráfico 08



Fonte: Pesquisa direta – 2014

O grande percentual do espaço real mostra que a voluntária expôs seu texto em primeira pessoa, fazendo, em seu próprio nome, menção a outras entidades. Resultado semelhante ocorreu em outros vídeos com essa mesma característica.

• O USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS

Apenas 11 (onze) verbos foram identificados sendo realizados nos dois espaços em análise:

No espaço sub-rogado:

- 01 (um) verbo sem concordância.

No espaço *token*:

- 10 (dez) com concordância, dos tipos espaciais e manuais.

A seguir, sistematizamos esses verbos, distribuindo-os entre os tipos de verbos e de espaços. Observemos:

QUADRO 27

USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS MENTAIS INTEGRADOS – VÍDEO 8 –		
	ESPAÇO SUB-ROGADO	ESPAÇO <i>TOKEN</i>
VERBOS SEM CONCORDÂNCIA	01	-
VERBOS COM CONCORDÂNCIA		
ESPACIAIS	-	09
MANUAIS	-	01
REVERSOS	-	-
OCORRÊNCIAS NOS ESPAÇOS	01	10
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	11	

Fonte: Pesquisa direta – 2014

Os verbos sistematizados se encontram nas seguintes orações:

No espaço sub-rogado:

- (TODOS OS ALUNOS OUVINTES) **ORALIZAVAM**.

No espaço *token*:

- EU **SENTAVA** NO FINAL DA SALA;
- AGORA EU **VEJO** A ESCOLA INCLUSIVA;
- NÃO ME **DAVAM** ENSINO DE QUALIDADE;
- ENTÃO EU ME **MUDEI** PARA O RECIFE;
- EU **DESCOBRI** (A ESCOLA INCLUSIVA);
- EU **DESCOBRI** O LETRAS LIBRAS;
- EU **DESCOBRI** QUE A ESCOLA INCLUSIVA É DIFERENTE;
- AQUI NO LETRAS LIBRAS **DAVAM-PARA-MIM** O ASSUNTO EM LIBRAS.

Vejamos esses mesmos verbos agora sinalizados no momento de uso em Libras para explicações específicas.

O único verbo no espaço sub-rogado é realizado pela sinalizadora como que num grupo de ouvintes falantes: as duas mãos, uma de frente para outra indica uma conversação de entre pessoas, sendo uma destas incorporada por ela mesma.

Figura 121
Verbo: ORALIZAVAM no Espaço Sub-rogado
Tempo: 0:33



Fonte: Vídeo 8 (Arquivo Gepel/2014)

Neste sinal, devem ser levados em conta direcionalidade das mãos numa postura de reflexividade (falavam reciprocamente); a direção do seu olhar frente ao seu possível interlocutor; e a expressão facial principalmente com a boca para elucidar o sinal de 'oralizar'.

No sinal abaixo, a informação 'sentar no final da sala' evidencia, além da estatura física da sinalizadora acima dos demais, uma certa exclusão entre os demais, que eram todos ouvintes. A partir daqui, os sinais ocorreram no espaço *token*.

Figura 122
Verbo: SENTAVA-ATRÁS no Espaço *Token*
Tempo: 0:55



Fonte: Vídeo 8 (Arquivo Gepel/2014)

Abaixo, o sinal de 'VEJO' é iniciado no espaço real e segue em direção ao local escolhido para referenciar a escola inclusiva: à esquerda da participante, um pouco mais abaixo. O verbo, em seu ponto inicial, tem um leve contato dos dedos com a extremidade ipsilateral da cavidade ocular, pois este é um verbo ancorado no corpo, mas que apresenta um movimento de afastamento do ponto inicial. O verbo 'ver' ainda possui caráter direcional e durativo, como já vimos no capítulo descritivo da Libras.

Figura 123
Verbo: VEJO do Espaço Real para o Espaço *Token*
Tempo: 2:12



Fonte: Vídeo 8 (Arquivo Gepel/2014)

O próximo verbo faz um caminho inverso na integração dos espaços, pois parte do espaço *token* ao espaço real. Isso aconteceu, pois a sinalizadora assume a afetação do verbo 'dar': ela recebe o ensino de qualidade de uma entidade *token*, mais um exemplo de integração dos espaços mentais.

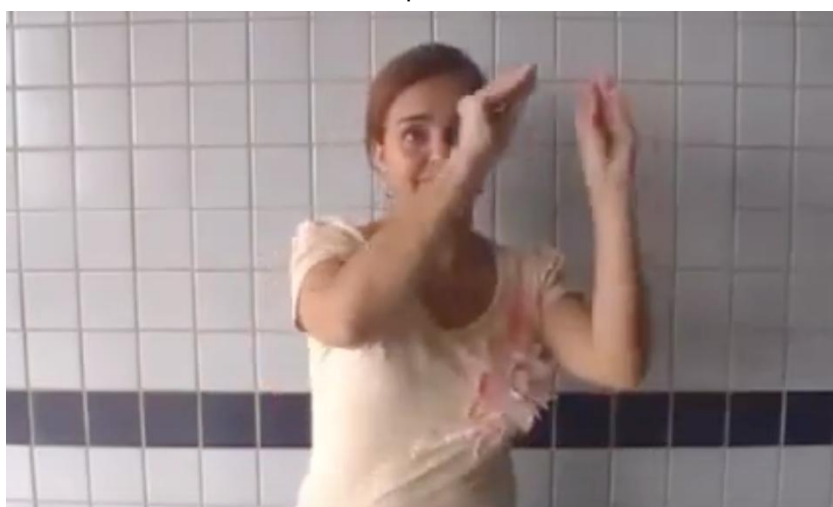
Figura 124
Verbo: DAVAM-A-MIM do Espaço *Token* para o Espaço Real
Tempo: 2:14



Fonte: Vídeo 2 (Arquivo Gepel/2014)

As duas imagens subsequentes retratam os momentos inicial e final do mesmo verbo 'mudar', ou seja, de onde para onde.

Figura 125a
Verbo: MUDEI no Espaço *Token*
Tempo: 2:19



Fonte: Vídeo 8 (Arquivo Gepel/2014)

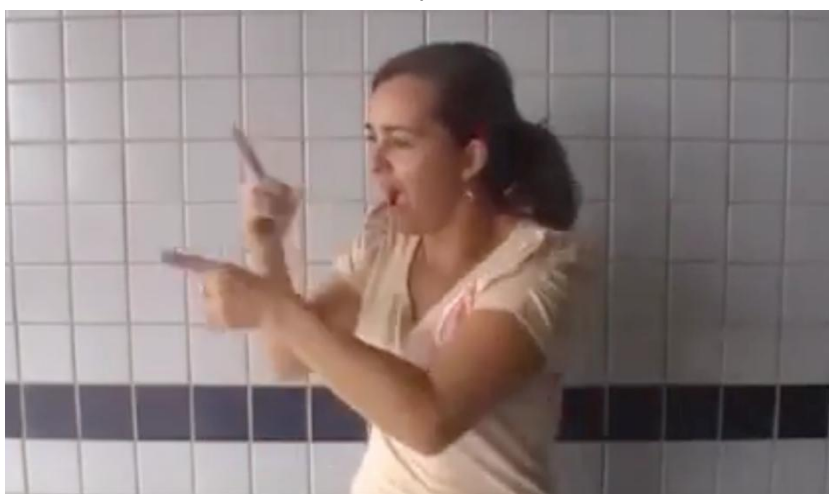
Figura 125b
Verbo: MUDEI no Espaço *Token*
Tempo: 2:19



Fonte: Vídeo 6 (Arquivo Gepel/2014)

Por três vezes, a sinalizadora realiza o sinal para ‘descobrir’ utilizando-se do posicionamento do corpo para indicar o objeto a que se refere somente com a indicação locativa, sem precisar repetir o substantivo referente: à sua direita, retoma a escola inclusiva; à sua esquerda retoma o Letras-Libras.

Figura 126a
Verbo: DESCOBRI (que a escola inclusiva) no Espaço *Token*
Tempo: 3:28



Fonte: Vídeo 8 (Arquivo Gepel/2014)

Figura 126b
Verbo: DESCOBRI (que o Letras-Libras) no Espaço *Token*
Tempo: 3:29



Fonte: Vídeo 8 (Arquivo Gepel/2014)

Figura 126c
Verbo: DESCOBRI (que a escola inclusiva) no Espaço *Token*
Tempo: 3:30



Fonte: Vídeo 8 (Arquivo Gepel/2014)

O próximo sinal segue a explicação: um sinal direcional, com a mesma integração do espaço *token* com o espaço real.

Figura 127
Verbo: DÁ-PRA-MIM do Espaço *Token* para o Real
Tempo: 3:48



Fonte: Vídeo 8 (Arquivo Gepel/2014)

Neste vídeo, constatamos que verbos ‘com’ e ‘sem concordância’ podem ser realizados nos espaços real e sub-rogado sem restrições em qualquer nível. cremos que isso se deve ao fato de ambos apresentarem as mesmas características no uso do corpo inteiro do sinalizador, havendo distinção apenas para a pessoa do discurso se 1ª ou 3ª. O espaço *token* parece apresentar uma restrição na realização dos sinais ancorados no corpo.

- **ORDEM DA FRASE**

No texto presente no vídeo 8, foram identificadas as seguintes possibilidades de disposição sintática dos argumentos nas orações:

QUADRO 28
ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES – VÍDEO 8

Nº	ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
1	SVO	43
2	SOV	1
3	VOS	-
4	VSO	1
5	OVS	-
6	OSV	-
7	SV	10
8	VO	22
9	VS	-
10	OV	8
11	V	12
TOTAL		97

Fonte: Pesquisa direta – 2014

A ordem básica da oração SVO ocorreu mais vezes no vídeo analisado 43 (quarenta e três) vezes. A ordem VO, na verdade, em muitos casos, como vimos em vídeos anteriores, compartilha o mesmo sujeito com outras orações precedentes num mesmo período composto. Mas, por este mesmo sujeito não se manifestar lexicalmente em cada oração, não pudemos considerar a estrutura SVO. Com efeito, a ordem de aparição no período preservaria essa mesma sequência SVO.

4.9 VÍDEO 9

O tempo de gravação do vídeo 9 é de 01 (um) minuto e 27 (vinte e sete) segundos. O sinalizador produziu um texto predominantemente dissertativo-argumentativo apresentando a sua opinião sobre o tema que lhe foi exposto, por meio de um depoimento em 1ª pessoa. Como já observamos em outros textos, a predominância da tipologia dissertativa motivou um maior uso do espaço real. O texto 9 apresentou, em sua totalidade, o uso do espaço real nas ocorrências verbais.

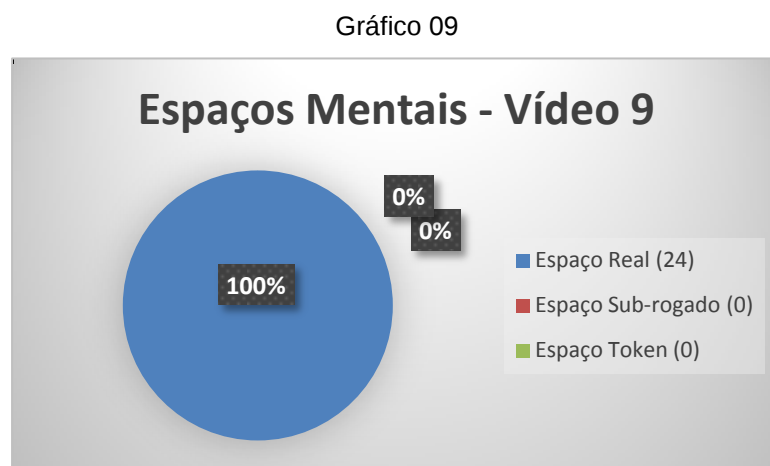
QUADRO 29

QUADRO-ESQUEMÁTICO VÍDEO 9					
Nº	VERBO	TEMPO	ESPAÇO	TIPO DE VERBO	ORDEM SINTÁTICA
1	É	0:11	ER	SC	SVO
2	VENDO	0:14	ER	SC	VO
3	MUDAM	0:22	ER	CC	V
4	PARECE	0:28	ER	SC	VO
5	CONTINUAM	0:29	ER	SC	V
6	CONTINUAM	0:30	ER	SC	SV
7	ACHO (considerar)	0:31	ER	SC	VO
8	APRENDEM	0:32	ER	SC	VO
9	CONHECE	0:33	ER	SC	OVS
10	CONHECE	0:35	ER	SC	SVO
11	MUDAM	0:42	ER	CC	OV
12	É	0:44	ER	SC	SVO
13	(ESTOU) ACONSTUMADO	0:54	ER	SC	SVO
14	PERGUNTAR	0:58	ER	CC	SVO
15	PERGUNTAR	0:59	ER	CC	SVO
16	PERGUNTAR	0:59	ER	CC	SVO
17	PERGUNTO	1:01	ER	CC	SVO
18	PERGUNTAM	1:06	ER	CC	SVO
19	ESCREVEM	1:07	ER	SC	SV
20	ENTENDEM	1:08	ER	SC	V
21	ESCREVEM	1:09	ER	SC	V
22	CONSEGUEM	1:10	ER	SC	V
23	AVISAR	1:17	ER	CC	SVO
24	TRABALHA	1:19	ER	SC	VO

Fonte: Pesquisa direta – 2014

• O USO DOS ESPAÇOS

Contabilizamos a ocorrência de 24 (vinte) verbos, sendo todos eles no espaço real (ER), perfazendo 100% das ocorrências; nenhum no espaço sub-rogado (ESR), perfazendo 0%; e nenhuma realização no espaço *token* (ET), perfazendo 0%. Vejamos as porcentagens no gráfico a seguir:



Pesquisa direta - 2014

O grande percentual do espaço real mostra que o participante expôs seu texto em primeira pessoa, fazendo, em seu próprio nome, menção a outras entidades: professor, surdos, escola bilíngue ou inclusiva, etc. Neste caso, o sinalizador não incorporou a fala dessas outras entidades.

• O USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS

Nenhum verbo foi identificado sendo realizados nos dois espaços em análise:

No espaço sub-rogado:

- Nenhum verbo foi realizado neste espaço.

No espaço *token*:

- Nenhum verbo foi realizado neste espaço.

Para manutenção da proposta de análise, apresentaremos o quadro-esquemático, mesmo sem a presença de verbos nos espaços em estudo.

QUADRO 30

USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS MENTAIS INTEGRADOS – VÍDEO 9 –		
	ESPAÇO SUB-ROGADO	ESPAÇO <i>TOKEN</i>
VERBOS SEM CONCORDÂNCIA	-	-
VERBOS COM CONCORDÂNCIA		
ESPACIAIS	-	-
MANUAIS	-	-
REVERSOS	-	-
OCORRÊNCIAS NOS ESPAÇOS	00	00
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	00	

Não houve sequer uso dos espaços, mesmo que tenha feito referência a alguma entidade. Todo o depoimento foi alicerçado, pois, em espaço real. Mas isso não trouxe prejuízos para que o sinalizador realizasse a língua sem plenitude ou exatidão. O uso dos espaços é sim um recurso muito produtivo, mas neste texto a necessidade não foi imediatamente cogitada.

O depoimento apresentado pelo participante foi claro e conciso. Mesmo quando se referiu à escola bilíngue ou à inclusiva, não as colocou em posição diametral como vimos em todos os outros textos. O mesmo se diga quando foram mencionados o ‘professor’ e o ‘intérprete’ no contexto de sala de aula. Como o tempo não foi estipulado, ficando livre para o participante falar quanto lhe fosse interessante, este não sentiu necessidade de criar grande texto.

Neste vídeo, pudemos constatar que verbos ‘com’ e ‘sem concordância’ podem ser realizados no espaço real não apresentaram restrições em qualquer nível. O primeiro espaço das línguas sinalizadas, o real, é também pleno de realização e recursos.

- **ORDEM DA FRASE**

No texto presente no vídeo 9, foram identificadas as seguintes possibilidades de disposição sintática dos argumentos nas orações:

QUADRO 31
ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES – VÍDEO 9

Nº	ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
1	SVO	10
2	SOV	-
3	VOS	-
4	VSO	-
5	OVS	1
6	OSV	-
7	SV	2
8	VO	5
9	VS	-
10	OV	1
11	V	5
TOTAL		24

Fonte: Pesquisa direta – 2014

A ordem básica da oração SVO ocorreu mais vezes no vídeo analisado. Fazemos igual menção à ordem VO, que, na verdade, em muitos casos, compartilha o mesmo sujeito de orações anteriores num mesmo período composto. Mas, por este mesmo sujeito não se manifestar lexicalmente em cada oração, não pudemos considerar a estrutura SVO. Com efeito, a ordem de aparição no período preservaria essa mesma sequência SVO.

4.10 VÍDEO 10

O vídeo 10 tem o tempo total de gravação de 01(um) minuto. A sinalizadora produziu um texto predominantemente dissertativo-argumentativo, expondo a sua opinião sobre o tema que lhe foi exposto em primeira pessoa. Este texto 10 se assemelha significativamente ao texto anterior, pelo tempo, estratégia de exposição de opinião e uso predominante do espaço real, havendo apenas 02 (ocorrências) no espaço *token*, no total das 17 (dezesete) ocorrências.

Acreditamos ainda que a predominância da tipologia indicada motivou um maior uso do espaço real, já que a existência de personagens distintos se dê em textos mais narrativos.

No texto 10 sinalizado do vídeo 10, a voluntária inseriu em seu discurso apenas as entidades ‘escola bilíngue’ e ‘escola inclusiva’ no espaço *token*. Para uma visão completa dos verbos presentes no texto deste vídeo em análise, sistematizamos num quadro esquemático abaixo, conforme mencionamos cada critério logo no início deste capítulo.

QUADRO 32

QUADRO-ESQUEMÁTICO VÍDEO 10					
Nº	VERBO	TEMPO	ESPAÇO	TIPO DE VERBO	ORDEM SINTÁTICA
1	PENSANDO	0:17	ER	SC	SVO
2	DÁ (ter possibilidade)	0:18	ER	SC	VO
3	PRECISAM	0:22	ER	SC	SVO
4	COMEÇAR	0:24	ER	SC	SVO
5	APRENDER	0:24	ER	SC	VO
6	APRENDEM	0:28	ER	SC	SV
7	DESENVOLVEM	0:28	ER	SC	V
8	DESENVOLVERAM	0:34	ER	SC	VO
9	PODEM	0:37	ER	SC	SVO
10	MUDAR	0:37	ER	CC	VO
11	PODE	0:39	ER	SC	V
12	OBRIGA	0:43	ER	SC	SVO
13	(SE) RELACIONAM	0:48	ER	CC	VSO
14	PRECISA	0:51	ER	SC	SVO
15	SEPARAR	0:52	ER	CC	V

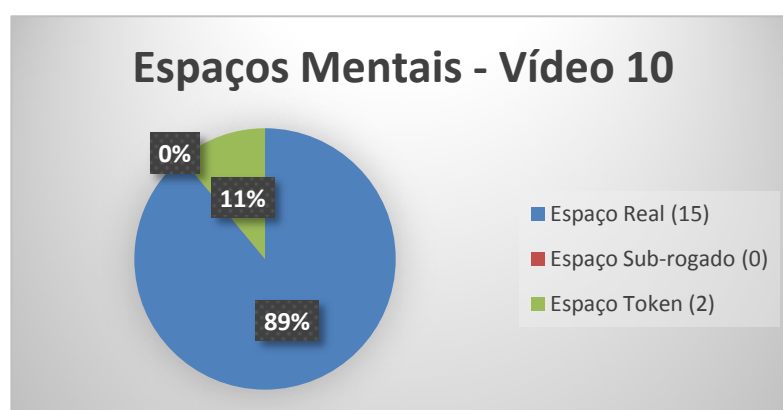
16	RESPEITAR	0:52	ER+ET	CC	VO
17	RESPEITAR	0:55	ER+ET	CC	VO

Fonte: Pesquisa direta – 2014

• O USO DOS ESPAÇOS

Houve a realização num total de 17 (dezessete) verbos, sendo 15 (quinze) no espaço real (ER), perfazendo 89%; nenhum no espaço sub-rogado (ESR), perfazendo 0%; e 02 (duas) realizações no espaço *token* (ET), perfazendo 11%. Vejamos as porcentagens no gráfico a seguir:

Gráfico 10



Fonte: Pesquisa direta – 2014

O grande percentual do espaço real mostra que a voluntária expôs seu texto em primeira pessoa, fazendo, em seu próprio nome, menção a outras entidades: professor, surdos, escola bilíngue ou inclusiva, etc. Neste caso, a sinalizadora não incorporou a fala dessas outras entidades.

• O USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS

Apenas 04 (quatro) verbos foram identificados sendo realizados num dos espaços em análise:

No espaço sub-rogado:

- não houve ocorrências neste espaço.

No espaço *token*:

- houve 02 (duas) realizações em verbos de concordância, do tipo espacial.

A seguir, sistematizamos esses verbos, distribuindo-os entre os tipos de verbos e de espaços. Observemos:

QUADRO 33

USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS MENTAIS INTEGRADOS – VÍDEO 10 –		
	ESPAÇO SUB-ROGADO	ESPAÇO <i>TOKEN</i>
VERBOS SEM CONCORDÂNCIA	-	-
VERBOS COM CONCORDÂNCIA		
ESPACIAIS	-	02
MANUAIS	-	-
REVERSOS	-	-
OCORRÊNCIAS NOS ESPAÇOS	-	02
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	02	

Fonte: Pesquisa direta – 2014

Os verbos identificados no espaço *token* foram encontrados nas seguintes orações:

- É PRECISO **SEPARAR** INICIALMENTE AS CRIANÇAS SURDAS EM SALAS BILÍNGUES E **RESPEITAR** A ORGANIZAÇÃO DESTA E **RESPEITAR** ESCOLA INCLUSIVA SEPARADAMENTE.

Elencaremos 03 (três) figuras destes verbos para melhor entendimento do fenômeno no uso dos espaços. Antecipado aos verbos no espaço *token*, sentimos a necessidade em apresentar o verbo ‘separar’, ainda que em espaço real, mas ele

preconiza os dois verbos subsequentes, que partem do espaço real para o *token*.
Vejam os:

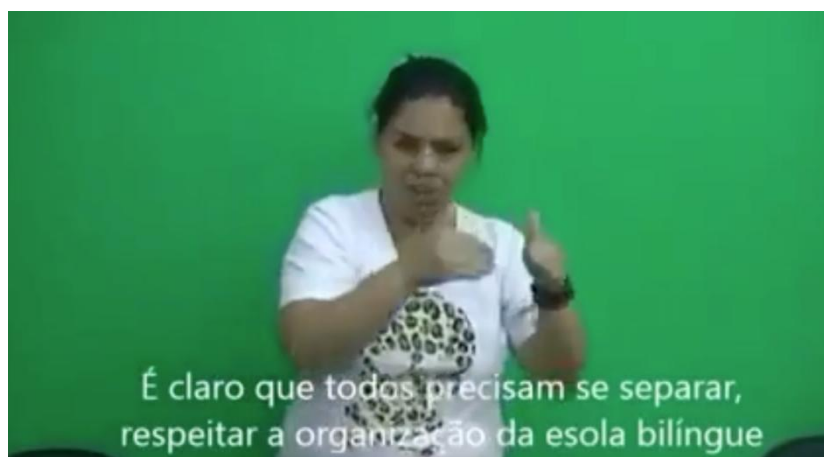
Figura 128
Verbo: SEPARAR no Espaço Real
Tempo: 0:52



Fonte: Vídeo 10 (Arquivo Gepel/2014)

No espaço, são indicadas de maneira diametral as duas entidades escolares: 'a bilíngue' e 'a inclusiva'. Com esta prévia indicação no espaço, a sinalizadora apenas direcionará os sinais de respeitar para cada entidade sem a necessidade de repetir os mesmos substantivos. Observemos:

Figura 129a
Verbo: RESPEITAR do Espaço Real para o Espaço *Token*
Tempo: 0:52



Fonte: Vídeo 10 (Arquivo Gepel/2014)

Agora, a sinalizadora dirige para um lado e para outro a fim de indicar o que se deve respeitar. A posição do corpo, abaixamento de cabeça e direção do olhar são recursos característicos para a concretização dos sinais.

Figura 132b
Verbo: RESPEITAR do Espaço Real para o Espaço *Token*
Tempo: 0:55



Fonte: Vídeo 10 (Arquivo Gepel/2014)

Neste último, a participante ainda repetiu o sinal da entidade: 'escola inclusiva' para enfatizar e tirar ambiguidade de sua intenção na apresentação da informação.

Neste vídeo, constatamos que verbos 'com' e 'sem concordância' podem ser realizados nos espaços real sem restrições em qualquer nível. Como já mencionamos anteriormente, acreditamos que isso se deva ao fato de ambos apresentarem as mesmas características no uso do corpo inteiro do sinalizador, havendo distinção apenas para a pessoa do discurso se 1ª ou 3ª. Já no espaço *token*, o verbo ocorrido 'RESPEITAR' partiu do espaço real, dirigindo-se para os alvos: 'as escolas', que são os objetos diretos das orações.

- **ORDEM DA FRASE**

No texto presente no vídeo 10, foram identificadas as seguintes possibilidades de disposição sintática dos argumentos nas orações:

QUADRO 34
ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES – VÍDEO 10

Nº	ORDEM SINTÁTICA DAS ORAÇÕES	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
1	SVO	6
2	SOV	-
3	VOS	-
4	VSO	1
5	OVS	-
6	OSV	-
7	SV	1
8	VO	6
9	VS	-
10	OV	-
11	V	3
TOTAL		17

Fonte: Pesquisa direta – 2014

A ordem básica da oração SVO ocorreu mais vezes neste vídeo analisado: 6 (seis) ocorrências. A ordem VO, na verdade, em muitos casos, compartilha o mesmo sujeito com outras orações anteriores num mesmo período composto, como em vídeos passados. Mas, por este mesmo sujeito não se manifestar lexicalmente em cada oração, não pudemos considerar a estrutura SVO. Com efeito, a ordem de aparição no período preservaria essa mesma sequência SVO.

As análises nos ofereceram uma ideia bastante valiosa de alguns fenômenos acerca do uso dos espaços mentais na Libras. Tudo isso nos indica algumas pistas e conclusões, mas antes façamos um apanhado geral dos vídeos analisados.

- **Número de vídeos analisados: 10 (dez)**

- **Nº - Número de ocorrências de verbos e espaços:**

Não é o fim deste trabalho a quantificação dos fenômenos, mas ela sempre nos apresenta dados reais de como e quanto os usos se manifestam na língua. Foram um total de 512 (quinhentos e doze) verbos realizados nas filmagens.

Aqui vemos uma grande presença do espaço real 456 (quatrocentos e cinquenta e seis) ocorrências; no espaço sub-rogado identificamos 25 (vinte e cinco) ocorrências; por fim, no espaço *token* 31 (trinta e uma) com ocorrências,

QUADRO 35

QUADRO GERAL DO USO DOS VERBOS E ESPAÇOS MENTAIS				
VÍDEOS	ESPAÇO REAL	ESPAÇO SUB-ROGADO	ESPAÇO <i>TOKEN</i>	OCORRÊNCIA TOTAL
1	16	04	00	20
2	41	05	07	53
3	15	07	01	23
4	53	01	00	54
5	70	03	00	73
6	126	04	09	139
7	10	00	02	12
8	86	01	10	97
9	24	00	00	24
10	15	00	02	17
TOTAL	456	25	31	512
%	89%	4,8%	6,2%	100%

Fonte: Pesquisa direta – 2014

Apesar de parecer inexpressiva a presença do uso dos espaços mentais integrados em relação ao espaço real nas realizações dos verbos, pudemos observar satisfatoriamente muitos fenômenos nos comportamentos dos verbos sobre os quais trataremos mais à frente nas considerações finais.

- TIPO DE VERBO – Categorização dos tipos de verbos

Os verbos realizados nos espaços mentais apontam para algumas possibilidades e restrições. Os espaços real e sub-rogado comungam de princípios organizadores de semelhança muito peculiar, mas não podemos dizer o mesmo do espaço *token*. Como podemos ver, os verbos reversos não ocorreram nos textos analisados, mas traremos comentários a seu respeito. Sobre tudo isso, voltaremos nas conclusões.

QUADRO 36

QUADRO GERAL DO USO DOS VERBOS NOS ESPAÇOS MENTAIS INTEGRADOS		
	ESPAÇO SUB- ROGADO	ESPAÇO <i>TOKEN</i>
VERBOS SEM CONCORDÂNCIA	11	06
VERBOS COM CONCORDÂNCIA		
ESPACIAIS	14	21
MANUAIS	-	04
REVERSOS	-	-
OCORRÊNCIAS NOS ESPAÇOS	25	31
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	56	

Fonte: Pesquisa direta - 2014

- ORDEM SINTÁTICA – Posição assumida pelos argumentos na oração.

A ordem sintática dos argumentos da oração ratifica o que disseram os autores consultados para este trabalho. A ordem básica da oração em Libras parece ser mesmo a SVO. Conforme já havíamos indicado durante as análises, a ordem VO é uma elisão da ordem básica SVO, já que, em muitos casos, o sujeito estava presente apenas no início do conjunto de orações de um mesmo período composto, ou seja, o sujeito não tinha se lexicalizado em cada oração, por isso não pudemos considerar a forma SVO. Entretanto, é essa forma que se preservaria nas referidas orações de sujeito compartilhado.

QUADRO 37

QUADRO GERAL DA ORDEM SINTÁTICA DOS ARGUMENTOS NA ORAÇÃO												
Nº	ORDEM	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Σ
1	SVO	7	9	12	12	15	52	4	43	10	6	170
2	SOV	-	-	-	2	1	-	-	1	-	-	04
3	VOS	-	2	-	-	1	1	-	-	-	-	04
4	VSO	1	-	1	-	-	-	-	1	-	1	04
5	OVS	-	2	-	-	-	-	-	-	1	-	03
6	OSV	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
7	SV	2	4	3	12	8	5	2	10	2	1	49
8	VO	10	22	5	15	18	47	5	22	5	6	155
9	VS	-	2	-	1	1	1	-	-	-	-	05
10	OV	-	1	-	-	3	-	-	8	1	-	13
11	V	-	11	2	12	25	33	1	12	5	3	104
TOTAL		20	53	23	54	73	139	12	97	24	17	512

Fonte: Pesquisa direta – 2014

Passemos, de uma vez por todas, às conclusões desta tese para os devidos encaminhamentos e fechamento do trabalho.

5 À GUIA DE CONCLUSÕES

Nunc dimitis servum tuum, Domine,
 Secundum verbum tuum in pace,
 Quia viderunt oculi mei*
 Salutare tuum
 Quod parasti*
 Ante faciem omnium populorum,
 Lumen ad revelationem gentium*
 Et gloriam plebis tuae Israel.
 Lc 2, 29-32*

A experiência do homem no mundo, ou seja, sua relação com o universo que o rodeia, de alguma forma, ao se materializar em linguagem, reflete a organização estrutural dos eventos e ações sensivelmente experienciados pelo indivíduo. Tal organização tange a sequencialidade de como as atividades se realizam: princípio, meio e fim são respeitados no processo de produção linguagem, visto que “a estrutura da descrição linguística de eventos reflete a estrutura dos próprios eventos” (GIVÓN, 2012, p.396).

Retomando o início desta tese para poder chegar ao seu fim, o fazemos com a mesma determinação, pois não finda aqui mais um processo por si, todavia, outros vão tomando corpo e começam a surgir novas propostas de investigação. O fenômeno é atraente e repleto de facetas todas muito caras e com portas diversas, cada uma mais convidativa que outra. Não precisa entrar em todas, não dá tempo! Na primeira, já vemos um caminho longo, sinuoso e cheio de flores a serem colhidas.

A Libras é uma destas portas: uma língua natural, factível de análise e investigação que tem atraído inúmeros pesquisadores, pois possibilita ainda muito o que se pesquisar. Toda língua é uma construção humana, e todo homem também se constrói ao construir a língua que usa, a língua com a qual interage no universo em que vive. Ambos se moldam reciprocamente, muitas vezes, sem perceber quem, de fato, exerce maior influência um sobre o outro: homem e língua formam uma unidade dual indivisível.

Ao ocupar-nos dos espaços mentais integrados na Libras, precisávamos navegar pelo Funcionalismo Cognitivo (Givón, 2012), A iconicidade, fortemente

presente nas línguas de sinais, parece ser um dos grandes indícios da naturalidade das línguas visuo-espaciais. Uma língua de sinais requer, por sua modalidade, uma maior presença de elementos motivados sem que haja, necessariamente, reservas para a validade do seu estatuto linguístico.

O aparato perceptual do homem autoriza, portanto, a avaliação devida das entidades em seu ponto inicial e final no espaço. Isso tange sensivelmente a forma de organização da língua das menores às maiores partes que compõem os níveis de análise linguística, desde os níveis sublexicais aos mais discursivos.

Os universais linguísticos são, portanto, os responsáveis pela iniciação e acesso menos conflituoso de novos membros que se achegam a uma comunidade de usuários de uma língua, pois são tendências compartilhadas por todos os falantes humanos. Por ser uma língua natural, a Libras congrega seus universais pertinentes e adequados à sua modalidade, já que apresenta produção e captação por meio das mãos e visão, respectivamente.

O estatuto linguístico conquistado para as línguas de sinais pelo linguista americano William Stokoe muito ampliou os horizontes para estudos e aceitação de línguas desta modalidade. Suas investigações tanto colaboraram que chegaram por estas terras de Santa Cruz, alargando os estudos em línguas naturais sinalizadas.

Um dos recursos fortemente presentes nessas línguas é a sua capacidade de exploração e realização da espacialidade, que toca todos os níveis de análises, mas que se manifesta de maneira especial nas construções sintáticas. A sintaxe espacial, como é comumente definida, traz em seu bojo muitos recursos, mostrando o quão rica pode ser a estruturação de uma língua espacial.

No quadro 35, quadro geral do uso dos verbos e espaços mentais, vimos o uso do espaço real mais utilizado que os demais, acreditamos que isso se deva à tipologia textual predominantes nos textos: a dissertativo-argumentativa. Ao total, 07 (sete) participantes produziram os textos em 1ª pessoa do singular, por isso fizeram uso recorrente do espaço mental real. Mesmo os outros 03 (três) participantes que elaboraram narrativas, também o fizeram em 1ª pessoa do singular, mostrando que a escolha da pessoa do discurso influencia na realização dos espaços. Pois pensávamos que os mais narrativos apresentariam um acentuado uso dos espaços sub-rogado e *token*, mas como não introduziram personagens distintos, não nos foi possível identificar outros espaços.

Nos espaços integrados mentais real, sub-rogado e *token* existem características que os especificam e especializam entre si. Dos três, demos ênfase aos dois últimos, observando a realização dos verbos, suas possibilidades e restrições.

Desta forma, pudemos observar que o espaço sub-rogado não apresenta restrições na realização de qualquer sinal referente a verbo. Como este espaço é uma variação do espaço real, apenas assumindo a terceira pessoa do discurso, disporá de todos os recursos disponíveis do espaço real para sua realização.

O espaço *token*, por se concretizar como que num 'tabuleiro' à frente do sinalizador, com entidades representadas até em miniaturas, não faz uso de todas as estratégias e recursos como nos espaços real e sub-rogado. Neste sentido, não dispõe do corpo inteiro do sinalizador para configurar os sinais.

Neste sentido, os verbos que têm ponto de articulação ancorado no corpo parecem que apresentam algumas restrições para sua realização, tais como:

- Testa (cognição): *pensar, duvidar, esquecer, aprender, entender, lembrar, saber*;
- Ouvido (audição): *ouvir, escutar*;
- Rosto (face): *envergonhar, maquiar*;
- Ouvido e boca: *telefones*;
- Boca (locução e degustação): *comer, beber, falar, rir, fumar*;
- Queixo: *admirar, demorar, desculpar*;
- Pescoço: *morrer (faca + cortar pescoço), sujar, ter sede*;
- Peito (emoção): *amar, gostar, ter saudade, odiar, assustar, sentir, sofrer*.

Neste caso, o sinal pode ser realizado primeiramente no espaço real e imediatamente repetido no espaço *token*, próximo da entidade a que se quer referir, sem perdas para o sentido.

Observamos, entretanto, que os verbos ancorados no corpo que possuem um movimento de afastamento do ponto inicial, apresentam uma maior flexibilidade na realização no espaço *token*. Verbos como 'IMAGINAR', 'VER', 'SONHAR'. Desta forma, podem ser realizados também no espaço *token* outros verbos com concordância do tipo espaciais (direcionais e locativos) e os manuais (que

incorporam a morfologia do objeto), como vimos indicado no quadro geral do uso dos verbos nos espaços.

Sobre ainda os tipos de verbos que pudemos identificar nos espaços sub-rogado e *token*, parece-nos possível concluir que todos os tipos verbos podem ocorrer no espaço sub-rogado, já que este trazem as mesmas características do espaço real. Ainda que não tenha ocorrido nenhuma realização de verbos com concordância do tipo manual no espaço sub-rogado, sabemos que eles podem ocorrer sem restrições de qualquer ordem, como também ocorreram no espaço *token*, como pode ser visto no quadro geral de número 36 (trinta e seis), um exemplo deste verbo seria: 'PINTAR A PORTA' ou 'PINTAR A MESA'. Aqui a configuração para segurar um instrumento e sua direção ao objeto a ser pintado assumirá uma morfologia bastante peculiar da coisa pintada.

Sobre os verbos 'com concordância' do tipo 'reversos', por exemplo, 'EU CONVIDEI VOCÊ' a posição inicial se dá no local do objeto (VOCÊ), terminando no local convencionado para o sujeito em 1ª pessoa (EU), neste caso o sujeito seria 'afetado' pela ação verbal. Entendemos que a melhor estrutura para as orações destes verbos não deveria ser organizada na voz ativa do verbo, mas na voz passiva: 'VOCÊ FOI CONVIDADO POR MIM', com a presença do agente da passiva. Esses verbos podem ocorrer no sub-rogado sem maiores problemas. Já no espaço *token*, eles precisariam de uma estrutura inicial de apoio em outro espaço para depois se referirem a alguma entidade já no espaço *token*. Em latim, esses verbos são classificados como depoentes, e já se apresentam na forma passiva.

Como não tivemos realizações ilustrativas para essas observações no *corpus* de nossa análise, buscamos conversas extras com usuários de Libras dentro da UFPE, sendo professores e alunos do curso de Letras-Libras, para a produção de algumas frases com a presença desses três tipos de verbos que falamos agora por último.

Sobre a ordem sintática das orações, pudemos observar que a ordem básica para a Libras parece ser mesmo a SVO. Das 512 (quinhentas e dozes) realizações verbais, o sinal referente ao verbo ocupou por 170 (cento e setenta) vezes a posição do meio entre o Sujeito e o Objeto, ou seja, 'SVO'. Em segundo lugar, a ordem mais recorrente foi VO, quando mencionamos a ausência do sujeito lexicalizado nas orações justapostas num período composto. Como havia um compartilhamento do

sujeito, de modo a gerar elipse de sujeito, não pudemos considerar a ordem SVO para todas as orações, mas seria esta mesma se o mesmo sujeito fosse repetido várias vezes, o que não é necessário. Isso revela a manutenção da sequência SVO.

Concluída nossa tarefa iniciada em fevereiro de 2011, acreditamos que conseguimos atingir o objetivo a que nos tínhamos proposto na gênese deste nosso curso de doutoramento. Certamente, novos olhares sobre este mesmo trabalho possam fazer vir à tona sugestões outras de análise, das quais não nos esquivamos. Cada visão é nova e traz mais horizontes que podem ser conquistados por outros pesquisadores também interessados.

Sentimo-nos, particularmente, muito satisfeito com o resultado final deste trabalho e na contribuição que ele possa trazer para a academia na análise e descrição da Libras. Tendo em vista a necessidade de entendimento desta língua para o seu ensino melhor e mais eficaz, bem como para o ensino da língua portuguesa para usuários da Libras, uma vez que é necessário dominar bem esta língua espacial para um ensino adequado e pertinente da língua majoritária do país em que os surdos usuários de Libras se inserem.

*“De coração contrato e humilde,
sejamos, Senhor, acolhidos por Vós.
E seja o nosso sacrifício de tal modo
oferecido, que Vos agrade,
Senhor, nosso Deus!”.*

REFERÊNCIAS

ANTILLA, R. Analogy. State-of-the-Art Report. The Hague: Mouton, n. 10, 1977.

BAKER, C. A Microanalysis of the Nonmanual Components of Questions in American Sign Language. PhD dissertation, University of California, Berkeley, 1983.

BATTISON, R. Phonological deletion in American Sign Language. Sign Language Studies. Vol 5. The John Hopkins University Press/The Milton S. Eisenhower Library, 1974.

_____. Analyzing Signs. 1978a. In: VALLI, Clayton; LUCAS, Ceil (org.). Linguistics of American Sign Language. Washington/DC: Gallaudet Press, 2000.

_____. Signs Have Parts: A Simple Idea. 1978b. In: VALLI, Clayton; LUCAS, Ceil (org.). Linguistics of American Sign Language. Washington/DC: Gallaudet Press, 2000.

BERNSTEIN, B. A public language: Some sociological implications of a linguistic form. British Journal of Sociology.

BOLINGER, D. The form of language. London: Longman, 1977.

CHAFE, Wallace. Meaning and the structure of language. Chicago/London: University of Chicago Press, 1970.

CHOMSKY, N. Aspectos da Teoria da Sintaxe. Coimbra, Col. Studium, 2. Ed. Editora Armênio Amado, 1978.

COMRIE, B. Language Universals. England: B. Blackwell Publishers Limited, 1981.

DIK, S. Functional Grammar. Amsterdam: North Holland, 1978.

DOWTY, D. Word Meaning and Montague Grammar: the semantics of verbs and times in Generative Semantics and in Montague's PTQ. Dordrecht: Reidel, 1979.

FELIPE, Tanya Amara. O Signo gestural-visual e sua estrutura frasal na língua dos sinais dos centros urbanos do Brasil. Dissertação de Mestrado – PPGL/UFPE. Recife, 1988.

FELIPE, Tanya Amara. A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Tese de Doutorado – PPGL/UFRJ/Faculdade de Letras. Recife, 1998.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. Um estudo preliminar da Estrutura sublexical da LSCB. Trabalho apresentado no "Primero Encuentro Latino-Americano de Investigadores

de Los Languages de Señas de Los Surdos”. Montivideo – Uruguai, Junho de 1986a.

_____. Por uma gramática das línguas de sinais. RJ: Tempo Brasileiro, 1995.

FILIP, H. & ROTHSTEIN, S. Telicity as a semantic parameter. In: Lavine, J., Franks, S., Tasseva-Kurktchieva, M. & Filip, H. (eds.). Formal Approaches to Slavic Linguistics: The Princeton Meeting 2005. Ann Arbor, MI: Michigan Slavic Publications, University of Michigan, 2006, 139–56.

FREEDMAN, M. Antropologia social e cultural. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977.

FRIEDMAN, L. The manifestation of subject, object, and topic in America Sign Language. In C.N. Li, 1976.

_____. On the other hand. New York: Academic, 1977.

GIVÓN, Talmy. Opacity and references in language: an inquiry into the role of modalities. In: KIMBALL, J. (Ed). Syntax and Semantics. Vol. II. New York: Academic Press, 1973b.

_____. Cause and control: On the semantics of interpersonal manipulation. In: KIMBALL, J. (Ed). Syntax and semantics. Vol. IV. New York: Academic Press, 1975d.

_____. Syntax: An introduction. Vol. I. Netherlands/Philadelphia: John Benjamin Publishing, 2001.

_____. A compreensão da gramática. São Paulo; Cortez; Natal, RN: EDUFRN, 2012.

GREENBERG, J. Universals of Language. Massachusetts: The M.I.T. Press, 1966.

HALLIDAY, M. Explorations of functions of language. London: Edward Arnould, 1973.

HOCKETT, C.F. The Problem of Universals in Language. in: Universals of Language. GREENBERG, J. H. (org.). Massachusetts: The M.I.T. Press, 1966.

HULST, H. Units in the analysis of signs. in: Phonology 10. Cambridge: Cambridge Press University, 1993.

JACKENDOFF, R. Semantics and Cognition. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.

_____. Semantic Structures. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

KRASHEN, S.D. Writing: research, theory and applications. Language Teaching Methodology Series. Oxford: Pergamon Press Ltd, 1984.

_____. Principles and practice in second language acquisition. Language Teaching Methodology Series. University of Southern California: Phoenix ELT, 1995.

KRIFKA, M. The origins of telicity. In: Rothstein, S. (ed.). Events and Grammar. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1998, 197–236.

LAMENDELLA, J. relations between the ontogeny and phylogeny of language: A neo-recapitulation view. In: HARNAD, S.R.; STELKIS, H.D.; LANCASTER, J. (Ed). The origins and evolution of language and speech. New York: New York Academy of Science, 1976.

LANGAKER, R. Functional stratigraphy. Papers from the Parassession on Functionalism. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1975.

LEVIN, B. & RAPPAPORT HOVAV, M. Unaccusativity: At the Syntax-Lexical Semantics Interface. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

_____. Argument Realization. Cambridge: CUP, 2005.

LIDDELL, S.K. Think and Believe: Senquenciality in American Sign Language. Language 60. vol. 2. 1984.

_____. American sign language syntax. The Hague: Mouton, 1980.

_____. Structures for Representing Handshape and Local Movement at the Phonemic Level. In: FISCHER, S.D. & SIPLE, P. (org.) Theoretical Issues in Sign Language Research. Chicago: The University of Chicago, 1990.

_____. Blended spaces and deixis in sign language discourse. In: MecNeill, D. (Ed.). Language and gesture. Cambridge University Press, 2000.

_____. Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LIDDELL, S.K. & JOHNSON, R.E. American Sign Language: The Phonological Base. 1989. In: VALLI, Clayton; LUCAS, Ceil (org.). Linguistics of American Sign Language. Washington/DC: Gallaudet Press, 2000.

McCARTHY, James et al. Linguistic 1. Kent: Kent State University, 2011.

MOREIRA, R. L.. Uma descrição da dêixis de pessoa na Língua de Sinais Brasileira: Pronomes pessoais e verbos indicadores. Dissertação de Mestrado: PPGSLG, 2007.

PADDEN, C. Complement Structure in American Sign Language. Revised Paper, University of California – San Diego, 1980.

_____. Complement Structure in American Sign Language. Revised Paper, University of California – San Diego, 1983/1990.

PASCUAL, Esther. Los espacios mentales y la integración conceptual. Disponível em:
<http://textosenlinea.com.ar/academicos/Pascual%20%20Los%20espacios%20mentales%20y%20la%20integracion%20conceptual.pdf>. Acesso em 03/11/2015 às 10:01 am.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAPPAPORT HOVAV, M. & LEVIN, B. Building Verb Meanings. In: Butt, M. & Geuder, W. (eds.). The Projection of Arguments: Lexical and Compositional Factors. Stanford: CSLI Publications, 1998, p. 97-134.

_____. Reflections on Manner/Result Complementarity. In: Doron, E., Rappaport Hovav, M. & Sichel, I. (eds.). Syntax, Lexical Semantics, and Event Structure. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 21-38.

ROTSTEIN, C. & WINTER, Y. Total adjectives vs. partial adjectives: scale structure and higher-order modification. Natural Language Semantics, 2004.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. Sign Language and linguistic Universals. New York: Cambridge University Press, 2006.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Wilma Pastor de Andrade. A construção da argumentação na língua brasileira de sinais: divergência e convergência com a língua portuguesa. Tese de doutorado: PROLING-UFPB, João Pessoa, 2009.

STOKOE, W.C. Sign Language Struture. 1960. In: Silver Spring: Linstok Press, 1978.

STOKOE, W.C. et. al. Introduction to A Dictionary of American Sign Language. 1965. In: VALLI, Clayton; LUCAS, Ceil (org.). Linguistics of American Sign Language. Washington/DC: Gallaudet Press, 2000.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in American Sign Language. In: SIPLE, P. (ed.) Understanding language, 1978.

TALMY, L. Semantic Causative types. In: SHIBATANI, M. (Ed). Syntax and Semantics. The Grammar of Causative Constructions. Vol. VI. New York: Academic Press, 1976.

VENDLER, Z. Linguistics in philosophy. Ithiaca: Cornell University Press, 1967.

VYGOTSKY, L. S. Construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

WINTER, Y. Closure and telicity across categories. In: Tancredi, C., Kanazawa, M., Imani, I., & Kusumoto, K. (eds.). *Proceedings of Semantics and Linguistic Theory. SALT16*, 2006.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-Philosophicus*. São Paulo: EDUSP, 2010.

ZIPF, G.K. *The Psychobiology of Language: An Introduction to Dynamic Philology*. Cambridge: MIT Press: 1965.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO DA LIBRAS

FELIPE (1988)

1. Os sinais da LIBRAS, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas. Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA;
2. Um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen. Exemplos: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA, AINDA-NÃO, etc;
3. Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a idéia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo ^ . Exemplos: CAVALO^LISTRA "zebra";
4. A datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen. Exemplos: J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A;
5. O sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo, passou a pertencer à LIBRAS por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela datilologia do sinal em itálico. Exemplos: R-S "reais", A-C-H-O, QUM "quem", N-U-N-C-A, etc;
6. Na LIBRAS não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a idéia de ausência e não haver confusão. Exemplos: AMIG@ "amiga(s) e amigo(s)", FRI@ "fria(s) e frio(s)", MUIT@ "muita(s) e muito(s)", TOD@, "toda(s) e todo(s)", EL@ "ela(s), ele(s)", ME@ "minha(s) e meu(s)";
7. Os traços não-manuais: expressões facial e corporal, que são feitos simultaneamente com um sinal, estão representados acima do sinal ao qual está acrescentando alguma idéia, que pode ser em relação ao:
 - a) tipo de frase ou advérbio de modo: interrogativa ou ... i ... negativa ou ... neg ...
 Para simplificação, serão utilizados, para a representação de frases nas formas exclamativas e interrogativas, os sinais de pontuação utilizados na escrita das línguas orais-auditivas, ou seja: !, ? e ?!

b) advérbio de modo ou um intensificador: muito rapidamente exp.f "espantado" etc;

	interrogativa	exclamativo	muito
Exemplos:	NOME	ADMIRAR	LONGE

8. Os verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal), através de classificadores, estão representados tipo de classificador em subscrito. Exemplos: pessoa MOVER, veículo MOVER, coisa- arredondada COLOCAR;

9. Os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará:

a) a variável para o lugar: i = ponto próximo à 1a pessoa,
j = ponto próximo à 2a pessoa, K e k' = pontos próximos à 3a pessoas,
e = esquerda, d = direita;

b) as pessoas gramaticais: 1s, 2s, 3s = 1 a, 2 a e 3 a pessoas do singular;
1d, 2d, 3d = 1 a, 2 a e 3 a pessoas do dual; 1p,
2p, 3p = 1 a, 2 a e 3 a pessoas do plural; Exemplos: 1s DAR 2S "eu dou
para "você", 2s PERGUNTAR 3P "você pergunta para eles/elas",
kdANDAR k,e "andar da direita (d) para à esquerda (e).

10. Na LIBRAS não há desinência que indique plural. Às vezes há uma marca de plural pela repetição do sinal. Esta marca será representada por uma cruz no lado direito acima do sinal que está sendo repetido:

	MUIT@	"muito(s), muita(s)"
Exemplo:	GAROTA+	"muitas garotas"
j	ÁRVORE+	"muitas árvores"

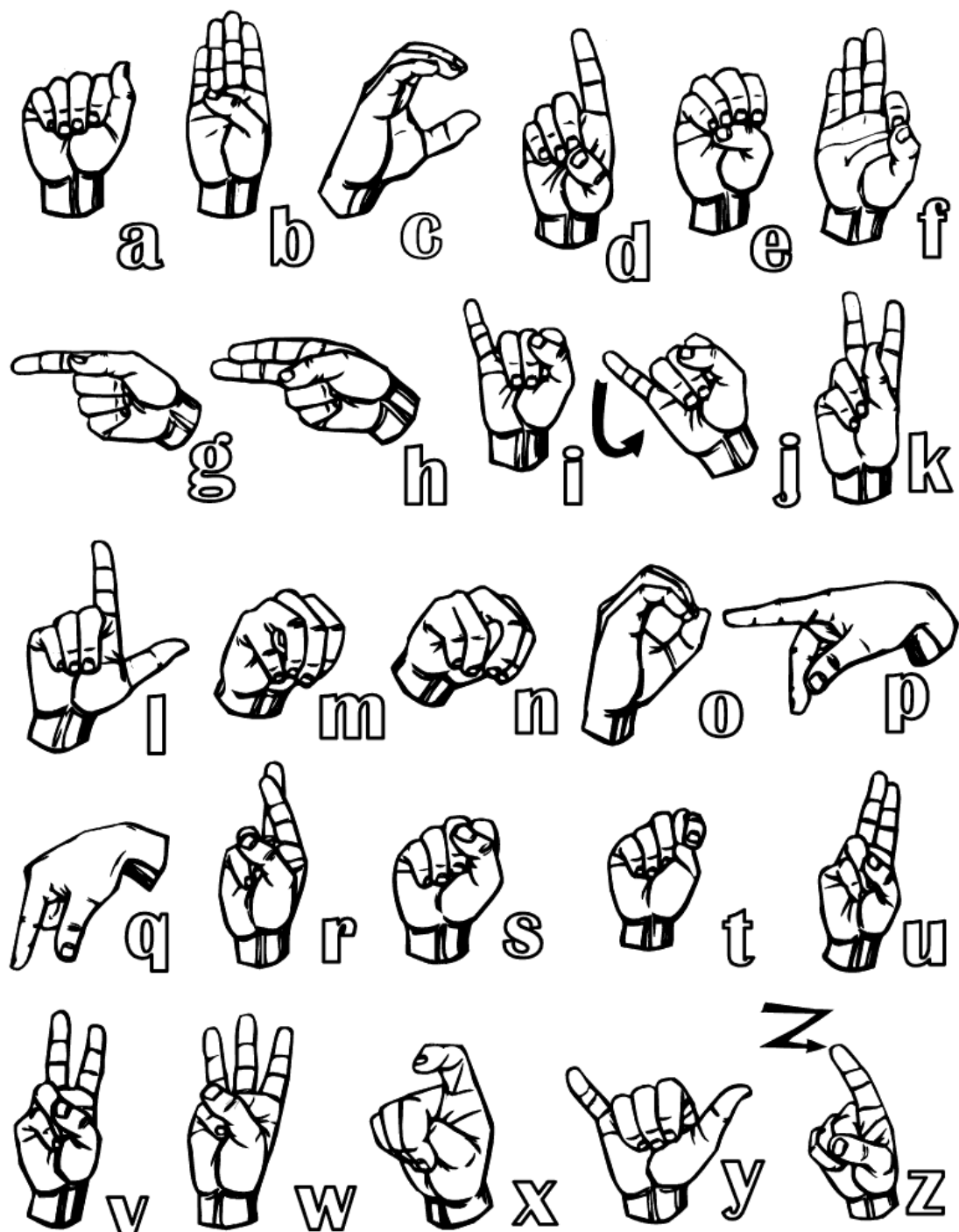
11. Quando um sinal, que geralmente é feito somente com uma das mãos, ou dois sinais estão sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente, serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me).

Exemplos: IGUAL (md) pesso@-muit@ ANDAR (me)
IGUAL (me) pessoa EM-PÉ (md)

Estas convenções vem sendo utilizadas para poder representar, linearmente, uma língua espaço-visual, que é tridimensional. Felipe (1988, 1991, 1993, 1994, 1995, 1996).

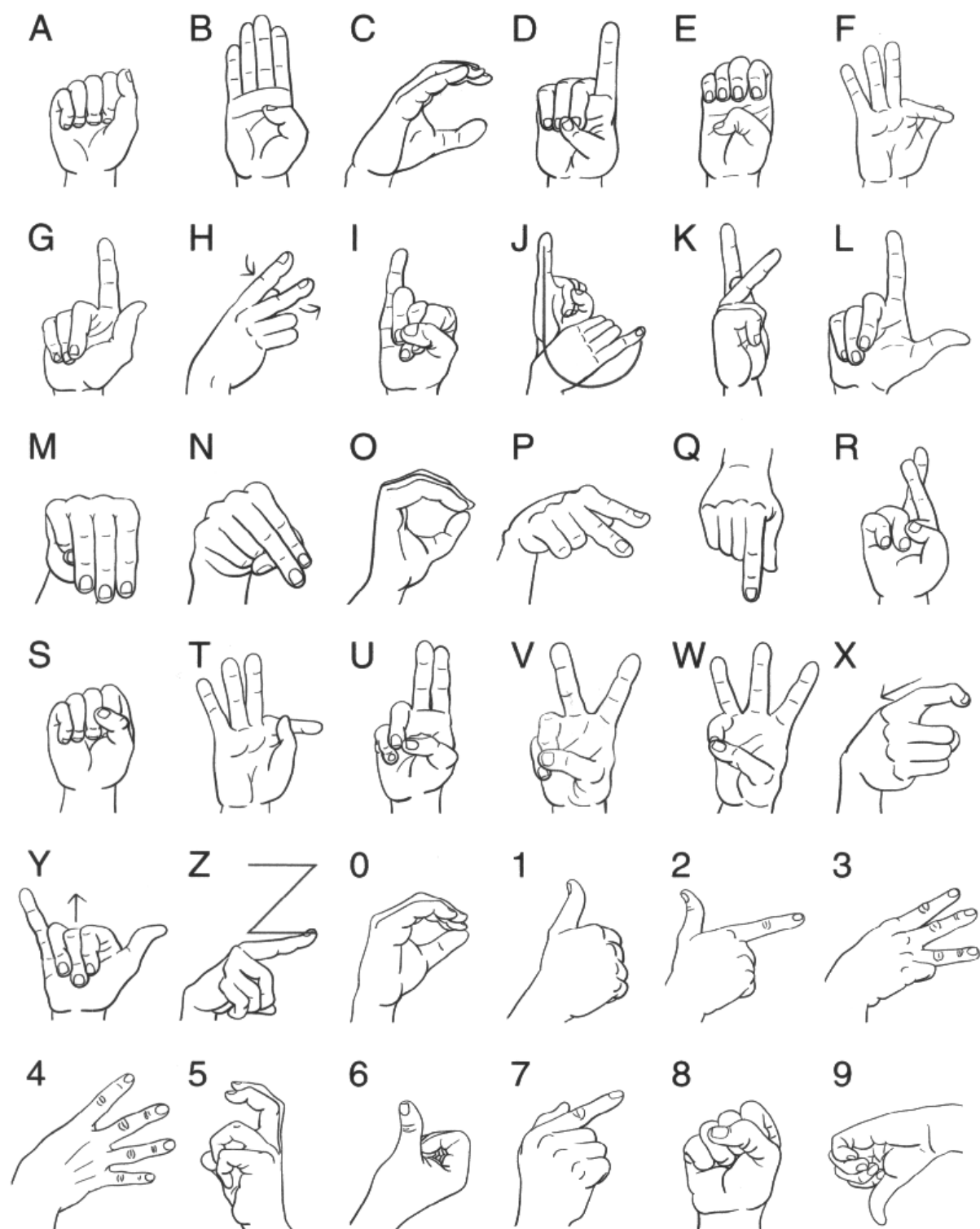
APÊNDICE 2

ALFABETO MANUAL AMERICANO



APÊNDICE 3

ALFABETO MANUAL BRASILEIRO



APÊNDICE 4

PARÂMETROS PROPOSTOS POR STOKOE (1965/2000)

1. Tabula (tab): locação;
2. Designator (dez): configuração da mão;
3. Signation (sig): movimento.

Tab symbols

1. Ø zero, the neutral place where the hands move, in contrast with all places below
2. □ face or whole head
3. ∩ forehead or brow, upper face
4. △ mid-face, the eye and nose region
5. ∪ chin, lower face
6. 3 cheek, temple, ear, side-face
7. II neck
8. [] trunk, body from shoulders to hips
9. \ upper arm
10. √ elbow, forearm
11. Q wrist, arm in supinated position (on its back)
12. D wrist, arm in pronated position (face down)

Dez symbols, some also used as tab

13. A compact hand, fist; may be like 'a', 's', or 't' of manual alphabet
14. B flat hand
15. 5 spread hand; fingers and thumb spread like '5' of manual numeration
16. C curved hand; may be like 'c' or more open
17. E contracted hand; like 'e' or more claw-like
18. F "three-ring" hand; from spread hand, thumb and index finger touch or cross
19. G index hand; like 'g' or sometimes like 'd'; index finger points from fist
20. H index and second finger, side by side, extended
21. I "pinkie" hand; little finger extended from compact hand
22. K like G except that thumb touches middle phalanx of second finger; like 'k' and 'p' of manual alphabet
23. L angle hand; thumb, index finger in right angle, other fingers usually bent into palm
24. 3 "cock" hand; thumb and first two fingers spread, like '3' of manual numeration
25. O tapered hand; fingers curved and squeezed together over thumb; may be like 'o' of manual alphabet

26. R "warding off" hand; second finger crossed over index finger, like 'r' of manual alphabet
27. V "victory" hand; index and second fingers extended and spread apart
28. W three-finger hand; thumb and little finger touch, others extended spread
29. X hook hand; index finger bent in hook from fist, thumb tip may touch fingertip
30. Y "horns" hand; thumb and little finger spread out extended from fist; or index finger and little finger extended, parallel
31. B (allocheric variant of Y); second finger bent in from spread hand, thumb may touch fingertip

Sig symbols

32. ^ upward movement
33. v downward movement
34. N up-and-down movement
35. > rightward movement
36. < leftward movement
37. z side to side movement
38. + movement toward signer
39. - movement away from signer
40. ± to-and-fro movement
41. Q supinating rotation (palm up)
42. D pronating rotation (palm down)
43. ω twisting movement
44. U nodding or bending action
45. □ opening action (final dez configuration shown in brackets)
46. # closing action (final dez configuration shown in brackets)
47. x wiggling action of fingers
48. @ circular action
49. X convergent action, approach
50. x contactual action, touch
51. X linking action, grasp
52. + crossing action
53. ⊗ entering action
54. + divergent action, separate
55. " interchanging action

vertical action

sideways action

horizontal action

rotary action

interaction